

A MULHER POBRE



A PIERRE ANTIDE EDMOND
BIGAND-KAIRE
Capitão de longo curso

Ei-la, enfim, esta mulher pobre que tanto desejou ver impressa sem a conhecer e que eu coloquei — como convinha — sob a invocação dos Defuntos.

Não conheço homem mais admirável, meu caro Bigand, e hei-de noticiar isso, algum dia, com toda a ênfase que eu puder.

A sua amizade, com que não contava e que me parece caída do céu, é certamente uma das raras maravilhas que me foi dado ver sobre a terra.

Exceptuando o nosso grande pintor Henry de Groux, quem é que desceu mais profundamente e com tão bom coração ao meu negro abismo? Lembre-se que foi meu hóspede quando eu morava na casa sem nome, na casa da putrefacção e do desespero que me esforcei por pintar e cujo horror o meu amigo levou, cuido eu, para os esplendores da Ásia sanguinolenta.

Querido amigo, dedico-lhe este livro doloroso que me foi ditado pela energia da sua alma e que seria, sem dúvida, uma obra-prima, caso não fosse eu o seu autor.

Deus vos guarde do fogo, do cutelo, da literatura contemporânea e do rancor dos mortos mofinos!

Grand-Montrouge, quarta-feira de Cinzas, 1897

LÉON BLOY

PRIMEIRA PARTE

O DESTROÇO DAS TREVAS

Qui erant in poenis tenebrarum
clamantes et dicentes: Adveniat Re-
demptor noster.

Officium defunctorum

— Arre! Como Deus aqui cheira mal!

Foi a bojarda que um patifório expeliu das fauces, como um vômito, no limiar da pequena Capela dos Missionários Lazaristas da Rua de Sèvres, em 1879.

Era o primeiro domingo do Advento e a humanidade parisiense encaminhava-se, a duras penas, para as durezas do Inverno.

E logo esse ano, semelhante a tantos outros, não fora precisamente o do Fim do mundo e ninguém estava de maré para se admirar disso.

E menos o estava o tio Isidoro Chapuis, de profissão afinador de balanças e uma das mais divertidas esponjas de Gros-Caillou.

Por temperamento e cultura pertencia ele à elite da crápula superfina que só em Paris é dado topar e não admite comparação com os farroupilhas de nenhum país sublunar.

Crápula vegetal das menos fecundas, é certo, não obstante a freima política mais assídua e a irrigação *literária* mais atenta. Mesmo que chovam bátegas de sangue, raros indivíduos fora do comum aí vereis pungir.

O velho afinador, que acabava de entreabrir a lixeira da alma ao passar diante de um lugar sagrado, representava, com certa basófia, todos os hábeis charlatães e trocistas do grupo social onde se entornam de contínuo como em choça de despejo as lavaduras intelectuais do burguês e as fedorentas imundícies do proletário. Muito concho de suas palavras que provocaram espanto nalgumas devotas que o fitaram horrorizadas, foi por ali adiante, em passo tortuoso, rumo a destino indecifrável; di-lo-íeis um sonâmbulo arpoado pelo enjoo.

Via-se logo que ia preso de vertigem, tal a cor terrosa

do rosto acanalhado devastado pelo álcool e torcido no cabrestante das concupiscências mais reles.

Uma desvergonha parada e altiva espalhava-se-lhe na fuça bexigosa, crispando-lhe o lábio inferior sob as belfas venenosas duma boca abominável, fazendo descer as duas comissuras até ao mais profundo das rugas argilosas ou cretáceas; e o rosto era todo ele gretado pelas puas e humores alcoólicos.

A meio do carão aclimatava-se maneiras, havia sessenta anos, um nariz judaico de usureiro — e aí de quem não pagasse a tempo e horas! —; sob o nariz bojava a matana de um sedicioso bigode e bom lucro lograria quem o utilizasse em escovar com ele rocins tinhosos.

Os olhos abertos a guilho, inverosimilmente pequenos e de uma vivacidade de coelho-da-índia ou de rato-gris, davam a ideia, pelo seu frio cintilar sem luz, dos de um nocturno ladrão de caixa das almas e dos pobres, avezado a limpar igrejas com palmo de inglês.

Por final, o aspecto deste descarado rufia compunha o vulto de um aborto implacável, meticuloso, e que mesmo através da bebedeira se deixava ver, requeimado por velhas aventuras e que, desde havia muito tempo, só punha fogo no seu coração de magarefe com o assalto aos débeis e aos inermes.

Não digamos que não tinha nenhuma instrução, este galhardo tio Chapuis. Lia de fio a pavo folhas tão decisivas que não deixavam lugar a duas opiniões, tais como *A Lanterna* e *O Grito do Povo*, crendo a ferro e malho na revolução social e no seu advento sem falha e consultava por espeluncas, com alvoroço, pastosos oráculos sobre Política e Religião, essas duas ciências acessíveis a todos e tão prodigiosamente fáceis — como toda a gente sabe —, que qualquer desalumiado bigorrilhas nelas se pode pavonear e fazer figura.

Quanto ao amor, para isso só tinha desprezo, economizando frases; considerava-o desprezível e se, por acaso, algum outro doutor lhe fazia a menor alusão séria, escançava-se ele de chofre em gargalhadas de troças e de chacota.

E aí tendes a razão por que o amável Isidoro se alteava na consideração de um número incrível de taberneiros.

A certa, nada se sabia de suas origens, posto ele se

afirmasse de extracção burguesa e do Périgord. Ascendência essa, longínqua sem dúvida, pois o mofino nascera, ele mesmo o dizia, no Bairro do Templo, onde os pais traficavam em negócios escusos de marca bem parisiense nos quais ele não fazia nenhum finca-pé.

A gosto se atribuía uma ascendência provinciana, digna de todos os respeitos, e de ter inumeráveis colaterais espalhados por longes terras; gabava-lhes a riqueza muito embora unhando-lhes com fúria o orgulho de terratenentes que os levava a pôr olhos torvos na sua blusa gloriosa de cidadão trabalhador. Dita a coisa em pratos limpos, ninguém pusera os olhos em cima de nenhum deles. Este parentesco problemático disparava assim, a um tempo, em recurso de glória e em lances de generosos arrebatos.

Mais todavia se enrubescia contra a injustiça do seu próprio destino, contando, com a ênfase dos aborígenes meridionais, a maldita cardada que tinha paralisado todas as suas empresas e a desonestidade lamacenta dos seus rivais, que o tinha forçado a desvestir a casaca de patrão e a envergar o vareiro de proletário.

Capitalista, ele o fora realmente e chefe de oficina, trabalhando por conta própria, ou antes fazendo trabalhar por vezes uma meia dúzia de operários que o tinham como comendador dos crentes na borracheira e da moina eterna.

O Bairro da Glacière lembra-se ainda destes pândegos da vida airada, mal seguros nas canetas, que encontrávamos nos vendedores de decilitro onde o macaco que bebeu à tripa-forra sem saber a força do vinho é que dava leis e decretos.

A rápida bancarrota que tais começos prometiam e anunciavam assaz não espantou ninguém, salvo Chapuis, o qual, às primeiras, se desatou em imprecações contra céus e terra para reconhecer em seguida, com boa fé de borrachão, que cometera a tolice de ser «demasiado honesto nos negócios».

Quanto à fonte, para o futuro estanque, destes bens tão efémeros, é que ninguém sabia coisíssima nenhuma. Uma heranzazita de província, soprara vagamente o afinador de balanças. Explicação que se atolou em bastas dúvidas se atendermos a certas estranhas atoardas que outrora circularam a respeito.

Quem quer se lembrava muito bem de ter conhecido

este megatrefes antes dos dois cercos, inteiramente desguarnecido de fausto e carregando a chouto de oficina em oficina a sua repulsiva carcaça de indesejado comparsa.

Mas eis que de repente, depois da Comuna, damos com ele enriquecido de algumas dezenas de milhares de francos, a favor dos quais adquiriu a referida oficina. Se não mentia o surdo rumor do bairro, este dinheiro, arrebanhado nalguma horrível cloaca de sangue, foi a paga do resgate de um potentado parisiense que logrou escapar inexplicavelmente ao massacre, à fuzilaria e ao incêndio, na precisa altura em que o heróico Chapuis era comandante da Guarda Nacional.

A clemência tão misteriosa como arbitrária que salvou alguns facciosos depois da insurreição estendera-se sobre ele como sobre muitos outros de maior topete, que era sabido serem detentores de segredos ignóbeis cuja revelação se poderia temer.

Deixaram-no, pois, tranquilamente cozer a turca de naufrago, sem que o molestassem, tendo ele aliás a arte de se tornar perfeitamente invisível durante o período das execuções sumárias.

Um pouco mais tarde, falhadas em absoluto duas ou três tentativas de o entrevistar por parte de repórteres da Ordem moral que não vingaram abrir brecha no embrutecimento real ou simulado deste perpétuo bebedolas, deu-se o caso por arrumado, e o tio Chapuis, num momento quase célebre, integrou-se para sempre na obscuridade mais cerrada.

Pairava assim sobre este homem toda uma nuvem de coisas por aclarar, que lhe dava uma importância de oráculo aos olhos dos pobres diabos que tinha a condescendência de frequentar e cujas almas infantis são tão facilmente dominadas por qualquer charlatão com visos de astuto e sábio. Não se converteu, porventura, o povo soberano na Ave sagrada das superstições antigas? E não é ele que visam os arúspices de cabaré de cuja sagacidade muita vez a polícia de bom grado lança mão?

Em resumo, o velho Isidoro tinha fama de ser um «porco sujo», expressão genérica cuja força não vamos agora contestar.

Pertencia ele, fora de toda a dúvida, a essa linhagem

ideal de velhacos que a Providência instituiu desde o princípio por contrapeso à linhagem dos Serafins.

Acaso não fazia falta este lodo no rio da Humanidade para que a turvação e a hediondez de suas ondas pudessem dar conta quando alguma coisa tombasse do céu? E como conceber um coração grande sem a educação maravilhosa proveniente desse inevitável esgoto?

Sem Barrabás não há Redenção. Deus não seria *digno* de criar o mundo se houvera esquecido no nada a imensa Canalha que um dia o havia de crucificar.

II

A despeito da irregularidade da marcha, era evidente que este nosso algarismo em questão devia ter algum negócio que não sofria delongas, pois que ele nem se deteve na *Reunião dos inimigos da filoxera* nem se dignou responder aos acenos de um loquaz ebanista que o desafiava da porta do Cocheiro Fiel.

Quiçá já levava também a sua conta, se bem que era apenas meio-dia, porque se não deixou tentar por nenhum dos balcões de delícias onde ordinariamente ele multiplicava as escalas. De resto, ele ia rosnando de si para consigo e escarrava para as botas, sintoma inequívoco de furiosa preocupação que os camaradas era costume respeitarem.

Tendo assim alijado toda a consolação, acabou por chegar à porta de casa, a meio duma triste rua de Grenelle onde fora morar depois da falência.

Chegado a duras penas ao quinto andar de uma escadaria sufocante para onde latrinas e outros respiradouros entornavam suas horríveis exalações, percutiu, com o cotovelo, à maneira dos atáxicos, uma porta escamosa que parecia ser a mais horrenda entrada do inferno.

A porta abriu de caminho e apareceu uma velha que o mirou com olhares interrogativos.

— Olha, o negócio está feito, tudo agora depende da princesa.

Entrou e deixou-se abater sobre uma cadeira qualquer, não sem antes ter projectado na direcção do lume um jacto de saliva espessa cuja curva canhestramente calculada se

foi quebrar no pano de uma carpete esfiapada que guardava as dianteiras da chaminé.

Enquanto a velha se apressava a limpar com o pé tal imundície, engrolou ele por acréscimo algumas queixas prévias.

— Ah! Santo Nome de Deus! É longe que eu sei lá, este maldito Bairro Honoré, e eu sem um chavo para tomar o ónibus, sem falar no ror de tempo que tive de esperar por esse pintoreco de borra que trabalha para os aristos, para os fidalgotes. Eram dez horas e ainda estava em vale de lençóis. E sem demais quanto a maneiras. Estive mesmo para lhe deitar as unhas à cana do pescoço e quebrá-la. Não o fiz por causa da tua filha, que já é tempo que ela nos traga um naco depois de seis meses de braços cruzados. Ora diz-me cá, velha peçonhenta, há alguma coisa para beber nesta casa ou não?

A interpelada ergueu aos céus dois grandes braços ressequidos e acompanhou o gesto de compridíssimo suspiro:

— Ai! Meu bom Jesus! Que vou eu dizer a este pobre amor meu que tanto se esfalfa pela sua desgraçada família? Santíssima Virgem, bem sabes tu que não há nada em casa, que tudo o que valia uns cêntimos foi parar ao Montepio e até os cacharros foram empenhados para comprar um pouco de pão! Ai!, meu adorável Salvador, quando virá o dia em que me vá deste mundo onde já sofri tanto?

A palavra «sofrido», visivelmente gasta a uns tempos a esta parte, expirava num soluço.

Isidoro, estendendo a mão, agarrou na manápula as saias da hipócrita e sacudindo-a com energia:

— Cala a chia, ouviste? Bem sabes que te não quero a arengar à jesuíta. Se queres uma boa sova é só dizer, que a tens logo de caminho e à farta. E outra coisa, onde está o traste da tua filha?

— Mas, Zizi, pois tu não sabes que ela tinha de ir a casa da prima Amedeia, no Bairro de Vaugirard, a ver se arranja modo de lhe pedir emprestada uma peça de cem soldos? Disse-me que antes de uma hora não estava cá. Quando bateste julgava eu que era ela que vinha aí.

— Não me disseste nada disso, esquife velhorro. A prima? A prima é uma porca que não deixará escorregar um ceutil; já a mim me disse que não, outro dia, regougando por cima que não tinha dinheiro para bebedolas.

Mas essa ficou-me cá atravessada! Ou eu não seja Isidoro, mas raios me confundam — acrescentou quase em voz baixa —, é cá o rapaz que se encarrega de a virar de cabeça para baixo na primeira ocasião. Bom, o melhor é mudar de assunto. Vamos ficar aqui à espera a chupar nos dedos; já veremos se *Mademoiselle des Egards* dará a seus pais a honra de os escutar.

— É preferível que me contes antes as andanças desta manhã — disse, enquanto se sentava, a dulcerosa megera. — Disseste aí que chegaste a acordo com esse Senhor Gacougnol?

— Sim, pois. Dois francos à hora e três ou quatro horas todos os dias se a coisa lhe correr bem, já se entende. É lide que não quebra osso, está descansada. É preciso que a serigaita esteja lá amanhã em casa dele às onze horas, e a coisa chegará pela certa a bons termos. O camelo tem maus focinhos. Fez-me uma série de perguntas. Quis saber se ela tinha amantes, se podia contar com ela, se não se embebedava de longe em longe. Que sei eu? A minha vontade era mandá-lo à m... Creio que sem a carta de recomendação nem sequer teria sido recebido. É humilhante isto, precisar da protecção destes velhacos que tratam o proletário como se fosse um monte de caca. De regresso fui à pata até à Cruz Vermelha para falar com um colega que arredonda a conta de uns quinze francos a pedir. É outro que não tem as costas largas, está quedo! Emprestou-me três francos e ainda lá tive de ir segunda vez. É tempo de Clotilde nos começar a ajudar um pouco; já é tempo. Demasiados sacrifícios tenho eu feito. Depois, a minha vocação é a política e vida airada; a oficina já me causa náuseas.

Nesta altura, a velha fez ouvir um novo suspiro de pomba sepulcral e disse:

— Quatro horas a dois francos, faz oito francos. Já dá para viver. Mas tu não tens receio que esse senhor lhe peça coisas demasiado difíceis? Digo-te isto, meu Isidoro, porque eu é que sou a mãe dessa criança. Era preciso fazer-lhe compreender que é para seu bem. Esta manhã estive a falar com ela. Disse-lhe que era para lhe tirarem o retrato pelos pincéis de um grande artista e quase que lhe dava o catatau.

— Olha a fedelha! A dar-se ares de imperatriz! Espera

que eu te darei a púrpura real! Quando não há dinheiro, trabalha-se para o granjear e dar o pãozinho à família; e eu que o diga!

Uma onda de silêncio cortou o diálogo. Parecia que estes dois seres receavam reflectir-se um no outro, traindo os espelhos sujos de seus corações.

Chapuis pôs-se a carregar o cachimbo com gestos oratórios, enquanto a sua mulher cheia de proa lá continuava sentada, braços cruzados e a cabeça vergada para o ombro esquerdo, numa atitude expiatória de hóstia resignada, tamborilando com a ponta dos dedos os ossos dos cotovelos, deixando que o olhar lhe flutuasse por esses céus adiante.

III

Espelunca sinistra, alumiada pelo lívido tecto desse céu gelado de fim de Outono. Podemos supor todavia que o sol rutilante das Índias a teria mostrado ainda mais horrível.

Era a negra miséria parisiense, arreada de mentira, o odioso bricabraque de uma antiga abundância de operários burgueses em descabro lento devido a estúrdias inomináveis.

Primeiramente, um grande leito napoleónico que poderia muito bem ter sido belo em 1810, mas cujo cobre desdourado desde os Cem Dias, o verniz gasto, as rodas paralíticas, os pés lamentavelmente remendados e raspaduras incontáveis passavam certidão de perfeita decrepitude. Nesse leito sem encanto, apenas guarnecido com equívoco colchão e um par de sujos lençóis que uma coberta gelatinosa mal dissimulava, abrolharam três gerações de desalojados.

À sombra de tal monumento que atravancava um terço da mansarda, lobrigava-se outra jóia, mosqueada de pulguedo e negra de azebre, estendida simplesmente no sobrado. Do lado oposto um velho cadeiral que diríeis furtado no saque dalguma cidade, punha a descoberto a emigração das entranhas de estopa e de arame, em despeito da hipocrisia quase patética de uns restos de tapeçaria infantil. Junto deste móvel que nenhum farrapeiro se prestaria a comprar, via-se, com seu púcaro de água e seu copito, uma

dessas minúsculas mesas de casas de passe que fazem pensar no Juízo Final.

Finalmente, frente à única janela, uma outra mesa redonda de nogueira, sem luxo nem equilíbrio, a que nenhuma lixa por mais manobrada vingaria dar lustre, e três cadeiras de palha, duas das quais de fundos esburacados. Outras alfaias, se existiam, deviam estar encafuadas nalguma velha mala de couro e com cadeado, na qual se sentavam, uma vez por outra, os visitantes.

Tal era o mobiliário, semelhante a muitos outros nesta alegre capital da bambochata e do desperdício.

Mas o que tinha de particular e de atroz era a pretensão de dignidade empertigada e de *distinção* burguesa que a cara metade sentimental de Chapuis espalhara como uma pomada sobre o mofo deste horrendo covil.

A chaminé, sem fogo nem cinzas, podia ser melancólica, não obstante a sua fealdade, sem o grotesco amontoamento de *lembranças* e de *bibelots* infames que a sobrecarregavam.

Lá estavam os pequenos globos cilíndricos a envasarem pequenos ramalhetes de flores secas; lá estava um outro pequeno globo esférico assente sobre um troço de rocha incrustada de conchas onde o espectador via flutuar uma paisagem da Suíça Alemã; e havia um sortido destas conchas univalves nas quais uma orelha poética sem dificuldade de maior pode perceber o murmúrio longínquo das ondas; e também lá se viam dois ternos pastores de Florian, moço e donzela, feitos para o povolêu vá-se lá saber em que fornos ignominiosos.

A desbanda destas obras de arte, viam-se imagens de devoção, pombas que bebericavam num cálice de ouro, anjos que levavam às braçadas «o trigo dos eleitos», primeiras comunhões muito penteadinhas, com velas e papel rendilhado, e ainda dois ou três desenhos de actualidade: «Onde está o gato? Onde está o guarda florestal?» etc., inexplicavelmente emoldurados.

Por final, fotografias de operários, de militares e de respeitáveis negociantes de ambos os sexos. Era incrível o número dessas efígies que ascendiam em pirâmide até ao tecto.

Aqui e ali, ao longo dos muros, nos rasgões da farra-pagem, viam-se pendurados alguns quadros. Evidentemente, ficaríamos enfurecidos se lá não víssemos a famosa gra-

vura, tão cara a corações femininos, *Até que enfim, estamos sós!*, na qual não acabamos de admirar um cavalheiro que aperta com toda a força dos seus braços, sob o olhar de Deus, a sua estremecida esposa.

Esta gravura de notário ou de proxeneta, gabavam-se muito dela os Chapuis. Até tinham trazido certo dia um cordoeiro de Charenton para que a viesse contemplar.

O resto — horrendas cromolitografias compradas nas feiras ou conseguidas nos bazares baratuchos —, sem se erguerem a este pináculo estético, não carecia, ainda assim, de certo paladar e, sobretudo, daquela distinção de mais certo toque que fazia as delícias da tia Chapuis.

Esta pobretana trejeitosa era uma das mais desalentadoras encarnações do orgulho imbecil das mulheres, e a cárie contagiosa deste «osso supranumerário», consoante a expressão de Bossuet, teria espavorido a mesma Peste.

Era filha natural dum *príncipe*, dizia ela, com certo mistério, dum príncipe de alta nobreza, que tinha morrido antes de a ter podido legitimar. Nunca quisera dizer o nome do personagem, antes declarara o seu propósito de sepultar esse segredo glorioso no mais íntimo do seu coração. Mas todas as fumaças de mulher impertinente vinham daí.

Ninguém, já se deixa ver, se pusera a verificar os papéis desta nobreza. Mas alguma coisa de verdade deveria haver no enredo, porque a quinquagenária espapaçada que convivia com o imundo Chapuis fora mulher aristocraticamente bela, se a medirmos pela que impera em meios operários onde ela tinha desde sempre vivido.

Filha de uma lavadeira qualquer e de pai desconhecido encontrara-se, aos dezoito anos, subitamente ao abrigo de modesta fortuna e casada quase logo com um respeitável industrial da Rua de Santo António.

É verdade que a sua primeira educação fora menos que pouca. Mal tendo conhecido a mãe, prematuramente arrebatada à prostituição clandestina, foi recolhida e adoptada por uma colchoeira de Montrouge.

Esta madrastra, que surgiu por influência provável do famoso «príncipe», deu-lhe cuidadosamente uma educação de rua. Nem poderia dar-lhe, claro está, com as bofetadas quotidianas, outro ensino que não fosse a sua experiência

acerca da serradura vegetal e do cânhamo, iniciação que não vem decerto mencionada no programa de estudos.

Enviou por isso a criança à escola, onde as aquisições daquele espírito na puerícia não foram além, nalguns anos, da arte de escrever sem ortografia e de uma tabuada muito irregular. Mas a vasa de uma porção de esgotos não rolava segredo que ela não bispasse. A bossa aritmética só mais tarde se desenvolveria, quer dizer, quando o dinheiro bateu à porta.

Anunciada que foi essa visita, sob a condição de vir a aceitar determinado marido, a delicada virgem lacedemónia, esquecida de raposas que lhe pudessem estraçalhar as ancas, pôs de manifesto, a súbitas, os gérmes antes ignorados da mais escarpada virtude, e o negociante que a esposava aos saltos de alegria, por lograr um belo guarda-cofre que faria prosperar o seu negócio, não esteve com mais exigências.

Converteu-se assim na burguesa mais escarrada, agora e sempre e por toda a eternidade.

A sua linguagem, por sorte magana, conservou a enxúndia arrabalдина. Dava tratos de polé à gramática e calinada que fervia nas construções. Ao mesmo tempo, porém, que cambiava de destino, limpou-se-lhe a alma como por milagre da sarna das ruas de Paris e do fedor dos bairros infames onde haviam apodrecido as tristes flores da sua miserável infância. Saneamento e esquecimento completos.

Sem mais rodeios, disparou numa esposa irrepreensível, confirmativa de quem jurasse que havia de atrair as bênçãos mais gradas sobre o comércio do afortunado marido, que andava num sino sem atinar donde lhe vinha tamanha ventura.

Era *religiosa*, está visto, porque é indispensável ter uma pitada dessa coisa quando se é «gente de bem»; mas era uma religião razoável, já se deixa ver, sem exageros nem fanatismo.

Estávamos em pleno reinado de Luís Filipe, rei cidadão, e era difícil que todas as vacas universitárias ou filosóficas fossem bastante numerosas para arcarem com toda a vacina que se inoculava no espírito francês para o preservar das superstições do antigo regime.

Todavia, a jovem Madame Maréchal — tal era o nome desta cristã —, não tolerava graçolas sobre a piedade, e

o marido, que bebia os ventos pelo tom chocarreiro de Béranger, não foi uma nem duas vezes que foi chamado, a toque de sermonenda severa, a sentimentos condizentes com a sua posição.

Porque, já é tempo de o dizer, esta criatura verdadeiramente inefável era, antes de mais nada, uma *alma poética*. O tesouro de poesia que dormia nela fora-lhe revelado por algumas *Meditações* de Lamartine, que ela chamava «o seu divino Afonso» e por duas ou três elegias farináceas de Jean Reboul, tais como *O Anjo e o Menino*: «Lindo Menino parecido comigo ... a terra não é digna de ti.» Quando lhe nasceu uma filha, após dois anos de matrimónio, este tom lamecha exaltou-se a pontos de a transformar na mais odienta e rezingada bácora. Em consequência disso, o bairro ergueu-se unânime e acorde num grito para celebrar a impecável rigidez dos seus costumes.

Uma vez, no entanto, o invejado Maréchal surpreendeu a mulher em companhia dum cavalheiro em trajes menores. As circunstâncias eram tais que cumpria ser, não apenas cego, mas surdo como um penedo, para ter a mais ligeira dúvida.

A austera matrona, que o encornamentava com um entusiasmo evidentemente partilhado, não era assaz literata para recorrer ao regougo sublime de Ninon: «Ah! Bem vejo que já me não amas! Acreditas no que vês e não acreditas no que te digo!» Mas o que ela disse era quase tão bonito.

Caminhou para ele, de peito ao léu, e em voz de gata que quer janeirar, em voz com acentos graves e doces, disse ao homem estupefacto:

— Querido, estou a tratar de negócio com o *Senhor Conde*. Anda, vai à tua vida. — E fechou-lhe a porta na cara.

E acabou-se. Duas horas mais tarde, fazia ela saber ao marido que não mais lhe dirigisse a palavra, salvo em casos de força maior, declarando-se farta de descer os degraus até à sua alma de tasqueiro e merecedora de que a lalamentassem por ter sacrificado as suas esperanças de moçalonga a um parrana sem ideal e tão grosseiro que se afoitara a andar a espiá-la. E não lhe escapou, neste lance, de fazer alusão ao seu ilustre nascimento.

A partir desse dia, a esposa exemplar não mais se des-

colou da palma do martírio, e a existência tornou-se um inferno, um lago profundíssimo de amargura para o pobre enramalhado, que a tremer maleitas pegou a beber e a descurar os negócios.

A vida é curta e o romance de pouca amêndoa para que possa ser entoadado aqui o poema desta decadência comercial. Umas linhas, só, para dizer o epílogo.

Ao cabo de quatro anos, a falência era completa; o marido encerrado num asilo de velhos; a mulher, por igual arruinada, foi-se encafuar de qualquer maneira num canto do Bairro de Saint-Jacques, para onde a clemência de um credor lhe deixara transportar algumas de suas velhas mobílias.

A mártir viveu aí até 1872, época memorável em que fez conhecimento com Chapuis. Sem nenhuns recursos, foi vivendo, todavia, em relativo conforto, de seus presumidos trabalhos de agulha, que ela executava, bom é que o acreditemos, a contento das pessoas, pois se dizia acabrunhada de encomendas em despeito de ninguém a ver coser senão lá de longe no seu quatinho. Mas somos obrigados a supor que ela se esfalfava na cidade, pois regressava ordinariamente a casa muito tarde e muita vez nem sequer regressava.

A pobre criança ia crescendo como podia, num pavor horrível da mãe, que a obrigava algumas vezes a passar a noite em claro à espera dela, pois dizia que precisava de encontrar, ao chegar a casa, provas de carinho e de afecto depois de uma jornada cheia de trabalho de lés a lés.

Esta menina, que, pouco a pouco, assim foi espigando em rapariga e mesmo em mulher feita, embora mal nutrida e pior vestida, conservou muito tempo uma admiração assustadiça pela mãe, que raramente lhe batia e a abraçava mesmo de longe em longe no afogo de maternidade que a tomava em certos dias; tinha um aspecto que desquadrava a uma simples operária e infundia espanto.

Em sua candidez, acreditava na realidade dos insondáveis sofrimentos desta sacrílega farsante que a levava uma vez por ano até à borda do sepulcro de seu pai morto sem «arrependimento», e aí lhe contava, com a voz das santas viúvas a despedir o castigo rigoroso, desse ímpio que desconhecera e pisara o seu coração.

Só mais tarde veio a saber a verdade, muito mais tarde, quando, feita escrava de trabalho bem duro e alimentando

ou quase a mãe que começara a enojar-se dos passeios de galdéria pelas ruas e atirando de golpe ao chão a proa de grande dama, a vira convertida em fêmea e concubina titular do sinistro escroque cuja presença a enchia de horror.

A viúva de Maréchal, assim transformada em mulher de Chapuis, a quem chamavam, uma vez por outra, pelo nome mais eufónico de senhora de Isidoro, pegara, desde aí, a envelhecer porcamente a toque da bota daquele velhaco que lhas não poupava.

A odiosa criatura, que nunca tinha amado ninguém, inexplicavelmente o adorava, entregando-lhe o corpo e a alma sem se dar que ele a zupasse, e bem capaz de pôr a filha sobre carvões ardentes se o capricho do bandido a isso o inclinasse. Rastejar só diante dele, enrostando todos os mais com os enfunamentos de avestruz que a faziam execrável.

Fisicamente, estava uma marafona de estarrecer, o que desesperava o arruinado Chapuis, o qual não recuaria em pô-la em hasta pública, a não dar-se o caso de que nem para esfregão das lousas sepulcrais dos que morrem no hospital dos leprosos a megera servia.

IV

A porta abriu-se por fim, e apareceu Clotilde. Foi como se Abril entrasse no porão dum cargueiro.

Clotilde Maréchal, a «filha de Isidoro», como se dizia em Grenelle, pertencia à categoria desses seres comovedores e tristes cuja vista faz lembrar a constância dos justicados.

Tinha graça, mas não era o que se chama bela, altinha de talhe, levemente inclinada de ombros do peso dos dias maus; isso lhe dava um ar de gravidade. Era a única coisa que tinha de comum com a mãe, sendo no resto a sua angélica contrafacção, dela se afastando num contraste infinito.

Seus magníficos cabelos de um negro chamativo, seus grandes olhos de cigana cativa, «donde parecia que as trevas dimanavam», mas onde flutuava o esquadrão vencido das Resignações, a palidez dolorida do seu rosto infantil, cujas linhas modificadas por sábias angústias se haviam feito severas, enfim a dúctil voluptuosidade de suas atitudes

e do seu andar lhe haviam acarretado a reputação de possuir o que os burgueses de Paris chamam à puridade *um toque espanhol*.

Pobre Espanhola, estranhamente tímida! O seu sorriso não deixava que alguém a olhasse sem ter vontade de chorar. Todas as nostalgias da ternura — como avezinhas desoladas que o mateiro espantou — volteavam em torno dos seus lábios sem malícia, que dir-se-iam pintalgados de vermelho, de tal modo o sangue afluía do seu coração para os beijar.

Esse doloroso e divino sorriso que pedia simpatia e candidamente queria agradar, não mais esquecia uma vez conquistado por meio da mais pequenina atenção.

Em 1879, orçava pelos trinta anos, trinta anos, é certo, de miséria, de chapinhar na mesma poça, de desespero! As rosas murchas de sua adolescência esfomeada, furacões cruéis as haviam desfolhado no negro entornadouro do melancólico jardim dos seus sonhos; mesmo assim, todo um rosicler de juventude se desdobrava sobre ela, radiação luminosa da sua alma que nenhuma agrura pudera averlentar.

Quem quer podia ver que um pouco de felicidade a teria feito arrebatadora, e à falta de alegria terrestre a humilde criatura era das que se poderia inflamar, tal a lâmpada amorosa do Evangelho, vendo passar Cristo descalço pelos caminhos!

Mas o Salvador, cravado na cruz há dezanove séculos, raramente desce ao rés-do-chão que magoa estas pobres meninas, e a experiência pessoal da desditosa Clotilde era pouco de molde a fortificá-la com a esperança de consolações humanas.

Ao entrar, dar com os olhos em Chapuis fê-la recuar instintivamente. Seus lindos lábios estremeceram e esteve para desatar a fugir. Esse homem era, com efeito, o único ser a quem se julgava com direito a odiar, tanto o sofrimento que dele recebera por abominável modo.

Fechou, todavia, a porta e disse à mãe, enquanto atirava uma moeda de cinquenta cêntimos para cima da mesa:

— Olhe, é só isso que a minha madrinha nos pode dar agora. Ela estava para ir para a mesa e o seu almocinho cheirava tão bem! Mas, ó mãezinha, eu sabia que estavas

à minha espera e não tive coragem de lhe dizer que estava com muita fome.

Isidoro pôs-se a rabujar.

— A grande porca! E tu não lhe atiraste à cara, a essa Heloísa dos prados sujos, o ter ganhado mais de cem mil francos estendendo-se no chão para dar a sua carne aos porcos? És pouco despachada, minha filha.

Pusera-se de pé para vociferar a plenos pulmões, e o queixume apiedado e terminal acompanhara-o de uma gesticulação de velho palhaço que a musa da ignomínia daria ao Diabo.

As faces pálidas de Clotilde cobriam-se de vermelho e os sombrios lagos dos seus olhos tão doces irradiavam centelhas.

— Antes de mais — gritou ela — não sou sua filha, graças a Deus!, e não consinto que me fale como se fosse meu pai. Depois, a minha madrinha é uma mulher honesta, que não tendes o direito de insultar. Tem-nos feito tantos favores de há um tempo a esta parte! Se não foi mais generosa hoje, foi porque anda enojada com a sua hipocrisia e madracice de beberão, está a compreender? Farta ando eu também das suas insolências e velhacarias, e se fica de trombas com o que eu acabo de dizer, sabe que mais: não há-de tardar muito que eu abale daqui para fora, para longe deste antro da má sorte, mesmo que tenha de ir morrer no meio da rua!

Por sua vez a velha prorrompeu entre os dois adversários, filando a ocasião de desbobinar o grande jogo patético por ela congeminado, e que consistia em regougar em tons variados, cortando o ar com as mãos postas, para cima e para baixo, para levante e para ocidente.

— Ó filha! Atreves-te a falar assim àquele que o céu nos enviou para adoçar os últimos dias da tua pobre mãe que tanto se sacrificou por ti? Também eu fui bonita na minha mocidade, podia-me divertir como tantas outras e perder-me nesse mundo como qualquer cascaroleta, se desse ouvidos ao Tentador; pois não senhor, não soltei o leme do dever e imolei-me ao teu pai. Deus e todos os santos me defendam de acusar o desditado diante da sua filha! Tomo o céu por testemunha dos sofrimentos com que me acabrunhou esse homem sanguinário que se banhava nas minhas lágrimas e se refastelava nos meus tormentos. O que

eu sofri é um segredo que quero levar comigo para a tumba. Clotilde, não dês cabo de tua santa mãe. Não lhe aumentes o martírio. Respeita além disso os cabelos brancos deste nobre amigo destinado quiçá a cerrar-me os olhos. E tu, meu consolador, meu último amor, o melhor que tens a fazer é perdoar a esta criança que não sabe a prenda que tu és. Sê generoso para que ela aprenda a estimar-te e a adorar-te. Ó Zizi, ó minha Cloclo queridíssima, satura-me de fel e de absinto, rasga-me as minhas feridas, as vossas altercações redobram em mim o desejo da minha morada eterna, onde os anjos já me estão a fazer a coroa. Olhai!, antes quero morrer. Ofereço-me em holocausto. Eis-me aqui entre vós ambos!

E a farsante sinistra, abaixando a cabeça escavada na direcção presumida do seu famoso coração, ergueu-se toda aos pés de uma cruz invisível, atirou os braços enormes para um e outro horizonte, gesto supremo e definitivo que a fez parecer a potência geminada de uma antiga forquilha patibular.

Chapuis, manifestamente aparvalhado, não sentia ganas actuais de matar fosse quem fosse. A não estar ali Clotilde e mormente noutras circunstâncias, um bofetão certo teria atalhado de início o trágico monólogo. Esperava, todavia, agir na vontade da moça a quem uma nova brutalidade volveria indomável, e que seguramente defenderia a mãe contra ele, não obstante a vergonha imensa que sentia, ao vê-la mentir e atolar-se em ridículo. Tomou, por via disso, o partido de engatilhar uma conciliadora e persuasiva bonomia.

— Bom, está bem, não está mal, deixa-te estar sentada que é o melhor que fazes. Ninguém aqui tem vontade de te matar. Temos tempo de pensar nisso até ao Natal, se daqui até lá deitares uma página de gordura sobre esses ossos. E a donzelinha Clotilde — prosseguiu com uma ponta de graça saloia que não tardou a engolir —, faça favor, tem aqui uma cadeira, sente-se, que é de graça. Esteve aí a gargantear-me umas ofensas que me não arranharam nem guardo osso por isso. É preciso travar-nos de tempos a tempos, não é verdade, mãezinha? É o que nutre a amizade. Disseste aí que eu era bêbedo? Bêbedo, eu? Não me vou fazer o santinho entre os mais. Mas há certas obrigações entre camaradas, a não sermos palurdos de remate, e um

copito aqui, outro no bairro fronteiro, isso não faz mal a ninguém. A tua mãe também não vira a cara para o lado, está quedo!, quando se apresenta a ocasião. Mas não é isto o que eu te queria dizer. Arranjei-te finalmente um emprego, um bom trabalho e bem pago. Não é coisa que te arrebente pores-te ao léu diante de um pintor, e armares diante dele a figura de uma virgem que ele trespasse aos seus quadros. Dois francos à hora, é de arregalar o olho, mormente quando estamos nas lonas. De resto, o que é preciso é não embarcar em toleimas. A tua mãe não aceitaria o lugar e eu também não sou nenhum explorador de mulheres. É bom emborcar uns copos, não haja dúvidas, mas sem quebra do pundonor. Se esse indivíduo te faltasse ao respeito tinha de se haver comigo, Isidoro Chapuis! Podes-lhe dizer isso da minha parte.

Dito isto, soergueu-se e, de cabeçorra alta sobre um torso de insecto, percutiu com ambas as mãos as costelas cavernosas, parou um instante para cuspir de novo na chaminé e prosseguiu accionando os queixais odiosos:

— Olha para este belveder! Nem a alcova de uma marquesa! Será decente receber alguém neste fojo? Não exigimos a Câmara dos Pares, mas, ainda assim, outro boleto nos serviria melhor que este tugúrio de má morte. Mas o que é preciso é não pores essa cara de Nossa Senhora das Dores. Descansa que não te comem. Só te peço que sejas uma rapariga ajuizada e nos ajudes agora que podes. É justo, não é verdade? Olha que te não faltou o pão com conduto desde que saíste do hospital e aí tens ficado de braços cruzados durante todo o santo dia ...

Clotilde, que tremia, era como uma andorinha nas manáculas dum vagabundo. A cena grotesca da mãe extinguiu-lhe a cólera já de si leve e gelara-lhe a alma. Um imenso desgosto e uma humilhação infinita a haviam imobilizado sob o olhar agora triunfante do miserável. Estava atónita com aquela babugem de palavras que a profanavam.

De longa data se habituara a receber as amarguras; as suas revoltas agora disparavam-se em pálidas e rápidas centelhas.

Depois, as últimas palavras acabrunhavam-na. Picava-a o remorso de ter sido inútil durante vários meses, de ter ficado prostrada sem forças dias inteiros, e de ter comido o pão desse homem abominável.

Só lhe faltava — Santo Deus! — engolir mais essa ignomínia, ser modelo de *atelier*, carne para pintura de cavalete, tornar-se objecto de olhares luxuriosos, de manhã à noite, de pintores ou de escultores!

Talvez não fosse tão desonroso como a prostituição, mas perguntava a si mesma se não ainda mais baixo. Lembra-se muito bem de ter visto tais mulheres, ao passar de manhã diante da Escola das Belas-Artes, antes de abrirem os *ateliers*. Pareceram-lhe horríveis pelo ar canalha, o impudor profissional, o covarde torpor acachapado, e parecia-lhe que o último escalão da miséria seria ir agregar-se a esse gado de academia e de cavalete em que o velho Dante teria posto olhos pensativos ao regressar do seu inferno.

Porém, não havia outro remédio, uma vez que fora obrigada a renunciar ao seu ofício que lhe ia custando a vida, e que, já sem força nem coragem, já não servia para nada, excepto sofrer e ser arrastada pelos pés ou pelos cabelos na cloaca das imundícies.

Não disse nada, admirando-se até de não ter uma palavra de protesto. Acabrunhada de lassidão, pareceu resignar-se à tragédia.

A mãe, então, julgando ganha a batalha, veio tomar-lhe a cabeça nos braços de modo a poder juntar as mãos sobre o carrapito e, nessa postura, exalou para o céu fêrvidas acções de graças para lhe agradecer, como cumpria, o ter adoçado o coração de sua filha.

Ao ver isto, Chapuis lembrou-se, a súbitas, de um encontro importante e de extrema urgência e pispou-se, deixando alguns cêntimos em cima da mesa, para só voltar a casa lá para as três da manhã, com uma turca de criar bicho.

V

Os leitores já terão adivinhado que o colchão estendido no sobrado, de que falámos acima, era de Clotilde.

Não seria difícil impingir-vos um narrador infinitamente verosímil imaginando uma cama menos romântica e mais fofa. Mas são tais os usos e costumes de um certo

mundo proletário, e esta dolorosa história é por demais verdadeira nos seus pormenores.

Há dois anos que ali dormia, ou seja, desde que Chapuis se arruinara. Antes moravam num confortável apartamento nas cercanias do Parque Montsouris, e Clotilde tinha o seu quatinho.

Mas a falência súbita e total do afinador obstara a que lá ficasse um dia mais além do necessário para topar um novo boleto, um albergue que fosse um tudo nada menos inclemente do que aquele onde a Lua se hospeda.

Tirante seis semanas passadas no hospital e que, por contraste, lhe pareciam venturosas, a pobre rapariga tinha de facto dormido ali já havia dois anos junto à porcaria dessas duas carcaças infames que dormiam a dois passos, envolta nos seus farrapos, atenazada por angústias de um desgosto mortal que não vingaram curar os dias que atrás de dias foram passando.

Quase não pregou olho nessa noite. Os seus pensamentos salgavam-na de sofrimento. Tinha frio, também, e batia o dente sob a estopa dos seus andrajos, porque o atroz Inverno desse ano, tão funesto para os pobres, já havia começado.

E pensava, olhando as trevas, que era bem cruel não ter sequer o direito de chorar num canto miserável. Porque, mesmo suposto que o horror de macular as suas lágrimas não atalhasse o derramá-las algumas vezes no monturo deste estábulo de porcos, uma efusão tão melancólica seria de pronto censurada como prova de egoísmo e de covardia criminosa.

Chapuis não deixaria de lhe prodigalizar a ironia das suas consolações emporcalhadas e a mártir iria tragando diante de tal ironia o seu velho cálice, num fragor de suspiros, rogando ainda por cima, em nome do céu, o alto favor de comparar as suas dores às dela.

Desde a mais longínqua infância que essa lagarta do Purgatório exigira rigorosamente que ela nunca se queixasse, alegando que uma filha deve ser a recompensa e a coroa de glória de uma mãe. E sobre isso entornava um rosário de frases lacrimosas ripadas na retórica exclamativa dos santinhos que ela idolatrava.

O coração da desventurada menina, oprimido num

torno implacável, absorvera silenciosamente as suas penas, sem se poder abroquelar nem se poder endurecer.

Sedenta de amor apesar de tudo, e não vendo a quem amar, entrava, às vezes, em pleno dia, na penumbra das igrejas, para soluçar à vontade ao fundo de alguma capela onde ninguém a visse ...

Pobre ser abandonado! Era triste pensar que não tivera outras alegrias na sua infância nem nos mais frescos dias da sua juventude! Decerto procurava travar relações com as aprendizas que conhecera no seu *atelier* de douradora. Mas a sua timidez quase doentia desagradara, a sua extrema doçura e a nobreza ingénua do seu semblante revoltaram essas cascaroletas que a trataram de «presunçosa», ao mesmo tempo que um pudor instintivo a preservava de exemplos asquerosos.

É certo que sabia tudo, os ouvidos não deixavam que ela ignorasse os lodos mais íntimos da humanidade mais baixa! Mas a tagarelice viciosa dessas impúberes não penetrava na sua alma, que permanecia tão casta como o rosário de uma religiosa visitandina.

E era por isso que ia oferecer as suas lágrimas a Deus nas igrejas, sem saber que realizava assim o grande sacrifício, a beatífica e formidável Oferenda que tem muito mais sem dúvida que o poder de deslocar as constelações, pois o Senhor Jesus não obteve melhor bebida que o reconfortasse no Suor de Sangue e na Agonia.

Todavia não tinha ela nada do que os Éacos¹ de sacristias chamam uma *criança piedosa*. Tinha recebido umas tintas de instrução religiosa, as que dão por via de regra, nas paróquias de Paris, os empreiteiros de catecismo.

Sua mãe, que não se dava a outras práticas de devocionice que não fosse a invocação postiça de um céu mal costurado, e que pensava, como toda a burguesa macacóide, que «as affectações ofendem o nosso Criador» não era propriamente o modelo que havia mister para a encarregar para a perfeição cristã.

«Obrigara-a a fazer» a primeira comunhão como faziam as bêbedas mulheres dos botiquinistas aos seus rebentos, porque lhe dava ansa de um excepcional desdobramento de sensibilidade maternal. Mas exprobraria os exageros

¹ Éaco é um dos juizes do Inferno. (N. do T.)

supersticiosos de oração, e sobretudo levaria a mal a efusão de lágrimas em recantos apartados.

Observava com escrúpulo a profunda liturgia da ortodoxia minuciosa, que consiste em comer torta em Dia de Reis, papas em Quinta-feira Santa, bolos pelo S. João, empadões de porco no Natal e, sobretudo — digo bem, sobretudo! —, em acarretar flores para cima da tumba dos «queridos ausentes» no Dia de Finados. Pedir mais a esta beatorria seria o paroxismo da loucura, um delírio.

Sim, essas horas de íntimo enternecimento foram as melhores da vida de Clotilde e o simulacro de paixão que lhe sobreviera mais tarde não as sobrepujava.

Pelo menos não lhe deixaram lastro de amargura, essas horas benditas em que as fontes do seu coração invocavam silenciosamente os mananciais do céu.

Bem lhe lembrava a Doçura que sentira mesmo quando se desfazia em lágrimas; era como que uma impressão longínqua, infinitamente misteriosa, um pressentimento *anónimo* de ter estancado sedes desconhecidas, de ter consolado Alguém que se não deixava nomear ...

Um dia, ah!, esta lembrança não mais se apagaria, um Personagem lhe dirigira a palavra, um sacerdote de longas barbas brancas de Patriarca, com sua cruz peitoral e o anel de ametista; parecia chegado dessas solidões sitas nos confins do mundo onde se movem, sob céus terríveis, os leões evangélicos do Episcopado.

Vendo uma menina tão pequena a chorar, aproximara-se e olhara para ela com bondade. Lentamente, traçou sobre ela uma bênção; tocava-lhe os lábios um deslize doce de oração; em seguida pôs-lhe a mão sobre a cabeça, em jeito de dominador de almas:

— Minha filha — disse —, porque chora?

Ainda agora a ouvia, essa voz calma e penetrante que lhe parecera a voz de um ser sobre-humano. Mas que podia ela dizer nesse momento senão que se sentia morrer do desejo de viver? Olhou para ele tão-só com seus grandes olhos de cabrinha-montesa onde tão bem se lia a sua pena sem fundo.

Foi então que o desconhecido acrescentou estas palavras surpreendentes, que jamais esqueceria:

— Já alguma vez decerto ouviu falar de Eva, que é a Mãe do género humano. É uma grande Santa aos olhos

da Igreja, muito embora quase a não invoquem neste Ocidente onde o seu nome não raro se mistura com reflexões profanas. Mas é sempre invocado nas nossas cristandades do velho Oriente, onde as tradições antigas se conservaram melhor. O seu nome significa a *Mãe dos Viventes* ... Deus, que suscita todos os nossos pensamentos, quis, sem dúvida, que eu me lembrasse d'Ela enquanto olhava para ti. Dirige-te pois a esta mãe que está mais perto de ti do que aquela que te deu o ser. Acredita-me que só ela te pode socorrer a ti, pobre menina que não sei a quem te possa comparar, e que tens sede, sede ardente de Vida!... Talvez também o Espírito Santo te tenha marcado com seu tremendo Sigilo, pois os caminhos da vida são bem ignorados ... Adeus, minha pequenina, vou partir, não tarda, para muito longe, para regiões afastadas, donde provavelmente nunca mais voltarei por causa da minha avançada idade ... Mas olha que nunca mais te esquecerei ... *Quando estiveres no meio das chamas*, lembra-te do velho missionário que rezará por ti no fundo dos desertos.

E, de feito, abalou, tendo deixado uma moeda de vinte francos no encosto do genuflexório onde Clotilde ficou pregada pelo espanto e pelo respeito mais indizível.

Incapaz de ver claro às primeiras, nada podia dizer do ancião; cuidou que fora expressamente enviado pelo Pai das crianças que sofrem. Ficou a ser para ela simplesmente o «Missionário».

Amiúde se lembrava dele; dirigia-se então muita vez com ingênua ternura a essa Mãe comum, de quem seguramente nenhum outro sacerdote lhe teria falado, e muitas vezes também perguntava a si mesma o significado daquelas «chamas» no meio das quais lhe cumpria um dia lembrar-se do homem que assim lhe falara.

Está-se a ver que deixou que sua mãe lhe roubasse de caminho os vinte francos; e a ladra *não pediu explicações*; inclusivamente, deu-lhe mais liberdade que antes até ao dia em que, vendo que não afluíam mais tesouros, pôs carranca de ama feroz, rompendo a regougar que a filha era uma estúpida escarrada que prodigava seduições e se metia a festo nas aventuras. Por esse tempo a inocente não sabia ainda ao certo quem era essa velha horrenda e só muito mais tarde havia de compreender a abominação de tais cálculos.

Todo o passado ascendia lá do fundo à sua memória, nessa dolorosa insónia. Orçaria pelos dezasseis anos na altura do encontro com o Missionário; desde então quantas coisas tinham acontecido, Santo Deus! Ela, que julgara sofrer nos braços dos anjos e a quem o mesmo Senhor tinha enviado um mensageiro, a que profundo abismo de profanação tinha descido! Não acabava de compreender essa queda afrontosa. Não teria podido porventura, por meio de orações e dos sacramentos, apoiando-se em todos os pilares dos lugares santos onde o Salvador agoniza, furtar-se a essa infame esperança de felicidade terrestre que tão ferozmente a desiludira?...

Porque os factos são inexoráveis; não se apiedam; e o próprio esquecimento — se pudéssemos lograr — não poderia aniquilar o seu testemunho acabrunhante...

— Nem toda a onipotência dos céus poderia anular o facto de que pertenci a este homem e me sinto manchada por ele até à morte! Ó meu Deus! Meu Deus!

VI

Ergueu-se com um gemido nas trevas. Toda a vez que essa ideia se lhe desenhava com precisão no espírito ficava transtornada de angústia.

A sua aventura fora de uma exasperante banalidade. Sucumbira como cem mil outras às costumeiras artimanhas da sedução mais vulgar. Perdera-se simplesmente, estupidamente, com um Faublas de ministério que nada lhe prometera e nada lhe dera, nem sequer o prazer duma hora e de quem não esperara absolutamente nada.

A verdade crucificante é que se entregara a um velhaco qualquer, porque esbarrara com ele no caminho, chovia, e ela tinha o coração e os nervos doentes e sentia-se morta de cansaço e da monotonia dos seus tormentos e, provavelmente também, por curiosidade. Outras causas não lhe ocorriam. Fora uma coisa incompreensível.

E que odiosa ordinárice nesta intriga urdida em estações de ónibus e restaurantes de preço fixo! A sua melhor desculpa, talvez, estaria — como sempre, ai de nós! — na ilusão facilmente inspirada a uma rapariga tão infeliz por um homem bem trajado, de maneiras polidas e finas — miragem

de vida superior que, um minuto, cintilou e atingiu o deslumbramento.

A ligação prolongou-se algum tempo. Por nobreza de coração, por altivez renitente a ser uma prostituta, o que ele lhe dava e nada era tudo a mesma coisa, esforçara-se conscienciosamente por amar esse rapaz, sentindo-lhe muito embora o egoísmo e a mediocridade pretensiosa.

Era difícil, mas julgou tê-lo conseguido, sem dúvida por efeito desse impulso mais misterioso do que se julga, que faz voltar tantas vezes as abandonadas e as fugitivas aos pés do primeiro homem que abusou delas.

Mas agora, que anos dobados após anos, ahl, agora tudo acabara. Restava-lhe apenas um intolerável desgosto do miserável amante. Lá que fosse tacanho de alma era o menos, mas a espantosa covardia em que andava amassado é que a saturara de todas as vilanias do desprezo e da aversão.

O triste romance desfechara-se assim no asco e na repulsa. Chapuis ainda não de todo arruinado e de resto marimbando-se, mas tocado pela velha, deu tento de repente do contágio inutilizante da filha, e um dia foi a correr ter com o rapazote ao seu despacho e, com palavrinhas doces, noticiou-lhe a pena enorme que sentia de comprometer a sua ascensão com um escândalo fabuloso, se ele não oferecesse uma *reparação* à família respeitável «no seio da qual introduzira a vergonha e a desonra».

Não vinha pedir propriamente o matrimónio, pois tinham posto a mira mais acima de uma aliança com um modesto empregado sem fortuna e sem futuro à vista; a velha raposa tinha trazido papel selado.

O sedutor, atarantado e cheio de inexperiência, subscreveu estranhos bilhetes a pagar de mês em mês por uma soma fantástica — *valores recebidos em mercadorias* —, cuja cobrança se foi fazendo de maneira regular até ao dia em que os pais do rapaz intervieram e ameaçaram o afinador de o levarem a tribunal como tráfaloso tratante.

A vergonha e o desespero de Clotilde subiram ao auge; Chapuis, esperando talvez uma queda mais vantajosa da linda rapariga de quem se impostava corsário explorador, exigira a ruptura imediata, lançando mão de uma carta insultuosa que Lauzun de la Sandaraque com frases cheias de goma elegante escrevera a seu ditado.

Traída, vendida, vexada e porcamente lapidada de forma canalha por aquele mesmo a quem sacrificara a sua única flor, aí tinha agora o rigoroso castigo da loucura de um só dia!

Sua mãe, via-lhe a mão em todo este negócio, sua horrível mãe — que procedia como quem não quer a coisa, ao menos enquanto ignorou a insignificância *comercial* destes amores deploráveis —, que diabólica precisão a forçava a viver junto desse monstro?

Houve uma cena horrorosa em que a fétida megera, levada à parede e à confissão de suas infâmias, cuidou lograr refúgio em nunca ouvidas gritarias de rês na agonia; alvoroçados, os vizinhos deram em pensar que o afinador sovava a mulher sem olhar por onde.

Pelo contrário, o traste ameaçava matar Clotilde que, em sua cólera desatada, se atirava sobretudo a ele; não era a primeira vez que se encolerizava, mas nunca se vira tão acesa em ira incontida.

Depois, tudo acabou. A personalidade profunda da menina continuou a subsistir sob os areais monótonos e lodaçais desolados da sua aparente vida terrestre e por debaixo das aterradoras águas subterrâneas do seu arrependimento — semelhante a essas criptas milagrosas escondidas no centro do globo e que uma só gota de luz iluminaria tão ao vivo como as basílicas dos céus.

Parecia ter esquecido tudo. A sua doçura tornou-se mais comovente, sobretudo quando falava com a mãe, baixando os olhos para a não ver; isso lhe valeu da boca da grandecíssima porca alcunha de *hipócrita*.

Só que à força de tanto sofrer, a sua saúde vigorosa ressentiu-se. Os vampiros da anemia lamberam-lhe as cores formosas; ficou tão pálida como a humildade que é a mesma palidez. Não tardou a carecer de forças para suportar as fadigas do arrasante ofício de vendedora num grande bazar que viera substituir a intoxicação, dia a dia, no ofício de douradora.

Por fim, levaram-na ao hospital; aí o chefe de serviço, que se interessava por ela, disse um dia severamente a Cha-puis, que a tinha vindo ver, que, estando doente esta menina e mesmo gravemente doente devido a sofrimentos que lhe faziam suportar em família, ele lhe aconselhava que, de futuro, tivesse cuidado — olhasse pela pele —, que as con-

sequências terríveis de novas brutalidades, ele médico as teria em conta.

Tal aviso teve o celeste efeito de poupar à convalescente, dias adiante, as cenas ou injúrias abomináveis que não deixaria de lhe acarretar a sua extrema fraqueza; e assim enovelada em trapos pôde apodrecer longos meses naquele piohento covil.

VII

Que fazer, agora? Seria deveras forçada a não poder escapar ao compromisso odioso de que lhe falara aquele bandido?

Modelo de *atelier*! Era lá possível?! E no entanto tinha prometido que, de futuro, homem algum a *veria* desvestida. Mas os pobres nem do seu corpo são donos, e quando jazem nos hospitais, logo que a sua alma desesperada deles se solta, seus lamentáveis e preciosos corpos prometidos à eterna Ressurreição — ó Cristo doloroso! —, ainda são levados sem cruz nem orações para longe da igreja e dos altares, para longe desses belos vitrais consoladores onde os Amigos de Deus estão figurados, a fim de servirem como carcaças de animais imundos às inúteis profanações dos corvos da ciência humana.

A lei que rege os desgraçados é na verdade excessivamente dura! Estamos mesmo em dizer que é quase impossível que uma rapariga indigente escape à prostituição!

Porque, ao fim e ao cabo, que ela exponha o seu corpo, a nudez do seu corpo, para isto ou para aquilo, é sempre prostituição. Os olhos dos pintores são tão devoradores como as suas mãos impuras, e o que os pintores exibem nas suas telas é o pudor que foi preciso pôr de lado para que eles tivessem um modelo.

Sim, é isso mesmo — o *pudor*. Dá-se isso aos artistas por um pouco de dinheiro. Vende-se-lhes precisamente a única coisa que tem o peso exacto de um resgate na balança onde o Criador põe no outro prato as nebulosas... Como não ver que isso é muito mais baixo ainda do que o que se chama communmente a prostituição?

Cheio de pérolas ou de imundícies, o vestido das mulheres não é um simples trapo que as esconde. É um sím-

bolo místico da impenetrável Sabedoria com que o Amor futuro se amortalha.

Só o amor tem direito à desnudez e a nudez que o amor não permite é sempre uma traição. Todavia, a última das prostitutas poderá sempre apelar para a justiça mais rigorosa, alegando que ao fim e ao cabo não desnaturou a sua essência nem perverteu as santas Imagens, posto que mais não foi que um simulacro de mulher estimulando um simulacro de amor. A própria natureza da *ilusão* que ela ofereceu aos homens pode, em desespero de causa, arrancar a Deus o seu perdão.

A profissão de modelo, ao invés, degrada por completo a mulher e desterra-a da sua personalidade, relegando-a para os limbos da mais tenebrosa inconsciência.

É certo que Clotilde não reflectia nestas coisas, mas a sua alma viva dava-lhe delas uma intuição muito clara. Se o abandono da sua carne não implicava necessariamente pecado, como tragar o asco de uma desnudez que lhe parecia mais degradante que o próprio pecado?

Que diria «o Missionário»? Que diria esse belo ancião que tão claramente diagnosticara a sua sede de viver, aguda até à dor?... A lembrança desse desconhecido fê-la chorar silenciosamente embuçada na sombra.

«Ai de mim!», pensava, «decerto se compadeceria de mim, a quem chamou sua filha, e decerto me salvaria! Quem sabe se ele ainda vive? Já lá vão tantos anos! Em que lugar do mundo, vivo ou morto, andará ele?»

Pôs-se então a sonhar, como fazem os desgraçados, em todos os salvadores possíveis que pode encontrar uma criatura a braços com o desespero e que, nunca o que se chama nunca, encontrou quem lhes dê a mão!

Lembrou-se então duma estampa que outrora a encantara na loja do dourador e que tanto gostara de vir a ter. Essa estampa representava um lugar de má nota, onde alguns homens com fuça de malandrins estavam sentados e beberricando de gorra com moçoilas depravadas. À direita, uma das paredes da espelunca desaparecera e dera lugar a uma luminosa visão. O doce Cristo da Galileia com uma auréola de glória, tal como apareceu a Madalena no jardim da Ressurreição, erguia-se imóvel na claridade; na Face dolorosa pintava-se uma divina piedade, e estendia as mãos cheias de perdão para uma das mulheres, uma mo-

cinha mal espigada que se descosera do grupo e avançava de joelhos implorando-o com fervor.

Quanta vez, com o pensamento nessa litografia de bazar, a incendiara o desejo de encontrar esse miraculoso Amigo que já se não vê nem nas cidades nem nos campos, que falava tão familiarmente outrora às benditas pecadoras de Jerusalém!

Porque ela não se julgava melhor que as demais perdidas. Caída no pecado sem desnorreamento, nada podia atenuar a sua amargura e humilhação. Esta obsessão permanente hipnotizava-a, imobilizava-a, dava-lhe por vezes uns ares de estúpida abrindo uns olhos pânicos de Cassandra do Arrependimento, uns olhos fixos e quedos.

Entregara em dádiva irrevogável, para todo o sempre, o seu único bem, o mais precioso tesouro que uma mulher pode possuir, seja ela a Imperatriz da Via Láctea! E dera-o a quem? E porquê?...

Agora podiam as Três Pessoas fazer o que quisessem, apagar a criação, eliminar o tempo e o espaço, reconstituir o nada, amalgamar todos os infinitos, nada disso alteraria absolutamente nada o acontecido: num certo minuto era virgem, no minuto seguinte já o não era. Impossível aniquilar o efeito da metamorfose.

Quando Jesus descer enfim da sua cruz, decerto a encontrará logo, a profanada, ao descer o pendor fácil do Calvário que vai dar certamente ao bairro dos que Lhe não foram fiéis. Poderá ela, por sua vez, banhar-Lhe e perfumar-Lhe os pés, como essa grande Madalena que foi chamada a Esposa magnífica. Mas não lhe será possível — nem que fora com tenazes de diamante! — arrancar um só dos espinhos da sua fronte crivada deles!

Este Esposo faminto terá de contentar-se com os restos do impuro festim, onde nenhum terá guardado a túnica nupcial, e respirar os lírios murchos de suas amantes infiéis.

— Que posso eu oferecer agora? — perguntava. — Seirei eu melhor que qualquer dessas que os homens tratam a pontapés entre farrapos imundos? Quando tinha juízo, parecia-me que guardava cordeiros de alva lã em montanha cheia de perfumes e de rouxinóis. Em despeito de ser desgraçada, via bem que havia em mim um manancial de coragem para defender essa coisa preciosa de que era depositária e que o Senhor de hoje em diante não mais encontrará.

Agora a minha fonte secou, a bela água límpida que era a minha tornou-se num pouco de lama infestada pelas bestias mais asquerosas... Eu, que pude aspirar a ser santa como a luz do dia e a rezar com os anjos na orla do tapete dos céus, não tenho sequer o direito de ser amada por um homem honesto que seja tão caritativo que possa aspirar à minha mão!

Neste instante os pensamentos da jovem gelaram entangidos como o sangue dos mortos. O bebedor entrava aos ziguezagues, atropelando tudo, eructando blasfêmias e palavrões e por final espojava-se grunhindo como um javardo, ao lado da mulher venenosa que roncou por seu turno uns suspiros comatosos.

A vizinhança de tal besta era para Clotilde um intolerável suplício. Muita vez se admirava de não ter já morrido de asco e desespero, tantos meses volvidos sobre ver-se forçada a suportar essa provação.

Não era só o horror dessa promiscuidade infame, com todo o sujo poema dos episódios e peripécias acessórias; outra lembrança mais atroz ainda e sempre presente a obsessionava como um pesadelo sem trégua.

Um dia, há já alguns anos, quando moravam ainda em Montsouris, com a estrela da fortuna de Chapuis ainda a brilhar, aquele imundo algarismo, aproveitando-se de uma estirada ausência, talvez combinada, da mãe tentara violá-la.

Nesse tempo era Clotilde muito inocente, mas tinha os olhos abertos. A luta foi trágica e quase mortal: dum lado o bêbedo exasperado, do outro a rapariga vigorosa cuja indignação lhe duplicava as forças. Vingando furtar-se-lhe às garras, um instante, mordendo-o com frenética sanha, foi o bastante para arpoar um ferro de passar roupa e assestar-lhe no toutiço um golpe tão desapoderado que Chapuis todo escalavrado foi malhar à cama, onde esteve cerca de um mês.

Ora toma! A coisa compôs-se e a vida em comum lá foi seguindo ronceira. Clotilde não tinha dinheiro para fugir e a imaginação do covarde labroste, não menos vigorosamente percutida que o seu bestunto, decerto o refreava dissuadindo-o de qualquer nova tentativa. Um larvado medo lhe ficou inclusivamente dessa virgem de olhos amoráveis; não a julgara capaz de tão fogosa intrepidez.

A mil léguas estava ela de lançar suspeitas sobre a mãe

a quem o doente deve ter explicado o ferimento pondo as culpas num acidente vulgar que o ziguezagueio duma perpétua bebedeira tornava muito plausível. Mas ficou para sempre com a cena ignóbil diante dos olhos e o profundo abalo que lhe causou não o alinhamos entre as menores causas da sua própria queda que sobreveio algum tempo depois.

— Bem! — disse por fim —, já que não posso fazer outra coisa, irei. Vergonha a mais ou a menos, que importa? O desprezo que sinto por mim não aumentará por isso. E depois, o meu trabalho, o meu bonito trabalho, pagará de certo algumas «voltas» que haja de dar o senhor Chapuis, e as «pequenas satisfações» da mamã. E também isso tem o seu peso! Ora agora não penses nisso e trata mas é de dormir, cadelinha perdida de que ninguém quererá ser dono. O teu destino, como vês, é sofrer. Foi, mais palavra menos palavra, o que me disse o Missionário ... o meu bom velhinho Missionário que o que devia era ter-me levado com ele para os seus desertos e que chora talvez vendo-me lá do fundo do seu sepulcro!

VIII

Os pobres são pontuais: às onze da manhã, Clotilde estava no alto do Bairro Saint-Honoré, tocando à campainha da porta do senhor Pelópidas-Anacharsis Gacougnol.

Era o autor do célebre grupo escultórico *A Vitória do Marido*, em que vemos um personagem moderno trajado de chocolateiro melancólico dando de comer a doze ou quinze pequenos faunos evidentemente ilegítimos. Por aqui se pode aquilatar a imaginação deste artista.

Simultaneamente pintor, escultor, poeta, músico e mesmo crítico, o universal Gacougnol parecia ter-se assenhoreado, à laburda, de todos os provérbios e de todas as metáforas sentenciosas. Vibra todo abrasado máximas como o *ridendo castigat mores*¹ e abarbata-se com a pretensão de ser poderosamente satírico.

Só as fábulas morais de La Fontaine lhe deram enxún-

¹ Que era o que os latinos diziam: a rir, põe um ferro em brasa nos maus costumes. (N. do T.)

dia para quinze dos seus quadros e lhe deram matéria para uma boa meia dúzia de baixos-relevos apotegmáticos.

Foi ele e não outro quem inventou o busto *milesiano*, ou seja, a reprodução em mármore ou em bronze, vá-se lá saber, da ponta dos cabelos até ao umbigo, inclusive, de uma personalidade ilustre — sem esquecer mutilá-la de braços —, o que, em seu entender, dá à efígie a alta importância duma impassibilidade formidável.

Foi também ele que, num jornal ilustrado, publicou essa série de caricaturas escalonadas com que todo o Paris desopilou. Em que consistia a obra-prima? Estão lembrados: em ascender desde o porco, vá de exemplo, e passando por todo o bestiário intermédio, chegar até às belfas gordalhas de Ernesto Renan ou de Francisco Sarcey, vendo nessas trombas e belfas os pináculos da selecção.

Em poesia, em música sobretudo, facilmente o poréis entre os sentimentais se atendermos à facilidade com que se esbavia em lágrimas sobre o piano, cantando umas ninharias com vozinha adocicada.

Gascão de Tolosa e fanfarrão besuntado de alho e de estética, artista de raiz e pilrito quanto à fronde, de barba à passa-piolho como Júpiter barbudo e penteado pelos furacões, ostenta habitualmente a brutalidade sublime dum Encélado devastado.

Não há aí ninguém que chegue a detestar deveras esse bom rapaz tão incapaz de modéstia e que nem sequer é capaz de ser mau; o seu real talento evapora-se de todo no perpétuo tresvario da sua fantasia, não ofusca vivalma. Ao contrário, os seus camaradas mais arrevesados e difíceis não só vingam enternece-los mas desarma-os com o estraçalhário de suas concepções ridículas.

Ouvindo a campainha, foi ele mesmo quem veio abrir.

— Querem ver que já cá está outra vez? Que é que você quer? — exclamou aos gritos ao ver no limiar da porta uma mulher em cabelo. — É sempre a mesma cantiga, não é verdade? É o marido que geme o reumatismo dos artelhos que o filou quando ele consertava o obelisco e é o bebé sem chupeta ... E eu a esportular já lá vão umas catorze vezes desde que começou o mês! ... Santíssimo nome, não é a imaginação que vos dá tratos de polé. Enfim, entre. Vamos a ver se há para aí algum pataco ... E cá o rapaz pode-se gabar de abichar a ocasião de ser um trastão e de

jamais dar cinco réis a ninguém. Ninguém te come a pinha na cabeça.

Esta adicional congratulação ia apontada a uma terceira personagem, que se inclinou sem dizer uma palavra.

— Imagina tu que todos os dias é isto. Mal dê uns patacos a um destes bons-jaquins, nunca mais me deixa, e atira-me às canelas com toda a família. Bom, mas deixemos isso! Para onde diabo se escapuliu a ladravaz que aí estava? E tu, meu dasdaque, fecha a porta ou acaso sentes calor neste covil?

Clotilde, amedrontada com tal acolhimento, obedeceu maquinalmente e, fazendo das tripas coração, disse por fim:

— O senhor está enganado, não sou uma pedinte, sou a pessoa de que lhe falaram e que ficara de passar por cá pelas onze horas. — E estendeu-lhe um cartão de visita.

Pobre cartãozito, cortado, para o caso, à tesoura no canto menos sujo de uma folha de papel almaço, sobre a qual haviam escrito o seu nome: *Clotilde Maréchal*.

— Ah!, vens para servir de modelo, muito bem! Então despe-te.

E, como se fosse a coisa mais natural, voltou à conversação interrompida, um instante, com a chegada deste «acessório».

— Para voltar às tuas parvoíces sobre a arte, meu Zefirinzinho, teremos ocasião de voltar a isso quando tiveres algo de novo a revelar. Até lá, não chateies que eu também não te encomendo a parlenda. O que estás para aí a vomitar há uma hora já mo disseram uns miseráveis parranas, antes da ama te desmamar. Sou pela arte pessoal, eu, qualquer que seja o nome que se lhe dê; não pertença a escola nenhuma salvo a minha ... e mesmo essa! A única ambição que tenho é ser Pelópidas Gacougnol, nanja outro; um mísero nome, se quiseses, mas foi-me dado por um homem honrado que era meu pai e não o renego ... Agora o teu «Andrógino», os teus «Filhos dos anjos», isso é estética de esguicho, não preciso nada disso. Os mestres não precisaram nada disso para esculpir ou para pintar maravilhas, e o grande Leonardo vomitaria a sua obra se adivinhasse a porca maneira que é a tua de a admirar ... Sabes uma coisa? Escuta, sois todos uma cambada de escravos, vós os novos com esse ar impertinente de quem acaba de inventar todas as coisas, e andaríeis sem contradita a qua-

tro patas, ponto é que encontrásseis quem vos pusesse as ferraduras. Homens é que vós não sois, está quedo! Diabos me levem se a mínima ideia se pode encontrar na vossa maldita literatura de pedinchões e de parvajolas. Tu, por exemplo, és o malandro dos malandros, inventor do terceiro sexo, o angélico, nem masculino nem feminino, nem sequer o castrado. Belo! No meio da geral chatice, eis um córrego de porcarias que vai decerto estercar alguns marrecas das letras, a começar por ti, que és o iniciador e o grande profeta. Só que, vês tu, isso não é o bastante para se ser um crítico; podes gabar-te de ter escrito estrondosas burrices sobre pintura.

Nesta altura da palra, escandida por gestos de meridional, os olhos de Pelópidas caíram sobre Clotilde, de todo em todo petrificada; parecia olhar siderada para a grenha esvoaçante do personagem mexediço que lhe ordenara que se despisse. Desenfreado, ei-lo a explodir:

— Olha, olha!, que estás tu para aí a olhar para ontem, a olhar com olhos de carneiro morto? Põe-te em pelote, ouviste? E já, que tenho de trabalhar. Olha! Acolá!... atrás do biombo, e poucas demoras, por favor.

A pobre rapariga, no auge do terror, sumiu-se imediatamente.

— E tu, bambino dos anjos, Delumière do meu coração, faz-me o obséquio de ir lá fora ver se eu lá estou e se chove. A tua conversa arrebatada e alimenta, mas eu estou farto dela; tão depressa não meto garfo nela. Passa por cá quando eu não tiver nada que fazer. Ala! Põe o chapéu na cabeça e vai dar boas noites às galinhas... O nosso contrato acabou.

Zeferino Delumière, o famoso hierofante romancista, promovido havia pouco a obscuras dignidades nos concílios contrabandistas do Ocultismo, pegou, de facto, no chapéu e, com a mão no botão de fecho da jaleca e, com uma destas vozes mortíferas que parecem sempre sair do fundo duma garrafa, deixou cair à guisa de adeus estas palavras diamantinas:

— Então até mais ver, ou até nunca mais, se assim o preferir, pintor grosseiro. Fácil me fora dar-te o devido castigo passando uma esponja sobre a minha memória. Mas ainda te vejo flutuar no âmnio da irresponsável sexualidade. Ainda estás, Deus sabe por quanto tempo, nas hesitações

embriogénicas do Devir aninhado na indiferença da Norma luminosa onde se patenteia o Septenário. Por isso trabalhas vilmente na treva do viril terrestre conculcado pelas Egrégoras. Por isso te perdoo. Mais, te abençoo. Um dia que não vem longe hás-de compreender estas coisas.

Posturando desta forma, o espectacular mistagogo era bem a mais exorbitante e estraçalhadora figura que se podia imaginar, com a sua trunfa gordurosa de bruxo ou de tarufo, barba em ponta de astrólogo reticente e seus olhos de foca dilatados por alarmes estudados, a deslido de um nariz saliente em forma de obelisco, apontado, assim parecia, a absorver os relentos das cuecas mais remotas.

Travestido de um casacão de veludo violeta, por colete um pedaço de pano bordado de prata, embrulhado num albornoz negro de lã de camelo riscado de fios de ouro e calçado de veado — mas todo ele esquelético sob todas essas mantas e sob o chapéu de palha —, ele aí nos surgira como um abracadabrante escudeiro de uma Polónia de fantasia.

De repente, uma gargalhada imensa, formidável, que parecia escavar tudo, deflagrou à nossa volta.

O caricaturista, que tem sonos curtos neste excelente Gacougnol, acabava de ser varado em pleno peito pelo ridículo irresistível que se desprende, durante as vinte e quatro horas do dia, da personalidade de Delumière.

Deixou-se abater sobre um divã e todo se torcia nas convulsões espasmódicas da risotada mais delirante.

Quebrantado o acesso de riso, o grotesco tunante, que a surpresa pregara ao chão por uns momentos, fora-se embora desdenhoso e enfiado.

— Grande animal! — eructou por fim o homem da risotada, após um ruidoso suspiro de satisfação, e a falar consigo como era seu costume. — O diabo do homem, hei-de estourar a rir por via dele. Mesmo tendo-o, como de facto tenho, como um dos mais sujos manipuladores, não me sinto com coragem para o pendurar à porta ... O certo é que não há dinheiro que o pague. Que sarrafaçal! Fez-me rir com suas botas à Franconi, gorja de pássaro circassiano, assim como que entocado na penumbra! O pai, que era galucho quando o conheci em Toulouse, não era tão gebo. Passava por ser um vendedor de sopa levemente azorçado por profecias realistas e mal visto pelo clero, ao qual forcejava por esclarecer. Mas isso não exorbitava do ridículo

que diverte a província. O mais crível é que o filho tivesse costela mais acusada da avó bodegueira, *A Mãe dos Compinchas*, como se lhe chamava, a qual não diríamos justa descendente de «Elohim», mas é assim que ele chama aos seus antepassados de antes do Dilúvio ... Enfim, o melhor é não pensar mais neste brejeirote que me fez perder mais de uma hora nesta manhã, e demos uma olhadela ao modelo. Ora vamos lá, donzelinha, tenha a bondade de se desvestir com todo o donaire ...

Neste momento, qualquer coisa aconteceu que não foi nem um ruído, nem um pé de vento, nem um luaceiro estranho, nada que semelhasse um fenómeno qualquer. Porventura não passasse absolutamente nada.

Mas Gacougnol teve um estremecimento e, vivamente impressionado sem saber de quê, ficou um momento silencioso com a boca entreaberta e os olhos fixos no biombo.

— Santíssimo nome, que tenho eu? — murmurou. — Querem vocês ver que o idiota me contagiou?

Deu dois passos e, afilando a orelha, percebeu como que um débil estertor muito apagado e longínquo, semelhante ao daqueles mortos apócrifos que o poeta dos espantos ouvia agonizar debaixo da terra.

Abrindo bruscamente as ligeiras cortinas, deu com a desgraçada de joelhos, os ombros nus e o rosto metido num miserável pedaço de lã azulada, única peça que tirara do bolso do vestido.

Decerto o coração lhe fraqueara, estatelara-se no chão de puro desespero; depois, aí um quarto de hora, abafara com as duas mãos os horríveis soluços que a sacudiam da cabeça aos pés.

Gacougnol, surpreendido e apiedado, foi também saltado do pensamento de que o seu riso de há momentos fora o pano de fundo destas lágrimas extraordinárias; inclinando-se então comovido sobre a dolorosa:

— *Minha filha* — disse —, *porque chora?*

IX

Estas simples palavras tiveram o efeito duma percussão magnética. Com um movimento de animal picado pela agulhada, Clotilde levantou a cabeça e olhou como louca este

homem que acabava de lhe fazer a mesma pergunta que em desconforto idêntico lhe fizera outrora o Missionário.

No desvairo do seu espanto, parecera-lhe ouvir mesmo a voz do bom ancião que era para ela o único alívio terrestre que lhe fora concedido.

No mesmo instante, viu-se transportada de esperança, e esse sentimento espalhou-se-lhe no rosto — nesse belo rosto cheio de lágrimas que cintilavam e que o pintor admirava em silêncio.

Mal tendo olhado para ela, quando ela aparecera no meio de uma discussão ociosa que o exasperava, encontrava-a agora chamativa e quase sublime, como que alçada num retábulo de aflição.

Só uma pedra ficaria indiferente diante do espectáculo. Da sua fisionomia dir-se-ia sair um clarão de doçura, mão suave que tirava a alma de suas envolturas e a colocava numa prisão de cristal.

Não era a tradicional Pecadora do Evangelho, de que o sacrílego paganismo da Renascença tanto abusou. Mas também não era a irmã dessas pálidas Bem-Aventuradas que há dois mil anos se consomem na interminável procissão dos Santos, como fachos intangíveis de um Candelabro eterno.

Nessa menina prosternada, pouco mais havia que um pouco de carne amorosa, amassada pelos Serafins da Miséria e onde a Dor entressemeara as louçainhas dalguns pálidos miosótis. Holocausto resignado da vida banal sem nimbo que o enaltecesse e que não tinha sido varado pelo raio dos tormentos divinos!

Mas a magnificência paradoxal da sua cabeleira em desordem, o sombrio veludo de seus olhos adoráveis de antílope, onde a luz padecia naufrágio, e este rosto de cristã devorada, que a chuva quente das lágrimas parecia ter limpado do seu palor, tudo isso dava a impressão de um sonho ...

Gacougnol sentia-se tanto mais impressionado porquanto havia já algum tempo dava voltas ao miolo para vingar construir uma Santa Filomena ameaçada por vários leões que ele tinha a ideia de oferecer a um arcipreste bonacheirão de Tolosa que lhe granjeara algumas encomendas.

Todavia, nesse momento, a admiração sem cálculo e a

estrita piedade é que o sacudiam estremes. Vendo Clotilde sufocada sem poder responder, estendeu-lhe as duas mãos para a ajudar a levantar-se e falando-lhe com uns lábios de ternura:

— Cubra os ombros, minha boa amiguinha, e venha sentar-se aqui ao pé do lume. Vamos falar muito tranquilamente como dois velhos camaradas. Não diga nada por enquanto, enxugue mas é os seus olhos, por favor. Posso ser um brutamontes, mas não gosto de ver ninguém a chorar. É superior às minhas forças... Ora vamos lá a ver, amedrontou-a o ser modelo para a ilustração do conto chamado «O conjunto», não é verdade? Não me admira, e a tê-la olhado melhor quando entrou, teria falado doutra maneira. Não me queira mal. É este maldito ofício que me prega coisas destas. Se soubesse que dengosas aparecem aí para servirem de modelos e do mais que se quiser delas! Essas não choram, não, para tirarem a camisa, o que, a dizer a verdade, é de escassa beleza e nada chamativo... Sem já falar na chatice que nos entra por outra porta. Certamente terá reparado nesse rematado imbecil que ainda agora aí estava. Que lhe vamos a fazer? Uma pessoa acaba por contrair hábitos cavallares no trastejo com todos esses camelos e acabamos por fazer figura de urso... Bom, mas já não está aborrecida, ora diga lá.

Certamente que o não estava, a pobre rapariga, se é que alguma vez o esteve. Via bem a piedade daquele bom homem que se acusava a si mesmo para a serenar! Mas ele não lhe deu tempo para que exprimisse o seu reconhecimento.

— Depois, para lhe dizer tudo o que penso, a menina vinha mal recomendada pelo indivíduo que aí esteve ontem. Não deve ser o seu pai, não é verdade?...

— Meu pai! — exclamou, enquanto se erguia de salto. — Ele! Esse miserável!... Atreveu-se ele a dizer tal coisa?...

— Não, esteja sossegada, não foi isso o que me disse, mas também me não disse o contrário... Estou a ver. É o consolador da senhora sua mãe. Pobre criança!... Ele vinha deveras pingado, o mostrengo; e se não fosse a carta do vosso senhorio, que é meu velho amigo, não a teria recebido. O magarefe falava de si como de uma mercadoria. Julguei mesmo distinguir obscuras intenções que decerto não cheiravam a alfazema. Acabou por tentar arrancar-me

o dinheiro; o que eu me admiro é como o não pus a pontapé pela porta fora. Está a ver, minha querida pequena, que todo este preâmbulo me dispunha mal para lhe outorgar superlativas reverências... Mas não falemos mais nisso. Vamos ao nosso caso. Quer servir de modelo só para a cabeça? Tem um rosto de santa de que ando à procura vai para alguns meses. Pago três francos por hora. Quer? Note que é um favor que lhe peço...

Clotilde via-se a sair das cavernas da Idade da Pedra. Se não fora a honrada e bonacheirona fisionomia deste admirável Gacougnol, que mais de uma vez passaria por sacristão de Nossa Senhora das Paternidades, não se furtaria a tremer, um momento sequer, alguma hedionda mistificação.

— Senhor — disse por fim —, sou uma pobre rapariga e não sei exprimir-me convenientemente. Se pudesse ler no meu coração, sobretudo se conhecesse a minha vida, saberia o que eu sinto. Tinha tanto medo de si! Vim para aqui como vão as condenadas para o inferno. Perdoe-me o tê-lo aborrecido com a minha choradeira e se a minha triste figura lhe pode ser de préstimo, será para mim uma alegria! Sabe? Nunca ninguém me dirige uma palavra de bondade!

E de repente, sem que Gacougnol o pudesse prever ou impedir, ela tomou-lhe a mão e beijou-a.

O gesto era tão verdadeiro, tão gracioso, tão impressionante, que o digno Pelópidas, completamente desorientado, temeu por seu turno deixar-se ir num enternecimento pouco compatível com a serenidade de um Dominador de si mesmo e, bruscamente, retirou a feia patorra.

— Bom! Bom! Está bem. Nada de sentimentos, por favor, vamos mas é ao trabalho! Venha por aqui, aqui para a luz, para eu ver como fica. Levante os olhos e fixe-os naquela viga lá em cima por cima da sua cabeça... Sim... não está mal, está mesmo muito bem, mas que narizes de cera, meus amigos! Que chochice desencadeada! Haverá para aí quinhentos mil pares de olhos, em pintura, a contemplar a morada dos bem-aventurados! Que diabo poderei eu fazer que olhem os olhos de Santa Filomena? A mania das visões celestes é insuportável... E ainda por cima é difícil de pintar um tema semelhante, uma vez que nunca fomos espectadores de nenhum martírio! Deixa ver!

E se eu a pusesse a olhar para a multidão em ar de impetrar uma graça? Que estupidez! De resto não há maneira, uma vez que é crença geral que todos os cristãos lançados às feras desejaram ardentemente servir-lhes de alimento. Verdade seja que, imaginando-a ileso de temor, ainda tenho o recurso de a pôr a exortar o vulgacho ... Não faria nada de inédito, além de que as personagens que fazem discursos e assim são representadas não têm nada de irresistível ... Então, em que ficamos? Não há forma de escapar aos olhos revirados para o céu. Evidentemente, é o melhor que tenho a fazer ... Bem, e depois? Está de pé, como é bem de ver; não eram eles que lhe traziam bancos de assento. Está claro. Mas que vou eu fazer dos braços? Dos dois braços? Ó céus! ... É impossível cortá-los. Viriam logo perguntar-me se era o martírio da Vénus de Milo ... E se os atasse? Ou pô-los em cruz? Ou crucificá-los? Erguê-los ao céu? Sempre o céu! Que maçada ... Olha lá, minha pequena, mas afinal como é que tu te chamas?

— Clotilde, senhor, chamo-me Clotilde.

— Pois bem, a menina Clotilde, ou simplesmente a Clotilde, se dá licença, vai talvez dar-me uma ideia. Tenho de pintar uma menina que foi mártir, no momento em que vai ser comida pelos leões. Ponha-se no lugar dela. Que faria se estivesse *exactamente* no lugar dela? Atenção, porém, trata-se duma santa devorada tanto quanto possível pelo desejo de entrar no Paraíso, empunhando uma bela palma, e que não tem medo nenhum das bestiagas. Ora bem, que faria na iminência da última sapatada da fera?

Clotilde mal pôde conter um sorriso ao pensar na mãe, cuja infância o célebre martírio saturara. Sem disso ter consciência, o perpétuo horror dessa experiência de hipocrisia desdobrado no fundo de todas as cenas da sua vida tinha depositado nela um desejo extremo, uma necessidade faminta de simplicidade e de verdade. A sua resposta ingênua não se fez esperar.

— Palavra de honra, senhor Gacougnol, nunca me passou pela cabeça nada de semelhante. Mesmo quando eu era melhor do que sou agora, nunca pensei que Deus ia chamar-me a dar-Lhe glória dessa maneira. Todavia, o que me pedis parece-me coisa bem simples. Se eu fosse uma santa, como dizeis, uma dessas meninas generosas que amaram o Salvador acima de tudo o que existe no mundo,

e que tivesse de morrer triturada pelas feras, julgo, apesar de tudo, que teria muito medo. Só que estando certa de entrar, logo depois, na glória do meu Bem-Amado, pensaria que não seria difícil nem demorado o transe da morte e rogaria aos leões, em nome de Jesus, que não me fizessem sofrer muito tempo. Calculo que esses animais ferozes me compreenderiam, tanta fé poria eu nas minhas palavras. Não vos parece?

A alegria de Pelópidas foi enorme e manifestou-se incontida por gritos e piruetas.

— Querida Clotilde — lacrimjava ele —, é simplesmente arrebatadora e adoro-a. Eu não passo dum idiota, está a entender, um idiota à terceira potência. Nunca o que acaba de dizer me teria ocorrido. Graças a si vai-me sair das mãos qualquer coisa de acabado e limpo. Ora veja a minha flor, somos tão cretinos com os pincéis na mão que nunca nos pomos no verdadeiro ponto de vista. Não sabemos ser simples como seria bem, porque queremos ser espirituosos e queremos que as nossas ideias pataqueiras entrem no mealheiro do Bom Deus, e queremos levar as nossas cabeças de porcos, como santíssimos sacramentos da estupidez, quarenta passos adiante de nós, nas procissões dos imbecis! E isto é válido tanto para os mais parranas como para mim mesmo ... A sua ideia entusiasma-me e vou já tomar nota.

Dito isto, precipitou-se para um cartão, arpoou fogueiramente uma larga folha de papel que chantou sobre um cavalete e rompeu a desenhar a grandes traços, sem quebrar o monólogo.

— Já vai ver. Fique aí, minha pequena, que agora não preciso de modelo. Vou dar umas pinceladas neste negócio. E já vamos falar com esses leões, não se assuste ... Naturalmente, estamos em pleno circo romano ... Deste lado está a canalha, um pouco à distância. Há-de a ver tão pouco que não vale a pena falar dela ... Aqui d'assim, fica a menina, ou por melhor dizer Filomena com o Bom Deus que se não vê, mas cuja presença é preciso tornar sensível, a não ser eu um asno chapado ... à justa, quantos leões são precisos? Aí uns quarenta? Uma academia de leões! ... Não, decididamente não seria demasiado espirituoso. Quatro chegam. Faz pensar nas virtudes cardeais: justiça, prudência, fortaleza e temperança. Abrindo parên-

tesis, o meu conselho é que vos dirijais sobretudo à fortaleza quando fizerdes o vosso pequenino discurso. As outras não vêm aqui para nada ... A propósito de discurso, há sempre o inconveniente de fazer falar uma figura pintada com esta diabinha de boca aberta para o silêncio eterno, que será o desespero de nobres corações até à consumação dos séculos. Pior! Pintá-la-ei com a boca fechada. Hão-de ficar a pensar que a conversão acabou e, de resto, os leões não exigem que se lhes fale como se homens foram. É sobretudo com os olhos que eles escutam, coisa de que a besta humana é quase sempre incapaz. Bem, já se sabe ... Queremo-los enormes, não é verdade? Os leões de Daniel, por Vítor Hugo ... Não? Não os conhece? São leões que falam entre si, minha filha. Um deles fala até como um asno. Não importa! Têm espavento. Olhe, repare naquele. Tem ar de bom rapaz. Se lhe passasse a mão pela juba, talvez ele gostasse, o grande maroto. Experimentemos ... Olha, olha ... Esse pequenino gesto causa admiração às nossas Vestais. No fundo estou-me marimbando para essas sacerdotisas; sim, mas as vestais que assistem às inaugurações, essas vestais de borra, e lhes dá no goto para acharem gentil esse gesto? Oh diabo! Isso de modo nenhum! Resvalaríamos ao sentimentalismo. Busquemos outra coisa ...

De repente ergueu-se, cabelos em desalinho, sacudindo todo o Olimpo dos seus pensamentos.

— Mas, com seiscentos malheiros! — gritou ele. — Se eu nunca pinteí leões, nem sequer as tenho na retina, a essas feras. Olhe para aquele que no primeiro plano nos volta o rabo, salvo seja. Mais parece uma vaca, de olhos fechados. O que eu preciso é de os ir estudar no Jardim das Plantas ... Boa ideia! E se eu lá fosse hoje mesmo consigo? Gosto das coisas que se fazem mal se pensam. Está a bater meio-dia. De acordo, não é verdade? Vai comigo? Então vamos lá.

X

Cinco minutos depois estávamos na rua e Gacougnol alugava um fiacre.

— Para o Bon Bazar — gritou ele —, e sem perder tempo. Depois, esperou que Clotilde subisse e deixou-se abater ao lado dela, continuando a falar copiosamente enquanto rodava a carruagem.

— Antes de mais, minha filha, vai-me prometer que me deixa fazer tranquilamente o que me aprouver. Sou um animal que não gosta de ser contrariado. Veio a minha casa para se pôr às minhas ordens, suponho eu. Por consequência, o que deve é obedecer-me para ser bonita. Compreende que não posso levá-la comigo com esse vestido. Vamos então passar por um lojinha que há à beira do caminho e comprar lá qualquer coisa, nem que seja para atamancar. Descanse que não é presente nenhum. Não tenho o direito de lhe fazer presentes. É simplesmente uma contita adiantada das nossas sessões... Antes de mais, sabe?, eu não gosto de pobres; pobres, nem vê-los nem cheirá-los; a minha inspiração é de feitio decorativo e não faria coisa de jeito com um modelo para a cabeça que não estivesse vestido com decência... Depois, iremos almoçar aí a qualquer parte. Estou cheio de fome e a menina o mais certo está na mesma. Tudo faremos para nos não aborrecer... Olhe, faça-me o favor de não gastar duas horas na escolha dos vestidos. Saí com o fito nos animais distintos e não gostava de chegar atrasado. Quero tirar uma série de apontamentos...

Clotilde ver-se-ia em palpos de aranha se tivesse de responder. Gacognol desbobinava o seu palavreado sem pausa falando entre si. De resto, a infeliz a duras penas conceberia qualquer ideia. Encontrava-se em pleno sonho e não adregava a proferir qualquer palavra desde que o diabo do homem se apoderara, troando como chefe bárbaro, da sua vontade flexível.

Obedecia com simplicidade, seguindo o instinto dos seres profundos. A sua alma superior mandava-lhe que recebesse este presente incrível com a mesma doçura com que accitaria as desventuras.

Semelhante a todos os seres sofredores que julgam surpreender um sorriso na boca de bronze do seu destino, deliciosamente se entregava à ilusão de ter obtido essa graça.

Depois, pensar que ia enfim vestir-se sufocava-a, estrangulava-a, apertava-lhe o coração. Esquivar-se uma vez por todas dos farrapos odiosos em que até as mendigas haviam de cuspir! Não sentir sobre o corpo a saia hedionda que

a sujava, que a envilecia, com cuja proximidade murchariam as flores! — saia de tristeza e de ignomínia que o seu amante miserável lhe dera outrora e que ela usava unicamente por impossibilidade de a substituir.

Oh!, essa saia de um roxo vomitado de compota de pêssago, deslavada por chuvas de vinte invernos, comida por todos os sóis, calcinada por toda a lama, desfiada até à extinção do tecido e remendada, assim parecia, pela costureira das cicatrizes e das autópsias!... Atirar com ela fora, e, liberta, não mais a ver, arrojá-la, fugindo, em qualquer ribeiro sujo onde até os ajuntadores de esterco a refugariam!...

Seria possível que houvesse assim homens tão generosos?! Pois então de boa mente também ela iria ser modelo o tempo que fosse preciso; não seria por culpa dela se aquele artista não obrasse uma obra-prima, porque ela seria um modelo como nunca se tinha visto! Far-se-ia de pedra sob o olhar que a contemplasse.

Pois. Não havia dúvida..., mas o calçado, também precisava dele porque se via a caminhar com umas galochas!... E roupa branca! Se precisava dela, pois se via completamente nua sob os andrajos! E um *soutien*!, e um xaile!, e um chapéu! Tudo isso é preciso a uma mulher para se ver vestida convenientemente, como dissera o homem. Um despesão! Mas ele tinha dinheiro, oh se tinha!, muito dinheiro e não cifra para fazer as coisas a meio.

«Meu Deus! Mas só pensar que serei como aquelas que ali vão», dizia, enquanto olhava as burguesinhas que trotavam na Rua do Bac. «É para uma pessoa se tornar maluca.»

Parecia-lhe que por nada deste mundo sopraria palavra, com medo de deixar escoar algo da sua alegria.

Gacognol, ao ver que não lograva a atenção da sua companheira, pusera vasas ao monólogo em voz alta. Enfiara a mão na sua barba copiosa e olhava a pequena sorrindo.

«Pobre criatura!», dizia entre si. «Para ela sou Deus, neste momento, sou Deus Pai! Se a felicidade tivesse propriedades luminosas, a nossa carripa seria o carro do profeta Elias, porque dela se escoaria a mesma jubilação. Muita miséria deve ter passado, para ser tão fácil angariar-lhe o êxtase!... Cá por mim, já sabia que ia fazer de-

sabrochar a mulher da santinha de há bocadinho! Esse milagre vai-me custar uns cinco ou seis luíses quando muito. E não é caro, palavra de honra!... É curioso, ainda assim, o poder do dinheiro!... Todavia, meu velho, não te deixes embalar nas asas desta ideia. Evidentemente esta menina pobrete não é a primeira com que topo. É uma crisálida toda em pulgas para se transformar. E que mal há nisso? Obedece à sua natureza. Bom, e depois? A sua cara não mente. Nunca uma farsante, mesmo em esperança, poderia alegrar-se com tanta candura. Não deixaria logo de me dar a entender que tal presente lhe era devido e dar-me-ia logo em troco do meu zelo uma bela e sonora gargalhada a dizer-me que a sua dignidade andava à razão de juro. A prolongada infância desta menina já espigada é que me seduz, e é bem possível, ao fim e ao cabo, que o seu coração seja adorável. 'Quanto mais uma mulher é santa', dizia-me um dia Marchenoir, 'mais ela é mulher.' Deve ter razão, como sempre. Esta aqui, não será propriamente uma santa e certamente não será uma noviça. O mais certo é tê-la tomado e largado algum moçoilo sem vergonha ou algum trovista de café-concerto. A eterna história destas lamentáveis despassaradas! Mas também pode ser que o caracol tenha resvalado sobre ela sem ter deixado a baba suja de sua lembrança. Aliás, vou-me divertir com fazê-la falar durante o almoço e logo verei a cor de seus pensamentos.»

Nesta altura de suas reflexões, a traquitana parou diante da porta monumental do Templo da nossa verdadeira fé.

— Chegámos, minha filha — disse em voz alta o nosso Gacognol. — Desça, desça e não se demore por favor!

XI

As dúvidas que o honrado pintor por acaso albergasse ainda dissiparam-se durante o almoço.

A metamorfose fora tão rápida como maravilhosa. Pelópidas, que parecia estar no segredo das coisas, deu instruções especiais a uma modista da casa, e Clotilde, entre o medo e a alegria, desapareceu nos fundos do casarão.

Cinquenta minutos mais tarde, o caricaturista, que não se aborrecia nada neste lugar de peregrinações, via avançar

para ele uma jovem mulher toda perliquitetes, que não conheceu logo às primeiras e que lhe apertava docemente as duas mãos, em silêncio, com uma expressão sublime.

Clotilde era tão naturalmente, tão *simplesmente* superior à sua condição que o observador parisiense mais penetrante, mesmo prevenido, não descobriria o mais ligeiro indício que pudesse revelar uma transformação tão subitânea.

Gacognol, que maliciosamente se havia preparado para espiar os pontos de sutura, em vão o fizera, e sentira-se penetrado de um espanto deveras extraordinário.

E agora nesse café-restaurant do Boulevard Saint-Michel, onde o cocheiro os viera trazer, buscava ainda a explicação do milagre de uma distinção nativa cujo gérmen insuspeitado trazido na corrente misteriosa das descendências, atravessadas ligas bem impuras, acabara por se desenvolver nesta criatura deliciosa.

No vestido de Clotilde não brilhava de seguro fausto algum. Era o traje mais ordinário de uma destas trezentas mil mulheres que cirandam a pé nas ruas de Paris que conquistaram o universo sem ultrapassarem os *boulevards* da periferia da cidade. Traje negro da descarada sem remorsos ou da passante laboriosa, traje descrito em vinte mil romances e cujo preço orçaria pelo almoço de uma brejeirota Imperatriz das Índias.

Mas ela trazia esse arreio de guerra civil com a mesma graça natural que as libélulas trazem o seu corselete de turquesa e ouro. Seu busto aprumara-se. A armadura imperiosa do vestido feminino relevava agora o seu busto e impelia para o alto a cabeça cheia de cuidados que as mãos penitentes da Pobreza haviam curvado durante tanto tempo.

O pintor-crítico, no auge do assombro, assestava em vão todo o seu poder de análise; não encontrava sombra do mais venial desvio de discordância ou tropeço nas atitudes e maneiras.

Nem a temível prova do almoço forneceu qualquer resultado desencantador. Quis ver se ela levantava o dedo mendinho da mão direita ao levar o copo aos lábios. Não, não o levantava. Notou ainda que ela não precisava de esconder metade do rosto no guardanapo ao falar com o criado de mesa, nem recorria a um pico de tosse melo-

diosa ao partir o pão. Não se esvaía em exclamações para a novidade das iguarias, limitando-se a pedir com ingenuidade, e sem insistir, as indispensáveis explicações, sem recorrer a desculpas de ter fome e de ter sede, ambas caninas, como era bem que as tivesse uma robusta rapariga cuja fraqueza actual era sobretudo consequência de muitos anos de privações e de negros pesares.

Enfim, tudo nela evocava a imagem duma águia nova criada até agora em lugares obscuros e que se acomodava logo no céu, *seu* natural elemento.

Tanto na sua palavra como no rosto espelhava-se uma impressão de repatriamento e de renovação.

Dizia as mesmas coisas que lhe aconteceria dizer umas horas antes, prisioneira que se encontrava no mesmo círculo de ideias pálidas, inscritas num polígono de trevas. Mas dizia-as com uma voz mais firme, que os imbecis acoimariam logo de ambiciosa, pela simples razão de levar o timbre de uma humildade profunda.

Não revessava menor encanto a sua fisionomia cheia de doçura, e os seus olhos sublimes tinham sempre a sua intraduzível expressão, uma expressão de *depois da tormenta*, mas o sorriso era apenas um nadinha menos doloroso.

Via-se que uma imensa pena persistia no fundo da sua alegria que talvez ia ter a duração de um dia e era construída com a ilusão de uma ilusão, como os castelos feitos de sabão das crianças filhas de pobres.

Todavia, a excelente refeição que lhe dava Gacougnol e, mais ainda, o vinho de estalo, um Borgonha, que ele mandara vir para a mesa, dissiparam ou recalçaram até ao fundo da negra maranha dos seus cabelos a nuvem movernça do seu tormento.

— Querida Clotilde — remontou-se a dizer Gacougnol —, os antigos judeus tinham um nome para cada um dos dois crepúsculos. O da manhã chamava-se o crepúsculo da Pomba, o da tarde o crepúsculo do Corvo. O seu rosto de melancolia dá-me a pensar neste último... Vou fazer uma experiência consigo. Imagine por um instante que eu sou um seu velho amigo que se tinha perdido sem esperança de retorno, mas que no fim de contas teve a alegria de reencontrar, há-de haver duas horas. Imagine mesmo, se o preferir, que eu sou, quem sabe?, o homem providencial,

A MULHER POBRE

o instrumento designado para transformar a sua existência, da mesma maneira que a fiz mudar de fato, ou por outra forma que me não ocorre, e conte-me a história da sua vida. Dolorosa será, não o duvido, mas calculo que não será muito complicada nem muito longa; temos ainda tempo de ir ao Jardim das Plantas. Será pedir muito?... Compreende, minha filha, que preciso de a conhecer melhor. Só lhe sei o nome e é de modo muito confuso que entrevejo a sua situação... Houve tempo em que me divertia, como tantos outros, em mandar contar a sua história a umas pobres diabelhas que me encharcavam dos maiores embustes, julgando-me um parrana qualquer, sem lhes passar pela cabeça que o que eu fazia era precisamente estudar a sua maneira de mentir... Consigo, Clotilde, não há-de ser assim. Sinto que não há-de mentir e acredito desde já. Se houver alguma circunstância que não queira ou não deva dizer, por favor, não a distorça com outro raconto. Semeia umas reticências e adiante. Estamos de acordo?

E envolveu num olhar ávido esta Mulher Singular inédita na sua experiência.

Clotilde escutara-o com uma emoção que lhe fazia bater as artérias. Primeiro, uma aspiração brusca entreabriu-lhe a boca, como se uma visão passasse por diante dela, depois um fuminho róseo dir-se-ia flutuar um instante sobre o seu rosto e agora ela fitava Gacougnol com um modo tão verdadeiro, de tal candura, que um raio de lua dir-se-ia poder descer até ao seu coração.

— Estava a pensar — respondeu simplesmente.

Depois, esvaziando de um trago a pequenina taca de velho Corton e pondo o guardanapo sobre a mesa depois de ter limpado os lábios, levantou-se e veio sentar-se no divã roxo ao lado do pintor, que a colocara diante dele, em plena luz, para a estudar à sua vontade.

— Eu creio, senhor — disse ela gravemente —, que, com efeito, surgistes no meu caminho por vontade divina. Creio-o profundamente. Estou certa também que ninguém sabe *jamaiz* o que faz, nem porque o faz, e não sei mesmo se alguém pode dizer, sem temor de errar, *aquilo que é* com exactidão. Falais-me de um amigo, «de um velho amigo», que eu teria perdido e reencontrado em si. Essa palavra chegou-me bem ao fundo da alma, posso dizê-lo. Julgue por si, porque vou falar como deseja que eu fale,

A MULHER POBRE

como falaria a esse ausente que tanto me fizestes lembrar esta manhã logo que vi que sentíeis compaixão da minha pena. Vou dizer tudo tintim por tintim ... Se tiver vergonha — disse com voz alterada —, pior para mim!

Então, sem mais preâmbulos, sem qualquer lirismo elegíaco e sem desvio, sem atenuações nem apologias, contou a sua vida desflorada, nesse ponto semelhante à de mil vidas.

— A minha existência é um campo triste onde sempre chove ... — O seu comparsa não pensava já em observá-la. Dominado por uma simplicidade desconhecida, saboreava em silêncio, no cantinho da sua alma que ele mais ignorava, a mágica e paradoxal suavidade desta candura sem inocência.

Pela primeira vez, quiçá, perguntava para que lhe servira ter sido tão malicioso e ter desperdiçado alvarmente a vida nas experimentações e sondagens mais ambiciosas, para acabar por descobrir à flor do passeio público, no carreiro da via banal, esta fonte de cristal que tão bem cantava a sua fresca lamentação.

— ... As palavras desse Missionário — dizia ela — foram para mim como aves-do-paraíso que fizeram o seu ninho no meu coração ...

Sem querer e sem o saber, toda ela gotejava estas imagens familiares, tão frequentes nos escritores místicos. O leve tecido da sua linguagem, que deixava ver as formas puras do seu pensamento, pouco mais era que a contínua lembrança das humildes coisas da natureza que ela pudera entrever.

Esta Pintora Primitiva pintava-se ingenuamente a si mesma com as poucas cores de que podia lançar mão, sem respeito às leis da perspectiva e aos diferentes planos, sem medo de fazer avançar monstruosamente um horizonte ou de esborratar um vulcão negro com pontos de luz. Mas sempre nos surgia minúscula, longínqua, obnubilada, como que exilada do seu próprio drama — errante e perdida nos sulcos negros, com uma lâmpada bruxuleante na mãozinha.

Por vezes, todavia, tinha palavras estranhas que rasgavam como relâmpagos o pano de fundo da sua alma: — Procurei o amor como os mendigos buscam as víboras! Quando bati no senhor Chapuis, tinha a impressão que me nascia um carvalho no coração!... — E era tudo. A transparente ribeira continuava a correr através das bocagens de macieiras ou das clareiras perigosas do seu relato.

Nada foi omitido. A sua queda vulgar contou-a sem desculpas, com todas as circunstâncias que a poderiam fazer detestável. Disse da mãe aquilo que ela era, sem amargor nem ressentimento, indo até lembrar duas ou três ocasiões já remotas em que essa bruxa parecera amá-la sem cálculos egoístas.

Enfim, inundou da mais insólita poesia o seu ouvinte, que acabou por ver nela uma incrível virtuose da Renúncia cristã.

— Agora — disse ela rematando —, sabe tudo o que quis saber. Mais verdadeira nem que fosse o próprio Deus a interrogar-me ... Para que nada falte à minha confissão, ainda acrescento o seguinte: quando, na carruagem que nos trouxe, me disse que me ia vestir, após quase me ter feito morrer de vergonha dizendo-me exactamente o contrário, uma meia hora antes, asseguro-lhe que perdi completamente a cabeça, por excesso de alegria. Tive como um deslumbramento de loucura e de crueldade. Íamos de carreira. Quisera todavia que o cocheiro flagelasse o pobre cavalo para ir mais depressa ainda ... Realizado porém o sonho, estou mais calma e espero que me ache em plena sensatez.

Gacognol fez um sinal para lhe trazerem a conta, depois, despedindo o homem bem gorjeteado, voltou-se para Clotilde e, estendendo-lhe a mão honrada que ela apertou logo, falou assim:

— Minha filha, ou antes menina, por uma vez, porque começo a encontrar-me um pouco ridículo de ser tão paternal ou tão familiar, tenho conhecido damas de alto topete a quem de boa mente mandaria os farrapos que a cobriam esta manhã. A sua confiança deu-me uma estima por si que é sem limites; e ao mesmo tempo um extremo prazer que não está em si compreendê-lo, porque a estive a ouvir como *artista* e querem alguns dizer que eu sou um ouvinte difícil de contentar. Sou pouco atreito a sacrificar a minha curiosidade. Todavia, como ela decerto a fez sofrer, rogo-lhe que me desculpe ... Nem mais uma palavra, não seja caso que nos tranquem as feras lá no Jardim.

Já em cima do carro, o infatigável falador ia agora silencioso. Olhava para Clotilde com uma espécie de respeito vago a que se misturava uma evidente perplexidade. Por duas ou três vezes, ainda abriu a boca para dizer qual-

A MULHER POBRE

quer coisa, mas de imediato a fechou, como se fora a porta de um lugar infecto, e não proferiu uma sílaba.

A donzela, atenta ao movimento da rua, observava a consigna do perfeito silêncio; chegaram assim cheios como duas ânforas de seus pensamentos ao gradeamento do Jardim das Plantas.

XII

Desembaraçando-se do cocheiro, seguiram na direcção que lhes parecia ser a do pavilhão das feras graúdas. Mas tanto um como o outro conheciam mal este Jardim célebre, que só os parisienses das cercanias e os forasteiros frequentam, e por isso extraviaram-se.

Enquanto seguiam a pé, Clotilde admirou as zebras e os antílopes, quedando-se mesmo a contemplá-los amorosamente.

— Gosta de animais? — perguntou o pintor vendo-a acariciar um destes seres encantadores cujos olhos tinham semelhanças com os dela.

— Amo-os de todo o coração — respondeu ela; — quizerá poder cuidar deles e viver junto deles numa dessas casas maravilhosas que fizeram para eles. Ser-me-ia bem mais grata a sua vizinhança que a do senhor Chapuis.

Este nome tocou num ponto sensível de Gacougnol, o qual se preparava, via-se, para dizer algo de solene, quando alguém pôs a mão num gesto familiar sobre o seu ombro.

— Olha, olha, quem aqui vem! Olá, Marchenoir! — exclamou, revirando-se. — Ainda agora mesmo estava a pensar em ti. Porque cargas de água te encontras tu aqui?

— Venho aqui quase todos os dias — replicou o recém-vindo. — E vocês, que bons ventos vos trazem por cá? Pasma de vos ver nestas arribas ...

Neste instante, os olhos caíram-lhe sobre Clotilde e volveram-se levemente interrogativos. Gacougnol interveio de contínuo.

— Querida Clotilde, permita que lhe apresente um dos nossos escritores mais temíveis, Caim Marchenoir. Chama-mos-lhe, entre nós, o grande inquisidor de França. Caim, encomendo à tua admiração a Menina Clotilde ... Maréchal, uma amiga que encontrei esta manhã, mas que devo

ter conhecido pelo Ano Mil, numa anterior peregrinação. É a poetisa da Humildade.

Marchenoir inclinou-se profundamente e disse a Clotilde:

— Olhe, menina, se o meu amigo não caça de mim, a menina é o que há de maior no mundo.

— Então é porque caça mesmo, não tenha dúvida — respondeu ela rindo —, e admiro-me, porque o seu nome é de meter medo ... Caim? ... — acrescentou, numa espécie de espanto sonhador. — Não é possível que seja o seu nome verdadeiro.

— A minha mãe deu-me no baptismo o nome de José Maria, mas o nome Caim figura realmente no registo municipal, por vontade formal de meu pai. Assino Caim quando faco guerra aos fraticidas e sou José Maria para falar com Deus ... Quer-me elucidar, meu caro Gacougnol, sobre este giro pelo Jardim das Plantas?

— Venho aqui por causa dos leões — disse por seu turno o interpelado. — Tenho de fazer alguns esboços e ando precisamente à cata do fojo deles.

— Se assim é, dá graças por me teres encontrado, porque vejo que andais às escuras e perderiam seguramente a meia hora de dia que lhes resta. Neste momento, os animais ferozes não os deixam ver à multidão. Mas eu vou levá-los à casota deles. Sabem, é como se fosse um pouco a minha casa.

Alguns minutos depois, Marchenoir, vibrando três golpes maçónicos na porta do «palácio», entrava com os seus companheiros na galeria interior onde as feras acabavam de estraçalhar a refeição da tarde.

— Aí tens os leões; saca das tintas e tira-lhes o retrato à vontade. O tratador, além, em trajo de ordenança, fará que não vos vê aí durante meia hora. Acabo de tratar disso. É claro que espera que ao sairdes lhe pingue ao bolso uma gorjetelha. Vou falar um pouco aqui com a menina.

Afastando-se então de Pelópidas, que havia já tirado um cadernão de folhas, alongou-se com Clotilde para certa distância e pô-la diante de um tigre soberbo, mandado, havia pouco, pelo governador da Cochinchina.

Estavam a dois passos da fera; separava-os tão-só um gradeado estendido por diante da jaula formidável.

— Não tenha medo — disse ele à companheira, que

acusava um leve tremor —, ele não chega cá, e de resto este tigre é meu amigo. Está aqui vai para três semanas e quase se não passa um dia sem que eu o venha ver e consolar. As nossas conversas? Faz-se o que se pode. Não me gabo de falar a língua dos tigres sem erros, mas faço-me entender. Repare já no acolhimento que ele nos faz!

O tigre primeiro ergueu seu enorme arcaboço contra os ferros e pareceu acalmar-se ao ouvir o seu visitante. Descaiu sobre as patas traseiras e foi calando o poderoso rumor das suas cordas vocais; pôs-se a percorrer a jaula de uma à outra extremidade, caminhando de maneira a não perder de vista Marchenoir; fitava-o com seus olhos de avaro desconfiado, peculiares a esta raça de felinos, e que lhes tem valido, em grande parte, a sua excepcional reputação de crueldade.

Por fim, a um olhar mais imperativo do tratador, virou as costas e estendeu-se a todo o comprimento, adossado ao rés da grade. Então, em despeito do inexprimível terror de Clotilde, que nem sequer pôde soltar um grito, Marchenoir, inclinado sobre a barreira móvel, passou a mão pelo lombo da fera formidável, que se estirou voluptuosamente debaixo da carícia, exalando um rugido prolongado que fez estremecer todas as paredes.

— Está a ver, menina — disse ele depois de ter acabado a gentileza —, muita calúnia desaba sobre estas criaturas admiráveis; com o meu perdão podem elas contar de se enraivecerem contra a prisão ignóbil. Julga que este pobre tigre é assim tão aterrador? Estava ele na sua bela floresta da Índia, há escassos meses, e agora sente-se morrer de frio e de pena sob os olhos da canalha. Por isso é que eu e ele nos entendemos. Qualquer coisa o põe de sobreaviso, sem dúvida, que eu não sou menos triste e menos exilado do que ele. Mas temos ainda outras afinidades. O nome difamado da sua raça diz com o de Caim, que me exorna a meu pesar, e o meu outro nome, José, não alude à bela túnica listrada do patriarca-menino de que vedes aí revestido esse cativo? Não saberia dizer-lhe a que ponto me sinto solidário com a maior parte dos animais que aqui estão encerrados e que me parecem, na verdade, bem mais perto de mim do que muitos homens. Não há aí um só que me não tenha prestado socorro nas angústias do coração e do espírito. Pouca gente adverte que os animais são tão

misteriosos como o homem e passa-se em claro profundamente que a sua história é uma *Escritura* em imagens, onde reside o Segredo divino. Mas nenhum génio apareceu ainda aí, e já lá vão seis mil anos, para decifrar o alfabeto simbólico da Criação ...

Seria ocioso repetir aqui a descrição deste estranho Marchenoir, longamente feita noutro livro¹. A ignorante Clotilde porém, que o via pela primeira vez, pasmava de um homem que parecia falar do fundo de um vulcão e falava tu-cá tu-lá com o Infinito nas conversações mais ordinárias.

A instrução rudimentar da jovem e, sobretudo, a horrível aridez intelectual dos que a rodeavam davam-lhe escassa preparação para entender as extravagâncias por vezes inauditas deste contemplador nostálgico que tinha apercepções retroactivas bem desconcertantes.

Todavia, a rectidão do seu espírito punha-a de sobreaviso de que estava ali uma presença intelectual que cumpria não desprezar. Instintivamente, cobrava tento da profundura e da grandeza e, com uma ligeira compreensão, apenas ele sentiu de imediato a alegria de uma pobreza amarfanhada que se apoiasse sem o saber no muro dum forno senhorial onde estivesse a cozer o pão dos mendigos.

— A Criação! — fez ela. — Eu sei que o espírito humano a não pode compreender. Até mesmo já ouvi dizer que nenhum homem pode compreender até ao fundo coisíssima nenhuma. Mas, senhor, no meio de tantos mistérios, há um sobretudo que me confunde e desanima. Ponhamos, por exemplo, uma bela criatura, inocente, não obstante a sua ferocidade, posto que é privada de razão. Porque há-de ser, ao mesmo tempo, privada da liberdade? Porque hão-de sofrer os animais? Tenho visto muita vez tratar mal os animais e pergunto-me como é que Deus pode suportar esta injustiça exercida sobre pobres seres que não mereceram, como nós, o seu castigo.

— Ah!, minha menina, teríamos de procurar primeiro onde estão os *limites* do homem. Os zoólogos que fazem as suas pequeninas catalogações a dois passos daqui dir-lhe-iam com toda a exactidão as particularidades naturais que

¹ *O Desesperado*, «Clássicos do Romance Contemporâneo» n.º 20, Editora Ulisseia, Lisboa, 1974. (N. do E.)

distinguem de todas as espécies inferiores o animal humano. Dir-vos-iam que é absolutamente essencial ter apenas dois pés ou duas mãos e que, ao nascer, não se tragam nem penas nem escamas. Mas isso não seria a explicação de estar aí prisioneiro esse tigre. Seria preciso saber o que Deus não revelou a ninguém, a saber, qual a parte deste felino na universal repartição das solidariedades da Queda. Quiçá lhe ensinaram, quanto mais não fosse no catecismo, que ao criar o homem Deus lhe deu o domínio sobre os animais. Lembra-se que Adão, por seu turno, deu um nome a cada um dos animais, e assim de certo modo os criou à imagem da sua razão, como ele fora formado à semelhança de Deus, porque o nome de um ser é esse mesmo ser. O nosso primeiro antepassado, dando nome aos animais, apossou-se deles de uma maneira inexprimível. Não somente os sujeitou como um imperador. Penetrou-os da sua essência de homem. Fixou-os, cosendo-os a si para sempre, associando-os ao seu equilíbrio e imiscuindo-os no seu destino. Porque querer que os animais que nos rodeiam não estivessem cativos, se a raça humana é sete vezes mais cativa? Tudo havia de cair à mesma plana a que o homem caiu. Diz-se que os animais se revoltaram contra o homem, ao mesmo tempo que o homem se revoltava contra Deus. Piedosa retórica sem profundidade. Estas jaulas só são tenebrosas porque estão colocadas logo abaixo da Jaula humana para que apontam e que as esmaga. Mas, cativos ou não, selvagens ou domésticos, longe ou perto do seu miserável sultão, os animais são forçados a sofrer sujeitos a ele, por causa dele e, por consequência, *para* ele. Mas à distância, arcam com a invencível lei e devoram-se entre si — como nós, afinal — nas solidões, a pretexto de serem carniceiros. A massa enorme dos seus sofrimentos faz parte do nosso resgate e ao longo da escala animal, desde o homem à última bestiaga, a Dor universal é uma idêntica propiciação.

— Se o estou a seguir, senhor Marchenoir — disse Clotilde hesitando —, os sofrimentos dos animais são justos e queridos por Deus, que os teria condenado a levar um triste fardo, parte do nosso. Como é que isso pode ser se eles morrem sem esperança?

— Porque é que eles existiriam então, e como poderíamos dizer que eles sofrem se não sofressem *em nós*? Nada

sabemos, minha menina, absolutamente nada, senão que as criaturas irracionais ou dotadas de razão não podem sofrer a desbanda da vontade de Deus, e por consequência da sua Justiça ... Já terá observado que o animal dolente é ordinariamente o reflexo do homem sofredor a quem acompanha? Em qualquer lugar da Terra, estamos certos de encontrar um escravo triste seguido de um animal desolado. O angélico cãozinho do Pobre, por exemplo, de que tanto têm abusado as guitarras romanescas, não lhe parece uma vera representação da sua alma, uma perspectiva dolorosa dos seus pensamentos, qualquer coisa, enfim, como a miragem exterior da consciência do desgraçado? Quando vemos sofrer um animal, a piedade que sentimos só é viva porque atinge em nós o pressentimento da Libertação. Julgamos sentir, como dizia há pouco, que esta criatura sofre sem o ter merecido, sem compensação de qualquer espécie, pois não pode esperar outro bem para lá da vida presente e como que esbarramos numa injustiça atroz. Cumpre-nos entender que ela sofre *por nós*, os Imortais, se não queremos fazer de Deus um absurdo. É Ele quem dá a Dor, porque só Ele pode dar alguma coisa e a Dor é tão santa que idealiza ou magnifica os seres mais miseráveis! Mas nós somos tão levianos e duros que carecemos das mais terríveis advertências do infortúnio para nos apercebermos. O género humano parece ter esquecido que tudo o que é capaz de sofrer desde o começo do mundo lhe pode pedir contas de sessenta séculos de angústias, e que a sua desobediência destruiu a felicidade precária destas criaturas desprezadas pela sua arrogância de animal divino. Repito, não seria para estranhar que a paciência eterna destes inocentes não tivesse sido calculada por uma infalível Sabedoria, em vista a contrapesar, nas mais secretas balanças do Senhor, a inquietude bárbara da humanidade?

A voz deste advogado dos tigres tornara-se vibrante e soberba. As bestas feras olhavam para ele com curiosidade de todos os pontos da galeria sombria e o velho urso canadense também deu um minuto de atenção.

Clotilde, profundamente admirada, entregava toda a sua alma a esta palavra que não se parecia em nada com que o que ouvira até à data. Era toda ouvidos, incapaz de uma objecção, configurando, como podia, o seu pensamento com o pensamento deste patético demonstrador.

Todavia, não se teve que não arriscasse:

— Parece-me, senhor, que nem sempre o hão-de compreender, porque as suas palavras vão mais longe que as ideias ordinárias. O que dizeis parece vir de um mundo estranho onde ninguém pôs sapato. A duras penas o sigo, e deixe-me confessar que o ponto essencial continua em trevas para mim. Dizeis que os animais partilham o destino do homem que os arrastou na queda! De acordo. Acrescentais que, privados de consciência de si, não haviam de sofrer porque não podiam desobedecer, mas que sofrem necessariamente por nossa causa *e para nós*. Isso é que eu entendo menos, por mais que engrile. Todavia posso ainda admiti-lo como um mistério que nada tem de revoltante para a minha razão. Vejo bem que a dor jamais pode ser inútil. Mas, pelo amor de Deus!, não deve aproveitar ao ser que sofre? O sacrifício, mesmo involuntário, não deve atrair alguma compensação?

— Numa palavra, o que quer saber é qual é a sua recompensa ou o seu salário. Se eu o soubesse para vo-lo dizer, seria Deus, minha menina, porque saberia então o que os animais são em si mesmos e não somente com relação ao homem. Não reparou já que não podemos perceber os seres ou as coisas senão nas suas relações com outros seres ou outras coisas, e nunca no seu fundo e na sua essência? Não há na terra um só homem que tenha o direito de pronunciar com toda a segurança que uma forma discernível é indelével e arrasta consigo o carácter de eternidade. Somos «dormentes» segundo a Palavra sagrada, e o mundo exterior está nos nossos sonhos como «um enigma num espelho». Só entenderemos «este gemente universo» quando todas as coisas ocultas nos forem reveladas, na realização da promessa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Até lá, cumpre-nos aceitar com uma ignorância de cordeiros o espectáculo universal das imolações, confessando que se a Dor não andasse envolvida em mistério não teria força nem beleza para recrutar mártires e não mereceria ser suportada pelos animais.

«A propósito, gostaria de lhe contar uma singular história, uma história bem singular e bem triste. Mas vejo Gacougnol a acenar-nos além. Se ele me quiser prestar a atenção que a menina me tem dado, cuido que será proveitoso a mim mesmo o contá-la.

— Moço! Um madeira e dois absintos! — mandou Gacougnol, que acabava de se instalar com Clotilde e Marchenoir num café próximo da grande entrada para o Jardim.

A noite súbita de Dezembro caíra já sobre os animais e os homens; decidiram os visitantes sentar-se neste lugar banal para ouvir o conto de Marchenoir.

— Antes de mais — disse ainda o pintor —, dêem-me licença que escreva algumas palavras. Olha, meu rapaz, a dois passos daqui há uma cabina telegráfica. Vá-me lá levar um telegrama. Vá num pé e venha noutro. Mas antes tem de me arranjar papel.

Resguardando a folha com a mão esquerda, escreveu rapidamente estas palavras: «Clotilde não regressa. *Gacougnol*.» O telegrama, dirigido à «Senhora Chapuis», foi levado num abrir e fechar de olhos.

— Agora, sou todo ouvidos. Sabes, Marchenoir, que és quase o único dos nossos contemporâneos que eu posso ouvir longamente sem me aborrecer. Mesmo quando te não entendo até à última vírgula, sinto a força que te impele, e é quanto basta para me sentir feliz e à escuta.

— Caro Gacougnol — replicou Marchenoir —, não sejas lisonjeiro, peço-te, nem te arrebiques com lisonja. Vou falar sobretudo para esta menina. — E olhando para Clotilde: — Não sei se o nome, uma história, assenta com exactitude ao que lhe vou dizer. Diria antes uma lenbrança de viagem, uma impressão antiga que me mordeu viva e profundamente o que tenho para lhe dizer. Há-de ver que é uma sequência da nossa conversação sobre os animais.

«Certamente já ouviu falar de La Salette, da peregrinação de Nossa Senhora de La Salette. Sabe que faz brevemente meio século que a Virgem Maria apareceu nessa montanha a duas pobres crianças. Naturalmente, tudo fizeram para arrastar no ridículo e na calúnia esse acontecimento prodigioso. Não é este o momento para vos expor as razões de ordem superior que me forçam a encará-lo como a mais esmagadora manifestação divina depois da Transfiguração do Senhor — que Rafael, com a sua imaginação de decorador profano, escassamente compreendeu ... Apanha lá esta, Pelópidas.

— Estou a compreender — disse o outro. — Mas ... não sou nenhum fanático de Rafael. Admiro nele tudo o que quiserem, salvo o artista religioso. A sua única Madona tolerável é a de Dresde, e mesmo essa não passa de uma menina bem comportada. Quanto à *Transfiguração*, formulo esta humílima pergunta: há trezentos e cinquenta anos que existe essa pintura; pois eu pergunto se já houve um único homem que alguma vez *rezasse* diante dessa imagem? À vista desses três ginastas anafados que se alçam simetricamente sobre o trampolim das nuvens, declaro que me seria completamente impossível bichanar a mais pequena oração.

— Sabeis porquê? — continuou Marchenoir. — É que Rafael, contornando o Evangelho, que não diz sobre isso uma só palavra, aferrou-se a fazer *planar* no espaço os seus três personagens, cedendo a uma pintureiresca tradição de êxtase, infinitamente deslocada na circunstância. O antepassado famoso da nossa devocionice sulpiciania, que folheava mais vezes os lençóis da sua padeira que as páginas do Livro Santo, não compreendeu que era absolutamente indispensável que os Pés de Jesus tocassem o solo para que a sua *Transfiguração* fosse terrestre e para que a palavra de Simão Pedro oferecendo os três tabernáculos não fosse um absurdo. Falais da oração, ah!, é isso, aí é que está o ponto. Uma obra de arte pretensamente religiosa que não inspira a oração é tão monstruosa como uma bela mulher que não escandece ninguém. Se não andássemos apalermados pelas consignas das administrações tradicionais, não vingariamos, que digo eu?, a imaginar, ficaríamos era aterrados com uma Madona ou com um Cristo que imediatamente nos não pusesse com os dois joelhos em terra.

«Mas eis aqui o castigo mais terrível que se podia imaginar. Os sublimes imaginários da Idade Média pediam muita vez no rodapé das suas obras, muito humildemente, que rezassem por eles, esperando assim ser associados ao balbucio dos êxtases que as suas ingénuas representações excitavam. Ao invés, a alma desolada de Rafael flutua em vão, há três séculos, por diante das suas telas que dizem imortais. A horda das gerações que o admiram não o agraciará com outra esmola que não seja o inútil sufrágio que ele pediu. Talvez, um dia, seja permitido afirmar que a pintura dita religiosa dos Renascentistas não foi menos funesta ao Cristianismo que o próprio Lutero; e eu espero o poeta *clarivi-*

dente que cante o 'Paraíso Perdido' da nossa inocência estética. Fechemos este parêntesis e voltemos ao nosso assunto.

«Tocou-me fazer um dia a peregrinação a La Salette. Quis ver essa montanha gloriosa que os Pés da Rainha dos Profetas tocaram e onde o Espírito Santo proferiu pela sua Boca o cântico mais formidável que os homens já ouviram depois do *Magnificat*. Subi a esse abismo de luz, num dia de tempestade, sob cordas de chuva furiosa, na violência dos ventos enraivecidos, no furacão da minha esperança e no turbilhão dos meus pensamentos, ouvidos mudos com o fragor da corrente... Espero não morrer sem fixar nalgum livro de amor a lembrança sobre-humana dessa escalada em que eu oferecia toda a minha alma a Deus mas com mil mãos que o meu desejo fazia vibrar... Posso ter cinginhado, vinte anos haverá, nas imundícies de Paris, não viço descobrir de que amálgamas de resíduos sebáceos, de que varreduras excrementícias escorridas para os mais fétidos vomitórios puderam ser argamassados os imundos filhos de burgueses que se deram por escandalizados com o acontecimento de La Salette e se deram a inventar um chorrilho de torpezas a fim de o desacreditarem. Mas posso testemunhar que no próprio lugar onde o Espírito temeroso se manifestou senti a comoção mais indubitável, o choque mais fulminante que pode esmagar um homem. A fé de quem sou, ainda agora estremeço.

— Com efeito — disse Gacougnol —, se te queres referir, como suponho, a uma carícia do alto, deve ter sido feita com os cinco dedos da mão divina, porque tu és uma espécie de rinoceronte a que não é fácil ir ao pêlo. Depois, se não mente quem me informou, deves andar farto até ao gasnete de emoções ordinárias...

— Sim... deveria andar. Essa viagem a La Salette dava-se pouco tempo depois da morte inexplicável do meu filhito André...

Aqui, a voz do narrador como que se estrangulou. Clotilde, que havia uma hora concentrara a sua vida neste desconhecido cuja palavra agia sobre ela com um poder inaudito, involuntariamente, estendeu a mão, como se tivesse visto cair uma criança. Mas o gesto foi reprimido por outro de Marchenoir, a que se seguiu uma vibrante chamada ao criado, feita com percutir o pires contra a mesa de mármore.

— Amigo! — gritou. — Encha isto outra vez ... Adiante. Estais a ver em que lindo estado de alma eu me encontrava. Tinha vindo sobre conselho antigo de um sublime sacerdote falecido havia anos, o qual me dissera: «Quando pensar que Deus o abandona, vá queixar-se a Sua Mãe nessa montanha.» «*Turris Davidica!*», pensava eu. Precisava de nada menos que «dos mil escudos suspensos e de toda a armadura dos fortes» de que falou Salomão. Nunca me poderia ver melhor couraçado contra o meu tormento aterrador. E eis que logo no caminho a que me fizera não obstante a tempestade e os conselhos em contra, eu me sentia infavelmente transportado!

«Que quereis que vos diga? Quando cheguei ao cimo e dei com os olhos na mãe sentada num rochedo, de mãos na face e a chorar junto à fontainha que parece brotar-lhe dos olhos, num arremesso fui cair ao pé das grades e desatei a chorar e a soluçar, pedindo misericórdia à que foi chamada *Omnipotentia supplex*. Quanto durou esta prostração, esta inundação do Cocito? Não sei. Ao chegar, o crepúsculo acusava-se apenas; quando me levantei, tão fraco como um centenário convalescente, a noite cerrara de todo e cuidei ver todas as minhas lágrimas a fulgurar no escuro dos céus, porque parecia que as minhas raízes se haviam voltado todas para o alto.

«Que divina impressão não foi essa, meus amigos. À minha volta, o silêncio humano. Nenhum ruído. Só o chalar da fonte miraculosa, a uníssonos com a música do Paraíso que soltavam todos os ribeiros da montanha e por vezes também, lá muito ao longe, os claros chocadilhos de alguns rebanhos. Nem sei mesmo como vos diga isto. Eu era como um homem sem pecado que acaba de morrer, de tal forma a dor me abandonara! Abrasava-me a alegria dos «ladroes do céu», de que falou o nosso Salvador Jesus. Um anjo, sem dúvida, um pacientíssimo serafim tinha arrancado de mim, fio a fio, toda a talagarça do meu desespero e quando fui bater à porta do mosteiro onde se albergam os peregrinos eu exultava na embriaguez da Loucura santa.

Marchenoir, esse perpétuo vencido da vida, recebera o irónico privilégio de uma eloquência de triunfador. Não era apenas um desses Arrebatadores evangélicos lembrados por ele, a quem não resistem as Legiões Celestiais. Era também, e mais ainda, um desses Mansos a quem a Terra foi concedida.

Fosse qual fosse o lance do seu discurso, e o objecto de que se occupasse, consideravam geralmente como uma coisa difícil de resistir este novo Juiz de Israel, que combatia os seus combates servindo-se das duas mãos. Ao primeiro golpe, os corações rendiam-se-lhe.

A imagem constante brotava-lhe sem esforço, dava-lhe a voz recorte, bem como a sua attitude de permanente seriedade, enquanto que um vigor espontâneo e sem esforço desbaratava todas as defesas.

Como a maioria dos grandes oradores, surgia em pleno conflito, agigantado pela cólera entre inimigos invisíveis, e todo o tempo falava, via-se a sua alma aos bordos dentro dele, como veríamos uma excelsa Infanta prisioneira vir colar a face aos vitrais dum Escurial incendiado.

Clotilde, extasiada, pensava no pregador irresistível que ele poderia ser, e Pelópidas, confuso, contemplava-o como um fresco muito antigo, a um tempo sanguinolento e fuliginoso, onde um século já morto teria revivido — prodigiosamente — as suas adorações ou os seus furores.

O narrador detivera-se um instante. O digno pintor aproveitou o lance para desenferrujar a língua, na esperança de esconder a emoção que o tomara.

— Diz-me cá uma coisa, Marchenoir, para experimentar tais emoções religiosas, em La Salette ou algures, não era forçoso precisamente que uma pessoa se encontrasse na mesma situação de espírito que era a tua, nesse dia, e que houvesse passado pelos mesmos desgarramentos?

— Meu amigo, já cá tardava essa objecção. Eis a resposta e muito clara. Somos todos miseráveis e devastados, mas poucos homens são capazes de encarar o próprio abismo... Ah!, sim, eu atravessei dores sagradas — articulou ele com uma voz profunda, que sacudiu as entranhas aos dois ouvintes —, conheci o *verdadeiro* desespero e deixei-me cair nas mãos desse Amassador de bronze; mas

não me atribuam a honra de ser tão admirável. O meu caso só parece excepcional porque me foi dado sentir um pouco melhor que outrem a indizível desolação do amor ... Vós mesmos, por mais que digais, não conheceis o vosso próprio inferno. É preciso ser ou ter sido um pouco devoto para bem conhecer o próprio desnudamento e para enumerar a silenciosa cavalaria de demónios que cada qual leva dentro de si.

«Mas enquanto não tiverdes essa visão espantosa, guardai-vos de cuidar que o socorro possa ser indiferentemente obtido em tal ou tal lugar. 'Em La Salette ou algures', disseste aí. Pois bem! asseguro-te que esse lugar é particularmente frequentado pelos Trovões do Apocalipse e que não há nenhum outro ponto do globo onde possam ir os que se interessam pelo despojamento futuro da Redenção. É em La Salette e não noutra parte que podem receber fortaleza os que sabem que *nem tudo acabou ainda* e que a missão-maior do Consolador ainda não começou.

«Volto a dizer, não é agora ocasião de entrar nestas considerações insólitas. E vejam o que se deu comigo. Creio inútil dizer-te, Gacougnol, que não esperava encontrar, no albergue que a indústria piedosa construiu a alguns passos do lugar da Aparição, poderosos estímulos do meu entusiasmo. Pertenço à olha daqueles cuja voz não encontra eco, mormente entre os que estão sempre a apelar para a razão, cristãos a quem o Sobrenatural faz incómoda comichão. O Santuário de La Salette é atendido por missionários práticos que se não extraviam nas congostas do sublime, posso asseverar. Servem a sopa aos peregrinos por amor de Deus e dão hospitalidade à virtude sem extravagâncias. Os exercícios piedosos ou labiais exortações, enquadradas com decoro, jamais prejudicam o funcionamento simultâneo da mesa redonda e do dormitório. O cálculo dos gastos e das *receitas* ensarta-se nos cânticos e nas ladainhas sobre essa montanha, tão pavorosa como o Horeb, onde Nossa Senhora das Espadas apareceu na sarça ardente das suas Dores. Aterra pensar que essa fabulosa Congregação não sabia absolutamente nada do que se passou e que o maior esforço desses vaqueiros do Sacerdócio é provavelmente o suporem que o poder divino se manifestou para que eles existissem. É preciso ouvir as suas explicações do Milagre, o sempre idêntico contoquinho que

se recita todos os dias, junto da fontezinha, depois da sobremesa!...

«Eis-me à mesa, à mesa dos hóspedes de que acabo de falar, de gorra com uns vinte peregrinos mais anónimos que estevas. As peregrinas recebem a colheita na ala oposta do edifício, repartindo-se assim, homens e mulheres, para os dois lados do santuário.

«Dois ou três sacerdotes pouco escalavrados pelos trabalhos apostólicos, a julgar pelos rostos, o ventre, as mãos! E todos a comer e a beber, sem visível cuidado seja do que for. Enfim, a mesa vulgar de qualquer estalagem provinciana. Até me pareceu que se esganiçavam maneiras.

«Mal transpus o limiar, ouvi logo o nome de Marselha. Essa menção geográfica emanava dum homem gossote e barbudo de fuça congestionada, evidentemente afinado a que ninguém ignorasse onde lhe embalaram o berço: esforço inútil, posto que a sua crapulosa pronúncia o denunciava de chofre. Mas eu trazia o coração tão cheio de melodiosos timbales que mal o ouvi e nem sequer me perguntava o que tinha vindo ali fazer toda aquela gente. Comi automaticamente o que me serviram, separados de mim os convivas como que por um nevoeiro de um grande Oceano. É verdade que o meu traje de viajar a pé, a escorrer água e coberto de barro, não poderia tirar grande partitura do teclado simpático destes jantantes. Nenhum me dirigira a palavra e o falario não esmorecera um segundo quando entrei: a ordinarice contemporânea não rende deferências ao Estrangeiro.

«Estava eu a pensar na Terceira Pessoa Divina, quando a mão de alguém me tocou no ombro. Voltei-me e vi uma personagem de rosto triste, vestida como um camponês, que me disse com doçura:

«O senhor desculpe, traz a roupa toda molhada e deve estar cheio de frio. Faça favor de se vir sentar no meu lugar, ali perto da chaminé! *Venha, faça favor.*»

«Estampava-se na sua expressão uma oração tão verdadeira, os seus olhos amoráveis estavam-me a dizer que se julgaria culpado se uma valente catarreira me vindimasse, que aceitei sem demora o lugar que me oferecia e com a mesma simplicidade. A troca de lugar não atraiu sobre mim atenção de maior. O obeso marselhês, que estava agora na minha frente, dignou-se vistoriar-me com

seus grandes olhos de porcelana, que lacrimejavam devido à voluptuosidade com que atoicinhava nas viandas.

«'Eh lál, homem da cocheira', esganiçou-se o velhaco, dirigindo-se ao meu amigo desconhecido, 'que delicadeza é essa? Isso é que é ser elegante!'

«Tive a sensação de que se escancarara a porta de uma retrete. O tom deste mercador tinha qualquer coisa de nauseabundo e a sua lerda grosseria parecia de tal forma enxertada na banha da sua prosperidade de chatim que uma pessoa ficava embaçada. Os azulados anjos do meu êxtase levantaram voo e eu vi-me de súbito remergulhado na ignóbil realidade, na asquerosa e maldita realidade.

«O interpelado não respondeu. Inclinando-se então para o seu vizinho que era um dos sacerdotes que eu vira ao chegar:

«'Senhor abade', soprou o banhoso homem, 'é realmente aborrecido que ele tenha mudado de poiso, isto estava a começar a ser divertido.'

«E erguendo de novo a voz odiosa:

«'Olá, compadre, vê-se que não sabe que eu sou de Marselha. Pois fique a saber. Se lhe coubesse a dita de ter frequentado essa metrópole, saberia que toda a pergunta honrada merece uma resposta. Perguntei-lhe a razão por que nos deixou assim a súbitas. O senhor que ocupou o seu lugar tem ar de boa pessoa, não digo que não, mas nós estávamos habituados ao seu palmo de cara, e não o ver agora é um castigo.'

«Toda a mesa, disposta a divertir-se à custa do pobre diabo, guardava silêncio.

«'Senhor', respondeu o mártir, 'sinto tê-lo privado do meu *palmo de cara* para me servir da sua expressão; mas o peregrino que me substituiu tinha frio e como eu tive muito tempo para me aquecer desde que me destes a honra de vos divertirdes à minha custa, julguei que era meu dever ceder-lhe o lugar.'

«Disse isto sem ironia e sem amargor, de forma extraordinariamente humilde, num tom de doçura quase bizarra, cujo efeito é bem difícil de traduzir. Se vos pedisse o esforço de imaginar uma criança a morrer e a quem ouvísseis falar através de um muro, pedia-vos um absurdo, mas não vejo melhor para traduzir a coisa.

«Numa palavra, tive a intuição de algo de raro e achei que a minha atenção redobrará.

«Passo por alto as parvoçadas faceciosas de camiseiro de eclesiástico com que o indivíduo plantado na minha frente nos saturou sem vergonha, para satisfação extrema das mandíbulas sacerdotais e laicas. Quereis saber a causa do bródio? O pobre ser que servia de cabeça de turco aos brutamontes era uma espécie de vegetariano apostólico, salteado de contínuo pela necessidade de explicar a sua abstinência. A pretexto fosse do que fosse, minha menina, não concebia que se matassem os animais e, por consequência, abstinha-se de comer carne, esquivando-se assim a ser cúmplice do seu massacre. Dizia-o a quem o quisesse ouvir, sem que nenhuma troça o atalhasse, e via-se mesmo que era homem para dar a vida por tal ideia.

«Por fim, um dos sacerdotes, enorme na sua batina abotoada, que parecia ter ensinado muito especialmente lógica nalgum plantel de alta sabedoria, tomou a palavra nestes termos:

«Peço-lhe o favor de responder a uma simples pergunta que lhe vou fazer. O senhor traz sapatos de couro, um chapéu de feltro, acaso suspensórios, serve-se neste momento duma faca cujo cabo é de osso. Como é que o senhor pode conciliar tais abusos com os sentimentos *fraternos* que acaba de nos revelar? Concorda então com o estrangulamento de inocentes quadrúpedes para se repoltriar agora no meio deste criminoso fausto?»

«Escusado pintar-vos o entusiasmo do auditório. Era um clamor geral e um delírio. Este aplaudia, aquele tripudiava, outro ladrava, outros imitavam granidos animais. Diríeis o êxito de um cabotino de café-concerto. Logo que se fez um pouco de calma na estrebaria, a primeira palavra articulada que se fez ouvir saiu dos focinhos chocarreiros e trocistas do meu conviva fronteiro. Esbarregou-se deste modo:

«Apanha lá essa à unha, meu parrana!» (Tuteava o outro sem respeito nem cerimónia.) «Não tuges nem muges, compadre. Agora é um teólogo que te interroga, um ministro do altar, com seiscentos! Sempre queremos ver que respondes...»

«A resposta não passou de um longo silêncio geral. À excepção do último safardana que tinha falado, todas as

cabeças se dobraram sobre o prato, a resmoer a pilhéria que tão longe fora. Ergui a cabeça para ver o pião daquelas nicas. Chorava, com a cara entre as mãos.

«Tu bem sabes, Gacougnol, se sou homem para suportar que os fracos sejam oprimidos na minha presença. Ergui-me no meio do espanto geral, e dando volta à mesa, vim dar uma palmada no ombro do mastodonte. O apalpaço cuido ter sido de espavento, porque o homem esteve a ponto de afocinhar.

«Levante-se!», disse eu. Virou-se de chofre, grunhindo como um javali. Mas se teve qualquer veleidade de iracúndia, juro-vos que logo após ter encarado comigo perdeu a vontade de evacuar esse sentimento generoso. Obriguei-o a levantar-se e, levando-o até junto da sua vítima que chorava sem cessar e não tinha erguido a cabeça, disse estas palavras:

«O senhor insultou baixa e ignobilmente um cristão que nenhum mal lhe tinha feito. O senhor vai-lhe pedir perdão, não é verdade? Será talvez uma lição proveitosa para alguns covardes que nos ouvem.» Como fizesse menção de protestar, assentei-lhe esta que a terra há-de comer na nuca com tão furiosa autoridade que o fiz dobrar os joelhos aos pés do homem gelado de estupefacção.

«Agora», acrescentei, «o senhor vai, em voz alta e bem distinta, humilhar-se diante daquele que ofendeu, caso contrário tomo Deus por testemunha em que lhe arranco a pele antes de sairmos desta estrebaria ... Quanto a vós, senhor, não se atrigue, o caso é comigo. Faço um acto de justiça, não por vós, mas em honra de Nossa Senhora, que aqui é ultrajada mais do que mandam os devocionários.»

«Experimentei mais uma vez, neste lance, o admirável poder dum só homem quando desdobra a sua alma e a incomparável covardia dos charlatães. O marselhês pediu perdão de joelhos, como lhe tinha exigido, acrescentando, para salvaguardar ao menos um pêlo da sua dignidade de trocista hipócrita, que não era nenhum 'Cossaco' e que não fora sua intenção fazer sofrer ninguém. O outro ajudou-o a levantar-se, abraçando-o, e eu saí e fui-me deitar. Esta é a primeira parte da minha aventura, que se desdobrará num díptico se for do vosso agrado.

— Que tal o narrador, gostas? — perguntou Gacougnol a Clotilde.

A resposta foi o gesto universal, que fez sorrir Marchenoir, de erguer as duas mãos juntas à altura do coração e soerguer um pouco os ombros.

De facto, a rapariga que se transformara sofria um choque extraordinário. O encontro com Marchenoir era para ela uma revelação extraordinária, um êxodo para fora do nada. Não era propriamente as coisas que ele dizia, mas a maneira grandiloqua de as dizer que a penetrava.

Até aí ignorava profundamente que tais homens existissem. A própria noção deste género de superioridade lhe passava despercebida. E eis que, sem jamais se ter apercebido das suas faculdades intelectuais, ela se via sob a acção do mestre mais capaz de as dilatar de maneira súbita. Era tão segura esta acção soberana, que bastava ao excitador dizer fosse o que fosse, não importa o quê, para ela se sentir transportada e fora de si. Já se não espantava de achar uma ou outra objecção mais ou menos válida quando falara a sós com ele no Jardim das Plantas. Era evidente que era homem para erguer ao seu nível mental, uma hora quanto mais não fosse, aqueles que o ouviam com atenção.

Numa palavra, a encantadora menina, preservara-a de tal forma a sua natureza da bagatela contagiosa das ruas de Paris que aos trinta anos tinha ainda toda a flor da adolescência mais generosa.

— Não é impressionante — lançou-se Pelópidas a dizer — vê-la a escutar assim? Prouvesse a Deus que as minhas pobres obras fossem contempladas com a mesma atenção! Mas exaspera pensar, meu pobre *Boca de Ouro*, que os sujos malandrins que te enviam este presente se consolem com o teu desprezo. Porque se diz por aí que te não prodigalizas a todo o bicho-careta.

— Deixemos isso, por favor. Conheces o meu parecer a esse respeito. Escrevo o menos totalmente que posso o que julgo dever ser noticiado à nossa geração nauseabunda. Quanto a ser conferencista ou político, longe vá o agouro. Supondo que a minha palavra fosse tão poderosa como alguns empreiteiros de demolições me têm afirmado e que tivesse o poder de «mudar a forma das montanhas», tal

o vento de fogo que soprou sobre Sodoma, não trocaria o meu sonho de solitário pelo púlpito de um adulator do vulgacho. Antes falar aos animais. Esta noite, falo convosco, e sobretudo com esta menina, e faço-o com o maior prazer.

Gacougnol desatou a rir e voltando-se para Clotilde, que ficara muito séria:

— Minha filha, se soubesse quem é o bárbaro que nos honra com este madrigal, veria que não há no mundo quem tenha o segredo de dizer aos amigos tudo o que lhe vem à tola dizer, sem ofensa.

Clotilde pareceu atônita com esta observação.

— Que ideia! Ofender-nos o senhor Marchenoir? Vejo que ele não é como os outros homens e quando ele fala com os animais parece-me mas é que é com Deus com Quem fala.

— Minha pequena — retrucou Marchenoir —, se eu tivera quaisquer dúvidas, essa sua última palavra provar-me-ia que a menina é que merece que eu lhe dedique o final da minha história.

«No dia seguinte ao pequeno drama que acabo de vos contar, a primeira pessoa que topei junto da fonte foi o meu protegido. Orava com grande recolhimento e pude observá-lo. Era um homem de aspecto vulgar, e trajava quase de mendigo. Teria já dobrado os cinquenta anos e já se acusavam os sinais de uma caducidade próxima. Via-se à vista desarmada que todos os chuvascos da desgraça tinham desabado sobre ele. A sua figura tímida e sofredora seria completamente insignificante se não houvesse nela uma expressão de alegria singular que parecia o efeito de um colóquio interior. Via-lhe os lábios a agitarem-se debilmente e por vezes sorrirem um doce e pálido sorriso, o sorriso de alguns idiotas e de certos seres pensativos de alma imersa num abismo de benquerer.

«Impressionaram-me sobretudo os seus olhos. Fixos na Virgem dolorosa, falavam como falariam cem bocas, como inumeráveis bocas suplicantes ou vibrando louvores! Eu imaginava — no registro divino onde as vibrações dos corações serão um dia transmitidas em ondulações sonoras — todo um carrilhão de louvores, de divagações amorosas, de acções de graças e de desejos. Inclusivamente me pareceu — e já lá vão anos que guardo esta impressão —

que do meio das montanhas circundantes, cinturadas na altura de luminosos nevoeiros, mil fios de luz, de uma delgadez e doçura infinitas, vinham incidir sobre o rosto calamitoso deste adorante em redor do qual cuidei ver flutuar vagos eflúvios sem nome... O pobrete da véspera, como vedes, tinha-se agigantado um pouco.

«Quando acabou de rezar, seus olhos encontraram os meus. Caminhou para mim e desbarretando-se:

«‘Senhor’, disse ele, ‘gostaria de trocar uma palavrinha convosco, quereria dar-me a honra de me acompanhar e darmos uma volta?’

«‘Com todo o gosto’, respondi.

«Fomo-nos sentar detrás da igreja, na orla do planalto, face ao monte Obiou; o sol, invisível ainda nas brumas, espojava-se, nesse momento, sobre os picos nevados.

«‘O senhor fez-me, ontem à noite, passar um mau bocado’, começou ele. ‘Desgraçadamente, não lhe pude pôr cobro, e isso ainda agora me penaliza. Outrora, quando me não conhecia a mim mesmo, não precisava quem me defendesse. Era um herói. Por uma ninharia matei um amigo em duelo. Sim, querido amigo, matei um ser formado à semelhança de Deus, que nem sequer me tinha ofendido. Chamam isso aí um ponto de honra. Alvejei-o em pleno coração e morreu a olhar para mim sem pronunciar uma palavra. Esse olhar nunca mais me deixou e já lá vão vinte anos, e, neste mesmo instante em que lhe falo, vejo-o lá nas alturas, mesmo defronte de mim sobre essa velha coluna do firmamento!... Quando revivo este momento, sou capaz de arcar com todo o sofrimento. A minha única consolação e a minha única esperança é que trocem de mim e me insultem, e me arrastem de focinhos na lama. Os que me fazem essa graça, eu os amo e os bendigo ‘com todas as bênçãos do abismo’, porque, pense nisto, vejo a justiça, a verdadeira Justiça. O senhor irou-se e abusou da sua força contra um pobre homem de quem não sou me-recedor de desatar a correia das sandálias. Estive a rezar por ele toda a noite, prostrado como um cadáver diante da porta do seu quarto, e de manhãzinha roguei-lhe, pelas Cinco Chagas do Nosso Salvador, que me calcanhasse o rosto. O senhor viu que eu chorava e foi isso que o comoveu, porque tem um coração generoso. Eu é que tive a culpa, mas é superior a mim, quando é um sacerdote que

me fala, porque então vejo nele um juiz a lembrar-me que eu sou um assassino e o último de todos os canalhas ...

«Ai, senhor!, não procure justificações para mim, eu lhe peço! *Não me diga nada de humano*, rogo-lhe, pelo Amor de Deus, que desceu a esta montanha! Tudo o que pode colorir uma infâmia, julga que já mo não disseram, até ao dia em que me foi dado compreender que eu era abominável?... O homem a quem matei tinha mulher e dois filhos. A mulher morreu de pena, compreende o senhor isto? Por mim, dei um milhão aos órfãos. Se não dei tudo, foi por razões de família que se opunham. Mas prometi à doce Virgem viver até ao derradeiro dia como mendigo. Esperava assim reencontrar a paz, como se a vida de um membro de Jesus Cristo pudesse ser paga com uma bolsa de escudos! O dinheiro dos príncipes dos sacerdotes foi o que eu dei aos pobres órfãos, tratados como pequenos Judas pelo assassino de seu pai. Ah!, sim, a paz, a paz nunca mais voltou, a paz divina, e todos os dias eu sou crucificado!

«Digo-lhe isto, senhor, porque teve misericórdia e poderia julgar que eu mereço alguma estima. Sou ainda demasiado covarde para contar a minha vida a toda a gente, como quiçá o devera fazer e como o faziam os grandes penitentes da Idade Média. Quis entrar para a Trapa, e depois quis fazer-me cartuxo. Sempre me disseram que não tinha vocação. Foi então que me *casei* para sofrer todo o meu desgosto. Enlacei-me a uma velha prostituta de baixo estofo, que os marinheiros já esquivavam. Cobre-me de pancadas e enxarca-me de ridículo e de ignomínia... Não deixo que nada falte lá em casa, mas pus em lugar seguro os destroços da minha fortuna, que era assaz considerável. É o bem dos pobres donde maquio umas fracas somas para as minhas viagens. O ano passado fui à Terra Santa. Hoje estou em La Salette, pela trigésima vez. Certamente me conhecem. Foi aqui que recebi os maiores socorros e concito todos os desgraçados a fazerem esta peregrinação. É o Sinai da Penitência, o Paraíso da Dor, e os que o não compreendem são bem dignos de lástima. Quanto a mim, começo a compreender, e às vezes chego mesmo a alcançar, a libertação perfeita, durante uma hora ...»

«Calou-se e não fui eu que lhe quebrei o fio aos pensamentos. Nem me achava em acção de proferir uma só

palavra que me não parecesse ridícula na presença deste
forçado voluntário, deste Estilita colossal da Expição.

«Quando voltou a falar, ao cabo de um instante, tive
a surpresa de uma transformação inaudita. Em vez do
patético formidável que acabava de me estorcer todas as
fibras em redor do coração, no sítio desse entulhão de re-
morsos, desse vulcão de lamentos que expelia em golfada
as suas lavas de angústia, ouvia eu agora a voz humilde
e misteriosamente plácida que tinha escutado na véspera.

«'Amiúde me ridicularizam a propósito dos animais,
como pôde observar. Creio ver em si um homem de ima-
ginação. Poderia suspeitar por consequência, atribuindo-me
um zelo admirável mas indiscreto, que me ponho em ridí-
culo por puro prazer. Nada disso. Sou assim de cima
abaixo. Gosto dos animais, de todos, quase tanto como é
possível ou permitido amar os homens, posto saiba que os
animais são bem inferiores ao homem. Mais de uma vez
tenho desejado, confesso, ser um imbecil de remate, para
escapar completamente aos sofismas do orgulho, mas, esse
desejo não se tendo realizado até agora, não ignoro de
forma alguma o que pode ser motivo de logro nessa ma-
neira de sentir, que em mim toca as raías da paixão e que
as pessoas muito sensatas execram. Não haverá um equí-
voco neste caso? Será que a maioria dos homens esqueceu
que, sendo eles mesmos criaturas, não têm o direito de
desprezar o outro díptico da criação? S. Francisco, a quem os
maiores ímpios não vingam menosprezar, proclamava-se o
parente próximo, não só dos animais, mas das pedras e da
água das fontes, e o justo Job não o censuraram por ter
dito à podridão: 'És a minha família'!

«'Gosto dos animais porque amo a Deus e O adoro em
tudo quanto Ele fez. Posso assegurar-lhe que, quando falo
afectuosamente a um irracional, me sinto unido mais estreiti-
tamente à Cruz do Redentor, cujo Sangue, não é verdade?,
correu na terra antes de correr no coração dos homens.
E tem sido amaldiçoada todavia esta mãe comum de toda
a animalidade. Também sei que Deus nos entregou os ani-
mais para nosso alimento, mas não nos deu mandamento
nenhum de os devorar no sentido material, e a experiência
da vida ascética de há dezenas de séculos provou que a
força do género humano não reside nesse alimento. O
Amor não se conhece porque não vemos a realidade de-

baixo das aparências. Como é possível matar um cordeiro, vá por exemplo, ou um boi, sem nos lembrarmos imediatamente que esses pobres seres tiveram a honra de profetizar na sua natureza o Sacrifício Universal de Nosso Senhor Jesus Cristo?

«Assim me falou longamente, com uma grande fé e um grande amor, e podem crer, com uma ciência ou antes um poder divinatório maravilhoso do simbolismo cristão, que eu estava a mil léguas de esperar encontrar nele. Prouvesse a Deus que fosse possível repetir agora exactamente todas as suas palavras!...

«Muito devo a esse homem simples que me deu, em breves conversas, a chave luminosa de um mundo desconhecido. Como está a ver, minha menina, toda esta história veio a propósito dos animais. Pois bem, posso assegurar-vos que era prodigioso o que ele dizia a seu respeito. Nem resquício das tiradas pungentes da sua primeira confiança; nem tempestade nem doloroso meteoro. Uma divina calma pervadida de candura! Animava-o um ardor tranquilo como o brilho de uma pequena lâmpada de parturiente num aposento velado pelos anjos. Enquanto o ouvia pus-me a pensar nos Bem-Aventurados, que foram os primeiros companheiros do Serafim de Assis, cujas mãos cheias de flores perfumaram todo o Ocidente; e revia ainda todos os outros Santos de outrora, cujos pés lamentáveis nos deixaram alguns grãos da areia dos céus.

«O pouco que vos referi de seus discursos deve ter-vos deixado entrever que se não tratava dos transportes imbecis que são talvez o modo mais asqueroso da idolatria. Os animais eram para ele os sinais alfabéticos do Êxtase. Lia neles — como os eleitos de quem falei — a única história que lhe interessava, a história sempiterna da Trindade, que ele me dava a soletrar nos caracteres simbólicos da Natureza ... O meu arrebatamento foi inexprimível. No seu entender, o império do mundo perdido pelo primeiro Desobediente só podia ser reconquistado pela restauração plena de toda a Ordem antiga, que fora subvertida.

«*‘Os animais’, dizia ele, ‘são, nas nossas mãos, os reféns da Beleza celeste vencida ...’*

«Palavra estranha cuja profundidade ainda me não foi dado medir a pleno! Precisamente porque os animais são o que o homem mais tem desconhecido e mais tem opri-

mido, ele pensava que um dia Deus faria por meio deles alguma coisa de inimaginável, quando viesse o momento de manifestar a Sua Glória. Por isso é que a sua ternura por essas criaturas se acompanhava de uma reverência mística, para caracterizar a qual todas as palavras são curtas. Via neles os detentores inconscientes de um Segredo Sublime que a humanidade teria perdido sob as frondes do Éden e que os seus tristes olhos cobertos de trevas já não podem divulgar depois da tremenda Prevaricação ...

Marchenoir calara-se. De cotovelos sobre a mesa e apertando as têmporas com a ponta dos dedos numa das suas posições familiares, olhava vagamente para o infinito, com o ar de quem teima em divisar ao longe alguma ave de rapina desesperada, por não ver presa em que cravar as garras, e que reflectisse a sua melancolia.

Timidamente, Clotilde formulou a pergunta que parecia flutuar nos lábios de Pelópidas:

— Para onde se nos sumiu o nosso amigo?

— Ah!, sim ... ainda não pus o ponto final na minha história. Nunca mais o tornei a ver e vim a saber da sua morte um ano mais tarde, por um dos meus patrícios estabelecido na cidadezinha onde ele morava na Bretanha, à beira do mar. Morreu da maneira mais terrível e por consequência a mais desejada por ele, quer dizer, na sua casa sob o olho da abominável Xantipa que escolhera expressamente para o torturar. Tolhido de paralisia pouco tempo depois do nosso encontro, não quis ser levado para nenhuma casa de saúde, onde correria o risco de morrer em paz. Tendo vivido como penitente, quis agonizar e morrer como penitente. Parece que a mulher o forçava a dormir na imundície. Os pormenores são atrozes. Não faltou quem aludisse a um envenenamento. É certo que ela estava em pulgas para que ele morresse, com o fito na herança. Mas muito antes tinham sido tomadas precauções, assim me disseram, e o remanescente do património fora desaguar nas mãos dos pobres. O aluguer da casa desta cozinheira da sua agonia expirava naturalmente com o finado.

«Agora é que terminou a minha história. Quis simplesmente mostrar-vos, tal como eu, ai de mim!, o vi bem incompletamente, um ser humano absolutamente único como estou certo não existir outro exemplar em todo o mundo. Sem a precisão de linhas da carta do meu correspondente

da Bretanha seria por vezes tentado a perguntar-me se tudo isso seria bem real, se esse encontro não teria sido mais que uma miragem do meu cérebro, uma espécie de refração interior do Milagre de La Salette que se teria assim modificado ao passar através da minha alma. O pobre homem ficou sendo uma similitude parabólica desse cristianismo gigantesco de outrora com que as nossas gerações fracassadas não querem nada. Representa aos meus olhos a combinação sobrenatural de infância no amor e de profundidade no sacrifício que constituiu toda a espiritualidade dos primeiros cristãos, em volta dos quais havia mugido o furacão das dores de um Deus. Cuspido pelos imbecis e pelos hipócritas, indigente voluntário e triste até à morte, quando olha para si esposado com todos os tormentos e companheiro contente de todos os opróbrios, este ardoroso portador da Cruz é, aos meus olhos, a imagem e o abreviado fiel desses tempos passados quando a terra era como um grande navio nas enseadas e golfos do Paraíso!

XVI

Determinaram jantar ali mesmo. Gacougnol o que queria era prolongar a sessão, ingenuamente feliz por ter encontrado no mesmo dia e posto frente a frente dois personagens tão raros como Clotilde e Marchenoir.

Este, estimulado pela presença da jovem, cuja natureza arquifina pressentia, deu o melhor do seu espírito e prodigou mais eloquência que a libertação de todo um povo exigiria. O próprio Gacougnol pasmou ao vê-lo estadeiar uma tão robusta alegria, somente conhecida dos seus mais íntimos amigos; o pintor não sabia que tal alegria fosse compatível com o homem das imprecações.

— Tenho de compensar vários meses de silêncio — dizia ele —, vários meses gastos no mais *improbo* labor; acabo de dar à luz uma obra prodigiosamente inútil, e sinto a febre puerperal. Os que me caem debaixo da manápula não têm outro remédio senão resignar-se.

O serão pareceu divino a Clotilde, que bem queria prolongá-lo indefinidamente para só lhe ver o termo no

dia em que, já muito velhinha, pudesse abalar sem amargura dentro de um estreito caixãozinho.

Entretanto fizera-se tarde, a noite ia adiantada e foi com um sobressalto de desespero que ela se lembrou que tinha de voltar a casa. Voltar à Rua de Grenelle, a esse horrível quarto onde tantas vezes se julgara às portas da morte! Teria de sofrer o ataque de perguntas venenosas da mãe, e — a não se dar o caso de borracheira de caixão à cova — as reflexões desse bandido, mais asquerosas que a sua embriaguez. Teria de explicar a razão do vestido, e como é que essas almas ignóbeis, estreitas como o pecado, iriam acreditar na sua inocência?

E isso ainda não era nada. Era o leito, esse horroroso leito, esse montão de esterco e de horror! Poderia ela ainda dormir, depois disto tudo? Decerto não. Na manhã desse dia, dormir era como diz o outro, posto que ela mesma era um trapo sujo à orla dum vaza-barris. Mas depois de um dia como este, era impossível!

Bem percebia ela, senhores, que aquele vestido tinha modificado o seu coração. Não há modificação que seja puramente exterior. Quem o julgue é bem tolo. Depois, esse senhor Marchenoir, a quem o seu próprio protector parecia admirar e cujas palavras inauditas a cobriam de luz e de perfumes, não lhe dera ele a honra incrível de falar com ela de modo tão amigo e de a tratar como *igual*? Não fazia ele exactamente pela sua alma, nas três horas que levavam juntos, o que Gacougnol fizera pelo seu pobre corpo de mendiga farraposa, faminta e desesperada?... O seu terror e fastio foram tão grandes que lhe veio o pensamento de não regressar de forma alguma, de caminhar, caminhar, de noite, todas as noites, e de pedir a Gacougnol, pois que iria a sua casa todos os dias, que a deixasse dormir uma hora nalgum saguão.

Assim pensava quando novos frequentadores assomaram à porta. A pobre não pôde reter um grito de susto.

Os recém-vindos batiam o tacão no limiar e sacudiam a vestimenta coberta de neve. Era o primeiro nevão desse atroz Inverno parisiense em que os varredores municipais se viram forçados a amontoar neve nos *boulevards*, até à altura do primeiro andar.

Gacougnol, que observava atentamente a sua amiguinha,

que tremia, e que sondava a sorrir a sua inquietude, apressou-se a serená-la.

— Querida Clotilde, não tenha medo, peço-lhe eu. A neve não mete medo a ninguém. Acaso julga que a vou abandonar à intempérie das ruas? Vai mas é beber um copito de licor excelente. É o melhor remédio contra a neve. Para onde vais tu, Marchenoir?

— Oh!, não te preocupes comigo, o meu domicílio é aí a dois passos, uma casa cabeira da Rua Buffon. Vamo-nos despedir. Vou-te ver por estes dias porque já estou livre e forro do meu livro. E a si, minha menina, tornarei a vê-la?

— Sem dúvida, senhor — respondeu Clotilde, pouco apta, sobretudo neste momento, para engrinaldar protocolos. — Julgo que nos havemos de ver em casa do senhor Gacougnol. Senti-me tão feliz consigo esta noite. É quanto lhe posso dizer e que tem um grande lugar no meu coração.

«Boa criatura!», ia pensando Marchenoir enquanto se afastava. «De donde viria esta flor? Não posso crer que seja a amante deste espipado soldadote que é o Pelópidas. Ter-me-ia dito uma palavra... E como ela escutava! Decididamente, há ainda almas na terra!...»

XVII

— Querida filha — disse Gacougnol, sentando-se ao lado de Clotilde numa nova carripana que os levava sem ruído através da neve —, devo dar-lhe a conhecer as minhas intenções. Mandeí um recado a sua mãe.

— Ah!...

— Sim. Esse recado deve tê-lo recebido há menos de duas horas e dizia-lhe que a menina não regressaria... Espere! Deixe-me explicar. Sabe a menina que lhe não mandei contar a sua história unicamente para me divertir. Precisava de saber quem a menina era. Ora eu determinei ocupar-me de si muito seriamente. Para já, a menina não pode regressar a essa pocilga de javardos. Tenho razões para crer que é merecedora que alguém se interesse pela sua pessoa e, a menos que a menina o exija de forma absoluta, não tolero que volte à Rua de Grenelle para junto do senhor Chapuis para aí rebentar de desgosto e de frio.

Olhe aí para a neve. Dizem que vamos ter um Inverno atroz e ei-lo que começa ... Oiça. Eu sei de uma casa honesta onde a vou levar. É na Avenida das Trinas, que não fica longe da minha oficina. Uma pensão decente à frente da qual se encontra uma das minhas amigas, professora um pouco ridícula, mas suportável, que julgo lhe fará um bom acolhimento ao ver que sou eu que a levo e que a recomendo. Os seus pensionários são jovens estrangeiros que vêm das mais diversas partes do mundo e a quem ela lhes entorna na mioleira um pouco de francês, desbastando-lhes a imaginação tolhida. Não terá engulhos nenhuns com tal escola. Terá um quarto como se fosse no hotel, refeições à mesa comum e depois do meio-dia trabalharemos juntos. Que lhe parece?

Não respondeu, mas viu que chorava.

— Então que é isso? Vamos, então eu não posso dizer nada sem a pôr a chorar?

— Senhor — disse ela —, sinto-me muito feliz e é por isso que choro. Viu bem. Só pensar em voltar a Grenelle me desesperava. Depois deste dia delicioso que lhe fico a dever, depois de ter ouvido o senhor Marchenoir, pensar em tornar a ver o horrível Chapuis punha-me louca ... Veja bem! Eu não estou habituada a tudo isto. A minha especialidade são maldições e porcarias. Estava quase resolvida a andar por aí toda a noite, com o pensamento naquele pobre homem cuja história o seu amigo nos contou. O que não sei é se teria forças para tanto. Agora oferece-me um refúgio depois de me ter dado tanta coisa. Não posso dizer que não. Somente ...

— Somente quê? Alguma objecção? Sim, estou a ver essa objecção. Não sabe com que direito e a que título eu me ponho a protegê-la. Mas olhe que a coisa é bem simples. Sou cristão. Um cristão bem teia de aranha, é verdade, mas, mesmo assim, sou cristão. E como vejo bem claramente que está em perigo de morte se continua a viver entre a sua boa mãe e o seu amável companheiro, seria um canalha se a não tirasse de lá para fora. Tenho recursos para tal, não lhe dê isso cuidado. Não sou milionário, graças a Deus!, mas tenho meios de auxiliar os outros pois, repito, note bem que não estou a dar esmola nenhuma. Não esqueça o nosso trabalho em comum.

A MULHER POBRE

«Por outro lado, pode arrecear certas interpretações. Ora pois, minha filha, aceite com simplicidade o que lhe acontece de próspero e deixe correr o marfim. Se soubesse o que é o mundo! Eu, sim, sei o que é e estou-me marimbando para tudo o que contém para aí a meu respeito, salvo se me vêm cocegar a membrana pituitária, porque então faço calar a chia seja a quem for. Já o sabem e por isso não me chateiam... Estamos a chegar. Daqui a nadita apresento-a à Menina Séchoir. Digo-lhe apenas que é uma jovem amiga e que tomei à minha conta arranjar-lhe um quartinho. E ponto final. Ela não tem o direito de lhe perguntar mais nada. Hão-de procurar logo tirar nabos da púcara, mas fique com a marmitta fechada.

Clotilde nada teve a redarguir. Pegou apenas na mão de Pelópidas, como fizera já de manhazinha, e levou-a aos lábios num movimento instintivo que lhe deu o semblante de uma cativa inocente inverosimilmente libertada por um muçulmano generoso.

Era cerca das dez horas quando Gacougnol bateu à porta de Mlle. Virginia Séchoir, no terceiro andar de uma das mais belas casas da Avenida das Trinas.

— Que vejo eu? Olha o senhor Gacougnol, a estas horas! Que bons ventos o trazem? — exclamou do fundo de um quarto vizinho a senhora da moradia, acorrendo à voz do pintor, que parlamentava com a criada.

A pessoa que se adiantou então comparava-a às vezes o pintor, com mais exactitude que respeito, a um saco de batatas meio cheio. Tinha o mesmo boleio e, se pode ser, o mesmo modo de andar.

Ao primeiro lance, víamos nela um bastião de virtudes que não perdoam. Alguns velhotes queriam dizer que ela teria sido bonita, mas esquiva, e escorria dela um tal melão de pudor que era preciso ser Gacougnol para ter os olhos tapados a tal respeito.

Orçaria aí por quarenta anos se tanto, mas o rosto lurado pela experiência da vida e causticado pela dignidade profissional atirava com ela para uma longevidade de estarrecer.

Todavia, recebeu Pelópidas de maneira cordial e mesmo com certo ímpeto de fragata que desfralda as velas para ganhar a dianteira ao chefe da esquadra. À vista desar-

mada, estava-se a ver que o artista gozava ali alta consideração.

— Querida amiga — disse —, espero que me perdoe vir a esta hora tardia ao saber o que aqui me traz. Permita, antes de mais, que lhe apresente Mademoiselle Clotilde Maréchal, uma jovem que merece os meus cuidados e recomendo aos vossos. Pode, já esta noite, dar-lhe hospitalidade?

À vista de Clotilde, que avançava com ar tímido, Mlle. Séchoir tomou uma atitude altiva que consistia em soerguer o torso, aprumando-se para apoiar o movimento de báscula das vértebras cervicais, e olhou para a estranha com olhos mortos, onde todas as lâmpadas das virgens prudentes se tivessem apagado.

Esses olhos da cor da água dos lavadouros tinham o langor pasmo das tradicionais *professoras* do Setentrião. Seria preciso ser cego para neles não decifrar o hábito sublime de afogar todas as trivialidades da vida na íntima alegria das especulações transcendentais e das ternurinhas superiores.

Foi com essa mistura de franqueza amiga para com Gacougnol e de condescendência polar para com Clotilde que ela se dignou falar, depois de ter indicado as cadeiras com um gesto deveras pesporrente.

— Seja bem vinda, *mademoiselle* ... Com franqueza, senhor e caro amigo, não pode vir em melhor altura. Tenho justamente um quarto preparado destinado a uma pensionista americana que eu esperava e que acaba de me telefonar de Nice a dizer-me que só chegará para a Primavera. Aterra-a o nosso Inverno parisiense. E o nevão, esta noite?! Então, seu maroto, quem é que lhe põe os olhos em cima? Como vão essas obras-primas? Publica ou não publica essas poesias adoráveis; desgraçadamente só conheço duas ou três. E a música? E a pintura? E a escultura? É universal como os mestres da Renascença ... Se me não temesse de certos encontros bizarros que se podem ter na oficina de um artista, iria ver a sua, que deve ser solar de maravilhas.

Ao mesmo tempo que garganteava esta última frase, os seus olhos de rola pareciam errar em direcção da nova pensionista. Todavia, se esse olhar implicava a centésima parte de uma alusão, era coisa tão vaga e tão longínqua

que a mais melindrosa susceptibilidade não teria motivos de alarme.

Será preciso acrescentar que a sua voz harmonizava com a fisionomia? Tinha essa espécie de pronúncia de canudilhos que é a de certas aves que só acertam o pio em plena floresta, evadindo-se por vezes, é verdade, como numa pífia, para os harpejos mais cólicos, quando se tratava de dar mostra de um certo gaúdio; depois vinha por ali abaixo, descendo a escaleira dos sons a quatro para se acachapar na catacumba severa de um contralto melodioso.

Acabrunhado com tantas perguntas, Pelópidas contentou-se com responder que uma tal visita seria de seguro a mais encantadora gentileza que ele poderia desejar, mas que, com efeito, e aí dele!, lhe era impossível prever absolutamente a modéstia dos indivíduos que se arriscava a topar se o viesse ver.

— Pois é! — suspirou ela —, mais uma festa a que é preciso renunciar ... Mas, que cabeça a minha, a menina está sem dúvida com necessidade de repouso, mormente se a viagem *foi longa até aqui* ... Quer tomar uma chávena de chá? Não. Então venha comigo. Vou-lhe mostrar o quarto. Senhor Gacognol, não sei se será bem acompanhar-nos. Talvez goste de ver a instalação da sua *protegida*, a menos que *mademoiselle* veja nisso qualquer inconveniente ...

— Mas, *madame* — disse Clotilde, que ainda não tinha aberto a boca —, parece-me a coisa mais simples do mundo. Ao contrário, até gosto que o senhor Gacognol saiba como fico instalada.

E os três chegaram por fim a um dos quartos mais confortáveis.

— Espero, *mademoiselle* — cantarinava a hospedeira em que se travestira a mestre-escola —, que seja a seu contento. A paisagem é maravilhosa, o sol põe por cima do leito e as avezinhas saúdam-no a cantar em torno da casa, mesmo nos meses mais rigorosos. Há até um ninho de andorinhas debaixo da varanda de cima, quase ao alcance da mão. Como amiga do senhor Gacognol, deve ter uma *alma poética*.

O dito fazia lembrar inesperadamente a mulher de Isidoro, e um profundo sorriso pensativo sublinhou a graça,

sorriso de quem sabia bem o que valem todos esses ouro-péis a que o vulgo se ajeita.

Pelópidas, impaciente, tirou o relógio e observou por seu turno que a recém-vinda precisava de dormir.

— Boa noite, filha — disse, apertando a mão de Clotilde —, durma bem e que os anjos de Deus a acompanhem. Não se esqueça que amanhã espero que seja pontual... *Mademoiselle*, tenha a bondade de me levar à portaria.

Clotilde, mal se viu só, perguntou, pela primeira vez, de si para si, que viriam a ser os Anjos de Deus!

XVIII

— O senhor é belo como um anjo. — *Madame*, que graça a sua! Nem um demónio!

Se já houve campo de manobras onde se tenha exercitado com largueza os instintos de prostituição peculiares à raça humana, foi seguramente o reino dos espíritos celestes ou o sombrio império das inteligências condenadas!

É de tal forma pacífico que o habitáculo celular da Desobediência anda cheio de companheiros invisíveis que se teimou em todos os tempos associá-los de alguma forma aos actos visíveis que se praticam nos diversos cabanões.

Foi quando começámos a dizer: meu querubim!, ou meu demonico!, e todas as porcarias sublunares, bem como as parvoíces mais espampanantes, foram praticadas e se fizeram arbitrarias invocações que infamam a um tempo o céu e o inferno. E para saciar os corações trabalhados por ânsias sublimes, a poesia e a imaginária plástica sofreram os contorcimentos das apoteoses!

São sete — meu doce amor! — os que olham para ti com olhos curiosos dos sete ângulos da Eternidade! Di-lhes em acção de colarem as suas bocas às tremebundas Trombetas que hão-de chamar os mortos e as suas mãos indizíveis, que nenhum delírio seria susceptível de inventar, ei-las já crispadas em torno das sete Taças da iracúndia.

Que a pequenina lâmpada que arde diante do mais humilde altar da cristandade lhes faça um aceno, e os habitantes do globo forcejarão por saltar para os planetas para escapar à chaga da terra, à chaga do mar, à chaga dos rios, à hostilidade do sol, às imigrações hediondas do Abismo,

à pavorosa cavalgada dos Incendiários e sobretudo ao olhar universal do Juiz!

Na verdade, são «os Sete os que estão postados na presença de Deus», diz-nos o Apocalipse, e é tudo o que sabemos. Mas não é vedado supor — como acontece pelo que tange às estrelas — que há milhões de outros, o mais pequeno dos quais é capaz de exterminar, numa só noite, os cento e oitenta e cinco mil Assírios de Senequerib; sem falar dos que se chamam precisamente demónios e que são, no fundo dos poços do caos, a imagem invertida de todos esses fachos crepitantes do céu.

Se a vida é um festim, eis os nossos convivas; se é uma comédia, eis os nossos comparsas; são esses os formidáveis Visitadores do nosso sono, do nosso sonho, para melhor dizer!

Quando um carpinteiro de ilusões põe em voz de barítono os esplendores *angélicos* de Celimena, a sua parvoíce tem por testemunhas as Nove multidões, as Nove cataratas espirituais que Platão não conheceu: Serafins, Querubins, Tronos, Dominações, Virtudes, Potestades, Principados, Arcanjos e Anjos, entre os quais lhe cumpriria escolher ... Se for o *inferno* o invocado, temos — no outro pólo — exactamente a mesma aventura.

E, todavia, são eles os nossos parentes chegados, os perpétuos viajadores da luminosa escada do Patriarca; e somos avisados que cada um de nós é ciosamente guardado por um deles, como um tesouro inapreciável, contra as incursões do outro abismo — o que dá a mais transtornante ideia do género humano.

O mais sórdido velhaco é tão precioso que abicha, para velar exclusivamente pela sua pessoa, alguém semelhante Àquele que ia adiante do acampamento de Israel na coluna de nuvens e na coluna de fogo, e o Serafim que queimou os lábios do mais imenso de todos os profetas é talvez o comboieiro, maior que os mundos, a quem coube o encargo de escoltar a carga ignóbil duma velha alma de pedagogo ou de magistrado.

Um anjo reconforta Elias no seu famigerado pavor; outro acompanha na fornalha os Jovens Hebreus; um terceiro fecha a goela dos leões de Daniel; um quarto, enfim, que se chama o «Grande Príncipe», discutindo com o Diabo, não se considera tão colossal como para o amaldiçoar, e o

Espírito Santo é figurado como o único espelho onde estes acólitos incalculáveis do homem podem desejar contemplar a própria imagem.

Quem somos nós, na realidade, para que tais defensores nos sejam oferecidos e, sobretudo, quem são eles, esses encadeados ao nosso destino de quem *se não disse* que Deus os tenha feito à sua imagem e Semelhança e que não têm corpo nem figura? Acerca deles é que foi escrito que se não deve menosprezar «o dever da hospitalidade», não seja caso que algum deles se esconda nos estrangeiros necessitados que nos visitam.

Se este ou aquele vagabundo rompesse de chofre a gritar: «Eu sou Rafael! Fazia menção de beber e de comer convosco; mas o meu alimento é invisível e o que eu vejo não o podem os homens ver», quem sabe se o terror do pobre burguês não contaminaria as constelações?

A tremer maleitas, descobriria que cada um de nós vive às apalpadelas no seu alvéolo de trevas, sem nada saber dos que se encontram à sua direita e dos que estão à esquerda, sem adivinhar o «nome» verdadeiro dos que choram lá em cima nem dos que sofrem lá em baixo, sem pressentir sequer o que *ele mesmo* é sem jamais compreender os murmúrios ou os clamores que se propagam indefinidamente ao longo das galerias sonoras.

XIX

Foi delicioso o despertar de Clotilde, como o havia sido o sono. A pobre rapariga nascia para o bem-estar, para a vida confortável com que nem ousava sonhar havia já muito tempo.

Saltava-lhe ao entendimento que precisaria de mais de um dia para se habituar à sua aventura, para a realizar em espírito. Que inconcebível diferença entre a véspera e esta madrugada! Oh!, doçura de um sono tranquilo, no quentinho, e de ver ao redor de si objectos limpos, sentir longe de si aquela horrível vizinhança, e não ter de começar o santo dia com um longo soluço silencioso!

Nadava nas delícias deste pensamento, mergulhava nele como numa fonte lustral capaz de purificar a própria me-

mória. Mal saída — e por que milagre! — da floresta dos suspiros onde o seu destino a extraviara, como lhe parecia clara esta verdade tão elementar e tão perfeitamente ignorada do Rico, que o coração dos pobres é um negro rampardo que só pode ser tomado com armas brancas e que só pode ser forçado pela balística do dinheiro!

Isso não quer dizer de modo nenhum que a pobreza seja aviltante. Não o pode ser, posto que foi o manto de Jesus Cristo. Mas mais seguramente que qualquer outro suplício, tem o poder de fazer sentir aos seres humanos o pesadume da carne e a servidão lamentável do espírito. É uma atrocidade de fariseus exigir dos escravos o desapego espiritual que só é possível aos libertos.

Por certo, Clotilde poderia dizer o que o dinheiro de um bom homem fizera dela; só o dinheiro, ai de nós, o misterioso, execrável e divino Dinheiro que, num abrir e fechar de olhos, tinha transformado a sua vida e a sua alma.

Um estremecimento quase de amor lhe punha já no coração para com Gacougnol que a salvara do dragão e cujas palavras, por mais misericordiosas, não teriam tal resultado, se a estranha força do vil *metal* não estivesse por igual nas suas mãos.

Decerto lhe não vinha à cabeça que a sua gratidão exaltada para com Gacougnol se transformasse algum dia em amor; bastava vê-los juntos para afastar tal ideia. Supondo que o carrilhão passional ameaçasse abalar a sua torre, o grandiloquo Marchenoir seria bem mais capaz de o pôr a vibrar.

Mesmo assim, o seu libertador podia contar com uma amizade extraordinária, o que, repito, era obra desse terrível Dinheiro, mais formidável que a Oração e mais conquistador que o Incêndio, já que uma tão pequena quantidade foi bastante para comprar a Segunda Pessoa divina e que menos ainda será preciso para captar o Grande Amor quando descer sobre a terra!

Admirou-se de não sentir nenhuma inquietude ao lembrar-se de Grenelle. Sabia com toda a exactidão que o facto de não ter lá dormido seria explicado pela forma mais insultuosa e que a sua nova existência sua mãe a atribuiria à desvergonha mais lamenteável. Mas sabendo também que a sua santa velhinha procuraria logo meio de tirar

proveito dos pretensos desregramentos, disse entre si, sem pejo, que isso não lhe fazia qualquer mocha.

Desde o dia anterior que se operava no fundo desta alma adormecida uma revolução tão total, feita de tantas ideias confusas, de desejos antigos que se pareciam com a sede que tem durante os sonhos que já não podia encontrar o falso equilíbrio dos seus desesperos anteriores.

Friamente, decidiu atirar com tudo para trás das costas. De que modo? Não sabia. Mas era forçoso, e certa, de futuro, de que tinha o dever de considerar como um dom do céu esta tão súbita mudança, sentiu-se cheia de energia para defender a sua independência.

Acabava de vestir-se quando a empregada lhe veio dizer que o pequeno-almoço a esperava já. Tendo, por ignorância, deixado passar a hora, teve a satisfação de se encontrar sozinha à mesa e de meditar à vontade enquanto saboreava «este justo, subtil e potente» café dos Parisienses — estragado, ai de nós, tanta vez pela desleal chicória —, café esse que, quando puro, «constrói no seio das trevas, com os materiais da sua imaginação, cidades mais belas que Babilónia ou Hecatompilos».

Gostou desta bebidazinha que lhe retemperava as fibras. As suas sensações eram quase as de uma noiva, ao dar uma vista de olhos à sala de jantar nada principesca, mas vasta cabonde e exalando um certo ar de vida material desfogada que ela até aí ignorara; a súbita revelação dessa vida produz, infalivelmente, nos verdadeiros pobres, uma espécie de choque nervoso análogo ao espasmo que se desta de um abraço inesperado.

Esse frémito banal, mas tão frouxamente observado pelos mais sagazes analistas, trespassou-a como um relâmpago. Era demasiado lúcida para não sentir de caminho a frivolidade dessa sala de jantar pretensiosa, evidentemente disposta para atrair pensionistas exóticas.

Tinha algo de refeitório de estação de caminho de ferro, de locanda de porteiro e de salão de leitura de uma estância balnear. Pendiam dos muros os eternos cromos evocadores das delícias da mesa pela amostragem de peças de caça raras e de frutos da terra de Canaã; as excitantes fotografias de diversos transatlânticos navegando sobre as vagas verdes, em direcção de golfos azulados; algumas medallas, gessos ou embutidos destinados a lembrar a quem

chegava «que a arte é longa e curta a nossa vida», e que o erro maior que se podia cometer era julgar que estávamos ali fazendo cacho com um acervo de burgueses. Enfim, falsos vitrais com que se touca o arcaísmo dos estalajadeiros. Pouco mais ou menos era isto. Nada que verdadeiramente pudesse perturbar, dois minutos que fosse, uma princesa de hospital e de coração transido.

Deu um golpe de vista certo ao que havia para ver: um lugar como qualquer outro onde poderia vir comer, e com toda a humildade se interrogava acerca do que a Providência lhe ia exigir em troca de peripécia que tanto a obsequiava.

Por volta do meio-dia, foi Mlle. Séchoir em pessoa que veio por ela ao quarto. Mas com grande surpresa de Clotilde, acompanhava-a um homem de recados que transportava uma mala, declarando que vinha da parte de Gacougnol.

Teve a presença de espírito para não deixar transparecer a sua emoção que era viva e, em despeito da sua impaciência por ver o que vinha dentro da mala, foi descendo para a sala comum, respondendo maquinalmente às gentilezas mecânicas da hospedeira, sentindo um burburinho nos ouvidos e um ardor na garganta.

Após enfáticas apresentações que não lograram deixar-lhe no espírito vestígio nenhum dos nomes bárbaros que lhe iam declinando, viu-se à mesa, na companhia de meia dúzia de estrangeiras de virgindade imprecisa, encaixilhadas nas diversas molduras da escala do tempo. Mlle. Séchoir, digníssima, reinava a pleno no alto dos quarenta bem contados. A mais nova, uma sueca, vermelhaça e constipadota, postada à direita de Clotilde, andaria em vinte anos e não abria boca que não fosse para tasquinhar. As outras, espalhadas à guisa de Curiáceos, não nos deixariam errar as contas se as puséssemos entre vinte e cinco e trinta, e mostravam-se mais loquazes do que manda a cartilha. Ricas e feias como quadra às transeuntes estudiosas do alegórico rio parisiense, a pobre rapariga de bairro parecia no meio delas uma obra de arte esquecida num curral.

Naturalmente, ainda antes de a verem sentada, já lhe tinham torcido a venta de puro desagrado.

Para já, haviam percebido que a nova pensionista vinha marcada com o grande anátema: não era *como as outras*,

e talvez a amável Séchoir já tivesse logo de manhãzinha prevenido todo o galinheiro.

Uma destas damas, inglesinha redonda e folgazaque, diríamos amassada por algum pasteleiro frenético, se tal forma se punha em evidência, deu-lhe nas oiras para a interpelar.

— Desculpe a pergunta: a menina por acaso é pintora?

— Não — respondeu Clotilde, que, dando-se conta por seu turno da pouca simpatia que a sua presença provocava e lembrada das recomendações de Gacougnol, estava resolta a não prodigalizar um átomo da sua intimidade.

— Que lástima! Mas pelo menos estuda pintura?

— Não, menina, também não estudo pintura.

— Miss Penélope — interveio então a Séchoir — é apaixonada pelas artes, e como eu tomei a liberdade de lhe dizer que a menina conhecia M. Gacougnol, que algumas vezes vem por aqui, ela concluiu que era uma das suas alunas.

Clotilde inclinou-se sem dizer uma palavra, desejando do fundo do coração que se esquecessem dela completamente. Mas a franganota inglesa, encorajada sornamente por uma piscadela da matrona, não se deu por vencida e voltou à carga no seu *patois*, uma geringonça que seria inútil imitar.

— Ah, sim!, menina, sou perdida pelas artes. Nem imagina! Tem sorte em estar em boas relações com o senhor Gacougnol. Quem me dera ser admitida na sua oficina, onde é tão difícil penetrar. Para tal é que eu gostava de ser sua amiga. Pedia-lhe logo que me apresentasse.

— Bem, bem, querida *miss* — regougou a razoável Virgínia —, isso é ir demasiado depressa. Disse-lhe que esta menina estava em muito boas relações com o nosso grande artista, mas não disse que ela tinha ordem de penetrar no santuário e, com maioria de razão, que poderia lá introduzir alguém.

Clotilde, para que a deixassem em paz, declarou que, tendo hábitos de vida solitária, receava não poder dignamente responder à amizade preciosa que se dignavam oferecer-lhe, acrescentando que na verdade o *atelier* de Gacougnol se lhe mantinha aberto, mas que não tinha o direito de levar lá quem quer que fosse.

As perguntas directas acabaram assim. Entretanto o farrario das pécoras evoluiu em torno do pintor-escultor e do

poeta-músico; formularam-se juízos contraditórios, no vão intuito de surpreender a jovem, que se esforçou por pensar noutro assunto e nesse dia compreendeu um pouco melhor a força negativa do silêncio.

As convivas viram-se obrigadas a confessar que «não iriam adiante na leitura» desta alma, e a própria Mlle. Séchoir ficou levemente de orelha caída devido à precisão cortante e à singular firmeza duma pessoa que ela julgara tímida com demasiada pressa!...

A refeição trouxe a Clotilde uma segunda advertência: ter a maior cautela e o máximo cuidado em defender o inestimável tesouro do autodomínio contra os ímpetos possíveis da sua imaginação a inclinarem-na para estranhos ou estranhas que não seriam *evidentemente* — como o pintor que se não atiravam de julgar na sua presença — os ministros plenipotenciários do seu destino.

Levantou-se da mesa logo que lhe foi possível e correu ao quarto para examinar o malote que lhe mandara Gacougnol. Continha toda a sorte de roupa que uma mulher precisa, vários objectos de *toilette* e alguns livros. O bom homem saíra de casa muito cedo, via-se, e correria de loja em loja expressamente para que ela tivesse essa surpresa antes de voltar para junto dele.

Tal diligência, uma tão rara solicitude podiam explicar-se apenas pela caridade cristã que o artista invocara na véspera como justificação da sua munificência? Nenhum sábio o poderia garantir. Clotilde era uma rapariga simples como a linha do horizonte e, por consequência, bem capaz de discernir ou de pressentir o mais ténue desvio; mas vibrava ainda com os acontecimentos da véspera e a suspeita que um segundo volteou por dentro da sua linda cabeça, repelida vitoriosamente pelos fluidos generosos do entusiasmo, não lhe fez moza. As almas rectas estão reservadas para rectilíneos tormentos.

Ouvindo bater uma hora, pôs-se enfim a caminho na direcção do *atelier* do seu protector; chegou uns minutos depois de sua mãe de lá ter saído.

XX

Impõe-se aqui um parêntesis. Às veneráveis pessoas que não gostam de *digressões* e consideram o infinito como um pratito insubstancial suplicamos-lhe aqui com a maior devoção que não leiam este capítulo; ele não modificará nada nem ninguém, o mais certo é julgarem-no a coisa mais inútil que se possa escrever.

Ao fim e ao cabo, esses graciosos leitores fariam ainda melhor se não abrissem o presente calhamaço, que não passa de uma longa digressão sobre o mal de viver, sobre a infernal desgraça de subsistir, sem protesto, numa sociedade sem Deus.

O autor nunca prometeu divertir ninguém. Prometeu até algumas vezes o contrário e cumpriu fielmente a palavra. Nenhum juiz tem o dever de lhe pedir mais. O fim desta história é de resto tão sombrio — se bem que o iluminem estranhos clarões — que será sempre demasiado cedo para o lacrimejo ou o horror dos medíocres sentimentais que se interessam pelos romances de amor.

É incontestável que o facto de receber presentes, e sobretudo o que se convencionou chamar *presentes úteis*, é, aos olhos do mundo, sinal evidente de uma monstruosa depravação quando a mulher que os recebe é livre, e o homem, célibe ou não, que tem a audácia de os oferecer não é nem seu parente nem seu noivo. Mas a depravação, de simplesmente monstruosa que era, volve-se *excessiva* se os objectos, oferecidos de um lado, e francamente aceites do outro, são de uso íntimo e consequentemente significativos de torpezas: a oferta duma camisa, por exemplo, brada aos céus...

Deste ponto de vista, a indefensável Clotilde seria condenada pelos moralistas de trazer por casa com uma energia quase sobre-humana. As mulheres, porém, ainda as mais escarpadas featonas, ver-se-iam forçadas a reconhecer no meio dos seus anátemas que Gacougnol cumprira apenas o seu dever, e que as suas dádivas, fossem elas quais fossem — supondo que sobrepujassem a munificência de vários califas —, não passavam de uma defeituosa e insuficiente oferta.

As mulheres estão universalmente persuadidas que *tudo lhes é devido*. Tal crença imbebe-se-lhes na natureza como o triângulo está inscrito na circunferência que ele deter-

mina. Linda ou feia, escrava ou imperatriz, todas com o direito de se suporem a MULHER, nenhuma se esquivava a esse instinto maravilhoso de se aproximar do ceptro cuja Titular é sempre esperada pelo género humano.

O horrendo pedante que dá pelo nome de Schopenhauer, que passou a vida a observar o horizonte do fundo dum poço, era decerto incapaz de suspeitar a origem sobrenatural do sentimento dominador que arremessa os homens mais fortes aos pés das mulheres, e a cãozoada contemporânea sem titubear cobriu de louros esse blasfemo do Amor.

Do Amor, digo bem, porque não pode ser nem julgar-se outra coisa que não seja o próprio Amor, e o Paraíso terrestre, buscado há tantos séculos pelos D. Joões de todas as craveiras, é a sua prodigiosa Imagem.

Na mulher, criatura temporariamente, *provisoriamente* inferior, não há, por consequência, senão dois aspectos essenciais conciliáveis com o infinito: a Bem-Aventura e a Voluptuosidade. Entre as duas está a *Mulher Honesta*, a fêmea do Burguês, esse reprovado absoluto que nenhum holocausto vinga redimir.

Uma santa pode cair na lama e uma prostituta elevar-se na luz, mas jamais nem uma nem outra se tornará uma mulher honesta, porque à horrenda vaca estéril que se chama mulher honesta e que negou há pouco hospitalidade em Belém ao Menino Jesus, achaca-a a impotência eterna de se evadir do seu nada pela queda ou pela ascensão.

Mas todas têm esta coisa comum que é o firme e prévio conceito da sua dignidade de dispensadoras do Prazer. *Causa nostrae laetitiae! Janua coeli!* Só Deus pode saber de que forma, por vezes, estas fórmulas sagradas se amalgamam com a meditação das mais puras e o que a sua misteriosa fisiologia lhes sugere!...

Todas — quer o saibam quer não — estão convencidas de que o seu corpo é o Paraíso. *Plantaverat autem Dominus Deus paradisum voluptatis a principio: in quo posuit hominem quem formaverat.* Por consequência, nenhuma oração, nenhuma penitência, nenhum martírio tem eficácia cabonde de impetração para lograr essa inapreciável jóia que o peso de diamantes das nebulosas não chega para pagar.

Calculem o que elas dão quando se dão, e meçam o seu sacrifício quando se vendem!

Eis a conclusão tirada dos Profetas. A mulher tem RAZÃO de julgar tudo isso e de pretender tudo isso. Ela tem infinitamente razão, pois o seu corpo — essa parte do seu corpo — foi o tabernáculo do Deus vivo e ninguém, nem mesmo um arcanjo, pode pôr balizas à solidariedade deste desconcertante mistério!

XXI

Dissemos acima que Gacougnol saíra pela manhã e se desvelara por Clotilde numa actividade extraordinária.

Ao regressar, encontrou à porta uma velha; de longe, tomara-a, já que era míope, por um esguio sacerdote ressequido pelos trabalhos apostólicos e profundamente desolado pela pestilência dos corações.

A tia Chapuis, vestida de negro, albergava-se, com efeito, debaixo de um imenso chapéu em forma de caleche, mais velho que a Sé de Braga; decerto o encontrara nalgum entulhão de imundícies; e ia enxugando repetidamente os olhos num lenço sórdido aos quadradinhos, que não se poderia dizer deslocado em qualquer choça de arrabalde.

Anunciou-se ao pintor numa voz de quem estava mesmo a despedir desta vida; e o primeiro pensamento que lhe veio foi mandá-la para o diabo; sobreestive depois por pensar que esta mãe ignóbil podia pôr em risco a tranquilidade de Clotilde.

Teve que se resignar e fê-la entrar pensando que, ao fim e ao cabo, tal imundície não atravancava toda a casa que depois se defumaria com água de cheiro.

A entrada da farsante foi, de resto, coisa de se ver, que desde logo o recompensava pelo seu gesto generoso. Entrou como quem escorrega, arrimando-se à parede, em jeitos de quem não podia arcar com o fardo que levava; ao mesmo tempo, abria as comportas dos soluços que a sacudiam, que eram de molde a fazer com que todo o universo pensasse que as forças de uma pobre mãe estão pelas ruas da amargura e que não há meio de aguentar

uma cruz tão pesada, salvo se não tardar o socorro do alto; caso contrário, temo-la por terra a todo o momento.

Noutra altura a enorme repugnância que lhe causava semelhante presença levaria de vencida o próprio sentimento do ridículo e Pelópidas teria decerto perdido toda a paciência. Mas como tinha feito o que desejava, sentia-se alegre e o caricaturista reclamou os seus direitos.

— Senhora — disse ele —, convença-se de que a sua visita me mergulha num mar de delícias. Tenho pena que os meus trabalhos só me cedam cinco minutos para me entregar às delícias prováveis da sua conversação. Ficar-lhe-ia imensamente grato se me dissesse em duas palavras o assunto que a traz aqui.

Postada no centro da vasta sala, a senhora Chapuis ali ficou de plantão, deixando cair as duas mãos abertas, com as palmas para fora, na ponta dos longos braços aderidos aos flancos, na posição cuidadosamente estudada duma cristã generosa diante de um feroz procônsul.

Simultaneamente, em duas sábias oscilações o mento descrevia uma curva sobre a papeira de vaca de velha hipócrita, erguendo à direita e à esquerda uma goela de Cimodoceia dos antigos passeios públicos, aspirando agora à pátria celeste.

— A minha filha? — suspirou por fim. — Que fez da minha pobre filha? — E esta exclamação materna era como o último sopro que passasse através duma flauta parteniana.

Pelópidas, que à vista desta velha casquilha se enchia de picardias, teve, um momento, a tentação de lhe dirigir a mesma palavra que produzira, vinte e quatro horas antes, tão surpreendente efeito e esteve, vai não vai, para lhe gritar: «Dispa-se!» Mas logo o assaltou um medo horrível de ser tomado à letra e contentou-se com responder:

— A sua filha está em casa dela, provavelmente. Como preciso que ela «pose» com frequência e o vosso bairro fique lá em casa do diabo, aconselhei-lhe moradia menos afastada. Por isso lhe mandei o recado ontem à noite.

Ao ouvir isto, a mártir pareceu cambalear. Agarrando a cabeça às mãos ambas, expeliu este grito patético:

— Oh!, meu Deus, só me faltava isto. Desta vez é o fim. Assim me castigais, meu doce Jesus, por ter amado tanto a minha filha. Pobre coração, o meu!

Como este precioso órgão se lhe tornara, pelos vistos,

demasiado oneroso para a sua fraqueira, lançou em redor olhares tresloucados, e como não visse alma caridosa que lhe trouxesse uma cadeira, seguiu em direcção do canapé, imitando com êxito os passos atáxicos dos cabotinos de melodrama.

Estarreceu-se o pintor só de pensar que essa huri de pesadelo ia espojar-se no móvel que era confidente das suas meditações mais sublimes. Acorreu, açodado, e, agarrando-a pelo osso do cotovelo aguçado que nem faca de sílex, revirou-a na direcção da porta.

— Não, não, minha flor! Ou julga que já se encontra na morgue, no meio doutros cadáveres? Tive a honra de lhe exprimir, na forma mais respeitosa possível, a pena que sinto por não poder ouvi-la com o recolhimento que se pode imaginar. Ainda tenho menos tempo para ficar embasbacado diante desses trejeitos de desespero, por muito bem representados que sejam, e bem vejo que são. Se nada tem a notificar-me de maior urgência, desapareça-me da vista para fora.

A velha, vendo que ia ser posta dali para fora a toque de caixa e que, com tal algarismo, não podia ir de carrinho com geringonças patéticas, resolveu declarar-se.

— Senhor, restitua-me a minha filha! É a única consolação da minha velhice. Não tem o direito de separar a mãe da filha. Deve estar por aí escondida na casa, pois não tem dinheiro para viver num hotel... Oh!, meu Deus. Ainda vá que esse querido tesouro tivesse encontrado uma *boa amizade*. Bem vejo que o senhor é um bom e honrado homem que sabe viver; e não quer fazer mal a ninguém, não é assim? Mas veja bem, trata-se de uma filha que não tem experiência e nada pode substituir os conselhos de uma terna mãe. O céu me seja de testemunha em como a eduquei santamente!... Não será o senhor que a engane, demasiado consciencioso para isso, vejo muito bem que é um pintor leal. De resto, entre pessoas de bem, sempre pode haver entendimento. Eu, sabe o senhor?, conheci a adversidade, mas não sou uma de tantas que para aí andam... Sou filha de boa gente e conheço o mundo. Toda a gente vê que não nasci atrás duma couve. Sei-me pôr no meu lugar e tenho maneiras. Quis a mofina que eu tenha casado com um homem que era indigno de mim, que me enlutou a vida e me pôs uma coroa de espinhos. Mas

pergunte a quem quizer, todos lhe dirão que arqueei com o infortúnio sem a mais pequena quebra de dignidade. Não tenho nenhum pico na consciência e, de cabeça levantada, dei sempre os melhores exemplos à minha filha ...

«Olhe! — acrescentou, transportada de súbito e como mulher que cede ao próprio coração, abrindo os braços para Pelópidas, que recuou estarecido —, se quisesse poderíamos ser muito felizes, os dois! Viria morar ao pé de si com o meu amor e seria o que se chama uma santa família!

O golpe era directo e acertou em cheio no destinatário, cujas reservas de paciência estiveram para ir a pique. Todavia, a imprevista de Chapuis como futuro companheiro de uma vida de família reavivou uma acendalha de júbilo.

— Não há dúvida — disse ele gravemente —, é um bonito futuro. Esse querido de quem me fala é decerto o rapagão que aí me apareceu anteontem. Dou-lhe os parabéns, a senhora vê-se que tem dedo para escolher, estão mesmo um para o outro. Cose-a a pontapés todos os dias, não é verdade?

— Que ideia! É o coração mais nobre que cobre a rosa do sol e todo se derrete diante da nossa *querida* Clotilde!

— Sim, naturalmente quer dormir com ela reservando à virtuosa mãe o trabalho de segurar a candeia ... Sua velha bruxa — explodiu ele por fim desencadeado —, veio com o fito de me vender a sua filha que talvez tenha roubado outrora, pois não é possível que tenha saído desse podre enxergão. Seria desencadear os raios da ira de Deus! E esperais surripiar-me dinheiro, não é verdade? Fizestes, ambos, o bonito cálculo de que a vossa filha se tornara minha amante e que me vão pôr a unha à vontade vindo-me fazer cenas ao domicílio. Tomaram-me por um parvajola! ... Oiça-me uma vez por todas. Não vou perder tempo a explicar-lhe que Mlle. Clotilde só é e só deve ser uma amiga. Nunca compreenderia que uma rapariga educada por si não poderia disparar noutra coisa que não fosse uma prostituta. Mas porque julga que tem direitos sobre ela, o que é estranho, aviso-a desde já, para seu bem, que nada tenho que ver com isso, absolutamente nada, e que não sou da confraria dos parranas que se deixam chatear. A sua filha irá vê-la, se muito bem o entender, é lá com ela! Quanto a mim, *proíbo-a* de tornar aqui a pôr os pés. Quanto

ao traste com quem vive de mesa e pucarinho, aconselho-o que esteja quieto se tem amor à carcaça. Acabou-se. Gire daqui para fora. O meu *atelier* não é nenhuma casa de passe e a minha paciência não é de ferro. Fora, e depressa, se não tem a polícia à perna. Ala, rua!

Deu-lhe com a porta na cara e a mulher de Isidoro, aventada magicamente para o asfalto, esgueirou-se lacrimajante e enraivada, mas atestada de temor salutar do diabo do homem, cuja voz ressoava como os címbalos do Vale de Josafá.

XXII

A partir desse dia, uma grande doçura desabou sobre Clotilde. A sua vida encalçou-se como linda ribeira sem cascatas nem torvelinhos. Aceitou a paz com a mesma disposição de ânimo com que tinha aceitado as tormentas, com a vontade tranquila e forte de se não deixar esbulhar desse tesouro. A ventura que sentia não queria que fosse uma simples trégua, queria gozá-la plenamente, fazendo pelo menos provisões de coragem para arcar com tribulações ulteriores.

Passava todos os dias algumas horas na oficina de Gacougnol, a quem admirava cada vez mais, e que se atirara com zelo incrível à faina de a educar. O servir de modelo para Santa Filomena levava apenas algumas sessões; mas ele engenhara-se para dar à sua companheira encantadora a ilusão de ser indispensável.

Teve a original ideia de a utilizar como *leitora* enquanto trabalhava frente ao cavalete, com o pretexto especioso de que os versos de Vitor Hugo e a prosa de Barbey d'Aurevilly lhe robusteciam a inspiração com a mesma força que lhe viria das melodias de Chopin e de Beethoven.

Era, como a maioria dos meridionais, um virtuose da leitura; servia-se disso para lhe ensinar essa arte difícil, tão profundamente acalcanhada pelos declamadores da Comédia Francesa e pelos assassinos de ditongos do Conservatório — revelando-lhe assim as mais altas criações literárias, ao mesmo tempo que lhe insinuava o segredo de dizer por próprias palavras a substância dessas obras:

— O sublime e a maneira de se servir dele! — concluía.

Um dia em que lhe fizera ler de cabo a rabo *Britannicus*, adoçando com frequentes interrupções o tédio pavoroso dessa obra-prima, levou-a ao Teatro Francês, onde precisamente se representava a tragédia que lhe matraqueava os ouvidos.

Com extrema satisfação da sua aluna, fez-lhe notar que nem um só verso do poeta nem uma só palavra eram *pronunciados*, mas que os comediantes afamados, educados na tradição do berreiro, justapunham ao texto uma espécie de contraponto declamatório, absolutamente de fora parte, que não deixava transparecer um átomo do poema vivo que eles se dão ares de interpretar.

Fez-lhe ver ainda de que maneira o público, içado ao sétimo céu da trivialidade e hipnotizado por palavras tais como «dicção», «sintaxe fonética», «entoações emocionais», etc., como por cintilar de pedrarias, julga sinceramente ouvir Racine que os actores mais tapados ainda julgam declamar.

Este singular pintor descobriu em si mesmo singulares faculdades pedagógicas que não suspeitara possuir. Sabia um pouco por cima da burra grande número de coisas, mas quando se achava em falso, as lúcidas explicações que lhe dava da sua ignorância eram-lhe de maior proveito que o próprio objecto que ele confessava escapar-lhe.

Dizia, por exemplo, que nunca compreendera o que para aí chamam filosofia, por não lograr a prévia concepção do punhado de pedantes que pretendem pôr em equilíbrio conjecturas sobre as hipóteses e induções sobre os postulados. A este propósito, desarvorava em maldições contra a Alemanha; acusava-a justamente de, com seu pesado espírito doméstico, ter atentado contra o bom senso das raças latinas destinadas, não obstante, a dominar essa escumalha.

— Deixe-me em paz! — gritava ele a Clotilde, que nem sequer mexia uma palha para o cocegar. — Não há mais que duas filosofias, se temos que nos amarrar a esta palavra ignóbil: a especulação cristã, quero dizer, a teologia do Papa, e a «filosofia do papel higiénico». Uma para o sul e outra para o norte. Quer que lhe conte em duas pa-

lavras essa história asquerosa? Antes do seu Lutero, o mundo germânico era coisa bem pouco brilhante. Quando digo o seu quero dizer o Lutero dessa nação crapulosa. Era uma ingovernável lagarada de quinhentos ou seiscentos Estados, em que cada um representava um formigueiro de cabeças brancas, impermeáveis à luz, e cujos descendentes só se poderiam orientar ou disciplinar a golpes de azorrague. A autoridade espiritual sobrevoava-os como a abelha sobrevoa o esterco. Lutero teve a sorte de ser o Indecente esperado pelos patriarcas da mendicidade setentrional. Incarnava em sumo grau a bestialidade, a ininteligência das coisas profundas e o fétido orgulho de todos os bebedores de mijo de vaca. É claro que foi logo adorado e todo o Norte da Europa esqueceu de caminho a Santa Madre Igreja para se precipitar nos excrementos deste porcalhão. E a correria continua já lá vão quatro séculos, e a filosofia alemã de que acabo de dar uma definição exacta é a mais copiosa imundície surgida do protestantismo. É o que chamam espírito de exame, e contraem-no, como a sífilis, antes de nascer; todavia, topam-se alguns franceses, filhos das ervas, que não se pejam de escrever que essa filosofia é superior ao nosso génio nacional.

Este método abreviativo vinha mesmo a talho de foice à recta e rápida inteligência da jovem que assimilava de golpe e da maneira mais feliz todas as noções essenciais, quer fossem transcendentais, quer terra a terra.

Em suma, o encantador Pelópidas ministrava-lhe alimentos sólidos, não obstante a desordem por vezes heróica dos seus resumos.

A ciência conferida por este mestre era para ela como pão amassado por algum moço de padeiro sonâmbulo; pão onde vinham pedras, pregos, papel, fios de calça, pedaços de linha, de cachimbo, espinhas de peixe e patas de escarvalho — mas ainda assim verdadeiro pão de trigo que a fortificava.

— Que vem a ser a Idade Média? — perguntou ela uma vez, depois de ler um soneto famoso de Verlaine.

Nesse dia, Gacougnol excedeu-se a si mesmo e esteve magnífico. Levantou-se do seu escano, aventou com a paleta e com os pincéis e com o cachimbo, enfim, com tudo o que pode impedir um homem de se pôr a unísono com o

sublime, e, de pé, no meio do *atelier*, pronunciou estas palavras dignas do grande marquês de Valdegamas:

— A Idade Média, minha filha, foi uma imensa igreja, como não se verá outra até que Deus volte à terra, um lugar de orações tão vasto como todo o Ocidente e edificado sobre dez séculos de êxtase que fazem pensar nos Dez Mandamentos de Sabaoth! Foi o pôr-se de joelhos universal na adoração ou no terror. Os próprios blasfemadores e sanguinários estavam de joelhos porque era a única atitude na presença do Crucificado terrível que devia julgar todos os homens... Fora dela tudo eram trevas cheias de dragões e de cerimónias infernais. Viviam-se como se fosse no momento da Morte de Cristo, quando o Sol escureceu. A pobre gente do campo lavrava a terra tremendo como se temesse acordar os mortos antes de tempo. Os cavaleiros e os seus servos de guerra cavalgavam silenciosamente, ao longe, desenhados sobre o horizonte crepuscular. Toda a gente gemia pedindo misericórdia. De quando em quando, um súbito pé de vento abria as portas arremessando as sombrias figuras do exterior até ao fundo do santuário; aí todas as velas se apagavam, e não se ouvia mais que um longo grito de terror repercutido nos dois mundos angélicos, esperando que o Vigário do Redentor erguesse para o céu as suas terríveis Mãos esconjuradoras. Os mil anos da Idade Média foram o período do grande luto cristão da sua padroeira Santa Clotilde até Cristóvão Colombo, que levou o entusiasmo da caridade fechado no seu sarcófago — pois não há como os santos ou os antagonistas dos santos para delimitarem a história.

«Um dia, já lá vão muitos anos, fui espectador duma das grandes cheias do rio Loire. Era muito novo e por isso imbecil e tanto ou tão pouco crente como é costume ser-se quando nos mordem todos os escorpiões da fantasia. Tinha jornadaado durante vinte e quatro horas através das campinas alegres da Turíngia, cheias então do toque dos sinos a rebato. Até onde podia ir o meu olhar, por todos os caminhos e veredas, através de bosques e vinhedos, contemplava o pânico de uma população desesperada fugindo diante da grande assassina alucinada que engolia povoações, arrancava pontes, arrastava lanços de floresta, montanhas de escombros, granjas cheias de celeiros, rebanhos com seus estábulos, e se torcia contra os obstáculos mu-

gindo como um exército de hipopótamos. E isso debaixo de um céu sanguinolento e de bronze, que parecia outro rio em cólera a anunciar um suplemento de extermínio. Cheguei por fim a um vilório perdido e incorporei-me numa multidão pálida que se precipitava para uma igreja dos velhos tempos, com todos os sinos a bimbalar ao mesmo tempo.

«Jamais esquecerei esse espectáculo. No meio da nave obscura, um velho sarcófago em ruínas, tirado de debaixo de algum altar, fora deposto em terra e oito braseiras vermelhas acesas sobre grelhas ou aquecedores alumiam-nos à guisa de círios ao rés do solo. A toda a volta, homens e mulheres, crianças, um povo inteiro prostrado, as mãos juntas por cima das cabeças, faziam súplica ao Santo cujas ossadas ali se encontravam para que os livrasse do flagelo. A vaga de gemidos era enorme e renovava-se a cada instante como a respiração do mar. Já assaz emocionado por tudo o que havia precedido, pus-me a chorar e a rezar, unido cordialmente a esta pobre multidão, e conheci então pelos olhos do espírito e os ouvidos da alma o que devia ter sido a Idade Média!

«Um subitâneo recuo da minha imaginação transportou-me para o meio desses tempos longínquos onde a pausa do sofrimento era apenas a da oração. A cena que eu tinha debaixo dos olhos foi para mim o tipo certo de cem mil cenas idênticas repartidas por trinta gerações desgraçadas, cuja espantosa miséria é apenas aludida nas histórias. Desde Átila até às incursões muçulmanas e do célebre 'furor dos Normandos' até à raiva inglesa que durou cem anos, ia eu botando o cálculo de milhares de infortúnios que assim foram chorados por toda a parte, diante de relíquias sagradas dos Mártires ou dos Confessores que se dizia serem os únicos amigos do indigente e do lastimoso.

«Nós, esta canalha de agora, somos os filhos dessa paciência maravilhosa e quando, na esteira de Lutero e de seus asseclas de arrazoadores, renegamos dos grandes Senhores do Paraíso que consolaram os nossos pais, é justo que nos segreguem como perros do banquete de poesia a que foram convidadas durante tantos séculos as almas simples.

«Porque esses homens de coração, esses ignorantes, esses oprimidos sem protesto que a nossa suficiência de

idiota despreza, traziam nos seus corações e nos seus cérebros a Jerusalém celeste. Traduziam como podiam os seus êxtases nas pedras das catedrais, nos vitrais esbraseados das capelas, na carreira dos livros de orações, e todo o nosso esforço, se uma centelha de génio nos anima, é remontar-nos a essa fonte luminosa...

«Marchenoir, que é uma espécie de homem da Idade Média, dir-lhe-ia estas coisas muito melhor que eu. Os seus sentimentos e affectos são os do século XI e afigura-se-me muito bem alistado na Primeira Cruzada, na companhia de Pedro, o Eremita, ou de Gauthier Sem Vintém. Toque-lhe neste ponto e verá.

Como se vê, o ensinamento de Gacougnol era sobretudo estético. Tendo descoberto na sua aluna um apetite extraordinário de Beleza em todas as coisas, assestava aí todo o seu zelo e jamais lhe propunha outro objectivo, certo de que esse espírito virgem que estremecia como as libélulas na luz compreenderia o que se escrevesse para ele num raio de ouro.

A cultura intelectual da pobre donzela era, está visto, escassamente rudimentar. Tinha o grau de instrução das operárias mais humildes e não era a vizinhança do casal Isidoro a mais apontada a desenvolvê-lo. Alguns romances miseráveis de gabinete de leitura foram o seu único recurso e a boa natureza fizera o resto.

Conforme ao desejo não expresso de Gacougnol, um violento desejo de aumentar o pecúlio da sua alma a senhoreou ao contacto do pintor e dos seus amigos, porque o pintor quase só recebia em exclusivo três ou quatro personagens distintos e entre eles Marchenoir, e o interesse crescente destas visitas pela nova unidade do grupo via-se à légua. A pequena sentia-se inclusa num meio raro; bastava a presença do «Inquisidor» para a seus olhos esse meio ganhar um lustre extraordinário.

Rogou pois, desde os primeiros dias, ao seu patrão maravilhado que lhe arranjasse os manuais elementares que era preciso para adquirir o conhecimento de ortografia, de geografia e de história geral—os três conhecimentos, dissera-lhe Marchenoir, que devem bastar, depois do catecismo, a uma mulher verdadeiramente superior —, e pôs-se a trabalhar com ardor, dando ao estudo todo o tempo que lhe não exigia Gacougnol, de quem temia tornar-se um empecilho

inútil. Enganava-se neste ponto. Não podia prescindir dela e não o ocultava.

— Querida amiga — dissera ele como resposta a uma pergunta cheia de inquietude que ela lhe fizera um dia em que, terminado o seu papel de modelo, ele acabava de pro-movê-la à superior função de leitora —, convença-se que eu sou um homem tenaz e não vou abrir mão de si, a menos que a minha companhia a enfastie, o que, ai de mim, é bem possível. Não me posso gabar de ser uma companhia de trazer pela beija. Mas se me pode aturar, dou-lhe a minha palavra de honra que me é mais que útil.

«Primeiro porque me pode ler livros de que gosto. É uma releitura através do seu espírito, o que tem certa importância para mim, pode crê-lo, porque a menina tem o dom quase inaudito de não ser vulgar. Por outro lado, ainda quando me não prestasse nenhum serviço positivo, com denominação precisa no dicionário, já não é pouco o defender-me contra o tédio da minha vida, que é bem pouco divertida!... Sou uma espécie de grande homem malgrado, ninguém o sabe melhor que eu e dispenso que alguém mo diga. Há-de compreender melhor mais tarde o que estas palavras encerram de amargor...

«Preciso portanto de uma *dama de companhia*. Não é bem isso, nem isso acontecerá. Mais uma razão. Passei a vida a fazer, por escolha, aquilo que se não devia fazer. Pode ver que quanto a mim está na atitude mais correcta.

«Espero, por outro lado, minha menina, que terá tomado já as suas disposições acerca das suposições e dos 'dixes' que hão-de correr por Grenelle. Seja o que for em minha casa, a sua respeitável mãe e o seu digno companheiro não deixarão de dizer que a menina é minha amante. Não fiz segredo que ela veio aqui, logo no primeiro dia, para ver se achava nos lençóis da minha cama a sua dracma perdida.

«Esteja sossegada, como lhe recomendei, e se tenho a honra de ser para si uma imagem mais ou menos cómica da Providência tenha a certeza de que recebo talvez muito mais do que dou e não me aflija com os seus escrúpulos.

A situação de Clotilde para com sua mãe regulamentara-se no dia seguinte à famosa visita mencionada por Gacougnol. Por conselho deste, escrevera ela friamente o seu propósito de viver sozinha de futuro, e pusera por

escrito a sua vontade formal de se esquivar a qualquer entrevista até ao dia em que Chapuis fosse irrevocavelmente mandado bugiar. O delicioso casal, evidentemente alanceado por tão negra ingratidão, nada respondera e a paz da fugitiva parecia assegurada, por esse lado, por um tempo indeterminado.

XXIII

As histórias verosímeis não merecem ser recontadas. O naturalismo ridicularizou-as a ponto de fazer nascer, em todos os intelectuais, uma necessidade famélica de alucinação literária.

Ninguém contestará que Gacougnol é um artista impossível e que Clotilde é uma jovem como nunca se viu. A pedagogia e o platonismo recíproco da modalidade de um e de outro ofendem evidentemente a psicologia comum. Marchenoir, que ficou lá para trás, não era lá muito plausível e os personagens que vão comparecer a duras penas serão julgados com cunhos e cruces. Uma tal narração, por consequência, oferece-se aos refractários cada vez menos numerosos que pugnam pelo direito a um pascigo fora dos limites assinalados pelos legisladores da Ficção.

Não obstante as moléculas passionais, nada fazia prever, dois meses passados, que protector e protegida viessem a cair nos braços um do outro e dormir tranquilamente juntos.

Se Gacougnol tinha projectos nesse sentido, não soprava palavra nem fazia a mais pequena alusão. Por seu lado, Clotilde pairava a mil léguas do sol da concupiscência, como uma luazinha branca contente de reflectir innocentemente um pouco de luz.

A prova decisiva da sua felicidade funcionava de resto em seu favor e não alterava um ápice os seus modais de ovelha respeitosa. Indiferente às admirações que ela excitava na pensão, ia todas as manhãs passar uma hora na Igreja das Trinas, pedindo a Deus que lhe conservasse algum tempo ainda o seu velo de ouro e que a enchesse de coragem para as escardoçadas futuras de que tinha o pressentimento. Porque não podia acreditar que o estado actual fosse outra coisa que uma simples pausa refrescante, uma fantasia pas-

sageira do seu destino que cessava um momento de atormentar para aguçar a ponta de seus lindos cutelos.

Lembrava com angústia as palavras misteriosas do Missionário; habituara-se a ver nelas como que uma advertência profética; pareciam anunciar dores extraordinárias, diferentes, seguramente, das banais tribulações do seu passado.

«Quando se encontrar no meio das chamas», dizia de si para consigo. «Que significa esta palavra e por que razão a disse o bom padre? Meu Deus, sabeis que não tenho o coração de um mártir e que tenho muito medo destas chamas que me são prometidas.»

Inclinava-se então e fazia-se pequenina debaixo dos sopros abrasados do deserto que imaginava entre ela e o Paraíso.

Lembrava-se também de Eva, dessa «Mãe dos viventes» a quem o bispo dos selvagens lhe tinha recomendado que rezasse com fervor, assegurando-lhe que essa primeira mulher era a sua verdadeira mãe e que só ela tinha o poder de a auxiliar.

Eis aqui a sua oração de *menina*, de molde a desorientar os confeiteiros de ladainhas da devoção aparatosa:

Minha boa Mãe que fostes enganada pela Serpente no Jardim do Éden, peço-vos o amor à Semelhança de Deus que há em mim para me não sentir tão infeliz quando me vir no meio do sofrimento.

Se há algum réptil perigoso perto de mim,izei-mo, por misericórdia. Põe-lhe na cabeça uma coroa de brasas para que eu o conheça pelo terror que me inspira. Não permitais que eu seja por minha vez enganada acerca da qualidade duma humilde alegria cuja novidade me extasia e que talvez não dure os dias que seriam precisos para me desmamar das humilhações.

Bem sei, Mãe, que não vos amam muito neste mundo que a Vossa Curiosidade deitou a perder e enche-me de pena pensar que o Vosso Nome magnífico é tão raramente invocado.

Esquecemo-nos que sofrestes antecipadamente todos os arrependimentos da humanidade e que é uma coisa espantosa ter tantos filhos ingratos ...

Mas desde que o bom ancião me chamou a atenção

para vós, sempre me dirigi a Vós com affecto e senti que me acompanháveis nas horas mais dolorosas.

Lembro-me de que no meu sono me tomáveis pela mão e íamos ambas para um país adorável, onde os leões e os rouxinóis desfaleciam de melancolia.

Dizíeis então que era o Jardim perdido, e as Vossas grandes lágrimas semelhantes a bagas de luz eram tão pesadas que me esmagavam ao caírem sobre mim.

Isso me consolava no entanto, e eu acordava sentindo-me viver. Iríeis Vós abandonar-me hoje só porque outros tiveram misericórdia da vossa filha?...

Certamente as devotas burguesas do bairro deviam conceber singulares e torcidas conjecturas à vista desta desconhecida que não falava nunca com ninguém e tão-pouco se parecia com as «galinhas» edificantes que ordinariamente se vêem a debicar pelas sacristias.

Não era pessoa que incomodasse ou sequer atraísse as atenções. Emanava, porém, do seu formoso rosto impassível uma candura ofensiva que sacudia as consciências. Tinha a originalidade de rezar com os braços em cruz, à maneira dos marinheiros e dos galerianos; assim ficava a descoberto todo o seu rosto onde o entusiasmo religioso projectava o seu clarão.

Era tão encantadora nesses momentos e ficava tão bonita que as cinco ou seis paroquianas que infalivelmente ali vinham e a viam todos os dias no mesmo lugar adoptaram caridosamente a hipótese explicativa de ser ela «uma *cocotte* andaluza e supersticiosa».

Essa popularidade caiu-lhe completamente a desbanda, nem deu por ela. Vinha fazer exame de consciência diante do Santíssimo Sacramento como as crianças do povo vão ver passar os soldados, levando depois para o *atelier* de Pelópidas ou para a nutrícia pensão Séchoir uma alma dútil e temperada no próprio fogo, mais difícil de quebrar que as sublimes espadas moçárabes forjadas no reinado do Magnânimo, com as quais se podia degolar um touro das Astúrias.

Não obstante Marchenoir ser amigo de Gacougnol, uma intimidade verdadeira não poderia jamais existir entre eles. As suas relações, muito embora cordiais, não eram perfectas. Não eram duas almas harmónicas.

Os modais do Soldado-Pregador ou do Cavaleiro Teutónico desse escritor sem esguardos, que Pelópidas chamava o «grande Inquisidor de França», agradavam sem dúvida a um artista tão fortemente apaixonado pela Idade Média. Abraçara mesmo com entusiasmo a maior parte das suas ideias e defendia-o generosamente quando na sua presença mordiam na sua reputação. Mas o espírito de versatilidade estética e de fantasia sem freio do excelente pintor esmagava-o o *absoluto* que emanava de continuo do rectangular Marchenoir. Este britador dos outros ainda ninguém o tinha esmigalhado a ele, em despeito de certas influências que outrora o iam extraviando; podiam estar certos de o encontrar sempre no mesmo lugar porque o seu verdadeiro centro estava fora de todas as circunstâncias.

No fundo, Gacougnol gostava tanto dele porque desatremava de todos os mais e via que uma abominável injustiça e uma série de golpes baixos o descartara da atenção dos seus contemporâneos. A compensação desta estima era fraca, pois o eloquente refractário nunca tomara a sério as elucubrações multiformes desse paternal bom rapaz.

Por sorte, um terceiro personagem garantia entre eles o perfeito equilíbrio sentimental. Personagem esse mais que estranho e cuja análise, podíamos dizer costa acima, tinha dente de coelho.

Leopoldo — não se lhe conhecia outro nome — dedicava-se à arte obliterada da Iluminura e tinha uns longes de corsário. Nada se sabia do seu passado, a não ser que fizera parte de uma malograda expedição africana em que duzentos homens foram massacrados nas cercanias do Tanganhica e da qual salvara miseráveis destroços através de quatrocentas léguas de perigos mortais e de privações para além da força humana. Ficara-lhe mesmo uma espécie de lividez dolorosa que o implantava nos caixilhos dos fantasmas quando uma emoção violenta lhe *arrepanhava* a fisionomia.

O modo como falava dessa peregrinação de agonia e

ainda certas expressões vagas davam a pensar que esse louco privilegiado se lançara de cabeça e de caso pensado nas mais sombrias aventuras menos para se furtar à platITUDE contemporânea que o exasperava, do que na esperança de fugir de si próprio.

Desgraça ou crime, tudo se podia congeminar da origem das vicissitudes conhecidas dessa existência hermética. Se não tinha deixado a pele nos *sarçais* da África Central devera-o a ter à roda homens a quem devia salvar; a sua natureza de chefe, que bradava com voz superior ao desespero actual ou anterior, arrojara-o pelos cabelos a que se salvasse ao mesmo tempo que salvava os companheiros.

Cada um dos gestos gravava a palavra *Vontade* na retina do espectador. Era, segundo a excelsa expressão de um romancista popular autor de quarenta volumes, e que não encontrara outra melhor, «um destes homens que parecem ter sempre as mãos enclavinadas na gaforina da oportunidade». Ao vê-lo, ficávamos a pensar nesses flibusteiros lendários das Honduras que, de dentro de três miseráveis chalupas, espavoriam uma frota de navios espanhóis.

De estatura meã, a magreza nervosa fazia-o parecer alto. Seus membros esbeltos moviam-se com agilidade, seus gestos tinham às vezes uma rapidez fogosa; era inquietante ver que as mais pequenas fibras pareciam vibrar até à ponta dos dedos enquanto os músculos mantinham uma formidável continência. Percebia-se que as suas longas mãos de estrangulador podiam ser o receptáculo súbito do homem inteiro costumado a projectar nelas todo o seu poder e que não fora uma nem duas vezes que já se tinham enclavinado sobre uma arma de pirata ou de cavaleiro. Havia nele um estremecimento contínuo à volta do qual revolteava permanentemente o terror.

Quando entrava em qualquer sítio e dizia: «Bom dia» com sua voz clara, a mais amistosa do mundo, volvendo em redor os seus olhos calmos de um azul esmaecido, quase julgaríamos ouvir: «Que ninguém saia» ou «Ai de quem se mexa!», e quando acenava a um cocheiro que ele tinha artes de escolher o mais patibular possível, na esperança sempre gorada de uma insolência que o obrigasse a dar o troco, o pobre diabo a tremer julgava transportar no seu carro a autoridade repressiva de todos os potentados. O

desejo de reduzir à escravidão essa classe de cidadãos era por assim dizer um traço do seu carácter.

Nenhum homem temerário alucinado pela paixão mais desencabrestada se interessava menos completamente das consequências dos seus actos como o fazia no estado de quieta placidez este enigmático Leopoldo; e com ar de bonacheirice inalterável.

Do segredo que lhe andaria no coração nunca transpirou coisa alguma.

Um dia, Gacougnol, no auge da estupefacção, vira passar como um projectil uma viatura puxada por dois cavalos furiosos, fustigados a cabo de chicote por um frenético Postilhão que ia de pé nas orlas de vante, enquanto o seu amigo comodamente instalado no banco de trás e frio como o tédio olhava sem ver a multidão que desfilava. Com risco de esmagar dez pessoas aventara para o bojo do primeiro cocheiro com quem topara os demónios da sua vontade, decidido como estava a não perder um comboio para Versalhes, cuja partida estava iminente, tentativa perigosa dada a enormidade da distância, tentativa deveras impossível. Teve a sorte inaudita de não matar ninguém, de esquivar todos os embaraços dos agentes protectores da via pública e de poder saltar para o comboio, empurrando é certo diversos empregados; saltou um segundo depois de o comboio se pôr em andamento.

Não se podia dizer que fosse bonito. Di-lo-íeis antes pendurado numa forca. A linha imperiosa do nariz aquilino cujas asas buliam continuamente não suavizava a dura expressão dos olhos e a boca sempre cerrada, sempre cerrada para dentro até incluir os lábios, era inflexível. Todavia a testa nobre era bem de dominador, erguida sobre esse rosto de chefão que parecia desafiar os raios.

Uma tal fisionomia, fascinante pela intensidade, devia impressionar seguramente as almas de menos energia e bacejava-se que as mulheres nem resistiam a este triunfador surdo a ternuras implorativas.

O que causava maior confusão, por exmplo, era que uma arte tão pacífica e meticulosa como a Illuminura quadrasse à ocupação de semelhante pirata desocupado a quem Marchenoir havia aplicado a palavra do historiador Matthieu sobre Carlos, o Temerário: «Quem lhe herdou a cama devia dá-la de presente, pois que um Príncipe de tão grande

inquietação nela pudera dormir.» O contraste saltava à vista com tal intensidade que nos cumpria reiterar a asserção ao apresentador Leopoldo a pessoas estranhas.

Por outro lado, não era ele apenas um cultor da miniatura, um iluminista, era um renovador da iluminura e um dos mais incontestáveis artistas modernos.

Contava que, tendo, na juventude, feito sérios estudos de desenho, essa vocação singular só lhe foi revelada muito mais tarde, quando, ao regressar de suas expedições, derretido o seu património, a impositiva miséria o obrigou a procurar qualquer modo de ganhar a vida.

Em todas as épocas da vida, posto sobre a grelha das suas faculdades buliçosas, tinha maquinalmente procurado dar-lhes pascigo aplicando a mão a ornamentações heteróclitas com que sobrecarregava, nas horas de aborrecido lazer, os bilhetes de surpreendente laconismo que ele escrevia aos amigos e às amantes.

Mostravam-se dele mensagens em três palavras a notificar encontros, nos quais a amplificação amorosa cedia lugar a um salseiro de arabescos, de folhagens impossíveis, de espirais inextricáveis, de figuras monstruosas e estranhamente coloridas em que as poucas sílabas que exprimiam a sua satisfação se impunham rudemente ao olhar em unciais carolíngias ou em caracteres anglo-saxões, as duas escritas mais enérgicas depois da rectilínea capital das efemérides consulares.

Um desprezo gótico por todas as manigâncias contemporâneas havia despertado nele o desejo, o gosto apaixonado por essas formas veneráveis, nas quais envazava o seu pensamento como teria metido o seu corpanzil para dentro de uma armadura.

Pouco a pouco, a letra ornamental foi despertando nele o interesse pela inicial *historiada*, depois pela miniatura independente do texto, com todas as suas consequências — segundo a progressão dessa arte primordial e geradora de outras artes, a principiar pela pobre transcrição dos monges merovíngios até desaguar, após meia dúzia de séculos, em Van Eyck, Cimabue e Orcagna que prosseguiram sobre a tela, com cores mais materiais de que a Renascença iria abusar, as tradições estéticas da espiritualidade medieval.

A sua habilidade tornou-se prodigiosa, logo que se de-

cidu a tirar partido dela, e surgiu um artista maravilhoso, de originalidade nunca vista.

Estudara com aplicação aturada e consultava de contínuo os monumentos veneráveis que se conservam na Biblioteca Nacional ou nos Arquivos, tais como os evangélicos de Carlos Magno, de Carlos, o Calvo, de Lotário, o saltério de S. Luís, o Sacramentário de Drogão de Metz, os célebres livros de horas de Renato de Anjou, de Ana de Bretanha e as miniaturas sublimes de Jehan de Fouquet, pintor titular de Luís XI.

Quase se rojara por terra para conseguir do ignóbil duque de Aumale, trinta vezes milionário, a autorização de copiar gratuitamente algumas cenas bíblicas e algumas paisagens das Horas magníficas do irmão de Carlos V, que estavam na posse indevida do crasso académico de Chantilly.

Por fim, um dia, fizera a dispendiosa romagem de Veneza, tão-só para estudar aí esse milagroso breviário de Grimani, em que se diz Memling colaborou e que ia inspirar Dürer.

Todavia, não era homem para imitar pedestremente nem sequer por fragmentos a obra desses precursores da Idade Média. As suas composições sempre estranhas e incompreendidas, fossem flamengas, irlandesas ou bizantinas ou mesmo eslavas, levavam o seu cunho e eram do «estilo Leopoldo», como o dissera com exacção Barbey d'Aurevilly, num folhetim extraordinário que marcara o começo da reputação do iluminista.

Desprezando a clorose da aguarela, o seu único processo consistia em pintar a guache, com forte empastamento, exasperando a violência dos seus relevos de cor pela aplicação dum certo verniz que ele mesmo inventara e furtava à análise de quem quer que fosse.

As suas miniaturas, por consequência, tinham o brilho e a consistência luminosa dos esmaltes. Eram uma festa para os olhos, e ao mesmo tempo um poderoso fermento de devaneios para as imaginações capazes de espantar a Quimera pelas alamedas dos séculos mortos.

Este sujeito extraordinário, amigo de Pelópidas, era um apaixonado por Marchenoir; consultava-o amiúde e acatava com uma espécie de veneração as suas mais pequenas advertências. Seria perigoso falar com pouco respeito de tal homem na presença do artista; tinha este a rareza sem

igual de considerar como um ultraje qualquer encomenda por vantajosa que fosse, que lhe fizessem sem ser por intermédio de algum admirador declarado desse proscrito. Contavam-se cenas bizarras. Gacougnol, considerado digno por excepção, conhecera Marchenoir por seu intermédio.

A ocasião pouco trivial da primeira entrevista de Leopoldo e de Marchenoir dera-se alguns anos antes por via de um artigo de revista em que aquele crítico temível reclamava, em nome da burguesia, os suplicios mais atrozes para esse Leopoldo que ameaçava ressuscitar uma arte defunta da qual os homens de negócios nunca tinham ouvido falar. Essa arte que julgávamos enfeixada nas criptas da Idade Média ia então renascer de verdade por obra e graça da insolente vontade de um homem em branco com as aquisições modernas e agregar-se às outras quimeras que o entusiasmo do pé-descalço ergue aos píncaros da Lua? Impunha-se a urgência duma repressão e Marchenoir enumerava com a precisão dum salsicheiro de Diarbekir ou de Samarcanda os refinados e subtis tormentos que julgava capazes de satisfazer a vindicta de botequim e de contrapesar a enormidade do atentado.

Esta sorte de ironia tanta vez praticada pelo panfletário subia a tal ponto de exasperação e frenesim, acabava de formar uma tal espiral de sarcasmos e de contumélias e de ranger de dentes, que Leopoldo, até à data só meio alambuzado de literaturas, teve a revelação do poder das palavras humanas.

Penetrou-se do convencimento de que a arte do seu estranho defensor equivalia misteriosamente à sua. As cores violentas do escritor, a sua barbaria cautelosa e alambiçada; a insistência giratória, o enrolamento obsessivo de certas imagens que turbilhonavam com obstinação sobre si mesmas como as plantas convulvoláceas, a audácia inaudita da forma copiosa como horda desencabrestada e rápida em despeito da pesada armadura, o tumulto sábio do vocabulário empenachado de chama e cinza tal o Vedóvio nos últimos dias de Pompeia, tauriado de ouro, incrustado, crenelado, denticulado de gemas antigas à maneira da urna de um mártir; mas, sobretudo a amplitude prodigiosa que semelhante estilo dava por vezes à mais minúscula tese, ao postulado mais ínfimo e mais pacífico — tudo isso pareceu a Leopoldo um espelho mágico onde breve

ele mesmo se viu retratado sentado no pináculo da admiração.
— O meu amigo é um miniaturista bem mais forte do que eu — disse ele com simplicidade a Marchenoir — e venho pedir-lhe os seus conselhos.

— Como não? — respondera este. — Porventura não sou eu o contemporâneo dos últimos homens do Baixo Império?

XXV

E deu como explicação:

— Esquece-se sempre que a Idade Média durou mil anos. De Clóvis e de Anastásio até Cristóforo, passando por Joana d'Arc e pelo derradeiro Constantino, completa-se o arco do tempo. Mil anos! Estamos a ver?

«Quando se nos diz que o Sol é mil e quatrocentas vezes maior que a Terra e que um abismo de trinta e oito milhões de léguas nos separa dele, estas cifras parecem-nos privadas de todo o sentido. O mesmo se diga quanto à duração de tal ou tal período histórico. O homem é tão sobrenatural que o que menos realiza são as noções de espaço e de tempo.

«Dez séculos! Cento e sessenta papas, seiscentos reis ou imperadores, sem contar os príncipes bárbaros, trinta ou quarenta dinastias e quase outras tantas revoluções como batalhas! Vá lá uma pessoa entender-se no meio disto tudo, mesmo que fôssemos anjos!

«Massacres, devastações, cidades a arder, cidades em oração, populações penduradas na fímbria do manto dos taumaturgos, carrilhões e toques a rebate, pestes e fomes, interditos e tremores de terra, ciclones de entusiasmo e trombas de pavor; nenhuma trégua mesmo à beira dos tronos, nenhum refúgio certo mesmo na Casa de Deus! Os Santos, é verdade, surgem por entre as ruínas e fazem o que podem para que 'esses dias sejam abreviados', mas são dias de vinte e cinco anos, ai de nós!, e são precisos nada menos que quarenta.

«Quaresma sem exemplo na duração, mais ainda do que no rigor, desbarata a faculdade de pensar. Compreende-se que certos desesperados perguntem a Deus se essa penitência incomparável iria desaguar simplesmente nas

aleluias irrisórias da Renascença e no vaquedo cristão do século passado!

«Eu, Marchenoir, não posso formular semelhante inter-relação porque, como acabo de ter a honra de vos declarar, sou um contemporâneo dos últimos homens do Baixo Império e, por consequência, muito alheio ao que se seguiu às ruínas de Bizâncio. Basta-me crer que tantos sofrimentos foram suportados para que viesse um dia a maravilhosa passionária da Idade Média que se chamou Joana d'Arc; depois dela verdadeiramente a Idade Média já podia morrer.

«Foi agonizando, no entanto, até Cristóforo, que a devia enterrar, e foi só então que a abjecta modernidade teve licença de aparecer aí. Mas a tomada de Constantinopla é a grande linha de demarcação.

«A Idade Média sem Constantinopla veio a surgir como árvore imensa a que se tivessem cerceado as raízes. Vede que era o Relicário do mundo, a ecuménica Urna de ouro, e que as ossadas dispersas dos seus velhos Mártires, onde o Espírito Santo repousara entre tantas gerações ingratas, poderiam cobrir as cidades do Ocidente com uma poeira toda luminosa!

«Mesmo cismática e pérfida, poluída de ignomínia a escorrer de olhos vazados e de sangue podre, mesmo horrorizando os Papas e os Cavaleiros, era ainda assim a porta de Jerusalém onde todos os bons pecadores tinham esperança de morrer de amor. Uma porta tão bela que deslumbrava os cristãos até aos confins da Bretanha, até ao fundo dos golfos escandinavos! Qualquer coisa enfim como um sol que nunca se tivesse posto!

«Diga lá, senhor miniaturista, se as sumptuosas aplicações de ouro que são a glória dos missais dos tempos antigos não são nada menos que o reflexo da inconcebível Bizâncio no crepúsculo desses mosteiros da Irlanda ou da Gócia, em redor dos quais os lobos famintos, ululando, acompanhavam o canto dos monges que rezavam a Deus pelos Peregrinos do Santo Sepulcro. Assim fala Orderico Vital, que foi um contista de uma ingenuidade sublime.

«Desde o dia em que o imperador Anastásio enxovalhou Clóvis com as consignas da dignidade consular, é bem certo que tudo o que na Europa podia ter alguma vibração poé-

tica vovera os olhos à cidade estranha, a única no mundo que o dilúvio bárbaro não engoliu.

«Roma, é claro, permanecia sempre a Mãe. Era lá que residia o Chaveiro da Bem-Aventurança que tem as Chaves na sua mão, mão que liga e desliga. Sim, não há dúvida, mas esta Sede do incontestável Primado, à força de ultrarival da Cidade Eterna, bastara-lhe estender as mãos, um pouco por cima dos muros inexpugnáveis, para arrebatrar para si toda a magnificência da terra. Como é que povos tão jovens se poderiam defender contra esta prostituta que embruxava os califas e os reis da Pérsia e que só com a sua miragem fez surgir a Rainha do Adriático do seio das águas?

«A arte da iluminura, já o disse, foi uma difusão fotogénica de Bizâncio através da alma sonhadora e melancólica dos Ocidentais, o espelho a contraluz e miraculosamente suavizado por uma fé infantil de seus mosaicos, de suas pedrarias, de seus palácios, de seus zimbórios pintados, de seu minarete dourado, de sua Prepôntida e de seu céu. Foi, por excelência, a arte da Idade Média e devia necessariamente acabar com ela. Quando Bizâncio se converteu na pocilga de javardos dos Muçulmanos, o prestígio que lhe dera ser desvaneceu-se e os sonhadores desesperados caíram na tinta indelével de Gutenberg ou no óleo espesso dos renascentistas.

«Isso devia ser o fim de tudo para indivíduos como eu e como essa meia dúzia de maníacos de quem sou irmão. Tem a sorte de ser um deles, meu querido senhor Leopoldo, e se compreendeu o que eu disse podemos esperar pelo Juízo Universal apertando-nos a mão afectuosamente.

XXVI

Grande serão em casa de Gacougnol. Salvo Clotilde, só estão homens. Uma dezena, contando também uma serpente meio cortada da espécie mais venenosa que serpeia habitualmente nos escarradores de diversos gabinetes de redacção, e que é célebre por ser feroz e pôntico de língua. Só dá pela alcunha diagnóstica de Apemanto. Deslombaram-no, há tempos, à paulada e, desde aí, deu férias às

suas insolências costumeiras, arrastando o canastro semelhante a uma cucurbitácea que destila letais venenos.

Reunião bizarra, se podemos dizer com profundidade que algo seja bizarro. Só a fantasia de Gacougnol é capaz de reunir, de longe a longe, os indivíduos mais díspares.

Quem não estranharia, por exemplo, junto de Leopoldo e de Marchenoir, a ridícula presença do gravador Klatz, judeu gorduroso e fétido, posto que irremediavelmente desprovido de talento, cujo palavrear axiomático de patarata alsaciano é tido como panacea sem rival contra todas as melancolias?

Dizia-se que fora outrora um belo homem. Mas em que tempo? Justos deuses! Parecia orçar pelos cem anos. Ao primeiro encontro julgar-nos-íamos em presença de Ashavero. Barba longa, de um branco terroso de espavorir as cinzas dos mortos; parecia ter rastejado há dezanove séculos por todos os caminhos e sobre todos os túmulos. Em despeito da sua vivacidade aparente, seus olhos são tão longínquos que um telescópio parece que seria preciso para os observar. Quiçá então se veria — lá no fundo — a face morosa do bom Tito a ver perecer Jerusalém.

Seguramente, olhos tais embruxaram outrora as loucas filhas de Tiro ou da Mesopotâmia que vinham tocar cítara e timpano mesmo debaixo dos muros da inexpugnável torre de Hípicos, para maldição do povo de Deus. Mas para cá desses dias remotos, quantas poeiras e que chuvadas sobre esse pó!, quantos ventos ardentes ou glaciais para tudo calcinar, tudo disseminar, tudo abolir!

Enfim, este personagem que parece andar sempre em busca da Arca da Aliança furtada pelos Filisteus, quando entra num lugar qualquer, deve consubstanciar o que os etnólogos encanecidos chamam o resultado definitivo da mais irrefutável selecção judaica.

O nariz levítico implica por si só, necessariamente, o *Veelle Schemoth*, o *Schofetim*, o *Schir-Haschirim* ou as Lamentações do Profeta, e o magma de sessenta veneráveis gerações, que todas as ruínas planetárias empoeiraram, estão nele consubstanciadas.

Zeferim Delumière não se pusera de fora. Este mistagogo sem rancor esquecera por certo o acolhimento pouco afável de Pelópidas relatado acima. A memória dos magos costuma ser boa para recordar o que não está oculto. Este.

de resto, fila-se, a um tempo a esta parte, ao bom Klatz, deleitado com o seu babaréu semita; Klatz, por seu lado, espicaça-o com algumas palavras hebraicas.

Mas o eclectismo de Gacougnol manifesta-o sobretudo a presença de Folantin, o pintor naturalista e pioneiro cujo sucesso longo tempo represado abria agora todas as comportas.

Difícilmente se encontraria coisa mais instrutiva que o calendário dos seus produtos.

Depois de uma série liminar de pequenas paisagens urinadas, esgrafiadas laboriosamente nas cercanias sem verdor; após um semitriunfo de um quadro de género que mostrava uma alcova de lupanar, onde os indecisos amores de um jovem pedreiro com uma astuta encadernadora se empastavam numa massa esbranquiçada semelhante a um queijo de bichos, Folantin, agastado por lhe não reconhecerem méritos de pensador, resolveu espalhar um pouco de moral filosófica sobre as suas esborratadelas.

Vimo-lo bosquejar então, com inexprimível desânimo de vários fantoches, a surpreendente imagem de um marido enganado que, com a palmatória na mão e a mais fria urbanidade, acompanhava um indivíduo sebáceo a quem acabava de surpreender, meia-noite batida, nos braços de sua esposa. Título do quadro: *No Lar!* Os elogios, porém, soaram mais pianinho que aquando do quadro anterior, cuja celebridade desgraçadamente declinava, e era necessário buscar outra coisa.

Trocando a espingarda de um ombro para o outro, pintou a toda a pressa um grande senhor, um jovem de truz, cujo tipo estudou num autêntico gentil-homem que se propusera recolher todas as pontas de cigarro da Poesia contemporânea sem pergaminhos.

Esse machacaz, bem contra sua vontade, foi representado assentado num penico a ler versos de vinto e cinco pés. Aconteceu porém, contra tudo o que era de esperar, que esse retrato alegórico foi uma espécie de reles obra-prima, e a nobreza de França — outrora a primeira do mundo — mostrou uma vez mais tanta podridão que o simulacro engendrado por Folantin, confrontado com o original, provocou, durante alguns momentos, o espelhismo da verdadeira força.

O feliz pintor ergueu a cabeça pelo meio das estrelas

e pôde agregar alguns discípulos. É impossível negá-lo. Por muito que se fosse inimigo de Folantin e da sua odiosa pintura documentada à maneira de um romance da escola idiota, o seu personagem tinha sobre esse artefacto convertido em pedestal uma forma equestre.

A partir desse momento, o novo mestre deu um pontapé aos bastidores de pequeno tamanho e lançou-se a grandes quadros.

As pessoas atropelavam-se em torno da sua *Missa Negra* e dos seus *Trapenses em Oração*, panos enormes, mijotados com pequenas pinceladas, que era preciso escrutinar centímetro por centímetro por meio de uma lupa de geólogo ou de numismata, sem esperança de lograr uma impressão beatífica do conjunto.

O primeiro desses armatostes parecia ter sido calculado para entusiasmar uma nova geração de burgueses excitada pela ânsia das lubricidades do inferno. O brioso artista, todavia, julgando-se ainda assim designado para instruir os seus contemporâneos, realizou ao mesmo tempo o prodígio de uma espécie de macaquice retórica, que se exaltava até se converter em torvelinho, num torvelinho verdadeiramente fétido e sacrílego!

Os Trapenses em Oração apontavam a ser o reverso, o contrapelo da precedente revelação. Folantin, em maré alta de orgulho e dando-se ares, aspirava a demonstrar que um artista que tinha a audácia de beijar o traseiro do Diabo sabia em compensação pôr-se a nado em pleno êxtase.

Folantin, há nadita um mero bruxo, descobriu o Catolicismo!

Clarividência por que não recebeu um bolo. A vingativa devocionice de S. Sulpício, desafiada para um duelo, varrou-lhe o coração com o hissope. Mas desta vez, todavia, ainda beneficiou do renovamento de crédito que parecem ter as preocupações religiosas, ao aproximar-se o fim do século, e a sua túnica de iniciador não degenerou em humilde jaqueta, como seria de temer depois de tal percalço.

O aspecto exterior deste pontífice era semelhante a essas árvores miseráveis — nogueiras da América ou cerejeiras bravas do Japão —, de pálida sombra e frutos venenosos ou ilusórios. Orgulha-se sobretudo das mãos que tem, que julga extraordinárias, «mãos de delgadíssima

infanta, de delicados e miúdos dedos», para usar as suas amistosas expressões de homem que se não autoflagela.

— Sou, a meus próprios olhos — assim dizia a um jornalista —, como um gato cortês e polido, quase amável, mas nervoso, e prestes a desembainhar as garras à menor palavrinha.

O gato parece ser com efeito, *o seu animal* preferido, salvo a graça deste felino. É ele capaz de espreitar indefinidamente a sua presa, mesmo a presa dos outros, com uma doçura feroz que nenhuma surra desconcerta. Este artista acolhe tudo na ponta de um sorriso gelado, deixando cair, de longe em longe, algumas curtas frases metálicas e subtis que fazem que os ouvintes fiquem perplexos sem saberem bem se estão a ouvir um ser vivo.

É «homem que não embarca». O ricto desdenhoso do seu lábio é inalterável e resiste a todo lirismo, a todo entusiasmo, a toda veemência cordial, e a sua paixão mais visível é parecer uma lâmina de barbear numa torrente.

— Eis ali o Invejoso — disse um dia certamente Barbey d'Aurevilly, que o deixou de trombas com dizer isto.

A sua vileza é no entanto circumspecta. Muito zeloso da sua fama, que cultiva em segredo, como um cacto frio-mento e raro, não perde ocasião de tomar contacto com jornalistas que julga poder desprezar ou com certos confrades cheios de candura cujas concepções ele complica e exalta. Corria como verídica a suja história da *Missa Negra*, cujo soberbo esboço, surripiado a favor de alguns luíses a um artista que morreu de fome, este se apressou a prostituir com o seu pincel depois de mandar bugiar ignominiosamente o infeliz que lhe fizera a esmola.

Nem todos estarão dispostos a acreditar que o independente Gacougnol receba em casa um personagem tão de molde a exasperá-lo. Mas o bom homem, já o vimos, o que quer é divertir-se e seguramente espera que estoure por aí algum conflito; por isso reuniu sob o mesmo tecto antagonismos tão deflagrados.

De resto, sem falar de Leopoldo, de Marchenoir ou dele mesmo, não vemos aí Bohémond da Ilha de França e Lázaro Druida, e a extrema repulsão que pode excitar Follantin não irá ser contrabalançada vinte vezes por estes dois seres luminosamente simpáticos?

O primeiro, toda a gente o conhece, ou seja é conhe-

cido por algumas centenas de sonhadores desfolhados por aqui e por ali e para os quais canta o seu poema um verdadeiro poeta, e este, mencionado entre os maiores, cantava apenas para si mesmo. Persuadido de que o silêncio é a sua verdadeira pátria, de bom grado se valia do grito das águias, por vezes do bramido de um rinoceronte estripado, para informar as estrelas de que ele anda no exílio.

Ataviado — com o fim de ser alvo da risotada do vulgacho literário —, ataviado com um nome que lhe dá angústias de morte, todo o seu esforço é de se atirar para fora deste mundo atroz onde uma Providência carniceira o tem emparedado.

Podíamos compará-lo com um desses luzentes dípteros nascidos, dir-se-ia, no leito dos rios da luz, que se precipitam até morrer, mas estremecidos sempre pela mesma presença, contra o cristal insensível que os separa do céu que lhes pertence. Um bicho-de-conta, decerto, encontraria outra saída. Ele nem sequer a procura. Encaniza-se à busca da evasão impossível, precisamente porque é impossível e é sua lei não acometer senão o que é desrazoável.

Era conhecido o seu ódio de arcanjo contra o Burguês, a ferocidade de templário que ele tem de reserva para as ocasiões em que é preciso achatar esse Réprobo respeitável, esse «assassino de cisnes», como ele o qualifica, de quem o próprio Satanás no seu inferno deve sentir vergonha. Chegara a pontos de não conceber outro modo de se santificar do que acutilar o burguês.

«Ah!, vejo-me forçado a sofrer a tua vizinhança», dizia de si para consigo, «condenado a ouvir a tua voz grosseirona, a expressão ridícula das tuas ideias vis, as tuas máximas de avarento e a ignomínia sentenciosa da tua vomitável sabedoria. Vamos rir-nos um pouco! Não te esquivarás ao meu sarcasmo!»

Fez-se então por um instante o amigo do burguês, seu querido amigo, seu mais próximo parente, seu discípulo, seu admirador. Convidou-o afectuosamente a pôr ao sol a sua alma, a desdobrar diante dele os seus intestinos, levou-o pouco a pouco à completa confissão, depois, pondo de manifesto a sua fulgurante armadura, varou-o com uma palavra vingadora.

A inocente ironia deste matalote das Dominações extravagadas desce por vezes a tal profundidade, que as vítimas

HENRI TOBRE

nem sequer se dão conta. Não importa, bastava-lhe que os Invisíveis registassem o dito...

Um outro pintor, o tal Lázaro Druida, lhe faz companhia; pouco célebre até à data mas tão diferente de Folantin como um turíbulo balançado diante de um altar é diferente de um pote de mostarda inglesa na sala de jantar dum mercador.

Esse, sim, é pintor, como um leão é leão, um esqualo é um esqualo, um tremor de terra ou um dilúvio são o que são, porque é absolutamente indispensável ser o que Deus quis que fôssemos e não outra coisa. Só que seria preciso algo mais que a linguagem dos homens para dizer até onde quis Deus que ele fosse pintor, pois parecia que todo o universo obstaculizava tal vocação.

Ah!, podia ele fazer o que quisesse, podia transtornar de admiração ou de espanto uma horda mais ou menos numerosa de intelectuais ou de fanáticos; poderia de um dia para outro desabar sobre a multidão com um achado extraordinário — pois bem, mesmo assim, não era isso o que se esperava dele.

Imaginemo-lo vagabundo, chefe de salteadores, incendiário, pirata sem fígados combatendo às mãos ambas como esse flibusteiro de pesadelo que só desabava sobre os galeões de Vera Cruz ou de Maracaíbo depois de ter acendido uma candeia em cada caracol dos seus intermináveis cabelos. Mais fácil seria sonhá-lo tranquilamente a guardar porcos debaixo das azinheiras de algum velho mosteiro, numa paisagem de vitral, a cabeça exornada com a auréola dos santos pastores, porque é uma alma de simplicidade adorável.

Mas a pintura ou, se quizerem, a sintaxe da pintura, os seus preceitos e os seus métodos, as suas leis, os seus cânones, as suas rubricas, os seus dogmas, a sua liturgia, a sua tradição, nada de tudo isso entrou o limiar da sua alma.

Na realidade, não estaria aí uma maneira sublime de realizar e de praticar a arte da pintura, análoga à evangélica perfeição que consiste em despojar-se de tudo?

Criticam-lhe, como a Delacroix, a indigência do desenho e as cores frenéticas. Criticam-lhe sobretudo o excesso de vida porque vive em excesso. Aqueles seus colegas cuja imaginação é uma fonte de pasta gelatinosa não lhe po-

diam perdoar um borbotão tão impetuoso de vida. Como poderia atrasar-se na busca da exactidão rigorosa, mesmo que isso se julgasse indispensável, na execução dos seus quadros? Não vêem que era correr o risco de não mais agarrar a sua alma que galopa sempre à sua frente sobre um cavalo sem rédeas nem freio?

Sim, é isso, a única coisa que ele tem é a sua alma, a mais generosa e principesca das almas! Apodera-se dela, dá-lhe banho, e mergulha-a num assunto digno dela e aventa-a, toda a escorrer, sobre uma tela. Aí está todo o seu *métier*, todo o seu processo, a sua peculiar habilidade; mas é um processo tão poderoso que as obras arrancam gritos e choros e soluços e há quem desarvore, erguendo os braços ao ar!

Não se viu esse prodígio por ocasião da exposição do seu *Andronico Arremessado à População de Bizâncio*? Impossível esquecer uma tal obra, uma vez que se contemplou mesmo que arrastássemos a carcaça nos sujos caminhos que serpeiam debaixo do firmamento!

Esse quadro que o deu a conhecer dispusera-o assim: primeiro, o horrível Andronico, carrasco do Império, inopinadamente atirado do trono abaixo, é entregue à ralé de Constantinopla. E que ralé! Toda a escumalha do Mediterrâneo: bandidos vindos de Cartago, de Siracusa, de Tessalonica, de Alexandria, de Ascalão, de Cesareia, de Antioquia; matalotes genoveses ou pisanos; aventureiros cipriotas, cretenses, arménios, cilicianos e turcos; sem falar do fervilhar bárbaro, da vasa perigosíssima do Danúbio que fedorentiza a Grécia do Bulgaroctono para baixo.

Arremessaram o príncipe infame para esse caos, para essa horda aterradora, como se atira um verme para um formigueiro. Disseram ao povo: «Eis aí o teu imperador, come-o, mas sem ofensa da equidade. É preciso que cada perro abiche o seu bocado.» E esse povo imundo, executor duma justiça que ignora, trincha e esposteja o seu imperador durante três dias.

Diz-se que Andronico sofreu em paz até final, limitando-se a suspirar de tempos a tempos: *Senhor, tem piedade de mim, porque torcer uma cana já quebrada?*

A miséria deste arrancador de olhos, parricida e sacrilego, é tão profunda e a sua *solidão* tão perfeita que verdadeiramente julgaríamos que ele assume à maneira de

um Redentor a abominação da multidão que o desgarra. O monstro estão tão sozinho que parece um deus que morre. A sua face cheia de sangue segue a direcção dos ultrajes de todo um povo e o homem leva em pões de si a dor universal como um manto.

Ah!, se ao menos a canalha, terminada a sua obra, levasse nos seus olhos ferozes o deslumbramento desse sol de tortura que assombrou a História! Foi precisa sem dúvida a sublimidade expiatória dum tal horror para que o desmoronamento do velho império fosse adiado trezentos anos.

Que dizer de um pintor capaz de sugerir semelhantes pensamentos? E a sugestão é tão forte, di-lo-ei uma vez mais, tão espontânea, tão vitoriosa, que o quadro, por descompassado que seja, esplende, e o drama palpitante, à maneira de um dragão desacorrentado, salta dele e precipita-se sobre os espectadores espavoridos.

A fisionomia desse homem, jovem ainda, é tumultuosa como as suas obras. Jamais artista algum pôs de manifesto a sua arte como ele em cada traço do seu rosto. Nele se lê o entusiasmo sem quebra, perpétuo, um entusiasmo como já se não encontra por aí. A generosidade maravilhosa, o zelo devorador pela Beleza em que os seus olhos vêem afinidades com a santa Justiça; a relampejante intuição para as magnificências da Dor; uma indignação de rio encapelado contra a estupidez que lhe trava caminho — e tudo isso com maiúsculas altas como torres.

Eruptivo e não menos sonoro que os vulcões, quando algum marmanjo se mostra irrespeitoso, a sua cólera logo patética esfuzia, confundindo os Filisteus, das entranhas de uma cortesia tão fina que o mestre-de-cerimónias do Escorial, comparado com ele, resvala logo para a igualha de um moço de cabana.

XXVII

O pretexto confessado deste agrupamento insólito, deste inverosímil sínodo maquinado pelo protector de Clotilde, era a exibição de Rolão Cruzante, músico de duendes famoso ao diante, mas nesse tempo necessitado de que alguém desse por ele ou o inventasse.

O intuito real de Pelópidas era oferecer à jovem o raro divertimento duma amálgama de animais ferozes, seleccionados por ele com uma sagacidade de veneziano.

A amável criatura, inocente do que se tramava, serviu com muita graça alguns refrescos preliminares; o incenso de vários cigarros começou a perfumar o tabernáculo; Cruzante sentou-se ao piano, depois de ter examinado atentamente um montão de pautas, como um viajante instalado para uma noite inteira num comboio rápido.

Fartou-se de cantar, com uma voz tão flexível como o corpo de um palhaço, não se sabe que traduções melódicas de alguns dos mais doloridos poemas de Baudelaire. Mostrou-se o virtuoso frenético e depravado da tristeza que esgana, do negro desespero, da demência forjicada por todos os diabos. Fez ouvir gritos de condenados, lamentos de fantasmas, vagidos de vampiros. Não se saía das garras de infaustos mortos e do mais abjecto pavor. Incapaz de desentranhar o espiritualismo cristão do grande poeta que julgava interpretar impingindo-lhe a sua própria alma, enregelou o auditório, que não estava a pedir cataplasmas de nepentes, ou seja, de plantas que têm o dom de espavorir a tristeza.

Em despeito de alguns ritmos enérgicos percutidos com certo rasgo, apesar mesmo de incontestáveis centelhas de simplicidade, essa música de vertigem e de tétano que ao diante havia de garantir ao seu produtor o sufrágio de todos os nevróticos contemporâneos, em despeito disso tudo, a solfa pareceu naquela noite muito pueril, e, para tudo dizer, a virtuosidade do cantor produziu nalguns o efeito duma acrobacia sem perdão.

A sessão não decorreu sem alguns comentários feitos nas costas do menestrel. Folantin, trespasado de tédio, mas aferrado mais que todos a não deixar transparecer o aborrecimento, exalara a meia voz, num acesso de raiva lúcida, que preferia uma leitura em voz baixa das *Flores do Mal* ao canto do lume.

— Junto da panela, querera dizer — rectificara de imediato Apemanto, com fingida admiração pelo fúnebre jogral.

— Tudo isto é muito gentil — dizia a Delumière o velho Klatz revolvendo a sua barba oleosa —, muito gentil, mas não vejo porque se há-de empenhar este jovem em fazer

A MULHER POBRE

música em casa de nossos pobres amigos. Conheci há tempos um rapazola que ia aos cemitérios desenterrar cadáveres para os comer... Isso era mais divertido.

O silencioso Leopoldo continuava de lábios cerrados e Marchenoir lançara mão duma pasta de desenhos que ia folheando atrás de Gacougnol.

Este, exclusivamente ocupado em observar Clotilde, via passar os navios da emoção nesse rosto límpido onde se pintavam sucessivamente a surpresa, a timidez, a tristeza, o desgosto e, pouco a pouco, alguma coisa que se parecia à humilhação.

Sondada, respondeu: — *A morte faz-me vergonha*, de tal forma esse cantor a profana e avilta.

Ao ouvir tais palavras, o dono da casa levantou-se e aproximou-se do piano:

— Caro senhor Cruzante — disse —, está a ver que estamos quase mortos, à força de alegria. Deve precisar de repouso. Seríamos tildados de ambiciosos, desde já vo-lo digo, se quiséssemos saber de vossos lábios a génese de uma arte tão extraordinária. Calculo que tem no segredo explicações altívolas, nada banais.

— Nada banais, diz muito bem — respondeu o músico, que girou sobre o tamborete, sacudindo com um movimento de carneiro a abundante melena, enquanto fazia executar com o dedo mendo da direita uma furiosa dança no vestíbulo, provavelmente cheio de cerume, da orelha, e tirou do bolso da jaqueta uma tabaqueira galicana em que escarafunchou copiosa e ritualmente ante o pasmo de todos, para entornar para dentro da venta grande quantidade de rapé; feita a operação, pôs-se em acção de pespegar ao adjunto um desses sermões sobre teorias estéticas a que se tinha habituado nos saguões do bairro latino, onde gozava fama de excelente conversador.

— Fui educado — começou ele — nos joelhos de George Sand...

Neste momento, Bohémond da Ilha de França, que já há cerca de meia hora se agitava na sua cadeira fazendo gestos inexplicáveis a seu vizinho Druida e que, por milagre, não pronunciara ainda um monossílabo, bateu de repente uma grande palmada na testa, como um Arquimedes que acaba de dar à luz uma grande ideia.

— Então está tudo explicado! — exclamou sem circun-

lôquios, acompanhando o dito com um desses terríveis sorrisos com que mascara o seu rosto de deus Vulcano abandonado pelos ciclopes, quando se sente espicaçado pelo espírito malicioso. — Tudo se esclarece! Se assim é, o senhor Cruzante tem a ventura de estar possuído por alguns demónios. Os meus sinceros parabéns. Não conheço coisa melhor para ajudar a passar a vida. Quanta vez não tenho eu sonhado vir a ser o domicílio de alguns arcanjos caídos outrora do céu, e ir caminhando pelos lodaçais deste vale misturado com a triste gentilha que parece ter perdido o segredo da sua condenação!... O digno personagem que vos educou sobre os joelhos, meu caro senhor, deu ouso, escusado é dizê-lo, às vossas primeiras tentativas de música negra, não é verdade?

— Nem tanto — respondeu o outro, sem entender a troça feroz. — Bem ao invés, posso mostrar cartas dela em que me aconselha, por exemplo, a renovar o repertório melódico destinado às primeiras comunhões: *O meu bem-amado não chegou ainda!*; *A juventude é fugaz como uma flor*; *O que lá vai, lá vai, adeus prazeres passageiros*. Isto me dizia, a não ser que preferisse que eu trabalhasse em romances de amor destinados a pobres operárias cuja virtude anda em perigo e que precisam das consolações da música.

Bohémond pareceu enternecer-se e que ia esbagoar-se em lágrimas.

— Oh! George Sand! Grande mulher! Grande coração e grande cabeça! Não contente de ter abastecido todos os gabinetes de leitura com a *Petite Fadette*, com o *Péché de M. Antoine* e com muitos outros poemas que as costureiras nunca lerão bastantemente, quis ainda promover na nossa laboriosa pátria a aparição dum músico a nível dessa literatura admirável! Foi o que tentou fazer, não é verdade?

— Contra a minha vontade e sem êxito, posso dizê-lo. Por certo, não tinha o direito de deitar à rua os conselhos de Madame Sand, em quem via uma alma gémea desse adorável Chopin, que foi o seu último amor; outra inspiração me movia. Ansiava pelo fantástico, o macabro, as densas trevas, o terror verde, e compreendi sem tardança que os meus arcanos só deviam repercutir os hurros da condenação.

— Ora nem mais! — concluiu Gacognol. — Cada qual

faz o que pode. Mas, meu caro Bohémond, não interrompa, por favor, o senhor Cruzante.

— Serei muito breve — prosseguiu Cruzante. — Citei a ilustre e lúcida escritora entre cujas saias muito me honro de ter passado uma parte da minha infância, citei-a, digo, apenas para explicar com precisão a espécie de método que se pode entrever no meio furor demoníaco. O senhor da Ilha de França acertou em cheio, quando falou de *possessão*. Realmente sou um *possesso*. Os meus hóspedes habituais são o demónio das Aparências lúgubres, os demónios das Inumações equívocas e dos punhos de ferro carcomidos nos sepulcros, o demónio das Criptas pantanosas e dos poços negros, enfim, o demónio do Pânico, do Medo desapoderado e perpétuo que nada pode atalhar.

— E bem poderia acrescentar o diabo da Estupidez! — soprou Druida à orelha de Bohémond.

XXVIII

— Esta maneira de ser, menos rara do que se cuida, deve-se em grande parte ao que eu peço licença de chamar a *cumplicidade dos ambientes*. Sim, amigo — insistiu o orador, dirigindo-se a Druida, que recuou dois passos e abriu dois olhos como púcaros —, mantenho o que disse. Vemo-nos rodeados de coisas na aparência inanimadas, mas que, na realidade, nos são hostis ou favoráveis. A maioria das catástrofes ou das descobertas famosas foram produzidas devido à vontade maléfica ou benigna dos objectos inertes misteriosamente conjurados à nossa volta. Pelo que me toca, estou convencido de que uma compreensão integral da minha música está rigorosamente vedada a todo e qualquer artista, ainda o mais intuitivo, que esteja em branco sobre o meio extraordinário onde recebi os iniciais e definitivos impulsos da minha criação.

«Vou então tratar de vos descrever em breves palavras a casa de meu pai, numa campina letárgica de Berry, não longe do Creuse, vil e selvagem, em cujas margens julguei ver, muita vez, ao crepúsculo, espantosos pescadores à linha que semelhavam mortos desenterrados.

«Da larga estrada onde nunca passava ninguém, vê-se a casa ao fundo dum jardim de tal maneira fúnebre que

um dia, um forasteiro, cansado de viver, veio tocar à portaria a pedir que o enterrassem lá dentro. Mas não julguem que há lá ciprestes ou salgueiros chorosos. Nada disso. O conjunto é que é de caixão à cova. Legumes tristes e flores que não dão para uma pessoa se estrear, tudo isso 'numa terra gorda e cheia de caracóis' que exalava eflúvios de putrefacção e de mofo; a humidade do jardim é tal que os mais fortes calores não vingam abatê-la.

«Há uma tradição ainda viva entre os campónios de um pavoroso crime se ter perpetrado outrora nesse sítio, muito antes que existisse a casa, na época negra de Bertrand de Got e de Filipe, o Belo. E a própria casa passa por estar *assombrada*.

«Talvez os meus amigos estejam a pensar para os seus botões que se alguém leu Edgar Poe e Hoffmann, esse indivíduo sou eu. Pois digo-lhes que esses figurões nunca congeminaram nada de mais sinistro. Atrevo-me a dizer que vivi nesses sítios em contínua intimidade com as sombras danadas e os espíritos mais opacos das profundas do inferno!

«Sabia eu em que fase da Lua e a que hora se produziria infalivelmente tal abalo, tal sobressalto, tal fenómeno visual, e era para mim um prazer sem nome sentir-me estourar de medo a ver o que ia acontecer.

«À minha volta tudo conspirava para me mergulhar a alma num terror refinado; tudo era fosco, extravagante, grotesco, monstruoso ou demente. Os muros, os soalhos, os móveis, os utensílios emitiam vozes, e formas nunca vistas faziam-me pular de terror.

«Mas como dizer-vos a minha alegria e o meu delírio quando pela primeira vez senti estremecer em mim os maus anjos que me haviam tomado por moradia! Só vos digo que me pareceu ter entrado por mim dentro a jubilação eterna! Foi-me dado o poder de discernir, por uma espécie de afinidade ou de simpatia, a presença do Diabo nalgumas pessoas, pois, como já disse, o meu caso não é uma raridade», acrescentou, pondo os olhos em Folantin, que pareceu incomodado.

— Ora aí tem toda a génese da minha arte, senhor e caro amigo Gacougnol. Para falar com precisão, fica a saber o que tenho nos meus adentros. A minha música vem cá do

fundo, e quando pareço cantar todo inspirado, fique sabendo que é *outro* que canta em mim!

— Olhe lá, menina, quer que eu o atire pela janela fora?

Esta pergunta era feita quase em voz alta por Leopoldo, que ainda não dissera nada e que se aproximara de Clotilde precisamente para dizer isto.

A pobre rapariga, atónita, apressou-se a responder que não queria nada disso, que o homem lhe parecia antes estar carecido de ser tratado com muita doçura. Mas o flibusteiro das miniaturas negou a eficácia do tratamento, dizendo que o mais drástico dos exorcismos para esta espécie de magarefes era malhar neles como em centeio verde, e que não compreendia como é que Gacougnol lhes tinha infligido a loquela deste saltimbanco.

Acedeu todavia a ficar quieto.

— Senhor Cruzante — disse Gacougnol —, agradeço-lhe o trabalho que teve em nos esclarecer o seu caso. Pessoalmente, nada me impede de lhe reconhecer o direito que tem de se chamar *Legião*, à maneira do endemoninhado feroz do Evangelho. O que não sabia é que tinha de receber tanta gente em minha casa e estou deveras atrapalhado. O que me admira, desculpe o atrevimento, é de o ver tão alegre com semelhante guarnição dentro do canastro. Geralmente goza fama de importuna e recordo ter lido no *Ritual Romano*, na rubrica dos exorcismos, um chorrilho de epítetos que não dão ideia muito lisonjeira dos seus inquilinos.

— E não se diga nada — observou Apemanto —, que os grandes porcos devem desconfiar de si. Uma vida impossível, não haja dúvidas.

— O nosso excelente amigo Apemanto tem razão — acrescentou Bohémond, filado ao osso que não queria largar. — Não tinha pensado nisso. Os cervos devem estar lembrados da partida que lhes pregaram no país dos Gerasenos. S. Marcos assegura que foram necessários nada menos que dois mil orelhudos para alojar os espíritos imundos saídos dum só possesso. Bonito número! É caso para dizer que o desgraçado fim desses quatro mil presuntos da Galileia se gravou fortemente e a tradição se conservou em toda a raça, não obstante a longa série de séculos. Os próprios

carniceiros parecem ter guardado um obscuro terror nas circunvoluções tenebrosas dos seus encéfalos; sem dúvida é por isso que se obstinam em escoretar até ao infinito a carne desses animais, em misturá-la cautelosamente com outras carnes, sob pretexto de fazer melhor *sortido*, como se os salteasse algum terror súbito de verem os seus açougues às moscas. Mas nem todos os porcos vão parar à banca destes mercadores honrados. A cada passo se encontram outros não *retalhados* e que o não podem ser por via das leis inumeráveis que os defendem. E é claro que esses não podem deixar de ser inquilinos do senhor Cruzante. Pergunto a mim mesmo se não será o diabo da música o que mais concorre para que o seu grunhido esbraveje em notas altas. É pena que nunca se possa saber ao certo o que pensam os porcos!...

— Quanto a isso — disse por seu turno Marchenoir —, creio que eles *pensam* exactamente o que pensariam os leões. É coisa sabida que os animais farejam a presença do Diabo, todos os animais, a ponto que os ratos e até mesmo os piolhos desarvoram em correria solta de uma casa assombrada. Não creio que exista um só exemplo de endemoninhado que tenha sido estraçalhado pelas feras nos desertos para onde esses infelizes eram conduzidos pelo Espírito do Mal. Os pobres lunáticos recomçavam, sem o saber, o destino de Caim, a quem o Senhor, por uma solicitude misteriosa, marcara com um sinal desconhecido para que lhe poupassem o canastro. As feras e as sevandijas apartam-se do rosto do Príncipe deste mundo. Digo do *rosto* porque as feras limpas de pecado não perderam como nós o dom de *ver* o que parece invisível. No outro pólo da mística, a história dos Mártires e dos Solitários está cheia de exemplos de animais carniceros esfaimados que recusavam fazer-lhes mal e lambiam humildemente os seus pés. Milagre, se quiserem. Por mim, vejo nisso uma ingénua reprodução do Paraíso terrestre desaparecido há seis mil anos da inquietude e dolorosa retina desses seres inconscientes. É lá sem dúvida que Deus se verá forçado a ir buscá-lo quando soar a hora do retorno à Ordem absoluta. Os nossos primeiros Pais devem ter consumado a tremenda prevaricação numa solidão infinita. A presença do Demónio espavorira de tal forma todos os animais, que foi preciso, penso eu, que os Desobedientes expulsos dessem três ou

quatro vezes a volta à terra para os reencontrar em estado selvagem.

— Senhor Folantin, posso perguntar-lhe — interrogou o excelente Apemante — se tem algo a objectar a essa restauração do Éden que nos promete Marchenoir?

— Não tenho nada contra — respondeu acremente o interpelado. — Marchenoir é um homem de génio, nisso todos de acordo, e por consequência não se pode enganar. De resto, em questão de paraíso sou pouco exigente. Chamo paraíso a qualquer lugar onde me sirvam em louça abarrelada bifes tenros e grelhados sem esturro.

— E dispensaria também as huris de Maomet? — fez Druida em aparte.

— Oh!, dispenso-as sem dificuldade de maior.

— Ah! Ah! — cascalhou o bom do Klatz, que pensava nos eunucos obesos das estampas —, se este maroto fosse gordo, o globo terráqueo não poderia com ele.

O paraíso dos bifes pusera Clotilde fora de si.

— Se o senhor não pode prescindir de uma vítima — disse ela espontaneamente a Leopoldo, que tinha o ar de estar sempre à coca de um holocausto —, de boa mente lhe entregaria este senhor. Dê-lhe para baixo, se isso o diverte, mas sem lhe quebrar osso, peço-lhe.

XXIX

Sem quebrar osso. Não era precisamente essa a especialidade do miniaturista. Mas enfim, far-se-ia o que se pudesse.

Leopoldo não tinha nada de orador. Não se podia esperar dele a amplidão serena, a poderosa desenvoltura de Marchenoir, nem sequer a fácil loquela do bom Gacougnol. Seco de palavras, desferia frases por jacto, breves e duras, que cortavam como sílex, como homem costumado a fazer andar alimárias e escravos.

— O senhor não me parece ter as qualidades de um explorador — começou ele bruscamente, dirigindo-se a Folantin.

— Explorador?... Ah não!, nem por sombras. A África Central, quer o senhor dizer? Um céu de anil, um sol ignóbil que nos derrete os miolos cinquenta ou sessenta graus

à sombra, e as calças encharcadas de manhã à noite; os mosquitos, as serpentes, os crocodilos, os negros, que lhes prestel... Antes a Gronelândia ou o cabo Norte, se pudessemos lá ir sem dar um passo. Lá pelo menos não nos embrutece o sol nem a vegetação enfática.

«De resto toda a gente sabe o que eu penso do Sul, em geral. Aborreço acima de tudo as coisas excessivas e os indivíduos exuberantes. Ora, todos os meridionais vociferam, têm uma pronúncia que me horroriza e esvaem-se em gesticulações. Não, entre essa gente que tem uma espécie de astracã erigido sobre o crânio e placas de ébano ao longo das faces, e fleumáticos e silenciosos alemães, não tenho dúvidas na escolha. Sentirei sempre mais afinidade com um homem de Leipzig que com um homem de Marselha. Falo só, bem entendido, dos meridionais de França, já que não conheço os da zona tórrida, mas supponho de boa mente que são tanto mais odiosos quanto mais se aproximam do astro execrável.

— Como este tratante aborrece o sol! — soprou a Bohémond o impetuoso Druida, que tinha uma certa admiração pelo miniaturista, mas cuja paciência estava por um fio.

— Olhe para as mãos dele! — disse, em tom de resposta, o poeta, já com ar ausente. — Mãos de infanta! Olhem para aquilo! Mãos de giboso, é o que é.

— Bom, mas a julgar pelas suas simpatias alemãs — interpôs Gacougnol —, em 1870, deve ter andado a uma certa distância dos campos de batalha ...

— O mais longe possível, não tenha dúvidas. Não faço segredo nenhum em dizer que estive sempre com disenteria e sempre acusei presença nos hospitais. *Com a mochila às costas!* Estou pronto a documentar um bom discípulo de Zola que com esse título excitante queira escrever a minha epopeia, e posso assegurar que tal obra não iria avivar o entusiasmo pelas batalhas. E aqui para nós, se todos tivessem procedido assim, a guerra teria acabado logo de caminho e julgo que nos teria ficado mais barata.

— Muito mais barata — aprovou Apemanto. — Eh! Eh! É uma maneira de ver. Em vez de nos arruinar a comprar canhões, compravam-se penicos e astringentes contra as diarreias. Era uma espécie de patriotismo, menos heróico,

talvez, mas mais esclarecido. E ficávamos livres de nos extraviar outra vez, filados à ideia de uma revindicta.

— O patriotismo! — continuou Folantin, que se sentia vivamente inspirado —, outra formosa mentira lírica! Como o *ouro dos trigais*, que eu tenho visto sempre da cor da ferrugem e de mijo de burro, ou ainda como as abelhas do doce Virgílio, essas «castas bebedoras de orvalho» que se vão posar algumas vezes sobre carcaças e sobre excrementos — isso do patriotismo é uma balela romântica cerzida pelos rimadores e pelos romancistas da hora actual!

«Quer saber de que fibra é o meu patriotismo? Então lá vai, ando tão longe de lacrimejar pela perda da Alsácia e da Lorena quanto deploro não ver os Prussianos em Saint Denis ou no Grand Montrouge, onde eu pudesse, sem deslocamentos que ficam caro, emborcar copos de cerveja alemã, na própria Alemanha.

Druida e Marchenoir, em arremesso simultâneo, dispunham-se a repelir a ignominiosa parvoíçada, quando os atalhou um gesto de Leopoldo.

— Senhor Folantin — declarou ele —, rendo-me com armas e bagagens. Quando lhe disse há momentos que o senhor me não parecia nascido para explorador, como lhe poderia ter dito qualquer outra coisa, confesso que estava um pouco alterado com a coisada dos seus bifes. Queria fazer-lhe estalar a carapaça. Mas realmente consegui-o de tal forma que o bom humor em acção de me abandonar voltou de novo sobre mim. Entreluziu-me uma luz sobre a sua pintura que não acabava de entender antes de ter conhecimento da sua atitude perante a guerra. Dar-lhe-ia de conselho que reservasse a expressão dos seus sentimentos patrióticos para um pequeno número de escolhidos. Nunca se sabe em que tuiha pode cair a conversa, e eu tenho conhecido amantes de Terpsícore refeceres a digerir a sua cerveja alemã.

«Voltando aos seus bifes, sabe de que espécie de carne se alimentam verdadeiros homens, está a entender?, numa imensa região desolada no Sudoeste do Tanganhica? Esses desgraçados, sempre vagabundos, olham de contínuo para o céu, espiando os abutres que lá pairam a ver se abicham pedaços de carcaças podres que essas aves deixam cair. Ignoro se essa pitança de hiena lhes lembra ou sugere o Paraíso, mas eu já provei e posso assegurar-lhe que o

senhor havia de encontrar aquilo delicioso. Isso será devido a que, em tais momentos, um homem é obrigado a lembrar-se de que é uma coisa mais reles que um pedaço de carcaça apodrecida.

Este discurso que Folantin ouviu com um sorriso nos lábios, com a paciência de que se fala no Ofício Comum dos Mártires Pontífices, discordava tanto das maneiras habituais de Leopoldo e pareceu a Gacougnol tão sobrenaturalmente inspirado pelo desejo de agradar a Clotilde, que o pobre rapaz ficou com uma pedra no sapato a imaginar coisas e loisas.

XXX

O serão ia-se prolongando. Tudo o que se podia dizer, nalgumas horas e em tal reunião, foi dito por essas pessoas estranhas entre as quais se contavam dois ou três homens capazes de porem a bimbalar ou a chorar os sinos nas torres mais alterosas, quer em sinal de alarme, quer convidando à oração, a acharem-se menos cativos no fundo das bastilhas de uma democracia silenciária. O cantor macabro foi esquecido e acantoadado.

Depois de muitos rodeios e complicados circunlóquios; depois de muitas piruetas paradoxais em que o acordo parecia unânime apenas quando se tratava de detectar qualquer falha nalguma veleidade de lógica ou de encaideamento elementar nas confabulações; depois que em contestação a ilícitas audácias Bohémond trouxe à colação certo número de *parábolas* célebres, cuja incoerência cheia de acrimónia faz pascar os literatos há vinte anos a esta parte; depois que uma parte do grupinho ficou por momentos azabumbada, domada, petrificada; quando por fim os dois molossos ficaram frente a frente, Marchenoir acabou por sentar-se — paivante aceso — sobre o barril de pólvora de João Bart.

— Por quem me tomas tu, Bohémond? — exclamou. — Sou acaso um artista para que a tua música de Wagner me desequilibre e arroje ao abismo? A tal ponto o idolatras que receio, Deus me perdoe!, que não possas pronunciar o seu nome sem perder o teu. E porquê, justos céus, por-

quê? Vais dizer que é porque ele foi o maior e o único músico de um século que ouviu Beethoven? Custa-me a crer. Hás-de dizer, e é uma bofetada que me dás, que os seus insuportáveis poemas possam ser lidos por um homem que faça algum uso da licença de não morrer de tédio? Já há tempo que assentaste na mioleira que a monstruosa amálgama de cristianismo e de mitologia escandinava apresentada por esse alemão é nada menos que o rasgar do véu dos Céus. A magnificência divina foi ignorada na terra antes do *Tannhäuser* e do *Lohengrin*, eis o que é negócio assente, não é verdade? E o antigo frémito do Espírito Santo sobre os ossos dos mortos que foi toda a melodia religiosa da Idade Média deve ceder, sem dúvida, ao contraponto atroador desse teu mago ... Diz-se, meu caro poeta, que possuis um entendimento maravilhoso da música, bem como de qualquer outro vestígio, que em todos os tempos deu caução à esperança de reaver algum pálido raio da Substância. Alheio a todas as fosquinhas da arte e mais alheio se é possível, a todo o ritual de discussão, travar agora contigo um corpo a corpo estético seria como couves à merenda. Mas devo confessar que é pedir-me o impossível aquiescer a que o dramaturgo lírico com que a nova geração está em risco de enlouquecer, o tentes tu, como se fora o Filho de Deus, tal como Satanás quando O levou ao mais alto da montanha e Lhe mostrou todos os reinos do mundo e toda a sua glória.

— A vários respeitos me é cara a tua pessoa, ó Marchennoir — retrucou Bohémond, pedindo de empréstimo a Balzac, o antigo, esta fórmula com algum preciosismo. — Não ignoro que és um cristão com um poder verbal extraordinário. Mas agora estás a abusar da tua força ... Acresce que ainda não esqueci o catecismo. É sabido que na época tão intelectual do plebiscito não receei oferecer a minha candidatura, pelos curas, a uma turma de rufiães de la Vilette e que discurssei cerca de uma hora com brilho mas com algum risco a essa canalha. Donde te vem a peregrina ideia que sonho fazer uma quadrilha da Santíssima Trindade anexando-lhe Ricardo Wagner? Desde quando é que a admiração por um artista foi um acto de idolatria?

«Dizes que és alheio à arte, o que já é muito estranho e singularmente desmentido pelos teus trabalhos de escritor.

Estarás de acordo comigo, no entanto, em que se pode encontrar mesmo neste século, tão-só por influxo da Vontade divina, um mortal *cozinhado* maneiras com pedaços de Serafins para nos mimosear, lançando mão dum desses pres-tígios de que tanto desdenhas, qualquer válido pressenti-mento da Glória? *O homem não passa dos pensamentos que tem*, tenho passado a vida a repetir isto ...

— É talvez ir demasiado longe — fez em aparte Marchenoir.

— ... Portanto, se Wagner pensou a Beleza substan-cial — prosseguiu o fanático, sem fazer caso do aparte —, se ele *pensou Deus*, ele mesmo foi Deus, tanto quanto uma criatura o pode ser.

«Mas ... não falei eu, há um instante, de *admiração*? Onde tinha eu a cabeça? Sobre os teus ombros, cuido eu. Na verdade, Marchenoir, és tu que me desorientas. A minha admiração por Wagner seria à maneira da que sente um notário por Boieldieu! Bonita admiração, sim senhor!

«Estou de joelhos, entendes?», exclamou, aceso até flamejar, hispido como vara de carrapeteiro e com os olhos inconcebivelmente dilatados na face pálida *marcada* pelos oito ou dez séculos da sua Linhagem, «arrasto-me com os dois joelhos em terra e o coração atravessado, como Amfortas, na poeira sagrada do Monte Salvate, à sombra salvadora da lança santa de Percival, e canto com o coro angélico: 'O pão e o vinho da última ceia, o Senhor os mudou, pela força do amor, e da compaixão, no Sangue que Ele derramou e no corpo que Ele ofereceu ...'»

Atirara-se ao piano, empurrando Cruzante, e cantava com efeito agora acompanhando-se de alguns acordes com uma voz tremelicante e sepulcral, mas tão fundida na embriaguez amorosa, na adoração, nos prantos que o cântico de Wagner se volvia um gemido de uma doçura sobrenatural.

Era tão belo que todos se ergueram, um minuto, à excepção de Folantin, cujo sorriso de fraca rês lhe descobriu os dentes de cima; e como ele tinha muito bem ouvido a observação acerca das suas mãos julgou cobrar vingança com este sussurro de mau gosto:

— O ponche já ferve, isto vai ser divertido!

Quanto a Marchenoir, muito embora compenetrado desse *Benedicite* sublime, isso em nada alterava o seu precedente e já antigo recalcitrar. Já não era a primeira escaramuça

com o Ilha de França. A espécie de ataxia cerebral do poeta, e o desbordar perpétuo, infinito, da sua imaginação fulminante, conhecia-o ele de sobra para se perturbar. De resto, gostava do homem tanto quanto um rectilíneo da sua casta pode gostar duma encarnação do desequilíbrio e do caos.

— É um Inocente de Belém — dizia ele —, a quem os assassinos de Herodes deixaram a garganta a meio cortar. — E uma piedade sem limites crescia nele, uma e outra vez, pela incomparável miséria desta velha criança.

Passada a crise, Bohémond voltava-se para Marchennoir como a vaga retorna à penedia onde se quebra.

— Quando esse entremês dos festins do Paraíso que se chama *Tannhäuser* — disse ele com uma voz profunda e remota — foi atirado aos perros da Ópera e arredores, há-de haver vinte anos, nem um só ultraje ficou no desemprego, não o ignoras decerto, posto sejas mais novo do que eu... mais novo em todo o sentido. Eu estava lá e posso afirmar que jamais as espurcícias do inferno correram tão desbordadas para aviltar uma Visitação inexprimível. Como queres tu que me não sinta aturdido de te ver a ti, Marchennoir, que te jactas de acalcanhar a canalha, de te ver no tropel de lobos da Hircânia que são esses insultadores? Queres ouvir o remate do apólogo?

Foi por uma cadeira, sentou-se frente ao adversário, pés estritamente juntos, cotovelos junto ao tronco e as mãos juntas apertadas entre os joelhos, na postura beata dum jardineiro sem remorsos a ouvir uma homilia. Teve uma bolada de recolhimento. Depois, erguendo bruscamente a cabeça, deu um estalo com a língua, esfregou as mãos, arredou uma vez mais a mecha indócil da cabeleira e com ar misterioso de bonzo que vai desvelar arcanos pôs-se a improvisar:

XXXI

— Nas bodas de Caná, na Galileia, encontrava-se, e os evangelistas passaram por alto esse pormenor, um judeu, um horrível marotinho da tribo de Issacar; viajava ao serviço de um célebre vinhateiro de Sarepta, e estava à mesa quando o chefe do banquete provou o vinho milagroso.

«O rapazola, cheio de génio e que era provavelmente um espião, entreluziu-lhe, a um só golpe de vista, o perigo enorme que decorreria para o comércio de vinhos por atacado de semelhantes manifestações do Poder divino.

«Daí, após rápido mas atento exame do caso, pressionado também, disse estou certo, por algum impulso diabólico, conseguiu do arquitriclino, embalado no negócio, que lhe cedesse, contra vinte ou trinta *epha* da melhor gota de Sáron, todo o remanescente do *Sangue de Cristo* que ficara nas cubas milagrosas.

«Estás a ouvir, Marchenoir, do SANGUE DE CRISTO!

«Ora desse 'bom vinho', tendo sido reservado para o fim do banquete quando já os convivas estavam suficientemente abeberados de vinho ordinário, como o atesta positivamente um Historiador interrogado pelo imperador Domiciano, sessenta anos mais tarde, e submetido à prova de azeite a ferver, devia ter ficado uma quantidade razoável, que foi expedida nessa mesma noite para Jerusalém com um relatório muito circunstanciado, para ser analisado no laboratório do Sanedrim.

«Ninguém pode ignorar que os príncipes dos sacerdotes e os doutores da lei que formavam o Grande Conselho eram celerados duma ciência talmúdica pavorosa, conheciam na ponta da unha todas as tradições messiânicas e todos os sinais por que se devia reconhecer o advento do Filho de Deus. Quando pediram a Sua morte, sabiam bem o que faziam, preferindo a mais ampla condenação longínqua ao próximo inconveniente de humilharem diante d'Ele as suas barbas farisaicas e farfalhudas.

«Por falta de documentação, é difícil, não já saber, se não ainda imaginar, as sacrílegas abominações ou as *amalgamas* vinte vezes indizíveis que se perpetraram na conjuntura, no seio do Colégio pandemoníaco. Mas eis o que uma vida já longa e, de resto, consagrada a estudar os fastos da iniquidade me deixa entrever.

«Esse vinho idêntico, consoante uma exegese infinitamente plausível Àquele que devia ser recolhido na taça misteriosa do Santo Graal, foi conservado pelos rabinos e transmitido de século em século a todos os 'cohens' ou 'sagans' fétidos que o guardavam cuidadosamente no fundo das suas judiarias como um electuário infalível e *inesgotável*, para fazer entrar o demónio no corpo dos homens que dele

bebessem uma só gota misturada a qualquer outra bebedeira.

«O mais certo é que tenham oferecido a Judas um vasto tação dele e que a população enraivecida que bravajava pedindo a morte de Cristo, na Sexta-Feira Santa, escumava dos lábios por ter bebido o terrível falsificado dos Esponsais figurativos.

«Não me sai dos furtados que esse veneno da mais tenebrosa oficina dos infernos enche invariavelmente os copos toda a vez que se trama amotinar os homens contra Deus, ou, se se prefere, contra um Homem cuja escandalosa Presença torna manifesta, uma vez mais, a hediondez mais que aterradora dum mundo que deixou de se assemelhar ao seu Criador. Tenho dito.

Cortou cerce o discurso, e ficou imóvel como um barco enlizado nos gelos do pólo antártico, as mãos estendidas nervosamente a dois centímetros do cinto das pobres calças que os outonos levaram ao cotio, enquanto a boca se lhe cerrava sobre segredo irrevelável e a chama azul dos seus olhos pálidos se cravava, dardejando magneticamente sobre o seu interlocutor.

XXXII

Por mais habituado que estivesse o auditório às extravagâncias imaginosas do poeta, este pareceu ultrapassar as marcas e fez-se um silêncio. Todos, mesmo Folantin, olharam com certa curiosidade para Marchenoir, que ficara impassível, à espera da escardoçada desse furibundo. Maiormente Clotilde, que desde o primeiro dia em que o conversara ficara cheia de admiração, parecia agora toda arrebatada, augurando que qualquer coisa de grande se ia passar.

— Marchenoir — disse Leopoldo —, és o único homem capaz de responder ao que acabámos de ouvir.

Aquele a quem chamavam o Inquisidor acendeu um cigarro e, dirigindo-se a Ilha de França:

— *Quando a música não for benzida pela Igreja* — pronunciou ele com uma grande calma —, *é como a água, coisa má e habitada pelos demónios.* Se eu me dirigisse a inteligências desprendidas da matéria e por consequência

semelhantes às dos anjos, bastava isto para dar cabo de Wagner. Desgraçadamente, é preciso alguma coisa mais. «Primeiramente, não tenho nada que ver com esse veneno judaico, meu caro Bohémond. Nunca ninguém me viu jamais em nenhum motim, em nenhum alvoroço. Sou des- prezador e um solitário, sabe-lo bem. Ignoro e quero ignorar o que para aí se chilreia, se coaxa, se vocifera contra esse teutão que começa hoje, com as suas partituras orgulhosas, a conquista sonhada em 1870 pelo velho imperador Guilherme, com um milhão de soldados.

«Basta-me saber que ele inventou uma religião. Prostra-te tu, se assim o quiseres, no limiar de Venusberga ou de Walhalla, arrasta-te nos degraus do Graal que é o seu prolongamento lírico nesse 'crepúsculo dos deuses'. *Omnes dii gentium demonia*. Compagina tudo isso com as lições do teu catecismo de que me parecees ter guardado bem confusa lembrança. Os meus joelhos não te hão-de seguir. Pertencem à Santa Igreja Católica Apostólica, romana exclusivamente.

«'Tudo quanto está fora dela vem do Mal, emana do Inferno, *necessariamente, absolutamente*, sem mais exame nem compromisso ocioso, pois tudo quanto perturba é inimigo da Paz divina.' Foste tu mesmo que escreveste isso, num dos teus dias lúcidos. Já te esqueceste? Mesmo ao maior artista do mundo não é permitido tocar nas Formas santas, e o que refere no cálix do Monte Salvate, receio que não venha a ser precisamente o elixir aterrador de que nos fizeste o poema. Beethoven jamais se pôs à faina de fazer ajoelhar os povos e os reis e não precisou doutras forças além das do próprio génio. Wagner, na mira de tudo dominar, pretendeu fazer da própria Liturgia o acessório das confinações de suas pretendidas obras-primas. *Eis aí a diferença entre o legítimo e o espúrio*. Como querias tu que eu me rojasse piedosamente atrás desse nevoeiro sonoro que só a gente grosseira e imaginativa da Germânia pode tomar como coluna de nuvens luminosas?

Estas palavras que Gacougnol vivamente aplaudiu pareceram exasperar Bohémond. Chegaram a temer que o homem desaustinado recorresse a linguagem violenta. Por sorte, estava lembrado de anteriores altercações do mesmo género em que tinha arcado com o adversário mais intransponível que o mais alto pico do Himalaia e pôde dominar-se,

limitando-se a observar com uma certa bonomia mal-humorada:

— Bem, temos conversado, és por certo *o único*, como judiciosamente já o disse Leopoldo, que goza de plena e papal dispensa para não admirar Wagner. Estás certo todavia que a Igreja, a *nossa* santa Igreja romana é necessariamente tão rigorosa?

— Isso é uma banalidade sentimental. A Igreja neste caso não precisa de qualquer rigor. O nada dos que a ultrajam é copiosamente posto de manifesto pela sua silenciosa e indefectível presença. Ela é como Deus é, simplesmente, unicamente, substancialmente, e todas as novidades lhe são hostis. Ora é uma, e horrorosa, prostituir a sua Liturgia. Não há profanação mais grave, e o que se atreve a fazê-la sem que ninguém o empurre vem-se colocar debaixo do anátema.

«Ainda uma palavra. Li algures que Wagner gostava de mergulhar os seus ouvintes nas trevas. Parece que a sua obra ganha com ser ouvida por pessoas que se não vêem umas às outras e que não podem dar três passos sem *cair*. Não te parece que há algo de inquietante nessa circunstância de eliminar a luz, no preciso momento em que nos vão servir uma iguaria celeste?»

— Isso é uma glosa pueril e um sofisma odioso! — rugiu o convulsionário Bohémond. — Porque não dizer, então, como o insinuaram os asquerosos tartufos de Genebra e de S. Sulpício, que essa obscuridade de que falam era buscada adrede para comodidade dos arrascanhadores do violoncelo?

— Olha! Olha! — cascalhou Marchenoir.

— ... Sim, já estou a ver que não fazes cara feia a tal ideia. Pois bem! Eu digo que é uma vergonha chicanar dos meios de acção de um grande homem. Neste particular é ele e deve ser ele o único juiz, e as bisbilhotices e os protestos sujos duma humanidade transitória não merecem os poucos segundos que os basbaques perderiam a dar-lhes ouvidos. Pelo que tange à Liturgia ...

— Deixemos isso, Bohémond — retrucou Marchenoir, cortando-lhe a palavra. — Nunca viríamos a acordo. Desfecharias sobre mim uma saraivada de injúrias; logo a seguir porque és nobre me pedirias perdão e sentir-nos-íamos ambos muito infelizes. Para quê tantas palavras? Os nossos caminhos são distintos. De antemão sabias que era

impossível fazer de mim um sectário e há muito pus de lado a ideia de te fazer compreender seja o que for. O teu temperamento devastou a tua razão; é um querubim de espada de fogo que impede a tua inteligência de se meter de novo dentro do Paraíso e, por acréscimo, ainda esbarras numa espessa fórmula hegeliana ... E, de resto, porque falar de Wagner, porque falar deste ou daquele artista se é a arte que está em discussão?

O domador de bestias erguera-se como para sacudir a importuna visita de pensamentos frívolos. Bohémond, colado à cadeira e com o punho fechado sob o mento, na atitude litográfica do prefeito de Estrasburgo a ouvir Rouget de l'Isle a vociferar *A Marselhesa*, media-o de alto a baixo, à maneira de um tigre meio vencido mas ainda cheio de sanha que fitasse um mamute ressuscitado do Dilúvio.

— A arte moderna é um criado revoltoso que ocupou o lugar de seus amos — catequizou o promulgador de Absoluto. — Tocou-me alguma vez denunciar, com amargor talvez excessivo, a espantosa imbecilidade dos nossos cristãos e o ódio vil com que têm cercado infalivelmente a Beleza. Estareis de acordo, meus amigos, em que é impossível dizer muito mais coisas sobre este ponto. Há três ou quatro séculos a esta parte, os católicos e os dissidentes, seja qual for o curral em que se tranquem, tudo têm feito por degradar a imaginação humana. Neste ponto tão-só, hereges e ortodoxos têm sido unânimes.

«A consigne dada a uns e outros pelo Todo-Poderoso das Profundas do Inferno era: *fazer esquecer a lembrança da queda original*. Então, sob pretexto de restituir o homem à sua verdadeira origem, fizeram renascer a Carne antiga com todas as suas consequências. As catedrais abateram em escombros, as nudezas santas deram a carne de animal do monte e todos os ritmos foram dados de bandeja à Luxúria. As linhas rígidas que a rectidão da Meia-Idade pusera nas representações extracorporais dos Mártires foram quebradas, tornaram-se curvas, segundo a lei inelutável dos mundos, que uma sublime puerilidade tinha dominado por um momento, e transformaram-se nas folhagens do altar de Pã. E é no sopé desse altar, penso eu, que estamos ainda.

«Que teria acontecido ao Cristianismo se as imagens,

mesmo as mais sagradas, fossem mais do que meros acidentes da sua substância? Nosso Senhor Jesus Cristo não confiou a sua Barca a homens alcandorados e magníficos. O mundo foi conquistado por pessoas que não sabiam distinguir a sua mão direita da esquerda, e houve povos governados com sabedoria por Clarividentes que jamais haviam visto o que formigueia sobre a terra. Para só falar da música, a melodia mais sumptuosa esconde-se debaixo do silêncio quando ouvimos o *Custodiat animam meam* da comunhão do Sacerdote. O essencial é caminhar sobre as águas e ressuscitar os mortos. O resto, *que é muito difícil*, serve para divertir as crianças e adormecê-las à hora do crepúsculo.

«Todavia, a Igreja, que conhece perfeitamente o homem, permitiu e quis as Imagens, em todos os tempos, a tal ponto que quis sobre os altares os que deram a vida por essa ossatura tradicional do seu culto, mas sob a condição absoluta de uma veneração sobrenatural estritamente referida aos originais invisíveis que essas imagens representam. Assim o diz o Concílio de Trento.

«O desprezo ou horror dos escritores modernos por todas as manifestações de uma arte superior é intolerável e parece mesmo uma outra espécie de iconoclastia mais demoníaca. Em vez de esfarrapar telas e de quebrar estátuas pintadas, como se fazia nos tempos dos imperadores Isaúricos, apaga-se a luz das almas no lodo sentimental de uma néscia piedade, que é a mais monstruosa desfiguração da inocência.

— Eia! — exclamou Druida, voltando-se para Folantin. — Não é isto, em termos claros, o que me profetizava há alguns dias: *o senhor parece que quer ir acabar na Mitra?* Tratava-se do meu pobre quadro de que, aliás com caridade, procuráveis desanimar-me. Peço perdão por esta interrupção mas não pude omiti-la, de tal forma as últimas palavras que foram proferidas reavivaram no meu espírito o sentimento de gratidão que provavelmente só morrerá comigo.

Folantin contentou-se com sorrir o mais equivocadamente que pôde e Marchenoir continuou:

— A Arte, contudo, repito, é estranha à essência da Igreja e inútil para a sua vida e os que a praticam nem sequer têm o direito de existir se não forem seus humilís-

simos servos. Deve-lhes a Igreja a sua protecção mais maternal por ver neles os seus mais doloridos filhos e os mais frágeis; e quando eles se tornam grandes e belos, o mais que ela pode fazer é mostrá-los de longe à multidão, como animais ferozes de que é perigoso uma pessoa aproximar-se.

«Hoje em dia, esta mesma Igreja de que me vejo forçado a falar de contínuo, pois que é a única fonte, foi abandonada por todos os povos sem excepção. Os que a não renegaram expressa e oficialmente julgam-na muito idosa e preparam-se, como filhos piedosos, para a sepultarem com suas próprias mãos. Assistida por um conselho de família e por um exército de enfermeiros quase em todos os países que se julgam ainda sujeitos à obediência papal, que prestígio pode ela averbar sobre a população vagabunda dos sonhadores? Podem topar-se alguns raros e aristocráticos fulanos que sejam ao mesmo tempo artistas e cristãos, coisa que não foi Wagner, mas o que não pode haver é uma *Arte cristã*. Alguns de vós talvez se lembrem de que fui repreendido por causa desta afirmação e salivosamente repreendido pelos mesmos pensadores, quero crer, que alcunharam de verdugo José de Maistre.

«Se houvesse arte cristã, poderíamos dizer que há uma porta aberta para o Éden perdido e que, por consequência, o Pecado original e o Cristianismo inteiro não passam de pachouvas. Mas não existindo tal arte, como não existe Irradiação divina sobre o planeta que é somente alumiado, vai para seis mil anos, pelo derradeiro tição de um sol que os Desobedientes apagaram, era inevitável que os artistas e os poetas, impacientes por acender esse facho, se afastassem de uma velha Mãe que só lhes podia oferecer as catacumbas da Penitência.

«Ora, quando a Arte se não apresenta de joelhos, não, como o quer o meu querido amigo Bohémond, na poeira do Graal, na vizinhança, ao que me dizem, dum antigo teatro mandado construir por Voltaire, mas aos pés dum humilíssimo sacerdote, é força que se apoie no lombo ou no ventre, e é o que se chama *Arte passional*, a única que parece, hoje por hoje, dar um semblante de palpação a corações dependurados no açougue da venda de tripas do Demónio!

O vigor desta arenga parece ter aspado do ânimo de Bohémond qualquer veleidade de ataque a um adversário intratável cuja inteligência e «catapultuosidade» ele de resto admirava; o termo «catapultuosidade» era de resto monstrososo; e fora haurido do vomitório de Flaubert e tivera a sua aura de popularidade.

— Pobre Bohémond! — sussurrou o mordente Apemanto. — Desde que numa noite de bebedeira vendeu a sua reputação a Catulo Mendès, por alguns cêntimos, como no conto alemão, volveu-se incapaz de se encontrar a si mesmo, nem que fora às apalpadelas.

Os outros, que Marchenoir arrastara por caminhos onde não costumavam pôr sapato, caíram em si e orientaram-se como puderam. Gacougnol, todo contente com uma tão bela defesa das ideias que julgava suas, felicitou ruidosamente o grandiloquo e fez circular bebidas.

Clotilde, no entanto, parecia ainda com fome de emoções intelectuais. Parecia-lhe que alguma coisa faltava. Alguma coisa que não sabia definir faltava a essa primitiva, a essa ouvinte nova em folha que gozava com o seu herói e o queria sublime e por instinto esperava o estardalhaço de algum trovão.

Por isso o pulsar do coração aumentou no seu peito quando Druida, visivelmente desorientado depois que Marchenoir pusera Bohémond a tapar água, o interrompeu nestes termos que não admitiam evasiva:

— De tudo quanto acaba de dizer, Marchenoir, não posso e não quero reter mais que uma palavra que me precipita, sou obrigado a dizê-lo, num abismo de estupefacção. «*Sou acaso um artista!*», gritou há momentos, com o ar dum corsário ameaçado de ser agrilhado ao banco dos presidiários. O nosso amigo exprimiu o seu pasmo que não devia ser pequeno. Permita-me uma pergunta: se não é um artista, que é que o senhor é?

— Sou um Peregrino do Santo Sepulcro! — respondeu Marchenoir com a sua bela voz grave e clara que faz ordinariamente oscilar as cabeças e as carúnculas. — Sou isso e nada mais. A vida não tem outro objecto, e a loucura das Cruzadas é o maior título de glória da razão humana. Antes do cretinismo científico, as crianças sabiam

que o Sepulcro do Salvador é o centro do universo, a couceira e o coração do mundo. A terra pode girar quanto quiser em torno do Sol. Nada tenho contra, contanto que esse astro, que não está informado das nossas leis astronômicas, prossiga tranquilamente a sua revolução em torno desse ponto imperceptível, e que os milhões de sistemas que formam a mancha da Via Láctea continuem o movimento. Os céus inimagináveis não têm outro ofício que não seja o de marcar o sítio de uma velha pedra sob a qual Jesus dormiu durante três dias. Nascido, para minha desconsolação indizível, num século fantasmático em que esta noção rudimentar está totalmente esquecida, que podia eu fazer de melhor que erguer do chão o bordão dos velhos caminheiros que acreditaram na realização infalível da Palavra de Deus?

«Basta-me acreditar com eles que o Lugar Santo se tornará, no devido tempo, a Sede episcopal e real desta Palavra que há-de julgar todas as palavras. Assim será resolvida a Ansiedade famosa que os políticos chamam palonçamente a *Questão do Oriente*.

«Então que quereis que vos diga? Se levo a Arte no meu bernal, pior para mim! Só me resta o expediente de pôr ao serviço da Verdade o *que me foi dado pela MENTIRA*. Recurso precário e perigoso porque o próprio da Arte é configurar Deuses!

«... O que nos cumpria era ser horrorosamente tristes», acrescentou o estranho profeta, como falando de si para consigo. «*Eis que o dia vai declinando e vem a noite durante a qual ninguém trabalha mais*. Somos muito velhos e mais velhos são aqueles que vêm depois de nós. A nossa decrepitude é tão profunda que nem sequer sabemos que somos IDÓLATRAS.

«Quando Jesus vier, aqueles dentre nós que 'estiverem de vigia' à luz duma pequenina lâmpada não terão a força de se voltarem para a Sua Face, de tal forma a sua atenção andarà ocupada a interrogar os *Sinais* que não podem dar a vida. Será preciso que a luz os fira pelas costas e pelas costas sejam julgados!

Clotilde voltou para casa às três horas da manhã, escoltada pelos amigos Gacougnol, Marchenoir e Leopoldo, que capricharam em conduzi-la até à porta nesse bairro de traficantes de mariscos salgados do Pacífico, e de ruínas das cinco partes do mundo, um dos mais medonhos de Paris actual.

Encantada com esse serão singular, que nenhuma outra mulher sem dúvida suportaria, durante o qual se tinha afirmado de um modo tão peremptório a preeminência do homem sobre os animais privados de gramática; habituada de resto a não dar a mínima atenção ao que se passava em casa da Séchoir, nem lhe passou pela cabeça admirar-se de ver que ainda havia luz em casa, nem mesmo quis reparar, ao atravessar o vestíbulo para ir para o quarto, o súbito cacarejar de várias vozes no salão grande. Só mais tarde se havia de lembrar. Sentiu na espinha um calafrio e mal entrou deu volta à chave.

Valente como era não tardou a tranquilizar-se e até a rir-se de sustos. Uma curta oração, despiu-se e mergulhou no sono como pedra em poço. Vede agora os fantasmas que passam diante dos olhos abertos da sua alma.

Vestida com magnificência e muito mais bela que as rainhas, vê-se sentada num lugar rasteiro. Tem medo e frio mas nem pela salvação do mundo se atreve a mexer um dedo.

O silêncio é enorme e a escuridão tão compacta, tão espessa, tão peganhenta, que o sol se apagaria nela.

Os pensamentos e os sentimentos que ela fazia caminhar à sua frente quando estava viva e era forte, ei-los absorvidos pelas trevas.

O seu poderoso desejo de viver, onde está ele? Parece-lhe que tem o coração vazio, e que Deus está infinitamente longe, e que o seu corpo inerte é uma pequena colina triste ao fundo de um abismo.

Sem dúvida que tudo foi destruído sobre a terra. Todavia ela não viu a Cruz de Fogo que deve aparecer quando Jesus vier na sua glória para julgar os vivos e os mortos. Nada viu e nada ouviu.

«Teria eu sido julgada durante o sono?», vai ela sonhando.

O silêncio por fim bole e dobra-se como uma água plúmbea onde despertassem animais desconhecidos. Um ruído ...

Oh!, mas tão débil, tão longínquo que se diria escoado das goelas de agonizante desses que quase não têm licença de chamar alguém em seu socorro e que a crueldade dos vivos jamais atende.

O coração da piedosa menina dá fortes baques contra a muralha do seu seio, campanário surdo e mudo, cuja vibração desesperada não faria estremecer um átomo ...

O ruído exterior aumenta. Por momentos batem à porta, ouvem-se gritos; depois tudo regressa ao silêncio.

Entrementes, já não há trevas. Puseram-se em debandada como um rebanho negro que um susto pânico dispersou.

Clotilde vê agora uma extensão morna e pálida, «uma terra deserta, sem caminhos e sem água», segundo as palavras do Profeta, e eis que lhe aparece o bom Gacougnol. *Está morto*; tem um punhal cravado no coração e o peito a escorrer sangue: não caminha, desliza como uma massa leve impelida pelo vento. Passa mesmo juntinho dela, olha-a com seus olhos apagados com uma compaixão dolorosa e diz-lhe:

«Está nua, minha pobre filha! Tome lá a minha capa.»

Vê então que está completamente nua. Mas já o espectro não tem manto para lhe dar, não tem rosto, não tem mãos e o gesto que ele quis fazer tanto bastou para o dissipar.

Aí vem agora Marchenoir. Esse, pelo menos, parece estar vivo. Mas não se lhe vê o rosto, tão curvado anda ele, ao peso de que fardo! — Deus de misericórdia! —, que tremebundo fardo leva ele sobre os ombros!

Depois, mais nada. Ninguém mais desfilará. Uma impenetrável floresta rompeu do solo, uma destas florestas dos trópicos onde o raio fez deflagrar incêndios. Eis aí um incêndio a explodir e a lavrar. Medonho e magnífico espectáculo!

Senhor da agonia, pois não é Leopoldo que ela distingue no centro da fornalha, com sua alta e desdenhosa face retalhada por inconcebíveis tormentos? Morreu quando menos esperava, o desgraçado! E agora aí o vedes que luta contra essas cascatas de fogo, como lutaria contra um exército de hipopótamos enfurecidos. Mas o fogo pegou-se à

sua cabeleira, e ele cruza os braços e arde, impassível como uma tocha ...

A dormente pode, finalmente, soltar um grande grito. Acordando de supetão, salta da cama, arranca com mão firme os seus cortinados a arder, põe-os debaixo dum tapete e abre a janela para dar saída ao odor sufocante.

Por força devia estar muito perturbada e confusa para se ter esquecido de soprar a vela antes de adormecer. Põe as duas mãos sobre o coração para lhe comprimir as palitações.

— Tu não rezaste bastante esta noite, Desdémona! — disse ela, entrelembrada das leituras que fizera no *atelier*. — Que horrível pesadelo!

Lembra-se uma vez mais da predição misteriosa do Missionário: *Quando estiveres nas chamas* ... Muitas vezes durante o dia pensava nisso; agora também durante a noite lhe vinha a lembrança! ...

Mas que faz aqui este Leopoldo que ela mal entreviu uma vez ou outra? Porque o vê ela numa forma tão trágica e que corresponde tão exactamente à sua mais secreta preocupação?

O sono que carrega de grilhões o corpo humano tem o poder de restituir à alma, no espaço de um relâmpago, a *simplicidade* de visão que é o privilégio da *Inocência*. É por isso que as impressões de horror ou as alegrias recebidas nos sonhos têm uma energia que humilha a consciência quando a mecânica da luxúria cobra domínio.

A fisionomia de pirata e de *condottiere* de Leopoldo parecera a Clotilde tão sobrenatural, no caixilho do seu sonho, que ela julgou que este personagem enigmático lhe fora *revelado*. Viu nele um destes heróis que já se não usam, crivados de sombra e de desprezo por um mundo ignóbil, que só se podem manifestar nalguma súbita e inimaginável conflagração.

E isso tornou-se para ela num novo sonho tão profundo que tudo submergiu. Todavia, a imagem terrível do seu benfeitor apunhalado, a de Marchenoir esmagado sob o fardo de uma vida tão pesada como os contrafortes do céu, foram desaparecendo. Debilmente, como que se admirou de que o seu coração versátil andasse solto, num movimento espontâneo atrás de um estranho.

— Valha-me Deus! Sou uma tonta — exclamou, en-

quanto fechava a janela donde vinha um ar glacial —, uma tonta sonhadora e uma ingrata!

Ajoelhou à beira da cama para fazer uma oração e, após um último soluço, ficou adormecida nessa posição.

XXXV

— A menina tem o sono pesado — disse-lhe a hospedeira ao pequeno-almoço. — Tenho aqui uma carta que o portador me pediu lhe entregasse sem tardança. Ouvindo que entrava às três horas, julguei que o melhor era bater-lhe à porta. Mas a menina dormia já tão profundamente que não houve meio de a despertar. Quando estiver com o senhor Gacougnol dar-lhe-ei uma rabelhada por fazê-la chegar a desoras. O nosso amigo não é razoável. *Devia-a poupar.*

Clotilde, que acabava de receber a carta e reconhecera a letra da mãe, ficou imóvel, trespassada por estas últimas palavras, dir-se-iam trazidas nas asas de um doce zéfiro, mas cuja intenção se via à légua. Percebeu a pleno a malícia infernal da javardinha que a insultava e adivinhou a extrema satisfação das pensionistas, voluptuosamente cecogadas pela insolência nos seus mais íntimos refegos. Um segundo, e esteve para explodir. Mas lembrou-se ao mesmo tempo da resolução tomada no primeiro dia, de pôr um dragão em cada uma das três portas por onde essas tentadoras poderiam penetrar na sua alma. Há vários meses que comia na pensão, nada dizia, nada ouvia, a nada dava ouvidos. Refechara-se na sua vontade como numa torre.

Porque não suportar as conjecturas ou as suspeitas ultrajantes ao menos enquanto o ódio baixo de que se sentia envolvida fosse compatível com a sua paz interior? Tinha tão pouca estima por si como uma mulher a pode ter, e achava natural de sobra que não inspirasse simpatia. Às perguntas frequentes que lhe fazia Gacougnol tinha invariavelmente respondido sem subterfúgios que nada faltava ao seu bem-estar e, na realidade, assim pensava.

Desta vez porém, a injúria era tão flagrante que lhe pareceu custoso engoli-la e teve de recorrer a uma nesga de heroísmo para se limitar a responder que Gacougnol lhe dera a honra de a levar a um serão de artistas em que fi-

guravam nada menos que personagens como Folantin e Bohémond da Ilha de França.

Certeira vingança. A mestra despassarada, sempre empulgas para abichar qualquer gloriola e que não vingava até ela mais que gazetilheiros e poetas de água doce, teria de boa mente praticado actos de virtude para obter um tal favor. Clotilde adiou a abertura da carta até se retirar ao quarto. Não esperava consolação nenhuma da leitura, e a noite atroz que deixara nela a sua sombra não lhe deixara por isso pressentimentos alegres.

A fêmea de Chapuis havia-a deixado em paz até agora, é verdade, não tendo sequer forcejado por lhe surripiar dinheiro, coisa que podia passar por milagre. Se não fosse o medo de esbarrar com o horrível velhaco, Clotilde já teria tentado ir vê-la, porque a paz admirável onde ia esmorecendo a lembrança das tribulações de outrora a inclinava a uma espécie de piedade para com a mãe miserável. Mas neste momento sentia apenas inquietude e terror. Eis o que escrevinhara a companheira de Isidoro.

«Querida filha: A tua mãe que te trouxe no seu seio e tanto sofreu para te dar à luz está mesmo a pique de acabar a sua peregrinação terrestre. Minha querida Clotilde, como eu quisera dar-te a minha bênção uma última vez, antes de regressar à minha pátria celeste. A bênção de uma mãe é penhor de ventura. Não quero fazer-te censuras no momento em que vou apresentar-me ao meu Bem-Amado. Bem sei que a vida não é um mar de rosas e não te vou agora acusar por teres dado um jeitinho e não ficares em cima de tojos, mas não foste lá muito gentil com os teus velhos pais que te adoram. Quando esse teu senhor Gacognol me pôs porta fora, senti o sangue a ferver, e essa é, não outra, a causa da minha morte. Zizi far-te-ia dó; desde que te foste embora, o pobre borreguinho parece mesmo uma alma penada. Vou esperar por ele no céu onde não tardará a chegar, o querubim! Mas tudo te perdoamos de boa mente. Vem aos nossos braços, vem fechar os olhos à santa criatura que tudo sacrificou por ti. Anda depressa, minha filha, mas, olha, não te esqueças de trazer um saquito de dinheiro para me pagar o enterro, pois em casa não temos um ceitel. Tua pobre mãe que breve deixará de sofrer. ROSÁLIA.»

— *Tudo mentira!* — disse Clotilde, atirando com a carta

que botava um sórdido cheirete se bem que burilada com mão firme e mesmo luxuosamente ortografada. Toda uma infância de lágrimas e uma adolescência de inferno palpitavam nessa palavra.

Resolveu, contudo, ir a Grenelle. Mas não podia deixar de avisar Gacougnol e correu primeiro ao *atelier*.

— Credo! — exclamou o pintor ao vê-la. — Parece uma *desenterrada*! Está doente?

Contou-lhe ela a má noite passada, o incêndio dos cortinados, sem falar, todavia, no pesadelo; depois, com simplicidade, deu-lhe a ler a carta da mãe.

— Estão-lhe a armar uma cilada, minha pobre Clotilde. *A sua mãe está tanto a morrer como eu*, a grande cabra. A digna senhora imagina que a cumulo a si de tesouros e estão sobre brasas para extrair esses tesouros do seu porta-moedas ... Compreendo que os queira esclarecer sobre este ponto. Oíça. Interesse-me infinitamente mais com a sua situação do que com os tontos trabalhos em que me ocupo. Sabe?, o melhor é irmos juntos. Levá-la-ei à igreja mais próxima do domicílio do «querubim» e irei sozinho tirar inculcas da «santa criatura». Inútil dizer-lhe que não demorarei naquele cantinho do céu. De todos os modos, breve estarei de volta e se for necessária a sua presença di-lo-ei claramente.

A proposta tinha algo de insólito. Clotilde hesitou um minuto, apenas um minuto, precisamente o que cumpria para que a sua vontade, já totalmente açambarcada por aquele homem, se inclinasse ... e esse minuto decidiu o seu destino.

SEGUNDA PARTE

O DESTROÇO DA LUZ

Libera me, Domine, de morte
aeterna, dum veneris judicare sae-
culum per ignem.

Officium Defunctorum

«Pobres, sempre os tereis convosco.» Depois desta Palavra abismática, nenhum homem pôde jamais dizer o que é a Pobreza.

Os Santos, que a desposaram por amor e lhe deram muitos filhos, asseguram-nos que ela é infinitamente amável. Os que repelem a sua companhia morrem algumas vezes de espanto ou de desespero tocados do seu beijo, e a multidão passa «do ventre ao sepulcro» sem saber o que pensar deste monstro.

Quando perguntamos a Deus, Ele responde que o Pobre é Ele. *Ego sum pauper*. Se Lhe não perguntamos, Ele faz gala da Sua magnificência.

A Criação parece ser uma flor da Pobreza infinita; e a obra-prima suprema d'Aquele a Quem chamamos Omnipotente foi deixar-se crucificar como um ladrão na Ignomínia absoluta.

Os Anjos calam-se, e os Demónios a tremer arrancam a língua para não falar. Só os idiotas deste último século pretenderam elucidar o mistério. Enquanto o abismo os não engolir, a Pobreza andarà aí tranquilamente com a sua máscara e o seu *crivo*.

Que bem se lhe ajustam as palavras do Evangelho segundo S. João! «Ela era a verdadeira luz que ilumina todo o homem que vem a este mundo. Ela estava no mundo e o mundo foi feito por ela, e o mundo não a conheceu. Ela veio ao que era seu e os seus não a receberam.»

Os seus! Sim, sem dúvida. Acaso não lhe pertence a humanidade? Não há animal tão desnudo como o homem e devia ser um lugar-comum afirmar que os ricos são maus pobres.

Quando o caos deste mundo em queda tiver sido aclarado, quando as estrelas procurarem o seu pão, e o barro

mais desprezado for o único a reflectir o Esplendor; quando soubermos que *nada estava no seu lugar* e que a espécie racional vicejava sobre enigmas e aparências, bem poderá acontecer que as torturas de um desgraçado divulguem a miséria de alma de um milionário que é a tradução espiritual dos farrapos no registro misterioso das repartições da Solidariedade universal.

— Eu quero cá saber dos pobres! — diz o mandarim.

— Muito bem, meu lindinho! — diz a Pobreza, embuçada na capucha —, vem então a minha casa. Tenho lá uma fogueira e uma boa cama. — E vai-o deitar no poderouro.

Ah!, decerto seria um asco ser imortal se não houvesse surpresas mesmo *antes* daquilo que se convencionou chamar a morte, e se a vianda dos cães desta duquesa e por eles vomitada não se tornará um dia, quiçá, a única esperança das entranhas ducais eternamente famintas!

— Eu sou o teu pai Abraão, ó Lázaro, meu querido filho morto, meu filhinho que eu embalo no meu Seio até à Ressurreição venturosa. Vês tu, esse grande Caos que medeia entre nós e o rico cruel? É o abismo que se não pode transpor, dos mal-entendidos, das ilusões, das ignorâncias invencíveis. Ninguém sabe o seu próprio *nome*, ninguém conhece o seu próprio *rosto*. Todos os rostos e todos os corações rodeia-os uma névoa, como a fronte do parricida sob o tecido impenetrável das combinações amargas da Penitência. Não sabemos porque se sofre, não sabemos porque se goza. O homem implacável a quem pedias as migalhas e que agora está a esmolar a gota de água da ponta do teu dedo só podia ver a sua indigência à luz das chamas do seu tormento; mas foi preciso que eu te recebesse das mãos dos Anjos para que a tua riqueza, a verdadeira, te fosse revelada no espelho eterno desta minha face de fogo. As delícias permanentes com que contava este maldito não hão-de ter fim, na verdade, e a tua miséria também não terá fim. O restabelecimento da Ordem foi apenas uma troca de lugares. Porque houve entre vós uma afinidade tão oculta, tão perfeitamente ignorada que só o Espírito Santo, visitador dos ossos mortos a pode manifestar assim na interminável confrontação!...

Os ricos detestam a Pobreza porque eles têm o obscuro pressentimento do negócio expiatório que a sua presença

implica. Ela apavora-os como o rosto morno dum credor que não perdoa. Parece-lhes, e com razão, que a miséria atroz que eles disfarçam no fundo de si mesmos pode quebrar com um sacolejão os seus laços de ouro e as suas compressas de iniquidade e correr banhada em lágrimas ao encontro d'Aquela que foi a Companhia eleita do Filho de Deus!

Ao mesmo tempo, um instinto que vem lá do Fundo os adverte do *contágio*. Esses homens execráveis adivinham que a Pobreza é a própria Face de Cristo, a Face cuspidada de que foge o Príncipe do mundo; diante d'Ela, não há modo de comer o coração dos miseráveis ao som das flautas e dos oboés. Sentem que a sua vizinhança é perigosa, que as lâmpadas se extinguem em fumo quando ela se aproxima e os candelabros tomam ar de círios fúnebres e todo o prazer esmorece. É o contágio das Tristezas divinas ...

Para empregar um lugar-comum cuja profundidade desconcerta, os pobres *acarretam desgraça*, no mesmo sentido com que o Rei dos pobres declarou que viera «trazer a espada». Uma tribulação iminente e por certo espantosa ameaça o homem feliz a quem um pobre tocou no vestido olhando para ele, olhos nos olhos ...

Por isso é que há tantas muralhas no mundo, desde a bíblica Torre que devia escalar o céu — Torre tão famosa que o Senhor desceu para ver de perto — e que ia sendo construída sem dúvida para afastar eternamente os Anjos nus e sem domicílio que erravam já sobre a terra.

II

Cinco anos mais tarde, eis Clotilde já mulher de Leopoldo. Gacougnol morreu. Morreu também Marchenoir. Um menino pequeno morreu. E que horríveis mortes aquelas!

Enquanto espera pelo marido, o seu querido marido a quem ama, e disso se censura, tanto como a Deus, lê a *Vida dos Santos*. Prefere os que derramaram o sangue, os que sofreram horríveis torturas. Essas histórias dos Mártires enchem-na de força e de doçura sobretudo quando tem a sorte de lhe virem às mãos alguns desses cândidos fragmentos das suas *Actas Genuínas*, tais como o relato de

Santa Perpétua ou a famosa carta das igrejas de Viena e de Lião, milagrosamente preservadas do adocicamento de moníaco dos resumidores.

É então que ela se sente apoiada a uma coluna firme e pode olhar para trás.

Olhemos nós agora para ela enquanto fecha o livro, os olhos turvos de lágrimas e um choro por todo o rosto.

Oh!, é a mesma Clotilde. Não mudou. É sempre o «céu de Outono» de outrora, com um começo de crepúsculo, um céu de chuva trespassado por um sol morrente. Mas parece-se mais com ela mesma se assim se pode dizer. À força de sofrer, de tal forma conquistou a sua *identidade* que por vezes, na rua, as criancinhas nascidas há pouco lhe estendem os bracitos como que reconhecendo-a...

Quanta coisa passou no curto espaço de cinco anos!

Há um minuto atroz que pesará sobre o seu coração até ao momento em que lhe forem ditas as palavras sagradas da agonia, que soltam a alma do peso dos minutos e do peso das horas: *Proficiscere, anima christiana, de hoc mundo!* Sempre e a todo o momento vê diante de si o pobre Gacougnol moribundo, brutalmente ferido pelo companheiro de sua mãe. Estava ela na Igreja de Grenelle, à espera que ele regressasse; um pressentimento a enviou para a rua, como se o Anjo de Habacuc a arpoasse pelos cabelos. Chegando alguns minutos depois a casa do assassino, diante da qual já rumorejava uma multidão, vira o seu benfeitor levado por dois homens, com um facalhão em pleno peito e era a mesma figura que vira em sonho. Ainda não tinham arrancado o ferro profundamente espetado.

Tudo o que se seguira lhe parecia outro sonho. Os quatro dias de agonia do ferido, a sua morte, o seu enterro; depois o processo de Chapuis e da marrã, em que teve que comparecer na qualidade de testemunha, sem quase poder articular uma só palavra, tão paralisada estava por ver a sua mãe mais viva e mais audaz na desvergonha do que nunca. Lembrava-se de ter ouvido — ao comprido de todos os debates —, como um tinido de campainha à orelha, esta palavra da vítima: *A sua mãe está tanto a morrer como eu...*

O sanguinário borracho escapara à guilhotina devido ao espírito de justiça de alguns jurados, negociantes de

vinho que haviam mirado à circunstância atenuante do alcoolismo, invocada por um advogado de origem polaca; e assim o homicida foi-se desembebedar, em prisão perpétua, para a cadeia.

Quanto à achavascada hipócrita, ia refinando o seu martírio na penumbra claustral duma prisão celular, não longe da soberbota e poética Séchoir, que umas cartas encontradas nos farrapos dessa bandida havia traído, convencendo os juizes de que ela havia maquinado contra a sua pensionista a emboscada em que Gacougnol viria a sucumbir.

O inquérito tinha revelado a manigância diabólica e quase inverosímil duma *violação*, que o afinador de balanças se encarregara de agenciar com virtuosidade incomparável. Pretendia-se apenas — ao menos não se via nenhum outro fito — mergulhar a infeliz menina no mais profundo desespero, matá-la de terror, certos que ela nunca denunciaria a própria mãe.

Durante três semanas, os jornais fizeram correr este rio de lama. Clotilde, macerada de desgosto, vira-se forçada a sofrer, à maneira de extra, a martirizante comiseração dos cronistas que lacrimejavam, nas margens do Nilo da informação parisiense, sobre as desgraças da «deliciosa amante» de Pelópidas Gacougnol a quem pela primeira vez qualificavam de ilustre.

Esse pobre nome ridículo, mas para ela sinónimo da Misericórdia infinita, havia sido profanado por causa dela por esses sabujos imundos.

Mas como cumpria que tudo fosse excepcional nas aventuras de uma pobreza votada às chamas, ainda se dera outra coisa.

Cerca de duas antes da morte, Gacougnol, despertando de um longo letargo, durante o qual se lhe administrara a extrema-unção, perguntara imediatamente por ela. Leopoldo e Marchenoir, que não abandonavam o quarto, responderam que o juiz do processo a chamara a toda a pressa:

— Pobre menina! — disse. — Gostava de ver a sua figura de santa aqui ao pé de mim no derradeiro momento. Não quero deixá-la sem nada. Dêem-me aí um papel, caros amigos, vou escrever um esboço de testamento.

Recobrava com efeito forças para escrever durante alguns minutos, depois arredando tudo de si, indiferente às

coisas terrestres, pusera-se a bater docemente à pálida porta ...

O testamento foi declarado INDECIFRAVEL.

Um irmão dele até aí desconhecido, magistrado virtuoso vindo de Toulouse para o funeral, limara tudo, sem que as exortações patéticas dos dois amigos que o informaram eloquentemente das últimas vontades do morto vingassem arrancar-lhe um cêntimo.

Esse drama, cujas peripécias foram de excessiva amargura, encontra-o Clotilde no fundo do seu coração, instalado como num antro, toda a vez que ela aí quer descer. Nada pode matar esse dragão, nem sequer os outros sofrimentos. A certas horas dir-se-ia que anulava todos os outros martírios, tão vivaz e impositivo ele era!

De tempos a tempos, o seu benfeitor passa nos seus sonhos, tal como o vira na véspera do crime. Sempre o mesmo olhar de compaixão dolorosa e sem palavras; e o espectro dissolve-se de caminho.

A única coisa que pode fazer é rezar pela alma em pena, mas até ao seu último dia há-de acusar-se de ter causado a morte deste homem que a tinha salvado do desespero.

E porquê, tudo isto? Meu Deus! Porquê? Porque tinha medo, simplesmente. Porque era uma covarde, uma imperdoável covarde.

Levanta-se, atira o livro para cima duma mesa, olha em redor de si, num desalento. Caem-lhe os olhos no grande Cristo antigo de madeira pintada, relíquia do século XIV que lhe deu o seu marido. Só ali se sentirá bem. Apoia a fronte nos duros pés da imagem e começou a chorar:

— Senhor Jesus, tem piedade de mim! Está escrito no teu Livro que tiveste *medo* na Tua agonia quando a Tua alma estava triste até à morte, e tiveste medo a ponto de suar sangue. Não podias descer mais baixo. Devias resgatar também os covardes e desceste até ao seu chão. Ó Filho de Deus que tiveste medo nas trevas, peço que me perdoes! Eu não sou uma rebelde. Levaste-me o meu filho, o meu doce pequenino de olhos azuis, e eu ofereci-Te a minha desolação e disse, como no sacrifício da Sabes que não tenho estima por mim, que me tenho na conta de uma pequena coisa fraca e triste. Cura-me, fortifica-me, afasta de mim, se for a Tua vontade, o cálix desta

amargura ... A água, meu Salvador, a água viva que prometeste à Samaritana, dá-ma para que eu seja do número daqueles que viverão para sempre para que a beba e nela me banhe, nela me lave, para ser um pouco menos indigna do nobre esposo que escolheste para mim e a quem a minha tristeza desanima!...

Leopoldo acaba de entrar e Clotilde atira-se-lhe aos braços.

— Meu querido! Meu bem-amado! Não te aflijas por me ver chorar. São lágrimas de ternura. Tenho tanta pena de ser para ti tão débil e tão fraca! Estava a pedir a Deus que me fizesse melhor ... Como tu estás pálido, Leopoldo! Pareces tão abatido!

Dir-se-ia, com efeito, que o que ela tem nos braços é um fantasma. Não é o flibusteiro, o *condottiere* terrível, o fascinador de lábios cerrados que fazia tremer quem o fitava. Tudo isso vai longe. Qualquer coisa de muito poderoso domou esta fera. Foi a dor, sem dúvida, uma certa dor. Somente foi preciso que essa beberagem, esse filtro lhe fosse apresentado pela fada misericordiosa de quem se volveu cativo.

Ao contrário de Clotilde, envelheceu muito, muito embora orce pelos quarenta anos. Tem a cabeça grisalha e os olhos gastos pelos seus trabalhos de iluminista, tendo perdido aquela fixidez inquietante que os assemelhava aos de um tigre. A face conservou a energia, mas *desmascarou-se* da rigidez cruel, titânica, que sugeria a ideia de uma alma garrotada pelo desespero.

— Está sossegada, Clotilde, graças a Deus e às tuas orações não há motivo para novas penas — disse, com uma voz que os velhos amigos não reconheceriam, tão docemente defluía; voz em que se lhe quebra a emoção que o tomara, ao pronunciar o nome da sua mulher.

Aperta-a ao coração, como um náufrago se agarra a um resto de tábua que um braseiro da Via Láctea tornasse luminoso, e logo após:

— Ao voltar das minhas andanças, fui rezar na Igreja de S. Pedro, e fui fazer uma visita aos nossos mortos ... E ao olhar para aquela morada onde eles vivem não sei como, há meses ... pensei e estou certo que não seremos abandonados. Porque eram muito infelizes.

O seu casamento fora um poema bizarro e melancólico. A partir do dia seguinte à morte do seu protector, Clotilde recairia na miséria.

Um famoso psicólogo, filho de preceptor por direito natural, e fruto de uma juventude eternamente decepcionante, decretou por própria conta que as dores dos pobres se não podem comparar com as dos ricos cuja alma é mais *fina* e, por consequência, sofrem muito mais.

A importância desta apreciação de criado de quarto é indiscutível. Salta aos olhos que a alma grosseira dum homem sem um cêntimo, que acaba de perder a mulher, é amplamente confortada, digamos a palavra, *sobrenaturalmente* socorrida pela necessidade em que se vê de buscar sem perda de tempo os meios de fazer o enterro. Não é menos evidente que uma mãe sem delicadezas encontra uma forte consolação na certeza de que não poderá deitar o filho morto num lençol, depois de ter tido o estímulo eficaz de assistir, a estourar de fome, às diversas fases de uma doença que medicinas caras teriam eliminado.

Poderíamos multiplicar os exemplos até ao infinito, e é desgraçadamente bem certo que os subtis banqueiros e as quinta-essenciadas condessas do alto comércio que se atascam de perna de borrego e se abeberam com vinhos deliciosos enquanto lêem as análises de Paulo Bourget, não têm o recurso desse estimulante¹.

Clotilde, que não sabia uma palavra de psicologia, e a quem uma longa prática de pobreza perfeita teria blindado contra a aflicção do coração — que as elegantes e só elas sofrem —, teve, no entanto, a inconcebível má sorte de sofrer como se fosse dona de várias herdades e vários palacetes. No seu caso deu-se mesmo a anomalia monstruosa de

¹ «Paulo Bourget!!! O pobres prostitutas esfaimadas! Lamentáveis raparigas que dizem *de prazer*, que errais nos passeios públicos, à procura do vômito dos cães; vós que ao menos só entreque, por vezes, conservais ainda a vossa alma, um resto de alma para amar ou para execrar; — que direis deste rufião da impenitente Estupidez, quando vier o Dia terrível em que as Hécubas da Bloy, *Bélluaires et Porchers*. (Inédito.)

que os sofrimentos da penúria, longe de atenuarem a pena, a agravaram de maneira atroz.

Corajosamente, resolveu ganhar a sua vida. Mas as aptidões eram fracas. Por outro lado, o seu nome não a recomendava. Tornara-se numa *heroína de julgamento criminal*. E o seu rosto revelava tanto a chaga oculta da vida, o destroço das entranhas, a transfixão do seu peito!...

Nenhuma protecção possível ou aceitável por parte dos seus amigos. Pela mesma altura, Marchenoir debatia-se mais que nunca entre as garras da Esfinge de peitos de bronze e ventre estéril cujo enigma jamais pôde decifrar e que acabaria por devorá-lo.

Quanto a Leopoldo, um pudor que ela mesma não entendia obstava a que pudesse receber dele socorro algum, em despeito de suas insistentes e respeitadas súplicas. Foi ao extremo de desaparecer por completo, perdendo-lhe o rasto esses dois fiéis amigos, durante mais de um mês.

Mês terrível que julgava o mais doloroso da sua existência! Fatigada de diligências sempre vãs à porta de burgueses uniformemente crapulosos que só ultrajes lhe ofereciam, passava os dias nas igrejas ou junto à campa do desditado Gacougnol.

Com a fronte apoiada na laje tumular e regando-a de lágrimas, ia dizendo, com um abalo de sentimento, que não faltaria quem tildasse de supersticioso, que era horrível que o primeiro homem que a tinha amado como um cristão tivesse sido condenado a pagar com a vida essa caridade e que outro sem dúvida teria a mesma sorte.

Tal era o motivo que a levava a fugir de Leopoldo. Sentia confusamente que há criaturas humanas, mormente no arraial dos pobres, em torno às quais se acumulam e se condensam forças nefastas, não se sabe por que insondável decreto de justiça comutativa, da mesma forma que há árvores que o raio invariavelmente fulmina. Talvez ela fosse uma dessas criaturas — dignas de ódio, dignas de amor, Deus o sabe — e facilmente adivinhava que o duro corsário enroupado de chamas que vira em sonho estava ansioso por tomar *contacto* com ela.

Um dia, por final, a 14 de Julho de 1880, veio assentar-se esgotada num banco do Jardim do Luxemburgo. Tinha dado, na véspera, a um lojista de baixo estofos os derradeiros cêntimos, e já não podia comprar o pedaço de pão que

ela comia ordinariamente pela rua adiante. Mal vestida, pois guardara apenas dos três jogos de fato oferecidos pelo seu falecido amigo o estrito necessário; sem abrigo e sem pascigo, via-se entregue a Deus e somente a Deus — como uma Cristã arremessada a um Leão.

Acabava de ouvir em S. Sulpício uma dessas missas rezadas que os padres despacharam febrilmente nesse dia, em todas as igrejas paroquiais, impacientes por fecharem os três batentes da porta.

Eram cerca de dez horas da manhã. O jardim estava quase deserto e o céu duma doçura maravilhosa.

O sol parecia diluir-se, extravasar num azul listrado de ouro que se atufava no horizonte numa lactescência de opala.

As potências do ar pareciam cúmplices desse grande jubileu da canalha. O Solstício temperava os seus ardores para que seiscentos mil desenvergonhados se embebedassem confortavelmente no meio das ruas transformadas em cabarés; a rosa-dos-ventos fechava o seu pistilo, deixando apenas flutuar um ligeiro sopro para que ondulassem nos estandartes as auriflamas; as nuvens e o trovão tinham-se ido, escorraçados para além dos montes longínquos, para os povos sem liberdade, a fim de que as bombas e os petardos do Aniversário dos Assassinos se pudessem ouvir exclusivamente no território da República.

Essa festa, verdadeiramente nacional, como a imbecilidade e o aviltamento da França, não tem nada que a iguale na história da estupidez dos homens e certamente jamais será ultrapassada por nenhum outro delírio.

Os escarcéus anuais e lamentáveis que se lhe seguiram não podem dar uma ideia do que foi esse primeiro aniversário. Faltava-lhes a bênção do inferno. Já não são activadas, accionadas por essa *força estranha ao homem* que Deus, algumas vezes, desencadeia por algum tempo, sobre uma nação, e a que poderíamos chamar o Entusiasmo da Ignomínia.

Lembre-mos dessa histeria, desse frenesim sem camisola que durou oito dias; dessa alegria furiosa de iluminações e de bandeiras desfraldadas mesmo nas mansardas onde se acocorava a fome; esses pais e essas mães que faziam ajoelhar os filhos diante do busto de gesso duma porca de boné frígio, busto esse que se topava por todo

o lado, e a odiosa tirania dessa canalha que nenhuma força ilaqueava.

Nas outras festas públicas, na recepção dum imperador, por exemplo, e quando os mais orgulhosos se humilham diante da carroça do potentado, é muito fácil observar que todos mentem descaradamente, cada qual mente a si próprio e aos mais.

Aqui, estávamos em presença da mais horrenda candura universal. Glorificando com apoteoses inauditas a mais suja das vitórias, esta multidão vencida de fresco persuadiu-se, na verdade, que estava a fazer alguma coisa de grande e os raros protestos foram tão áfonos e indistintos, tão afogados no dilúvio que acaso só os podia ouvir o grande Arcanjo inclinado sobre a sua espada. Protector, não obstante, da parricida Filha de Reis, podia ouvir tais protestos!

Clotilde olhava para estas coisas como um animal morrente a olhar para o halo que circunda a Lua. Na espécie de torpor que lhe causava a extenuação do corpo e da alma pôs-se a sonhar com uma alegria religiosa que de repente se precipitasse em cachão sobre a Cidade imensa. Essas bandeiras, essas flores, esses ramos, esses arcos de triunfo, essas cataratas de fogo que se acenderiam ao crepúsculo, tudo isso *era por Maria!!!*

Sem dúvida, nesse momento do ano litúrgico, não havia nenhuma solenidade festiva. Não importa: a França inteira, nessa manhã, despertara toda santificada e, pela primeira vez, lembrando-se de que, outrora, fora consagrada autenticamente, regamente, à Soberana dos Céus por alguém que tinha o poder de o fazer, sentira a necessidade de fazer explodir e rugir o seu aleluia de duzentos anos!

E assim, num desatino, só tendo à mão os simulacros da Revolta, os simulacros da Estupidez e os simulacros da Idolatria, arremessara-os aos pés da Virgem Consoladora, como a Antiguidade cristã atirava aos pés de Jesus os altares dos Deuses.

A Igreja abençoaria tudo isso, quando pudesse e como pudesse. Mas a Mãe velhinha tem o passo tardo, e o Amor rugia tão forte nos corações que não havia meio de esperar, porque esse dia, de vinte e quatro horas somente, não voltaria mais, esse dia sem igual em que todo um povo morto e esqualido saía do sepulcro!...

Uma sombra passou neste sonho e a vagabunda ergueu a cabeça. Leopoldo estava junto dela.

IV

Dois gritos e dois seres nos braços um do outro. Movimento involuntário, instintivo, que nada fazia prever e nada poderia impedir.

Ao contrário do que se poderia crer, foi o homem o primeiro a cobrar tento de si.

— *Mademoiselle* — balbuciou enquanto se despren-
dia —, perdoe-me. Veja que estou completamente louco.

— Nesse caso, também eu — respondeu Clotilde, que deixou cair docemente os seus braços. — Mas não, não estamos loucos nem um nem outro, e nem um nem outro temos que pedir desculpa. Abraçámo-nos como dois amigos, e dois amigos desgraçados, eis tudo ... Dê-me licença de me sentar, porque estou muito cansada ... Não andava à sua procura, senhor Leopoldo. Foi Deus sem dúvida que quis o nosso encontro.

Leopoldo sentou-se junto dela. Tinha o ar razoavelmente devastado e parecia naquele momento fora de si. Contemplou-a algum tempo com os lábios a tremer, a um tempo arrebatado e despistado, respirando-a como um perfume perigoso. Por fim afoitou-se:

— Que me não buscava estou farto de o saber ... E bem vejo que é infeliz ... Mas porque é que diz que somos *ambos* infelizes?

— Oh!, bastou-me olhar para si. Senti-me derreter de piedade e quis metê-lo dentro do meu coração!

Ergueu para ele dois olhos sublimes. Depois, as pálpebras estremeceram. Em seguida, enlanguescendo, inclinou a cabeça e apoiou-se ao peito alterado daquele homem; e com uma voz sumida, semelhante a um sopro, murmurou:

— *Estou morta de fome, Leopoldo, dê-me de comer.*

O enamorado pensou que todo o azul e todo o ouro do céu vinham por ali abaixo sobre ele e arredores. A arcia do jardim pareceu-lhe um embrechado de diamantes de miríficos fogos que o pontilhavam. Um momento, o estreloiçar da Voluptuosidade, da Compaixão que tortura, da Ternura infinita, torcidas numa só meada, fulminou-o.

Mas este bravo, que tinha vencido o deserto, ergueu-se do despedaçar do raio e, de salto, levou o frágil corpo para uma carruagem vazia que passava.

— Estação Montparnasse! — ordenou com tom de voz tão despótico que um olhar firme adensava, que o sensível cocheiro, supondo tratar-se duma conflagração planetária, partiu a galope.

Uma hora depois, almoçavam frente a frente, longe dos arruídos, sob um dossel de verdura. Assim recomeçava para Clotilde a peripécia do início das suas relações com Gacougnol, mas como as circunstâncias tinham mudado!

Escusado dizer que ela espontaneamente se havia traído e só sentia alegria, uma alegria imensa, uma alegria de morrer!

Quem o havia de dizer? Bastara-lhe reencontrar Leopoldo para sentir que já se não pertencia a si mesma, para que desarvorassem os temores, os pressentimentos funestos, as fantasias implacáveis que a haviam obcecado. Um só ponto, essencial, sem dúvida, atava as duas aventuras. Numa e noutra, um homem se compadecera da sua angústia. Mas aqui, neste sítio ameno e solitário, estava perante um ser que a adorava e a quem ela adorava. Pela primeira vez se lembrava de Gacougnol sem que isso lhe trouxesse sofrimento. «Minha filha», dissera-lhe ele, «aceite com simplicidade o que se lhe oferece e lhe dá felicidade.» Retivera estas palavras de envolta com muitas outras. Raivavam-lhe no espírito como riscos de luz enquanto olhava para o companheiro, e parecia-lhe que a essência mais subtil das coisas criadas por Deus incidia sobre ela para a acariciar e a embriagar.

Quanto a Leopoldo, a felicidade fizera dele um menino.

— A menina é que é a minha festa nacional — ia ele dizendo, porque não se atrevia ainda a tuteá-la —, é a luz dos meus olhos, as cores da vitória pela qual desejaria morrer e a sua voz tão linda é uma fanfarra a ressuscitar-me dentre os mortos. A minha Bastilha sei eu quem é, etc., etc.

«Bendita seja a pobreza, a santa pobreza de Cristo e dos seus Anjos, que a pôs no caminho deste tigre esfaimado, que tinha fome de si, que a obrigou a vir até mim sem que eu fizesse coisa alguma para isso!

Respondia Clotilde com mais siso, mas com uma tal

solicitude e amor, um acento de dilecção tão penetrante e tão puro que o pobre pirata todo ele vibrava.

Todavia, no fim do repasto, pareceu concentrar-se. Nubarrões de melancolia amontoaram-se, carregados de sombra, sobre o seu rosto. Cheia de ansiedade, perguntou-lhe ela em que cismava.

— É chegado o momento de lhe dizer tudo o que *minha mulher* tem direito de saber.

A comovente e ingénua criatura apoderou-se de uma das mãos daquele homem terrível que acaso já matara homens, volveu-lhe a palma para cima sobre a mesa, pôs o rosto nessa mão, encheu-a de lágrimas, oferecendo-se como um fruto maduro que se pode esmagar e, na mesma posição:

— A sua mulher! Ah!, meu amigo, como eu quisera esquecer o meu passado! Não sabe que a pobreza não tem nada, absolutamente nada para lhe dar?

Com um gesto lento, ele ergueu aquele rosto inundado, beijou-o na fronte e respondeu:

— A pobreza de que tu falas me basta, minha querida. Não tens que fazer confidências. No dia em que começámos a conhecer-nos, exigiste nobremente do nosso amigo que me contasse o que tu mesma lhe tinhas relatado. E ele fê-lo. És a minha mulher, disse-o uma vez por todas. Mas antes que um sacerdote nos tenha abençoado, escuta. Se a história da minha vida te parecer deveras abominável, hás-de dizê-lo, com simplicidade, não é verdade?, e estas breves horas que estive contigo ainda serão para mim horas divinas!

Clotilde, com a face apoiada nas mãos juntas, os olhos húmidos, bela como no primeiro dia do mundo, pôs-se a escutar.

V

— Sou quase um homem célebre e *ninguém sabe o meu nome*. Quero dizer o meu nome de família, o que não está *impresso* na alma e deixamos a outros quando morremos. Os meus amigos não o sabem e Marchenoir também está em branco.

«Esse nome *que pertence à história* e que eu detesto, se nos casarmos serei forçado a declará-lo aos funcionários da municipalidade. Não-de inscrevê-lo no registo entre um vendedor de galináceos e o de um coveiro, e afixá-lo na porta da secretaria. Os curiosos saberão assim que foste toucada por mim com uma das mais antigas coroas condaís que há em França. Espero que o esqueçam logo passados oito dias. Deixemos isso.

«Quer agora ouvir a minha história ou o meu romance? Depressa se despacha. Pouco fraseado, porque estas lembranças dão cabo de mim.

«Meu pai era um homem brutal e dum orgulho terrível. Não me lembra que me fizesse algum dia uma carícia ou me desse uma palavra de meiguice, e a sua morte foi para mim um alívio.

«Pelo que respeita a minha mãe, de cujas feições me não lembro, disseram-me que ele a tinha assassinado a pontapés na barriga.

«Tinha eu uma irmã ilegítima, um pouco mais velha, criada, desde que nascera, no fundo de uma província. Só a conheci quando já era homem feito. Nunca se falava dela. Meu pai, que a poderia legitimar, não me deu esse gosto.

«Foi assim que vivi sozinho como um órfão, entregue aos criados, de início, depois mandado para um liceu onde me deixaram a vegetar anos largos. Naturalmente propenso à melancolia, tal educação não era de molde a aligeirar-me o coração. Duvido que tenha existido rapaz mais vasconço e sombrio.

«Chegado à adolescência, rompi a divertir-me; divertimentos imbecis e lúgubres, acredito, até ao dia, marcado por terrível destino, em que travei conhecimento com uma rapariga a quem chamarei ... Bom!, chamemos-lhe Antonieta, se quiser.

«Não me peça que lhe traceje o retrato. Era bonita, lá isso era. Mas havia nessa criatura, de resto inocente, muito embora a tenha encontrado para minha danação, uma força perversa, uma *afinidade* misteriosa e irresistível que me arrebatou o coração.

«Ao primeiro olhar que trocámos, senti que tinha ferros nos pés, ferros nas mãos, e sobre os ombros um caixão de ferro. Foi um amor negro, devorador, impetuoso como um borboto de lava ..., e quase logo partilhado.

«... Tornou-se minha amante, está a compreender? Clotilde, *minha amante!*», repetiu o narrador, após um silêncio, com a face crispada e o ar de marinheiro que ouve rugir o Maelstrom ...

— Circunstâncias muito especiais que um demónio, sem dúvida, predispôs não deixaram que a nossa consciência fosse solicitada um só minuto por pensamentos ou considerações estranhas ao nosso delírio, que era verdadeiramente uma coisa inaudita, um frenesim de condenados.

«Por inverosímil que possa parecer, não sabíamos quase nada um do outro. Tínhamo-nos visto pela primeira vez, num lugar público onde eu tivera ocasião de lhe prestar um obséquio insignificante de que me soube prevalecer para ir logo dali a casa dela.

«Vivendo quase com inteira independência na companhia duma velha decrépita que se dava por tia materna, em menos de nada e sem obstáculo envenenámo-nos um ao outro sem a nuvem de um cuidado a empecer-nos.

«Um dia, porém, a velha pareceu despertar, e perguntou-me, num tom bizarro, qual era o objecto das minhas contínuas visitas.

«‘Ora essa!’, disse eu, ‘acaso o não sabe? A minha intenção formal paralela ao meu mais vivo desejo é casar com a sua sobrinha o mais cedo possível. Julgo saber que ela partilha dos meus sentimentos e tenho a honra de lhe pedir oficialmente a sua mão.’

«O pedido era tardio, ridículo, e sob todos os pontos de vista muito fora das etiquetas. Todavia, eu não estava a mentir.

«A estas palavras, ela lançou um grande grito e rodou espavorida, cobrindo-se de sinais da cruz, como se houvera visto o Diabo.

«Antonietta não estava presente para me dar explicações ou pasmar de gorra comigo, e assim é que me fui embora.

«Nunca mais a tornei a ver, à pobre Antonietta! Há-de haver vinte anos, e não saberei dizer hoje se ela é viva ou morta ...

Quedou-se um momento em silêncio, como se lhe faltassem as forças.

Clotilde contornou a mesa e veio-se sentar ao lado dele.

— Meu amigo — disse ela, pondo-lhe a mão sobre o

ombro —, meu querido marido, para sempre e apesar de tudo, não me diga mais nada. Não preciso de confidências que o fazem sofrer e não sou padre nenhum para ouvir confissões. Não lhe disse já que nós somos *dois* infelizes? Peço-lhe, não estraguemos a nossa alegria.

— Só me falta — continuou o homem com autoridade — contar-lhe a cena terrível do dia seguinte.

«Meu pai mandou-me chamar. Nunca poderei esquecer o rosto abominável com que me recebeu. Era um velho alto, cor de tição apagado, aí duns sessenta anos, espantosamente rijo ainda, e famoso por suas proezas de diverso calibre; algumas, creio, não eram de molde a acarretar-lhe medalhas e comendas.

«Tinha combatido, por gosto, em diversos países do mundo, particularmente na Ásia, e passava pelo mais feroz salteador que nos tivesse herdado a Idade Média.

«O traço mais acusado do seu carácter era uma impaciência crónica, um descontentamento perpétuo que descambava em raiva à mais leve contradição. Tão incapaz de longanimidade como de perdão, herói coberto de sangue num grande número de duelos onde fora horrível e escandalosamente feliz, esta má rês a que se devia aular uma matilha de cães e confinar num fojo maldito, estadeava, além disso, costumes dum sadismo aterrador. Parece que somos uma raça de bastardos onde os monstros enxameiam.

«Devo reconhecer, no entanto, que ele morreu em 1870, de maneira que pôde pagar boa parte dos seus crimes. Morreu nos Vosgos, à testa de uma companhia leal que comandava temerariamente, e diz-se que vendeu cara a vida.

«‘Senhor’, gritou ele ao ver-me, ‘tenho a honra de lhe dizer que é um rematado parlapatão.’

«Nesse tempo era eu um galo de boa crista e a injúria não estive para a engolir. Repliquei à characina:

«‘Foi para me dirigir cumprimentos deste estofo que me mandou chamar?’

«Julguei que me ia saltar às goelas. Mas conteve-se.

«‘O que tu merecias era um par de bofetadas por essa insolência’, disse ele. ‘Fica para outra vez. Agora temos que falar. O senhor declarou ontem a uma pessoa respeitável, que julgou me devia avisar, que era sua intenção casar a breve trecho, sem que eu seja visto nem ouvido, com uma moça, já se deixa ver. É isto verdade?’

«É perfeitamente exacto.»

«Magnífico! E teve o topete de afirmar que essa rapariga partilha dos seus puros sentimentos?»

«Sei até que ponto os meus sentimentos podem ser qualificados de puros, mas creio estar certo de que não são recebidos com indiferença.»

«Ah! Ah! Estais assim tão certo?! Também eu quando tinha a sua idade caí na mesma tolice. Pois bem, meu menino, fique sabendo que esse bocado não é para os seus queixos... Aqui tem uma carta que fará favor de levar a um dos meus velhos camaradas que mora em Constantinopla. Nela lhe peço que ponha remate à sua educação. Faça as malas o mais rapidamente possível. Dentro de uma hora estará de rota batida.»

«Um acesso de cólera me sufocou por ouvir falar assim da pessoa que eu adorava. Depois, sem lograr adivinhar o verdadeiro pensamento desse monstro, demasiado bem o conhecia eu para não ver que o tom de sarcasmo que ele exalava escondia algo de horrível, de horrível, digo, meu Deus!, e imprevisível. Agarrei na carta e fi-la em fânicos.»

«Abalar dentro de uma hora!», disse, urrando como um selvagem. «Olhe! Veja o caso que eu faço das suas ordens e o respeito pela sua correspondência! Pode assassinar-me como assassinou minha mãe e como assassinou tantos outros. Será mais fácil que submeter-me ao seu capricho.»

«Ah, filho duma cadela!», espumou ele correndo sobre mim.

«Não tive tempo de fugir e julguei que ele me daria o catatau. Mas não. Estacou. E eis as palavras que bojou, palavras ímpias execráveis, saídas do Abismo:

«Essa Antonieta com quem dormiste, reles javardo, e que eu mesmo mandei educar, com tanto cuidado, por uma velha hipócrita, para que fosse um dia um bocado cá do rapaz, sabes tu quem ela é? Não sabes, não? Nem te passa pela cabeça nem a ela. Mas eu estava informado do que se passava, hora por hora, entre ti e ela. Mas não me enjoava de que o incesto preparasse o incesto, pois o PAI DELA SOU EU E TU ÉS IRMÃO DELA!»

«Clotilde! Afastede-se um pouco, por favor... Agarrei numa arma carregada que pendia da parede e desfechei-a sobre aquele demónio, mas não acertei. Ia puxar outra vez o gatilho, quando um criado que acorreu ao alevante se tra-

vou comigo corpo a corpo. Num abrir e fechar de olhos, recebi um murro formidável na cabeça e perdi os sentidos.

«Esta história enche-a de medo, Clotilde. E no entanto é uma história banal. O mundo é semelhante àquelas cavernas da Argélia onde empilhavam, com seus gados, populações rebeldes; enchiam-nas de fumo para que homens e animais, sufocados e enlouquecidos, se massacrassem nas trevas. Os dramas como este não são raros. Há mais cuidado em escondê-los, é o que é. O parricídio e o incesto, para nada dizer doutras abominações, fervilham na tal caverna, garantido o segredo e as aparências que os fazem mais belos que a virtude.

«Nós éramos desaustinados, e o mundo escandalizado condenou-nos porque a nossa altercação tivera espectadores que foram logo dali bisbilhotar. Mas que me importa a mim o dedo apontado duma sociedade de criminosos e de criminosas cuja hipocrisia conheço de sobra?

«Dois dias depois alistei-me para servir nas colônias e a meu respeito não mais se ouviu palavra. Prouvera a Deus que eu pudesse também esquecer!

«Vim a saber que a desditada cujo nome não quis pronunciar viera a porto de salvamento num mosteiro cisterciense da mais estrita observância e que a tinham admitido a tomar o véu, fechando os olhos ao passado. Privado a um tempo de uma amante e de uma irmã, *indistintamente* aterradores, na minha frente só via uma existência de torturado.

«Vestindo a farda de soldado, pedi os postos mais perigosos, esperando ir ao encontro da morte para acabar com tudo, e bati-me desencabrestadamente. O que consegui foi a subida de posto.

«Um dia, em que mais que nunca sentia a picada do meu tormento, fui-me esconder no fundo dum bosque; aí, com mão firme, o cano do revólver contra as têmporas, desfechei como sobre um cão danado. Pode ver a cicatriz que nada tem de glorioso... A morte não quis nada comigo e não tem querido até à data. E posso assegurar-lhe que nenhum miserável a buscou com mais ardor.

«No início da odiosa campanha franco-alemã, fizeram-me oficial para me recompensarem pelo acto de demência por mim praticado. Ei-lo:

«Uma bateria mortífera açoitava-nos. Com uma presteza inconcebível, incompreensível, atrelei quatro cavalos a um carro de ambulância que esperava o carregamento de mutilados. Com a ajuda de dois homens que a minha loucura esporeou, meti pelas goelas abaixo dos quatro animais enorme quantidade de álcool; saltando para o assento, e fustigando-lhes as crinas, foi obra de alguns minutos chegar, como o relâmpago e a tempestade, aos furgões bávaros que fiz ir pelos ares. Foi uma espécie de cataclismo em que mais de sessenta alemães deixaram os ossos. E eu, que pela ordem natural das coisas devia ser o primeiro fulminado e reduzido a cisco, encontraram-me, já de noite, ligeiramente contuso num monte de tripas de cavalos, cérebros humanos e destroços sangrentos e calcinados.

«Terminada a guerra, e meu pai morto e enterrado, pus a unha na sua maldita fortuna e dei-lhe escoamento, sem que me ficasse nos ganápios nem um cêntimo, na organização duma caravana expedicionária ao coração da África Central, numa região até à data inexplorada, empresa das mais ambiciosas de que há muito congeminara o projecto.

«O pouco que soube em casa de Gacougnol, que gostava de me interrogar, deixou-lhe entreluzir todo o poema. A maior parte dos meus companheiros lá ficaram. Uma vez mais a morte, desafiada à viva força, violada com arreganho, cuspidada como uma macaca, disse para mim: 'Não!', e voltou-me as costas à gargalhada!

«Voltei de mãos a abanar e procurei enganar o meu abutre. De aventureiro, mudei de tenta e fiz-me artista. Esta transposição, radical na aparência, das minhas faculdades activas parecia ter, pelo contrário, exasperado o furor do tal abutre, quando a Clotilde apareceu no meu caminho atroz.

«Não sei ainda o que decidirá o seu coração, depois do que ouviu, mas se a venho a perder *agora*, a minha situação será cem vezes mais aterradora. Não me abandone! Só a menina me pode salvar!

Clotilde aproximara-se do desgraçado a ponto de praticamente já o abraçar. Deixou-se ele abater por terra, pôs a cabeça nos joelhos da ingénua rapariga, e os seus olhos, que se diriam mais áridos que as cisternas secas de que falou o Profeta das lamentações, tornaram-se verdadeiras fontes. Os soluços seguiram-se aos soluços, roucos e espa-

çados, vindos de recantos profundos, e sacudiam-no como faz o vento aos quebra-mares.

A pobrezinha, docemente e sem falar, alisou com a ponta dos dedos a juba deste leão amargurado, esperou que a veemência do choro amortecesse; depois, inclinou-se totalmente para ele à maneira das flores que a haste não pode segurar, e, estalando de ternura e agarrando com as duas mãos a cabeça querida, soprou-lhe ao ouvido:

— Chora, meu querido, tudo o que quiseses e enquanto quiseses. Chora *em* mim, no fundo de mim, para não mais chorares senão de amor. Ninguém te vê, meu Leopoldo, sou eu que te escondo e te protejo ...

«Pediste que te desse uma resposta. Ei-la: sinto-me incapaz de viver e mesmo de morrer sem ti. Entremos, nesta noite, cheios de alegria neste Paris deslumbrante. Foi para nós que fizeram as iluminações e empavezaram as ruas. Para nós somente, sou eu quem to digo, porque não há alegria como a nossa alegria e não há festa como a nossa. É o que eu não compreendia, que cabeça a minha!, quando do nosso encontro, há umas horas, naquele bendito jardim ...

«Escuta-me agora, meu amor. Amanhã irás ter com um pobre sacerdote que te vou dizer. Ele tem o poder de arrancar do teu peito esse velho coração que tanto te faz sofrer e de te dar um coração novo ... Depois, se andares ligeirinho, quem sabe?, receberemos talvez o sacramento do matrimónio antes que tenham recolhido as últimas bandeiras e se tenham apagado as últimas luminárias ...

Estes dois seres como já não há casaram-se, com efeito, uma semana mais tarde.

VI

A Bela Hora das Núpcias! Talvez não seja aqui o lugar de citar esse epitalâmio sombrio que Marchenoir escreveu, alguns anos antes de ser uma das testemunhas de Clotilde no seu matrimónio, e que certamente lhe veio à memória de maneira bem estranha.

«Hás-de lembrar-te, minha linda, quando os convivas do banquete de núpcias se tiverem ido embora e estiveres

«ozinha com o teu esposo, não é verdade?, hás-de lembrar-te, talvez, daquele convidado misterioso que não tinha a *túnica nupcial* e que foi lançado nas Trevas exteriores.

«Os choros e o ranger de dentes do miserável eram tão fortes que se ouviam através da parede, e as portas laminadas de bronze tremiam nos gonzos, como assaltadas por ventania desapoderada.

«Não sabes quem era esse indivíduo e eu, na verdade, também o não sei. Todavia, quis-me parecer que o seu lamento enchia toda a terra. Um segundo, juro-te, um segundo apenas, pensei que era o gemido de todos os cativos, de todos os escoraçados, de todos os que abandonamos, pois tal é o acompanhamento necessário da alegria duma desposada. A espécie humana está tão apontada ao sofrimento que a licença dada a um só casal para ser feliz, durante uma hora, não é demasiado cara se for paga com o grito de agonia de um mundo.

«Mas eis que o teu senhor, pálido e a tremer de desejo, te toma nos braços ... Alguma coisa infinitamente deliciosa, assim o creio, se vai passar.

«Olha uma última vez para o relógio, e se puderes reza. Pede a Deus que afaste de vós o anjo mau das estatísticas ... Passou já um minuto. São mais cem mortos e cem recém-nascidos a mais. Uma centena de vagidos e uma centena de últimos suspiros. Há muito que fizeram este cálculo. É a balança do coaxar da humanidade. Dentro duma hora haverá debaixo da vossa cama mais seis mil cadáveres e seis mil pequeninos, à vossa volta chorarão por terra ou dentro dos seus berços.

«Ora, isso ainda não é nada. Há a multidão infinita dos que não hão-de nascer e não sofreram ainda bastante para morrer. Há os degolados vivos, que cortam em pedaços, que queimam a fogo lento, que crucificam, flagelam, escorcham, atenazam, empalam, abatem e estrangulam; na Ásia, na África, na América, na Oceânia, sem falar da nossa deleitosa Europa; nas florestas e nas cavernas, nas masmorras e nos hospitais do mundo inteiro.

«No mesmo instante em que estremeces de volúpia, valetudinários e supliciados, que seria pueril tentar enumerar, hão-de ulular como no inferno debaixo do *dente dos teus pecados*. Entendes?, dos teus pecados! Porque eis aqui o que tu não sabes, amável fantasma a quem me dirijo.

«Cada ser formado à semelhança do Deus vivo tem uma clientela desconhecida de quem é ao mesmo tempo o credor e o devedor. Quando esse ser sofre, está a pagar a alegria de um grande número, mas quando goza na sua carne pecadora, é forçoso sem falta que outros assumam o seu sofrimento.

«Fosses embora um idiota, o que não quero crer, eras ainda assim uma criatura tão preciosa que não é de mais, talvez, que sangrem dez mil corações para teres esta hora de embriaguez. Corações de pais, corações de mães, corações de órfãos, corações de oprimidos e de escoraçados; corações estraçalhados, atravessados, quebrados; corações que caem no desespero como mós redondas num abismo; tudo isso acontece por tua causa. A tua jubilação tem esse preço.

«Sem que o saibas, um exército de escravos trabalha para ti nas trevas, à maneira daqueles condenados que esfoçam a terra, no fundo dos poços negros da Bélgica ou da Inglaterra.

«Olha!, ali está um, justamente deitado de costas — como tu neste momento —, não deitado em lençóis rendilhados, mas numa manta de lama. Tanto se divertiu o teu pai que esse verme é talvez um dos teus irmãos, quem sabe? Marretava por cima da sua cabeça para desprender uma dessas gemas sombrias e caras que atocam a tua alcova. Uma asca de hulha caiu sobre ele, e eis a sua alma na presença de Deus! A sua pobre alma cega!... O momento não é lá muito bem escolhido, de acordo, para rezar um *De Profundis*.

«Teria poucas probabilidades de ser ouvido, se te falasse do mundo invisível, do vasto mundo silencioso e impalpável onde não há carícias e não há beijos.

«É mundo que interessa talvez a alguns cartuxos em oração ou a alguns agonizantes, mas é inútil lembrá-lo a dois cristãos no meio duma feliz digestão e que se acariçiam com ardor.

«*Miseremini mei! Miseremini mei! Saltem vos amici mei!*... Ah!, podem gritar, os Defuntos que sofrem, os Falecidos por quem ninguém reza. O seu clamor imenso que sacode os Tabernáculos do céu vibra menos na nossa atmosfera que as guias do mosquito ou a cauda duma aranha fiandeira.

«Dá-me mais um abraço, meu querido.» Oh, a bela hora! a bela noite de núpcias!, e como ela faz pensar nos Espostos e aos dias, o Cordeiro de Deus, vestido de Púrpura, vier ao encontro da Esposa incalculável!...

«Sei muito bem que ides dizer que a vida seria impossível se pensássemos continuamente em todas estas coisas e que não ficávamos com um minuto para ser felizes. Não digo que não. Depende do que chamais Felicidade.

«O sacramento, não o ignoro, concede-te licença de gozar do marido, seria temerário dizer que o acto em que ides acaso conceber um filho não implica com a translação dos mundos.

«Em nada faço finca-pé, ó herdeira da Eternidade; apenas te dou uma leve percepção do que é a Hora que passa. A Hora que passa! Olha a desfilada desses miúdos sessenta minutos com calcanhares de bronze com que vão pisando a terra.

«O recolhimento da tua câmara nupcial, sabes tu de que é feito? Vou dizer-to. É feito de vários milhões de gritos doloridos, tão prodigiosamente simultâneos e unísonos que se neutralizam de maneira absoluta, o que equivale ao imperscrutável silêncio.

«Por outros termos, é a ocasião continuamente renovada para o teu Salvador perpetuamente na cruz, de proferir o *Lamma Sabacthani* que junta e concentra em si todo o gemido, todo o abandono, toda a angústia humana e é o único grito que pode ouvir do fundo da Imobilidade sem começo nem fim, Nosso Pai que está nos Céus!

VII

Os três primeiros anos de matrimónio foram felizes para além de quanto se pode dizer ou cantar nas sanfonas ordinárias.

Leopoldo e Clotilde fundiram-se de tal forma um no outro que nem pareciam ter personalidades distintas.

Uma Alegria melancólica, sobrenaturalmente doce e calma, escorrida do céu, só para eles, cada manhã. Deixando à porta todas as poeiras dos caminhos, todos os

orvalhos de bosque ou planície, todos os aromas dos montes longínquos, a manhã os despertava gravemente para o trabalho e para o peso do dia.

A alma de cada um deles estremecia então, luminosa, no olhar do outro, como se vê bulir um frémito num raio de sol dourado. Felicidade silenciosa, quase monástica, tal a sua profundidade. Que diriam eles um ao outro? Falar, para quê?

Quase não viam ninguém. Marchenoir, decididamente, travava a sua última batalha com a miséria enraivecida com a resistência que ele lhe opusera durante tantos anos; miséria que, depois de meses de uma luta tremenda, o devia assassinar à traição à beira de uma torrente em cujas vagas malcheirosas rolavam os monstros que ele tinha vencido.

Vinha ele vê-los algumas vezes, rasgado pelas facas do raio, pálido e escarrado, cabeça branqueada pela escuma das cataratas da Torpeza contemporânea, mas mais impávido, mais indomado, mais por vencer, e enchendo a tranquila moradia com os mugidos da sua cólera.

— Pedro segunda vez renegou o Mestre! — gritava o profeta no dia seguinte à expulsão das comunidades religiosas: — Pedro, que «aquece as mãos no vestíbulo» de Deus e que «está sentado em plena luz», não quer saber nada de Jesus, quando «a criada» o vem interrogar. Tem um medo excessivo de um bofetão, e que também lhe cuscam no rosto!

Quantos renegamentos, enfim, ainda serão precisos para que volte a cantar o «Galo» de França? *Porque é a França a significada no Texto Sagrado.* A França que o Paracleto precisa; a França onde o Paracleto passeia como no seu jardim, e que é a *Figura* mais expressiva do Reino dos Céus; essa França preferida e sempre, sempre amada sobre todas as nações, precisamente porque parece ser a mais decaída e porque o Espírito que paira sobre o mundo não resiste às prostitutas!

Ah!, se este Papa que não vai além dos vis entendimentos da política tivesse a alma dos Gregórios e dos Inocêncios! Que bela coisa não seria!

Vede Leão XIII a lançar o Interdito às oitenta dioceses de França, um Interdito absoluto, *omni appellatione remota*, até ao momento em que todo o povo em soluços viesse pedir misericórdia!

... Ouvis, à meia-noite, o toque a finados desses sinos

que não mais voltarão a tocar? O Cardeal-Arcebispo, acompanhado do seu clero, entra silenciosamente na Catedral. Com voz lúgubre, os cônegos salmodiam, pela última vez, o *Miserere*. Um véu negro cobre Cristo. As Relíquias dos Santos foram levadas para os subterrâneos. As chamas consumiram os restos do Pão sagrado. Então, o legado coberto com a estola roxa, como no dia da Paixão do Redentor, pronuncia em voz alta, em nome de Jesus Cristo, o Interdito sobre a República Francesa ...

A partir desse momento, nem missas, nem o Corpo, nem o Sangue do Filho de Deus, nem cantos solenes, nem bênçãos. As imagens dos Mártires e dos Confessores estão por terra. Nem o povo será ensinado nem se proclamam as verdades da Salvação. Algumas pedras atiradas do alto do púlpito, um pouco antes de se fecharem as portas, lembram à multidão que assim o Onnipotente a repele da sua presença. Já não mais batismos, a não ser à pressa e às escuras, sem círios nem flores; não mais casamentos, a não ser que a união se celebre sobre os sepulcros; não mais absolvição, extrema-unção, sepultura!...

Digo-vos que a França ergueria um grito unânime! Morta de pavor, compreenderia que lhe estavam a arrancar as entranhas, despertaria das suas abominações como de um pesadelo, e o cântico de penitência do velho Galo das Gálias despertaria o universo!...

Os dois amigos derramavam «o óleo e o vinho» da sua paz perfeita nas chagas horríveis deste degolado que se ia embora e os abençoava. Clotilde abraçava-o como um irmão, e Leopoldo, sem grandes recursos, metia-lhe no bolso algum dinheiro.

Ah!, como desejaria retirá-lo desse desigual e mortal combate, cujo desenlace previa! Mas que fazer? Via que as considerações comuns não se podiam aplicar ao julgamento de um ser tão excepcional, e sabia que o seu caminho era outro, não podia acertar o passo com destino tão estranho.

Um dia, numa das últimas vezes em que se viram, Marchenoir disse-lhe:

— Ninguém me pode salvar. O próprio Deus, tendo em vista os bairros pobres lá do céu, não deve permitir que me salvem. É necessário que eu pereça na espécie de ignomínia destinada aos blasfemos dos deuses avaros e dos

Deuses impuros. *Entrarei no Paraíso com uma coroa de excrementos!*

Surpreendentes palavras que o descreviam em corpo inteiro, a esse grande e grandiloquo agitador de lama e de chamas; palavras que ele era a única pessoa no mundo, sem dúvida, capaz de proferir!

Uma coisa digna de nota é que Leopoldo, logo após o seu matrimónio, passou por incríveis transformações. Os seus modais, as suas atitudes, o seu próprio rosto se modificaram.

Entrara para a vida conjugal como um corsário ajoujado de despojos no botequim dum cambista. Ali entornara toda a bagagem de moedas estrangeiras, as mais variadas, umas mordidas de ferrugem, outras com manchas de sangue, e recebera em troco a quantidade de ouro que isso representava, um córrego de ouro muito puro que só reflectia um único rosto.

Por uma imperiosa necessidade de se configurar pelo modelo da mulher, sem dúvida também em consequência de algum desastre interior de que ela tinha sido a causa, adoptara espontaneamente as práticas piedosas dessa Vigilante do Livro Sagrado, de lâmpada sempre acesa, e, pouco a pouco, tornara-se um homem de oração.

Admire-se quem quiser ou quem puder. Leopoldo era sobretudo um soldado da espécie daqueles a quem se não pode matar. É preciso então que Deus mesmo se encarregue disso, e os despache à sua maneira.

VIII

À sua maneira. Certamente se não trata de maneira humana, e a palavra *milagre* não viria aqui a despropósito.

Leopoldo andara extremamente longe de tudo isso. É verdade que o timbre do seu carácter por igual o afastara da antecâmara ou da estrebaria do cepticismo. Ele *acreditava*, naturalmente, espontaneamente, sem indução, como todos os seres feitos para mandar. A sua admiração sem reservas por Marchenoir seria, doutro modo, inexplicável.

Mas as paixões desabaladas, que haviam feito dele, desde a adolescência, o seu castelo forte, só o mostrarem-se nas ameaças da sua face formidável bastava de sobejo para

porem em debandada as veleidades de recolhimento ou de arrependimento que fizessem menção de se aproximar.

Liberto por Clotilde, de uma vez para sempre, de tudo o que pudesse fazer obstáculo a Deus, bastara-lhe abrir a porta de par em par, essa porta longamente fechada, por onde essa vitoriosa tinha entrado no seu coração. Então, tudo quanto pode esboroar o bronze dos velhos ídolos viera de escantilhão sobre ele.

Conta-se que o santo papa Deusdedit curou um leproso com um beijo que lhe deu, e que, depois, o melhor que tinham a fazer era dar graças ambos; e era o que faziam na penumbra duma pequena capela amorosa, aveludada por uma rosácea de púrpura e de ouro onde estava pintada a Paixão de Cristo.

Da mesma forma que no Sacramento dos enfermos, medicina do corpo e da alma, diz o ritual, Leopoldo, abençoado pelo sacerdote, *juxta ritum sanctae Matris Ecclesiae*, fora visitado em todos os seus sentidos, tocado como por uma unção sobre os olhos, que não tinham visto a Face do Perdão; nos ouvidos desatentos, que não tinham ouvido os gemidos do Espírito Santo; nas narinas de animal feroz, que não tinham cheirado as fragrâncias da Voluptuosidade divina; no «sepulcro» da sua boca, que não tinha comido o Pão vivo; nas mãos violentas, que não tinham ajudado a levar a Cruz do Senhor; nos pés violentos, que tinham andado por todo o lado, só não tinham enveredado para o Santo Sepulcro.

A palavra, aliás tão prostituída, de *conversão* que se lhe aplicasse não exprimia bem a sua catástrofe. Fora agarrado pelos gorgomilos por Alguém mais forte do que ele e arpoado para dentro de uma casa de fogo. Arrancaram-lhe a alma e quebraram-lhe os ossos; tinham-no esfolado, trepanado, queimado; tinham-no convertido em pasta, numa espécie de coisa argilosa que um Obreiro, doce como a luz, em seguida se pusera a amassar. Depois atiraram-no de cabeça abaixo para um velho confessionário cujos tabuões rangeram debaixo do seu peso. E foi obra de um só instante.

«... Esplendores desconhecidos, a luz dos Olhos de Jerusbróquio, o Admirável.

A literatura e a arte não tiveram de fazer nesta escalada. Oh!, não, de forma nenhuma. Leopoldo não pertencia

à escola dos *Raros* que descobrem de chofre o catolicismo num vitral ou num neuma de cantochão, e que vão, como Folantin, a correr «documentar-se» à Trapa sobre a estética da oração e o perfil da renúncia. Não dizia, como esse imbecil, que um ofício fúnebre tem mais grandeza que uma missa nupcial, convencido até ao mais íntimo da sua razão que todas as formas da Liturgia são igualmente santas e veneráveis. Nem lhe passava pela cabeça que uma arquitetura especial fosse indispensável aos estos da devoção nem curava de perguntar, quando se ajoelhava para rezar, se estava debaixo de um arco de plena arquivolta ou sob a cruzaria de uma ogiva.

Julgava inclusivamente, com Marchenoir, que a Arte não tem coisíssima nenhuma a dizer, uma vez que Deus se manifestou, e o seu pendor natural ia no sentido da Humildade profunda, como se pode justificar historicamente com a maior parte dos homens de acção organizados para o despotismo.

IX

O nascimento, longamente esperado, de um filho foi um acontecimento de maior vulto que o desaparecimento definitivo da espera para estes dois seres extáticos. Julgaram-se casados há algumas horas somente e admiraram-se de ter ignorado o Amor. Um abismo novo se abriu no fundo do seu duplo abismo que eles julgaram ser primo-irmão das concavidades do firmamento.

Cumpre-nos deixar a monografia de tal embriaguez aos bons Jaquins com queda para as letras que se julgam na obrigação de divulgar canhestramente a alma humana a uma série de patuscos desatentos. Estes dois seres, maiores, de certo, do que é corrente numa sociedade que sobrevive a tantos dilúvios, apareceram de um dia para a noite sem fôlego e pálidos de solicitude, debruçados sobre o seu menino.

Clotilde, como verdadeira filha de um povo outrora cristão, não quis ouvir falar de amas; dizia-lhe a intuição que as mercenárias transmitem ao mesmo tempo que o leite um pouco das suas almas obscuras ou contaminadas aos Ino-

centes que lhes confiam, quando a sua bondade as não leva a dar-lhes a morte.

O pequeno Lázaro, excepcionalmente rijo e belo, era uma flor admirável ao colo da sua mãe, e Leopoldo, que gostava de trabalhar ao pé deles, convenceu-se de que um reflexo infinitamente doce de alguma claridade desconhecida emanava dessa presença e se espalhava na sua pintura como uma luz veludínea.

As obras do grande artista, nessa época da sua vida, as suas últimas obras, ai de nós!, trazem a marca dessa peripécia sentimental; foram-se as cores violentas, as durezas agressivas de tons, os bruscos contrastes da cor que davam às suas iluminuras mais que estranhas uma originalidade tão forte.

Pouco a pouco, tudo se uniformizou, se extinguiu numa espécie de aguada pastosa que uma gola rígida delimitava. Uma noite, Druida desviou os olhos duma folha que o desditado colocava diante, fingiu um espanto e olhou para Clotilde com olhos tão espantados que ela compreendeu que a desgraça lhe estava a bater à porta.

Leopoldo ia ficando cego. Pelo menos a ameaça pairava sobre ele. Alguns dias atrás, obrigado a trabalhar de noite, ficara repentinamente sem vista como se as duas grandes lâmpadas que o iluminavam se houvessem apagado instantaneamente. Atribuindo o fenómeno a um excesso de fadiga, deitara-se às apalpadelas, e de manhã, ao quebrar da alva, limitara-se a falar com desenfado, afectando crer que era uma coisa simples e nada para alarmar. Silenciosamente, Clotilde preparou-se para sofrer.

Breve, com efeito, apareceram os sintomas. Um especialista consultado decretou que devia interromper todo o trabalho de iluminura, que era mesmo necessário renunciar a tal trabalho em absoluto, sob pena de cegueira.

Foi um rude golpe. Leopoldo amava apaixonadamente a sua arte, a arte que ele tinha criado, ressuscitado, que ele fizera reaparecer viva e jovem quando a julgavam tão morta que a mera lembrança dela se ia diluindo. Consubstanciara-se de tal forma com essa arte que subia de novo a escadaria dos séculos e se assemelhava aos sonhos de um menino de alma profunda!

Que iria ele fazer agora? Há já vários anos que vivia apenas do pincel e nunca pensara, um minuto que fosse, em

A MULHER POBRE

«granjear economias». Ah!, sim, economias! As potências inferiores, as porcas e implacáveis potências de que se prevalece, contra os corações solitários, a idêntica baixeza do Número, essas não perdoam. Fulminam represálias seguras e mortais. Leopoldo, deixando de pintar, viu a miséria atirar-se a ele como as feras de boca aberta sobre um belo fruto maduro que o vento sacudiu do seu ramo.

Era forçoso, de um dia para o outro, buscar qualquer outro meio de vida. E começaram as diligências atrozés. Lá se foi o recolhimento, lá se foi a paz eremítica. Lá se foi a tenda de veludo azul-pálido, na clareira silenciosa onde a esmeralda e o coral duma vegetação de livro de horas se erguiam, com uma ternura melancólica, sobre o ouro de um céu bizantino. Tudo isso acabara para sempre. Impunha-se mergulhar a alma nos sujos cuidados do dinheiro, na purulência dos egoísmos incomodados, na cloaca dos apertos de mão.

Seus modos à antiga, de gentil-homem cerimonioso, de indisciplinado que até há pouco parecia falar sempre aos seus contemporâneos com duas pinças, não lhe haviam atraído um número considerável de amigos. Quando o viram por terra, foi o chorrilho de sorrisos e das condolências venenosas. Decerto suas maneiras se haviam modificado de forma a parecer milagrosa, desde o dia em que começara a ser feliz; mas entrementes desaparecera por completo da circulação, ninguém mais pensava nele. Ademais, toucava-o como à maior parte dos indivíduos célebres, uma *lenda* singular — uma espécie de água-forte tão energicamente mordida pela Inveja que nenhuma transfiguração ou metamorfose do original é capaz de a alterar.

Por outra banda, o seu matrimônio tinha escandalizado as aves podres e os peixes lançados em vaza-barris que promulgam em Paris os decretos de um mundo fétido cuja velha moral — expulsa com horror das mais vis espe-luncas da prostituição — busca enseada nas imundícies mais asquerosas.

Disseram que ele fora aos *restos* do infeliz Gacognol. Algumas facécias de risotada, no gosto da *sopa Leopoldo*, chegaram mesmo a apimentar a crônica de diversos jornais que o solitário não lia — felizmente para os cagarolas que se borravam de medo, se bem que se escondessem com precaução recorrendo a pseudónimos.

O lar conheceu os expedientes que fazem tremer e fazem chorar, a venda sucessiva dos objectos amados de que julgavam não poder jamais separar-se, a mudança de certos hábitos que parecem aderir ao princípio mesmo do poder afectivo, a supressão gradual e tão dolorosa de todas as barreiras de vida íntima e oculta que os pobres jamais conseguem realizar. E sobretudo — a provação mais dura! —, tiveram de mudar de casa.

A linda colmeia pacífica e clara, nas imediações do Luxemburgo, era para Leopoldo e Clotilde o lugar único, a estância privilegiada, o endereço que dariam se a felicidade lho pedisse. Tinham-na mobilado com as emoções do amor, das suas esperanças, dos seus sonhos, das suas orações. Mesmo as lembranças lúgubres lá tinham um lugarzinho. Atenuadas fio a fio por uma bênção que chegara tarde, as tristezas de outrora entrelaçavam-se com as alegrias novas, como as figuras de sonho de uma tapeçaria de cores meio apagadas a flutuar na face de um muro.

Depois nascera o menino. Ali vivera onze meses, durante os quais recommencaram as aflições, e a sua imagem cheia de graça viam-na eles em todos os recantos.

No momento de abandonar esse retiro, os infelizes julgaram-se exilados da paz divina. Desgarramento tanto mais cruel quanto o novo abrigo para onde os transplantava a necessidade lhes pareceu sinistro. Tendo-o ido ver por um tibio sol de fim de Outono, julgaram-no habitável, mas a chuva fria e o céu negro do dia em que lá se instalaram transformaram-no aos seus olhos espavoridos numa espécie de lojo húmido, sombrio e venenoso que os horrorizou.

Era um albergue minúsculo no fundo dum beco do Petit Montrouge. Tomaram-no de aluguer por ódio aos pequenos apartamentos, no fito de se esquivarem assim às promiscuidades ignóbeis das casas de porta aberta. Mais três ou quatro cabanotas do mesmo género, habitadas não se sabe por que saturnianos e calamitosos empregados, exibiam à distância de alguns metros as suas fachadas hipocondríacas, mijotadas com um leite de cal enceguedor e separadas umas das outras por uma vegetação poeirenta de cemitério suburbano fedorentizado pela vizinhança duma estação de mercadorias ou duma fábrica de velas.

Era uma espécie de cidadezinha burguesa a rever-se com pretensão nalguns jardins, como se vêem nos bairros excên-

tricos onde os proprietários homicidas armam a esparrela da horticultura a condenados à morte.

Ao transpor o limiar, estes sentiram todos os calafrios. Clotilde, tiritando e consternada, envolveu logo o seu pequenino Lázaro num monte de cobertores e de xales, pensando apenas em preservá-lo da humidade glacial, *singular*, e esperou com uma angústia ignorada até àquele momento que os homens da mudança houvessem terminado.

Desgraçadamente não terminariam nunca, quer dizer que, até ao derradeiro instante da sua vida, a pobre mulher tinha de conservar a impressão actual da desordem triste e banal destas poucas horas.

X

A desgraça é uma larva alapada nos lugares húmidos. Os dois banidos da Alegria cuidaram flutuar em limbos de viscosidade e de crepúsculo. O fogo mais aceso não vingava secar as paredes, mais frias por dentro que por fora, como nas masmorras ou nos sepulcros; e ao longo dessas paredes ia apodrecendo um horrível papel.

De um pequenino sótão hediondo, que jamais vira certamente a generosidade de vinho algum, pareciam subir, mal a noite fechou, coisas negras, formigas das trevas que se espalhavam pelas frinchas e ao longo das junturas de um geográfico *parquet*.

A evidência de uma sujidade monstruosa aí estava. A casa ilusoriamente borrifada com uns baldes de água, quando esperava visitas, tresandava, quase por todo o lado, não se sabe a que terríveis sedimentos que seria preciso raspar com imenso trabalho. Acachapava-se na cozinha a Gorgona do vômito, cozinha que só um incêndio vingaria limpar. Tiveram logo de instalar um forno noutra quadra. Ao fundo do jardim — e que jardim! — avultava um montão de detritos asquerosos que o proprietário prometera fazer desaparecer, o que nunca fez.

Enfim, num resumo, a abominação. Um odor indefinível, entre o hálito de um subterrâneo atascado de podridão e as emanções alcalinas de uma fossa de despejo, picava surdamente as mucosas nasais dos inquilinos desesperados.

Esse odor não vinha precisamente das latrinas, nem de

lugar algum determinado. Marinhava na estreiteza do espaço e circulava à maneira de uma tira de fumo descrevendo orbes, espirais, laçadas. Ondulava em torno das mobílias, subia ao tecto e descia ao longo das portas, escoava-se para a escadaria, ia de um quarto a outro deixando por toda a parte um bafo de putrefacção e de porcaria.

Parecia às vezes desaparecer. Sentia-se então no jardim, nesse jardim das margens do Cocito, fechado com um muro de caserna capaz de inspirar a monomania da evasão a um dervixe cambado convertido em escorchador de camelos tocados de pestilência.

O que foi a existência dos náufragos nos primeiros dias, só o anjo que preside à flagelação das Almas o poderia contar.

O fedor é o adiantado que corre adiante das Larvas cruéis quando as deixam subir do fundo do abismo e um terror frio o acompanha. Certas circunstâncias, atrozes de sobejo para não serem reais e de resto prontamente seguidas por uma sarabanda de horrores, não deixaram que nem Clotilde nem o seu marido suspeitassem terem caído, levados pela tèmpera sobrenatural da sua intrepidez, nalgum desses malditos lugares que nenhum cadastro fiscal assim designa, onde o Inimigo dos homens se delicia e se escar-rancha.

Como o pequenino Lázaro parecesse indisposto logo a partir do desmonte fúnebre da mudança de moradia, a mãe dormia sozinha junto dele, num quarto do rés-do-chão que julgaram um pouco menos sinistro que os outros. Leopoldo fechava com cuidado todas as portas e içava-se para uma cela fétida no andar superior.

Na segunda noite Clotilde foi arrancada ao sono por pancadas de extrema violência na porta da rua, como se algum malfeitor tentasse arrombá-la. O menino dormia e o pai, cuja respiração igual e sonora ele cuidava ouvir de longe, não fora incomodado. O ruído dirigia-se por-tanto *só a ela*. Gelada de terror e sem bulir, encomendou-se às almas pias dos mortos que dizem serem capazes de afastar os espíritos sombrios. No dia seguinte não disse nada, mas guardou desta primeira visitaçào do Terror uma surda ansiedade, um transe de catacumbas que se lhe eri-çou no coração.

Análogas advertências lhe foram dadas nas noites se-

guintes. Ouvia uma voz amedrontadora uivando pela morte. Golpes misteriosos de impaciência e de cólera faziam ranger os tabiques e a própria madeira da cama. Aturdida, angustiada, com a sensação de uma garra a arpoar-lhe os cabelos, mas com medo de partilhar este acréscimo de agonia com o seu marido infeliz, mandou vir um sacerdote da paróquia para benzer a casa.

«*Pax huic domui et omnibus habitantibus in ea ...* Senhor tu me aspergirás com o hissopo e ficarei limpo; lavar-me-ás e ficarei mais branco que a neve ... Ouvi-nos, Senhor, Pai todo-poderoso, Deus eterno, e dignai-vos enviar do alto do céu o teu santo anjo que nos guarde, nos encoraje e nos proteja, visite e defenda os que residem neste habitáculo. Por Cristo Nosso Senhor.»

A noite que se seguiu a esta bênção foi tranquila; mas a outra a seguir, ah!, obediéssimo Jesus que saístes vencedor da morte e do túmulo, que noite horrível!

Um grito desumano, um coaxar de suplicidade pelos demónios pôs a pobre mulher em sobressalto, olhos dilatados, a tremer maleitas, membros um para cada lado com as tremuras, e coração aos altos como o bimbalar dum sino de alarme contra as paredes dos flancos que haviam trazido um filho de Deus. Enviou-se ao berço do seu filho. O inocente continuava a dormir e a claridade pálida da lamparina mostrava-o tão pálido que ela procurou-lhe o sopro do narizinho.

Impressionou-a o facto de ele dormir quase sempre, uma semana a esta parte, dormia e tinha quase sempre os pezinhos frios. Abafando um acesso de soluços, pegou nele docemente ao colo e levou-o para o pé do lume.

Que horas seriam? Não sabia. Chovia um silêncio enorme, um destes silêncios que tornam perceptível o rumor das pequenas cataratas arteriais ...

O menino exala um débil queixume. Como a mãe procurasse em vão que ele bebesse alguma coisa, ele agita-se, parece tresvariar, atira os bracinhos para o Invisível, à maneira das pessoas grandes a morrer, e começa as afra da sua agonia.

Clotilde, cheia de pânico, mas não vendo ainda que era o fim, inclina a cabeça do pequenino sobre o ombro, numa posição que mais de uma vez o acalmara, e passeia muito tempo a chorar e a pedir-lhe que a não deixasse, chamando

em seu auxílio as Virgens Mártires a quem os leões ou os crocodilos comiam as entranhas para divertimento do vulgacho.

Bem quisera que o marido ali estivesse, mas não ousa erguer a voz, e as escadas custam tanto a subir às escuras, sobretudo com tal fardo nos braços! Por fim, o pequenino cai do ombro para o seio e ela compreende.

— Leopoldo! O nosso filho está a morrer — grita ela com uma voz terrível.

Disse Leopoldo mais tarde que esse clamor o varara no sono, como uma lasca de mármore acerta no mergulhador no fundo dum pego. Veio por ali abaixo como um projectil e só teve tempo de recolher o derradeiro frémito desta vida que começava, o derradeiro olhar sem luz dos seus olhos que eram uma maravilha e cujo azul se volveu cor de faiança, se esmaltou de *vidro* leitoso que os foi apagando.

Perante a morte de um menino, a Arte e a Poesia parecem na verdade uma miséria. Alguns sonhadores que parecem igualmente tão grandes como toda a Miséria do mundo, fizeram o que puderam. Mas os gemidos das mães, e mais ainda a panela silenciosa do peito dos pais, têm outro poder que as palavras não têm nem as cores, a tal ponto a dor do homem pertence ao mundo invisível.

Não é bem o contacto da morte que faz sofrer tanto, já que esta punição foi tão santificada por Aquele que se chamou a Vida. É toda a alegria passada que se levanta e ruga como um tigre, que se desencadeia como o furacão. É, de forma mais precisa, a lembrança magnífica e desoladora da *vista de Deus*, porque todos os povos são idólatras, Vós fartastes-vos de o dizer, ó Senhor! As tristes *imagens* que somos só sabemos adorar o que julgamos ver, e os nossos filhos são para nós o Paraíso de Voluptuosidade.

Ora não há outra dor além da que vem contada no Vosso Livro. *In capite Libri scriptum est de me*. Podemos buscar quanto quisermos, não encontraremos um sofrimento fora do círculo de fogo de revolvente Espada que guarda o Jardim perdido. Todavia a aflicção do corpo ou da alma é um mal do exílio, e a piedade lancinante, a compaixão devastadora reclinada sobre os pequeninos caixões é, não haja dúvida, o que lembra com mais energia o Banimento célebre de que a humanidade sem inocência nunca mais se pôde consolar.

Vestiram-no com as próprias mãos para o Berço definitivo que o Verbo de Deus embala com doçura entre as constelações. Depois sentaram-se um diante do outro à espera da alva quebrar. Durante duas ou três horas, se perderam num vágado de pensamento e sentimento que é o primeiro estado de uma dor imensa.

Uma só palavra foi proferida, a palavra *Bênção*, caída dos lábios da mãe e que Leopoldo muitíssimo bem compreendeu. «Esses são os que não mancharam os seus vestidos ... Seguem o Cordeiro sem mancha para toda a parte aonde vá», diz a Liturgia. Os cristãos têm esse conforto de saberem que há por toda a parte *pequeninos* no Reino e que a voz dos inocentes que morreram «faz ressoar a terra» ... Por mais que sofram, tempo adiante, debaixo do céu, busquem as suas almas às apalpadelas nos piores caminhos, alguma coisa deles resplandece venturosamente para além dos mundos.

O dia raiou, um dia cinzeo, que tinha também o olhar embaciado de um morto e lhes mostrou a sua solidão. Ninguém, até ao momento, os tinha vindo visitar no seu novo tugúrio, e os raros amigos fiéis estavam longe e dispersos.

— Que vou eu fazer para enterrar o meu filho?

Uma moeda de cem cêntimos — que é dela? —, não a havia na casa. Foi pedir à porteira que viesse fazer companhia à mulher e saiu porta fora como um tresloucado. Algumas horas depois, munido de exígua soma, obtida sabe Deus a que preço!, voltava tarde, de forma a não poder gozar-se da ocasião de quebrar a suã ao médico dos mortos.

Este personagem fantástico, chamado na sua ausência, estava mesmo a abalar. Nele se podia ver um destes falhados sinistros e sem perdão, incapazes de diagnosticar uma indigestão, que a competência municipal faz seu legatário para passar a certidão de óbito dos cidadãos, condenados assim, algumas vezes, a recommençar a agonia a sete pés debaixo da terra. Os empresários das agências fúnebres, sempre de língua aguçada para a troça, chamavam-lhe o carrasco do XIV Bairro.

Clotilde teve a súbita visão de uma espécie de procurador ou gestor de enterros, gorducho e cor de milho, suíças cor de ferrugem, que ostentava por cima da nariganga cheia de tiques uma verruga cinzenta semelhante a uma enorme centopeia.

O brejeiro, vendo que a casa era de pobres, entrou a vozeirar e, sem tirar o chapéu, apalpou um momento e revirou o pequeno com mão profanadora; depois, pondo os olhos na mãe sufocada por tanta vileza, dissera cascalhando estas inconcebíveis palavras:

— *Ah! Ah! Agora é que se põe a chorar quando está tudo acabado!*

Sim, foi uma sorte para este filho de cadela brava que Leopoldo não estivesse presente para ouvir a parvoçada!

Em seguida, em tom autoritativo de carcereiro, pediu que lhe mostrassem as *receitas*, farejando sem dúvida que elas nem sequer existiam. Clotilde, que tinha o coração sempre sobre os lábios, conseguiu todavia responder que na verdade o menino lhe parecera muito esmorecido nos últimos dias e que tendo ela mesmo medicado noutras ocasiões desta ou daquela maneira lhe não ocorrera a intervenção perigosa de nenhum médico; e que além disso a crise final se dera durante a noite de maneira tão fulminante que seria impossível invocar socorro humano.

O sujeitinho, sentido da resposta e que parecia ter já respirado o ar daquela choça diabólica, exalou umas coisas imprecisas, mas cheias de insolência, e que apontavam a passar um certificado de horrível suspeita, refinando em sublinhar as palavras «negligência criminosa», «grave responsabilidade», etc.

— Acabemos com isto, senhor! — disse a cristã com fortaleza. — Aconteceu o que Deus quis e não me interessam os seus dizeres insultuosos. Se o meu marido aqui estivesse, o senhor não falaria desse modo.

Neste instante entrava Leopoldo. Num relance compreendeu tudo. Sem abrir os lábios nem fazer um gesto, assestou no rufião um rosto que o despedia de tal modo que ele se precipitou porta fora como um papel sujo varrido pela ventania.

Na prefeitura, o encarregado do gabinete dos falecimentos declarou a Leopoldo que a hora do enterro se não podia ainda fixar, porque o relato do médico postulava um

inquérito, e que se ia enviar lá a casa outro parvajola. Deixava mesmo a entender, e tinha graça, a eventualidade duma AUTÓPSIA!...

O segundo sábio, pediram-lho de joelhos, mostrou-se condescendente e poupou o último horror a esses infelizes. Mas quase lhes encheram as medidas. Durante duas noites consecutivas, puderam comer e beber o seu tormento e guardar ainda um pouco desse viático para o resto dos dias.

Esmagados ambos, Clotilde parecia a mais forte e foi obrigada a socorrer o seu companheiro. Esse artista tão melindroso, esse aventureiro que enrostara com todas as mortes, esse temerário entre os temerários cujo coração jamais fraqueara, precisou de se apoiar na mulher para não cair.

Lembrava um gesto, nada mais que um gesto. Na noite que precedera a catástrofe, no momento em que ia subir para o quarto, o menino desprendera-se da mãe e estendera para ele uma das mãozinhas para lhe fazer uma festa como de costume. Mas Clotilde, que só a duras penas conseguira que o filho mamasse e temia uma distração, fizera um sinal ao pobre marido; e agora a lembrança desse gesto pueril, dessa última carícia, torturava-o de maneira atroz. Porque a alma humana é uma campânula de dor que ao mais pequeno golpe desfolha vibrações que se ampliam, ondulações indefinidamente temerosas...

Funerais de pobres, no cemitério de Bagneux, fossa comum...

Ah!, e tudo isto no meio da neve!

Só Marchenoir assistiu. Druida, informado demasiado tarde, só no regresso o encontraram. Estas quatro criaturas de excepção choraram juntas na casa desolada e abominável.

Depois, aquilo que se convencionou chamar a Vida retomou tranquilamente o seu caminho.

XII

Leopoldo e Clotilde foram felizes três anos. Três anos! Tinham de o pagar e bem cedo viram que a morte do seu filho não bastava. Pensando que a sua porção de alegria no triste mundo bem poderia representar os delírios de

dez mil homens, a si mesmos perguntavam se haveria preço justo e bastante.

Aí estava esse lojo odioso, esse cabanão de pestilência e de horror donde não podiam fugir por enquanto, onde a miséria os condenava à atrocidade inexprimível de um *luto mal-cheiroso*.

Imagine-se o horror demoníaco disto tudo. No momento em que os gatos-pingados iam deitar no caixão o pequeno, Clotilde quisera beijar uma última vez o seu filhinho Lázaro, que as lágrimas de nenhum Deus ressuscitariam, e os gases que o haviam matado e rodavam em torno da cabeceira encantadora estiveram quase a sufocá-la.

Porquê este sofrimento hediondo? Porquê esta aflição de condenados? Ó Senhor! Não queríamos não sofrer, mas sofrer precisamente assim! Será possível?

O fedor inexplicável tornou-se mais denso, mais pesado, mais tenaz, mais lento. E sentia-se por todo o lado. Impregnava-lhes os vestidos e corria com eles por Paris sem que a chuva ou o gelo o dissipasse. Chegaram a supor que havia um cadáver oculto no âmago das paredes, conjectura que tornava singularmente plausível o carácter especial das visões ou dos pesadelos que não cessavam de apoquentar Clotilde, quer nas insónias, quer durante o sono. Tudo levava a crer que um crime ali se perpetrara e a buscar-se se encontrariam os vestígios.

Leopoldo escreveu ao proprietário uma carta veemente, que outro resultado não teve além de ver aparecer a mais repugnante figura de farroupilha.

Era um mercador de fato desabotoado, um limador de velhas calças, uma besta untada de pomadas que bem podia passar por um construto de pedaços de carne judaica e de restos surripiados a algum açougue, tudo isso monstruosamente colado a uma carcaça de velho explorador parisiense. Um cachimbo enorme de traficante endinheirado encabava-o e fumegava sempre; e uma série de jóias falsas encontradas nos bulevares ao ar livre completava-lhe o conjunto grotesco.

O pândego entrou quando Clotilde estava sozinha; cumprimentou com gestozinho protector, sem tirar o chapéu nem retirar o cachimbo, e esfregou no soalho as botas lamacentas. Deu uns passos na quadra e pelos quartos, exalou fumo e cuspinhou, empiscou entendidamente e sor-

riu maneiras como um carcereiro maldoso a quem se não deu gorjeta e atalhou queixas que a pobre mulher, transida de desgosto, tentava formular no vestíbulo da sua atenção, declarando num tom peremptório que nenhum locatário até à data se tinha queixado do habitáculo; de resto houvera todo o vagar de o examinar antes da assinatura do contrato e, quanto a ele, por mais boa vontade que tivesse, não via que fazer.

Alguns dias depois, sob a ameaça dum inquérito administrativo, dignou-se mandar lá o seu architecto, personagem agigantado e de certo bem adicto ao dono; cortou num instante todas as questões e concluiu pelo parecer de quem o enviara.

Uma diligência na Saúde Pública, onde a sua paciência foi posta à prova por uma vintena de mangas de alpaca lentos e esquisitos distribuídos por gabinetes inacessíveis, teve pelo menos a vantagem de fazer compreender que por esse lado nada havia a esperar. Era preciso escrever ao prefeito do Sena numa folha de papel selado, expor claramente e respeitosamente o agravo a esse alto senhor, e depois esperar, com toda a tranquilidade — pagando regularmente as taxas do aluguer — que houvessem por bem dar qualquer seguimento ao requerimento; quantos meses levaria era coisa que nem o Diabo com papel e tinta saberia calcular.

Os envenenados dirigiram-se ao comissário da polícia; foi o mesmo que nada. O delegado deu em dizer que o cheiro a cadáver era uma ilusão. Talvez nesse dia se não fizesse já sentir. Mas talvez que o miasma infernal ondulasse em volta do visitador, sem impressionar a sua pituitária, como se dera o caso noutras vezes. Em resumo, nada a fazer como dissera o proprietário, absolutamente nada, mormente tratando-se de pobres. A sociedade é coisa fina e a propriedade imobiliária admiravelmente bem guardada.

Uma verdade incontestável é que o cristão, o verdadeiro cristão, o pobre, é o mais desarmado de todos os seres. Não tendo o direito nem a vontade de sacrificar aos ídolos, que pode ele fazer? Se é de alma alta e forte, os outros cristãos, rojados diante de todos os simulacros, afastam-se dele gritando de horror. As divindades infames olham para ele com suas faces de bronze, e os renegados humilhados pela

sua constância pedem que o atirem às feras. Se estende a mão a pedir uma esmola, essa mão cai numa fomalha.

Leopoldo, incapacitado para o trabalho de artista, não pôde evitar a cloaca no meio da qual a sua queda o precipitava. Mergulharam-no nela o mais possível. Como tentasse pôr-se de joelhos para sofrer melhor, os amigos espezinharam-no, cobriram-no de excremento, e por ali deslizaram carroças triunfais apinhadas de rufiães e de putedo. Depois acoimaram-no de preguiçoso, de dado à escatologia... de ingrato.

Deu-se com ele esta lei, sem fundamento e sempre promulgada, que um artista é sempre execrado na razão directa da sua grandeza e, se a matilha feroz que o vem encurralar nota que ele cede, não haverá sequer um moço de lavoura de que não venha seu coice. Ver morrer o que parece imortal, eis o que o homem mais aplaude.

Quantos officios acometeu o desditado em cuja alma oscilavam ainda os lumes da Idade Média! Os Invisíveis que dão de beber aos agonizantes abandonados, e só eles é que o poderiam dizer.

Soube então, exactamente, o que teria sido a célebre tribulação de Marchenoir, cuja vida se passara inteiramente a remar no banco dos galerianos e que ia morrer e que, em despeito de ser um dos supremos escritores do século, não obtivera nem pedira dos seus contemporâneos mais intrépidos o cordial hospitaleiro de dois dedos de justiça.

O iluminista devera-lhe algumas das suas melhores inspirações. Devia-lhe sobretudo, em grande parte, o ter-se tornado um cristão profundo, e porque procurava ver a pleno a Face de Deus, desejou configurar-se pelos sofrimentos desse supliciado.

Por seu lado, Clotilde encontrara uns trabalhos de costura verdadeiramente homicidas pagos caninhamente, e lá iam vivendo, apoiando-se mutuamente, vendo escuro o dia de amanhã, sem cortar o pão por largo.

«As raposas têm as suas tocas», diz a Palavra. O mais baixo grau de miséria é, seguramente, não ter o que se chama um domicílio. Quando o peso do dia foi esmagador, quando o espírito e os membros já não podem mais, e, à força de sofrimento, se entreviu a abominação *real* deste mundo que é o espectáculo dos Serafins apavorados — que refresco não é poder retirar-se para um lugar qualquer onde

estejamos verdadeiramente em nossa casa, verdadeiramente sós, verdadeiramente separados, onde possamos tirar a máscara exigida pela indiferença universal, e fechar a porta, e tomar a própria dor pela mão, e abraçá-la longamente sobre o peito, ao abrigo das doces muralhas que ocultam o choro! Essa consolação dos mais pobres não a tinham estes dois infelizes.

— Querida amiga — disse uma noite Leopoldo à mulher, que não pudera atalhar uma crise de soluços —, julgo no teu pensamento. Não me digas que não. Censuras-te de seres funesta àqueles a quem amas, não é verdade? Não sei se tal temor é permitido a uma cristã que come todos os dias o Corpo do seu Juiz. Na verdade, não sei e talvez os mais fortes não saibam mais do que eu. Mas quero, um momento, crer que é legítimo esse pensamento. És então uma coisa terrível. A tua presença atrai os fardões da morte, o ruído dos teus passos desperta a desgraça, a tua voz doce excita a coalizão do áspide e do basilisco. Por causa de ti, somos massacrados, tornamo-nos cegos, morremos de pena, somos encarcerados em lugares infectos... Que prova isso, senão que a tua importância é grande e a tua voz excepcional? E porque não serias tu, em virtude de algum decreto prévio ao teu poder, uma despertadora de Deus, uma pobre criaturinha que põe em ebulição a sua justiça ou a sua bondade? Há seres assim e a Igreja catalogou um certo número deles nos seus Dísticos. Têm o poder, deles mesmos ignorado, de *circunscrever instantaneamente um destino*, de acumular na pressão dos seus dedos ou do seu beijo todo o eventual e todo o possível que se escalonam ao longo do caminho do indivíduo responsável e fazer que estale de súbito o espinho da dor. Antes de te conhecer, minha Clotilde, julgava viver, porque me parecia que as minhas paixões valiam alguma coisa. Era um bruto, nada mais. Mas tu encheste-me de vida superior e os trinta meses felizes que vivemos não caberiam dentro de um século. Chamas a isso ser funesta? Hoje, somos convidados a subir mais *alto que a felicidade*. Não tenhas medo, eu posso seguir-te.

Clotilde fechou-lhe a boca com os seus lábios.

— Tens razão, sem dúvida, meu querido. Tenho vergonha de ser tão pouco diante de ti, mas já que tu dizes

que eu tenho esse poder, é de boa mente que te levo para a vida eterna.

XIII

Tiveram de se encharcar até aos ossos durante seis meses. Veio depois a Primavera, que rejuvenesceu e renovou a pestilência, depois o Verão que a fez refervir e exasperar. Uma vegetação gotejante, voraz, hipocondríaca e vingativa veio alastrando pelo jardim a que acorreram legiões de negros insectos. Flores, outrora semeadas por mãos refractárias a toda a bênção válida capazes de estragar o faro de um buldogue, balançavam sobre o estreito carreiro as suas cassoletas habitadas por pulgões temíveis.

Depois, como se isso não fora bastante, uma casa colossal, babélica, começou a erguer-se de repente nas imediações. Um exército de pedreiros que não guardavam sequer o Dia Santo sacudia o gesso sobre a paisagem que estava a pedir uma desinfestação.

Durante os dois últimos meses, oitenta janelas em construção abertas em muros ímpios que obscureciam mais e mais um pobre rasgão de céu, tamisaram obstinadamente a asfixia e o desespero. A cal em pó invadiu os móveis, os vestidos, a roupa branca, polvilhou a cabeça e as mãos, queimou os olhos. Foram-na comendo e bebendo. Em vão se procuravam calafetar, ao julgarem-se fortes para arrostar, um momento, a fermentação impetuosa do interior. O implacável dentrífico metia-se por todas as fendas, como as cinzas famosas que afogaram Pompeia, e espalhava-se invencivelmente pelos quartos fechados.

O calor, que foi excessivo nesse ano, tornou as noites ainda mais atrozes que os dias. Viram-se então galopar, inçar, por todo o lado, o piolho, uma geada de piolhos esbranquiçados, algodoados, que levaram ao último grau o asco e o horror.

E nenhum remédio para tudo isto, nenhum queixume a formular, nenhuma reclamação. É bem sabido. Os heróis que constroem são talvez ainda mais adoráveis que os semideuses que construíram outrora, e o indigente é uma desprezível imundície entre uma e outra majestade. O Deute-

ronômio dos trastes vitoriosos, o Código civil e carniceiro que Napoleão promulgou, não se digna sequer apontar a sua existência e isso explica tudo.

Leopoldo e Clotilde escapavam-se dali as mais vezes que podiam, iam para as igrejas que são, hoje, as únicas cavernas onde as feras que sangram do coração se podem refugiar. Passeavam na paz sublime dos cemitérios, ajoelhando aqui e além nos túmulos arruinados dos mortos mais antigos, alguns dos quais sem dúvida crucificaram outrora os seus irmãos. Depois, para retardarem o mais possível o execrável instante do regresso, sentavam-se à porta dum café a ver passar os fantasmas.

Mais raramente, quando um pouco de dinheiro lhes caía nas mãos, abalavam para o campo, lendo ou conversando um dia inteiro nos cantos mais afastados do bosque. Mas era forçoso voltar à porcaria, à sufocação, à insónia, ao terror, ao vômito, à negra pena no fundo de um poço, e então as suas almas vestidas de paciências lá vinham nas sombras da tarde.

Muita vez sozinha em casa, Clotilde punha-se a pensar no seu filho que lá estava debaixo da terra. Com toda a coragem, procurava habitualmente afastar a imagem precisa, a imagem terrível, mas a obsessão era mais forte.

Era primeiro um ponto, um pontinho à beira do coração que lhe cortava bruscamente a respiração. Pouco depois, a agulha caía-lhe dentre os dedos, a sua linda cabeça inclinava-se para trás num movimento de agonia, as mãos crispavam-se, desciam arquejantes sobre o rosto — *Fiat voluntas tua!* — gemia ela, e a sua angústia era infinita.

Se ela atraía a misericórdia d'Aquele que vê os mundos rolar e uma onda de lágrimas vinha socorrê-la e o suplício diminuía, ficava aturdida, sonolenta, alucinada.

— Não vás para aí que está escuro, meu filho, meu menino! — *Não toques nessa faca grandalhona que te pode atravessar o coração!* — Toma sentido com os maus que te levavam! — Anda dormir no meu colo, meu amor doentinho!

Pronunciava ela estas palavras em que transpareciam vestígios de antigos tormentos? Não o saberia dizer, mas batiam-lhe nos ouvidos como se a sua boca os tivesse proferido e a lembrança desse ser que morrera com onze meses confundia-se de tal forma no seu espírito com a ideia *lustral*

da Pobreza, que ela o revia, ali ao pé dela já com a idade de cinco anos ... Ninguém sabe o que as almas podem sofrer.

Nos velhos tempos, recomendava-se que nas afiras da tortura se recorresse ao Bom Ladrão e ficar imóvel, não bulir, não mexer com os lábios, qualquer que fosse a angústia. Mas isso, ó Deus, era o segredo dos vossos Mártires, o método santo que não é fácil aos cristãos privados de milagres. O quinhão que à multidão toca não é morrer de sede à beira dos vossos rios?!...

Por final, houve modo de deixar o terrível lugar, a cidade graveolente e mofenta, onde de resto acabava de poisar uma revoada de prostitutas cujo proprietário estava deslumbrado. Era o cúmulo e a provação exorbitava do possível.

Uma trégua inesperada permitiu a estes órfãos do próprio filho se mudassem para as cercanias de Paris, para uma humilde casita do Parque la Vallière, onde respiraram em paz durante alguns dias.

XIV

Eis aí mudada a sua vida. Não mais pesadelos, peste e podridão. Saíram da nuvem de gesso. Mas o que vem com eles é bastante para os dobrar.

No momento em que este verídico relato os retoma e Clotilde à espera do marido está a chorar aos pés do Crucifixo, único objecto de algum valor que lhes resta, a doce criatura tinha sem dúvida revisto, na irradiação torrencial e sinóptica do pensamento, o que acaba de ser contado em tantas palavras. Tinha-o revisto, por certo, numa forma mais pungente e mais pormenorizada.

A amargura todavia seria pervadida pela doçura se a condição presente fosse menos dura e o próximo futuro menos aterrador. Mas, ao contrário, todas as ameaças se amontoavam sobre eles. A vista de Leopoldo enfraquecia de dia para dia e a esfinge da subsistência quotidiana escurecia cada vez mais.

Por conselho de um editor que lhe fazia uns magros adiantados, propunha-se fazer uma divulgação literária da sua misteriosa e trágica aventura à África Central. Razoa-

velmente se podia esperar que a tentativa tivesse êxito, mas que faina essa para um desgraçado que nunca tinha escrito nada!

A sua admirável mulher ajudava-o com todas as forças, com toda a intuição da sua alma, escrevendo enquanto ele ditava, ajudando-o a juntar e classificar os materiais, fazendo-lhe notar por vezes luminosas correlações que amplificavam os episódios até lhes dar um sentido de humanidade geral, rectificando, com uma espontaneidade incrível, o pensamento por meio da expressão e revelando ao narrador a magnificência evocativa de certas imagens que ele mesmo havia concebido.

Tanto quanto era possível, foi um regresso em novo estilo à iluminura continuada por Leopoldo, que não cessava de abençoar e de admirar a sua companheira. Desgraçadamente, esse trabalho de erecção duma pirâmide por duas crianças avançava com extrema lentidão. Muita vez era preciso largar mão de tudo para ir à procura dum pedaço de pão.

Pensaram ir consultar Marchenoir, que há muito não aparecia. Acabavam de lhe escrever uma carta, quando Druida, fora de si, lhes veio anunciar a sua morte...

Foi uma catástrofe enorme, uma desolação que os esmagava. Que pena sentiam nessa morte! Pena enorme!

Sozinho, privado de tudo, sem ter conseguido um sacerdote, esse cristão das catacumbas só pudera contar com um milagre que o confortasse no último momento.

Não se sabia o perigo em que ele andava e todos chegaram tarde. Ninguém recolheu as últimas palavras daquele que tão grandiloquamente falara durante toda a vida, e a quem os homens obstinadamente recusaram ouvir!

Assassinado pela miséria mais feroz, foi dormir o último sono no lugar onde estava o filho de Leopoldo, que alguns meses o precedera, e as duas humildes sepulturas ficaram a pouca distância uma da outra. O rude sono dos que ali jaziam não foi perturbado pelo ruído dos passos dos que traziam o novo dormente. Oh!, não, uma mosca os poderia contar, mas todos eles choravam em lágrima viva.

A piedade alta e sobrenatural, que assume o remorso dos implacáveis, deve ser a transfixão mais dolorosa. Meia dúzia de aflitos, que não diziam uma palavra, sentiu nesse dia com uma profundidade extraordinária que a única desculpa de viver é esperar a «Ressurreição dos mortos»,

como se canta no Símbolo, e que é uma terrível vaidade a nossa agitação «debaixo do sol».

Onde encontrar uma intelectualidade mais devoradora, mais formidavelmente ponderada, mais capaz de escavar e de arredondar todos os ângulos da mesa de Pitágoras, melhor feita para vencer o que parece invencível que esse homem lamentável a quem davam seu lamento?

A força que poderíamos julgar mais que suficiente para dominar os monstros da Estupidez ou os cetáceos perversos esgotara-se contra os sacos de excrementos, contra cestos de vísceras humanas!

Forçado a viver fora do mundo, aí vivera como os turcos fora de Bizâncio, ameaça permanente e amedrontadora de uma sociedade em putrefacção.

Mas eis que por fim se via livre dele! Que alegria para os vendidos, para os vendedores, para os capituladores de todas as fortalezas da consciência, para «os cães que voltam a comer o que vomitaram, para as bácoras lavadas que de novo se lançam de cabeça para as imundícies», para as mulas e os camelos empregados na mudança de um povo que faz descer com precaução as suas leis e os seus costumes pela escada em caracol que vai dar ao Abismo!

Acender-se-iam seguramente algumas tochas. Porque não? Em todo o caso, podia contar com uma *boa imprensa* pela primeira vez, esse escritor ousado que o cobarde silêncio de todos, a começar pelos mais altivos, tinha atefegado! A escória das gazetas podia vir agora ajoelhar sobre ele. Agora não havia nada que temer. Os sagitários não disparam flechas do fundo das sepulturas e os ladridos do reclamo não aqueçam nem arrefentam.

Leopoldo, louco de dor, pensava que era no entanto prodigioso o não se ter encontrado entre aqueles que dispõem os favores públicos homem algum que denunciasse semelhante iniquidade. Nem um. Parecia impossível!

Dos três ou quatro em torno dos quais flutuava ainda o semblante de alguma coisa, nenhum, nem por bebedeira ou para sustentar uma aposta demente, gritara:

— Saibam todos que não quero ter parte em tão javarda conspiração. Pouco me importa que tal ou tal bonzo tenha sido deslombado fraternalmente por este Caim a cuja caneta ninguém pode censurar uma vilania, e que é, sem contradição possível, um dos grandes escritores franceses. Por reles

A MULHER POBRE

fulano que eu seja, sinto asco ao ouvir cochichar constantemente que um homem magnânimo que não rendeu preito aos nossos lupanares tenha de ser apoleado pelas costas pela gentilha degenerada, por moluscos edulcorados e tremelicantes minhocas! Quero cometer a heróica extravagância de falar em favor daquele cujo nome os paladinos e os gladiadores mal se atrevem a balbuciar. Pôr-me-ei a rugir, se é que posso rugir para não se dizer que estive à espera que este valente estourasse de miséria para vir dançar velhacamente à volta do seu cadáver com os Alarves e os canibais finalmente tranquilos...

Druida, que gemia nas mesmas garras que Leopoldo, lembrou-se num repente — nunca se sabe como estas coisas acontecem — dum poema de Vítor Hugo que o maravilhou.

Um astrónomo anuncia o aparecimento de um cometa colossal que só poderá ser visto, sem excessivas angústias, por uma longínqua posteridade. O profeta, apontado a dedo como um maníaco perigoso, morre a breve trecho na ignomínia. Uma chuva de anos desce sobre a sua sepultura. O pobre homem não é mais que um montículo de ossos esmigalhados de quem já ninguém se lembra. O seu nome, gravado na pedra, mordeu-o a alternativa de dois solstícios. A boa gente que ele amedrontou e que o abateu como a um sendeiro, goza agora de uma paz profunda, porque também eles na sua grande maioria dormem o último sono ali perto dele...

Mas eis chegada a hora, o minuto, o segundo, calculados há tanto tempo por esse punhado de poeira, e eis que a imensidade se ilumina e aparece o monstro de fogo arrastando no céu uma cabeleira de vários milhões de léguas!...

Se o homem é mais nobre que o universo «porque sabe que morre», a analogia sideral evocada pelo cérebro do pintor grandioso da população de Bizâncio não tinha aqui nada de extravagante.

Certas obras de Marchenoir, lançadas há pouco nos frios espaços e que imbecis celerados julgaram sepultar ao mesmo tempo que ele debaixo da terra, raiarão certamente um dia, e para durarem mais que um dia, sobre as fronteiras espantadas de um século novo à maneira de um vaticínio tremendo que anunciasse o fim dos fins.

Mas então não estará no poder de nenhum mortal con-

solar a vítima, apertar amistosamente essa mão já comida, derramar o elixir da bondade nessa boca faminta, boca de ouro que já não existe, dar o espetáculo da compaixão fraterna a esses tristes olhos cujas órbitas terão já desaparecido há muito tempo.

«Não fazer justiça aos vivos!», exclamava Hello. «Diz-se: Sim, não há dúvida que é um homem superior. Bom!, mas a posteridade há-de fazer-lhe justiça.

«E esquece-se que esse homem superior tem fome e sede durante a vida. Não terá fome nem sede, ao menos do nosso pão e do nosso vinho, quando estiver morto.

«Esqueceis que é hoje que este homem superior tem precisão de vós, e que, quando ele tiver voado para a sua pátria, as coisas que lhe negais hoje e que lhe dareis então se lhe tornarão inúteis, para sempre inúteis.

«Esqueceis as torturas que lhe fizestes passar, no breve momento em que esteve ao vosso cuidado!

«E adiais a sua recompensa, adiais a sua alegria, adiais a sua glória para o tempo em que já o não tereis convosco.

«Adiais a sua felicidade para o tempo em que ele já estiver a coberto dos vossos golpes.

«Adiais a justiça para o tempo em que a não podeis prestar. Adiais a justiça para o tempo em que ele mesmo a não poderá receber das vossas mãos.

«Porque aqui trata-se da justiça dos homens, e a justiça dos homens não a receberá ele com a recompensa ou com o castigo no tempo em que prometeis que os há-de receber.

«No tempo em que lhe prometeis a remuneração ou a vingança, os homens já não poderão ser remuneradores ou vingadores do Grande Homem.

«E esse, antes de ser um homem de génio, é antes de mais e principalmente um *homem*.

«Quanto mais é homem de génio mais homem é.

«Como homem está sujeito ao sofrimento. Como homem de génio está mil vezes mais sujeito ao sofrimento que os mais homens...

«E o ferro com que armais os vossos pequenos braços faz feridas atrozes numa carne mais viva, mais sensível que a vossa, e as vossas naifadas repetidas nessas chagas abertas têm crueldade excepcional, e o seu sangue quando corre não corre como o sangue de nenhum outro.

«Corre misturado a dores, a amargores, a rasgamentos singulares. Ele vê-o correr e sente-o correr e esse olhar e esse sentimento têm crueldades de que não suspeitais ...»

«Quando consideramos este crime, à face do céu e da terra, ficamos diante do incomensurável ...»

— ET EXPECTO RESSURRECTIONEM MORTUORUM! — murmurou Druida, com o rosto banhado em lágrimas; sim, na verdade só nos resta isso.

Clotilde, lembrando-se da sua primeira conversa com o amigo dos tigres cativos, perguntava-se se os animais ferozes não seriam chamados a depor em favor do seu advogado agora morto contra a malícia atroz dos humanos.

Tais eram os pensamentos de uns e de outros à beira da fossa onde esse louco do Ilha de França, ao querer dizer não se sabe bem o quê, foi estrangulado pelos soluços.

XV

O Parque la Vallière era um dos arrabaldes mais vulgares de Paris. Banal e triste mais do que se pode dizer. A amante famosa de Luís XIV tinha aí realmente um parque que ainda existia uns trinta ou quarenta anos antes, mas de que não subsiste o menor vestígio. O esquartejado domínio tinha sido vendido em inumeráveis lotes a uma escolhida descendência dos criados da concubina do rei, descendência palonzana e avarenta que seria pueril interrogar acerca das Três Pessoas da Santíssima Trindade.

O obeso vilório que substituíra o sumptuoso arvoredado de outrora era um magote de pequenos proprietários ensardinhados uns sobre os outros, a ponto de, a duras penas, poderem fazer com recato as suas necessidades mais íntimas. Antigos criados feitos capitalistas à força de maquiarem os amos, ou comerciantes de baixo calibre retirados do negócio depois de terem vendido com pesos falsos mercadorias avariadas durante meio século, davam, pelo geral, os exemplos dos cabelos brancos e de algumas virtudes recatadas que a sua experiência lhes recomendava.

O resto dos homens grados recruta-se entre os empregados de diversos gabinetes parisiños, idólatras da natureza que se deleitam com o odor do monturo e se vão medicando de bastas hemorróides.

Tirante algumas acácias e plátanos chamuscados da avenida principal, em vão se buscaria uma árvore decente nessa área que fora um bosque. Um dos sinais mais característicos do pequeno-burguês é o ódio às árvores. Ódio furioso e vigilante, só superado pela execração célebre a que vota as estrelas e o imperfeito do subjuntivo.

Fremente de raiva, só tolera as árvores de fruta que de facto dêem *fruta*, com a condição, porém, de que estes vegetais infelizes rastejem humildemente ao longo dos muros e não escureçam o varandim, porque o pequeno-burguês gosta do Sol. É o único astro que ele protege.

Leopoldo e Clotilde viviam ali muito perto do cemitério de Bagneux e tinham alguns metros de terra arável diante da casa. As duas circunstâncias os levaram a escolher aquele sítio. Posto que privados de sombra e recolhidos metade do dia, gozavam de um pouco de ar fluido e de um arremedo de tranquilidade.

Oh!, apenas de um arremedo e que não devia durar muito, porque não viam o cabo dos seus trabalhos e sentiam sempre a Mão que esmaga.

A princípio, a vizinhança não lhes foi hostil. Sem dúvida, pareciam boa gente, o que nenhum consistório de criados e de boticários tolera, mas também podia ser, ao fim e ao cabo, que as suas maneiras finas fossem apenas um artifício, e que no fundo esses novos locatários tivessem mais *sarna* do que parecia à primeira vista. Depois, o porte de um e de outro, que fazia, por comparação, que se afundasse no monturo todo aquele povilêu, desconcertava e desagradava aos juizes. Portanto, cumpria observá-los primeiro. A todo o tempo era tempo de os zupar. E assim se organizou à sua volta uma vigilância de parranas.

Foi nestas circunstâncias que conheceram o casal Poulot. Eram vizinhos de frente, locatários também duma casa cujas janelas botavam para o seu jardim e donde se podia ver até ao fundo dos quartos. Mamíferos como os mais, mas que mostraram, logo desde o primeiro dia, uma espécie de benevolência, com dizerem que era preciso ajudar-mo-nos uns aos outros, que a união faz a força, e que muita vez é bem-vinda a ajuda de um menor que nós, etc., tais eram os seus princípios e não se descuidavam de prescava a aceitar.

Os dois macerados pela dor, nada idóneos para observação atenta, não se alarmaram com estas prevenções que lhes pareciam lhanas e não tiveram olhos às primeiras para a vulgaridade ignóbil dos seus obsequiosos vizinhos que, com toda a benevolência, eles imaginaram na posse de alguma apreciável superioridade sobre os animais. Manobram eles de tal sorte que vingaram imiscuir-se a entram portas adentro mesmo quando o desejo de os ter longe da vista principiava a sentir-se imperiosamente.

Poulot tinha «um gabinete de negócios» e confessava, com bazófia, que fora antes meirinho numa cidade qualquer não longe de Marselha, sem todavia explicar a abdição prematura que o esquivara àquele ministério, porque não tinha envelhecido no emprego, pois não teria mais que cinquenta anos.

O digno homem fleumático e pesadote tinha pouco mais ou menos a jovialidade de uma lombriga metida num frasco de farmácia. Contudo, logo que bebesse uns copos de absinto, como se veio a saber, era vezeiro nisso quando se achava com a mulher, as suas bochechas flamejavam no alto do rosto como duas falésias numa noite de mar traiçoeiro. Então, do meio da sua face, cuja cor fazia pensar bizarramente no couro dum camelo da Tartária, na época de mudar o pêlo, ressaltava uma nariganga judaica cuja extremidade, ordinariamente filigranada de estrias violáceas, subitamente se tornava rubicunda e semelhava uma lâmpada de altar. Logo abaixo esfumava-se uma boca suja e inacessível, encarapuçada nas brenhas do bigode a que as guias davam forma arborescente, para dar uns longes de ferocidade militar à covardia institucional do seu instituto.

Nada se diga dos olhos, que poderíamos comparar, quando muito, pela sua expressão, aos de uma foca bem tratada que acabou de encher o fole e começa em êxtase a sua santíssima digestão.

O todo era o de um pobre diabo costumado a tremer diante da mulher e de tal maneira aclimatado ao claro-escuro que parecia vestido com a sua própria sombra.

A sua presença teria passado despercebida, não fora uma voz que calaria as embocaduras do Ródano e soava como o olifante sobre as primeiras sílabas de cada palavra e se prolongava sobre as últimas, numa espécie de mugido nasal de fazer ranger as guitarras. Quando este

requisitador da força pública vociferava na sua casa um tal ou qual axioma indiscutível sobre os caprichos da atmosfera, os passantes cuidariam que falava numa câmara vazia ... ou no fundo duma cave, de tal modo a vacuidade do personagem era contagiosa!

Ora, o Sr. Poulot não era nada, absolutamente nada, ao pé da Sr.^a Poulot.

Nesta pareciam reviver as figuras dos mais estimáveis jarretes do século passado. Não que tivesse algum encanto ou fosse espirituosa, ou que andasse a guardar, com graça desenfastiada, cordeiros à beira duma ribeira. Era antes espapaçada e duma estupidez de cu-de-galinha que dava a imaginar reses menos bucólicas. Mas havia na sua figura e nas suas atitudes algo que excitava vivamente a imaginação.

Da fama não se livrava: atribuíam-lhe como na metempsicose uma existência anterior assaz ocupada, uma carreira bem seguida, e dizia-se no lavadouro e no taberneiro da esquina que ela, vá lá, não estava mal conservada em despeito dos seus quarenta anos e para uma dona que atravessara tanta pândega.

O encontro com o meirinho foi o bastante para provocar a peripécia que encheu de aflição tantas casas de lenocínio, e tão amargas lágrimas fez derramar nas pensõezinhas da Rua Cambrone.

Soterrada com o seu vencedor, durante umas semanas, num antro da Rua de Canettes, não longe da carvoaria do ilustre Nicolardot, acabaram por casar-se em S. Sulpício, pondo fim a uma junção de mero prazer, mas proibida, cuja embriaguez era condenada pelos princípios religiosos de ambos.

Assim purificados de suas escórias e na cola de um hipotético saco de escudos, deram-lhe o crédito de uma provisória e impessoal consideração em Parque la Vallière, onde tinham aparecido pouco tempo depois para a lua-de-mel.

Esta consideração, todavia, não ia ao ponto de lhes permitir pôr pé em casa de família que se prezasse. A Sr.^a Poulot, que ainda andava toda no ar só pelo facto de ter casado, não se coibia de clamar a todo o instante: *O meu marido*, a propósito de tudo e de nada, como se essas poucas sílabas fossem um *sésamo*; toda a gente a podia ver

a trilhar o passeio público; e havia quem se lembrasse do reles officio do seu companheiro, tanto mais que este tri-pudiava agora, por aqui e por ali, a armar obscuras intrigas.

Pouco favorecida pela vocação eremítica, era forçoso que a ulcerada mandarina se tivesse de contentar com a companhia de criadas, cozinheiras ou concubinas mais ou menos enxovalhadas dos gatos-pingados dos arredores, que ela convidava generosamente para virem beber um copito a sua casa, a fim de admirarem o seu anel de «aliança» e de as deslumbrar com os cinco mil francos que seu marido «lhe metera no papo».

Bastas vezes a ex-mandarina de colchão condescendia, tal uma castelã propícia, em confabular na rua com apregoadores de peixe de boa garganta ou hortaliçeiros cujo mercantilismo se exaltava até lhe passarem as manábulas pela trunfa e pela anca. Era o seu modo de noticiar a todos os soberbos a sua independência e largura de alma.

Cabelos ao vento, despeitorada, encadernada numa saia vermelha fendida atrás em jeito de leque, as meias caídas em dobras sobre as chinelas de tacões à banda, apoiando-se com fingido desleixo contra o carro ou lá no alto, toda sacudida, abandonava-se então, gordalhufa e toda concha, aos olhares inquisidores do povilêu.

As suas palavras também não encobriam mistério, pois as garganteava — se é permitida a expressão — como uma vaca esquecida e fechada num vagão de carga.

O marido, menos prosa, fazia os quartos, tratava da cozinha, lavava a loiça, engraxava o calçado, passava a ferro, batia-a no lavadouro se fosse preciso, sem prejuízo dos casos contenciosos que lhe deixavam felizmente bastante tempo livre.

Os imigrantes, ocupados sobretudo em curar as chagas tremendas do seu coração, durante muito tempo não tiveram novas desse poema. Quase não falavam com ninguém e só se tinham encontrado com os Poulot, para quem caminhavam às vezes para não parecer que os não viam.

Depois, como todos os que se evadiram, pensavam eles ter deixado atrás de si o demónio do infortúnio e não se tinham percatado de prever que ele galoparia na dianteira como um bate-caminhos.

A primeira coisa que chocava na Sr.^a Poulot eram os bigodes. Não a matana viril, basta e vitoriosa do seu esposo,

mas uma leve pincelada na comissura dos lábios, uma suspeita de pêlo de urso recém-nascido. Se era uma coisa se era outra, acho que houve bulhas sem o tirarem a limpo. A pigmentação enérgica desse pelame condizia tão bem com a salsaparrilha do rosto só lavado pela água das chuvas, toucava-o em forma de ninho de galinhola um mato sombrio rebelde ao pente!

Os olhos, de faúlha imprecisa e de mobilidade pasmosa, cujo olhar desafiava o pudor dos homens, tinham o ar de quem vende amêijoas ao balcão dum mercado.

A forma exacta da boca esquivava-se a toda observação, de tal forma essa canhoneira da obscenidade e da vociferação se atormentava, se contorcionava e se mexia para obter esses gestos esquisitos que caracterizam a mais suculenta metade de um oficial do ministério.

Em resumo, muito mal apodoadada, quadrada de ombros, sem busto nem gorja, o seu tronco, outrora massajado por mãos sem arte, devia ter debaixo da camisa raramente ensaboadada a plástica dum quarto de vitelo rolado por terra, abandonado por cães escorraçados que lhe mijaram antes em cima. Assim se explicava, sem lugar a dúvidas, o uso frequente de penteadores, relíquias de velhos enxovais, a que a austeridade conjugal havia mitigado a transparência. A mesma causa, provavelmente, justificava a velocidade habitual da sua translação de um lugar para outro, quando ia pelas ruas, fronte atirada com decisão para os astros, como se esperasse com essa atitude uma feliz modificação da coluna vertebral que se curvava, talvez, um pouco mais do que era preciso, ao pesado fardo dos novos deveres.

À parte isso, afigurava-se-lhe ser a mais chamativa princesa do mundo e era forçoso pôr de lado sem aziúme esperança de encontrar uma mulher mais apetitosa. Quando se apoiava à janela a olhar pelo espaço além, a massajar com doçura a gordura dos braços, enquanto o marido esfregava o vasilhame, parecia mesmo dizer a toda a natureza:

«Olá!, seres que para aí estais, que dizeis cá da açafata? Onde está a linda flor, a maçã camoesa, o rebento de Vénus? Ah! Ah!, não sabeis, estúpidos como mulas, série de papanatas! Olhai então um pouco para verdes. Sou eu mesmo que vo-lo digo! Sou eu a cadelinha do perro, a franga do galaroz! Sim, estou a ouvir o que dizeis, porquinhos orelhudos. Bem sei que o que vós querieis era

isto! Não se haviam de aborrecer! Mas tenham paciência! Há mulheres honradas, santinhas virgens do bom Deus, há ou não há? Olhar e não tocar é a consigna.»

O feliz Poulot já tinha ~~correu~~ ou não? Este ponto nunca se esclareceu a pleno. Por inverosímil que pudesse parecer, acreditava-se em geral que ela guardava para ele os seus melhores tesouros. Tal era pelo menos a opinião da tripeira e do homem da limpeza, competentes autoridades que fora temerário desmentir.

O que era certo é que as ausências do meirinho, forçado às vezes a mobilizar o seu ajudante, não causavam na mulher mais que uma leve e quase imperceptível desolação. Era vê-la a cantar então alguns dos seus romances sentimentais que atravancam de ordinário os corações desfolhados, em casas fechadas, e que trauteiam, nas horas baças e desocupadas de depois do meio-dia, as Arianas dos postigos claustrais, para alívio do passeador valetudinário.

Virtuosa cheia de bondade, abria então a janela de par em par para fazer a toda a vizinhança a esmola do seu nostálgico gorjeio. «O amor sem retorno» com um pouco de vinhaça e «o pálido viajante» com um cheiro vago a trapo de cozinha. Por momentos, é preciso confessar, vizinhos rebeldes à poesia calafetavam-se. Seria razão para desmamar os outros? De forma nenhuma, corações nobres não se amordaçam, o licor sabe o que vale e o pássaro azul não deixa que lhe cortem as asas.

Mas acompanhada ou sozinha, podíamos estar certos de ouvir o seu riso. Toda a gente o ouvia, toda a gente o conhecia, e esse riso passava com razão por uma das curiosidades daquele sítio.

A casquinada era tão frequente e tão prolongada que decerto qualquer bagatela bastava a excitá-la e quase se não podia conceber que tal estreloçada sonora pudesse sair de gorgomilos puramente humanos.

Um dia, entre tantos, o veterinário constatou, de cronómetro em punho e olho esgazeado, que o desenrolo da gargalhada durava aí uns cento e trinta segundos, fenómeno que um fisiologista recalcitraria em acreditar.

Descrever o efeito sobre o tímpano fora obra, e não há imagens para tanto. Todavia, esse ruído extraordinário talvez o pudéssemos comparar aos saltos de uma pitorra da

Alemanha dentro de uma caldeira, mas com um poder de vibração infinitamente superior e difícil de calcular. Ouvia-se por sobre os telhados, a muitas centenas de metros, e era caso para alguns pensadores suburbanos se porem a perguntar se esse assomo de histeria era negócio a pedir medecinas ou exorcismo.

Já o dissemos, Leopoldo e Clotilde, instalados de fresca data, ignoravam todas estas lindas coisas. Como por efeito de encantamento, depois da chegada deles àquele paradeiro, o grito da camela mal se tinha ouvido. Contudo os Poulot, que já tinham aturado várias, começavam a feder singularmente. Leopoldo, sobretudo, manifestava uma impaciência que se acercava à indignação mais disparada.

— Estou farto, farto dessa parelha! — disse ele uma noite. — É intolerável ver-se uma pessoa assediada na própria casa por gente a quem se não deve um centavo. Na verdade, está-me a parecer que o nosso último proprietário era menos imundo em despeito da sua crápula tresandante que estes vizinhos funestos com sua dissimulada grosseria. Esse esfregão não te estava há bocadinho a falar do seu *terço*, que ela diz rezar continuamente, porque viu aqui duas ou três imagens religiosas? Gostava de o ver, esse objecto da sua piedade. Confesso que me custa a imaginá-lo sobre a pança dessa farsante. Porque não pô-los porta fora quando de novo por aí aparecerem? Que dizes a isto?

— Digo que essa mulher talvez não tenha mentido e que tu continuas a ser um violento, meu Leopoldo. Essa gente, de acordo, não me agrada. Mas quem sabe? A gente também os não conhece.

Leopoldo não disse nada, mas pelo menos era claro que a dúvida caridosa insinuada pela mulher não penetrava nele. A mulher não insistiu e deixou-se resvalar a um silêncio triste como se tivesse visto passar sombras agourentas.

XVI

No dia seguinte, a um toque de campainha dos mais enérgicos, Leopoldo, abrindo a porta do jardim, quem havia ele de ver?: a Sr.^a Poulot completamente bêbeda. O engano seria impossível. Respirava álcool e agarrava-se a tudo para não cair. Sem dizer uma palavra, refechou a

porta com ímpeto, em risco de atirar para o chão a borrachona, e voltou para o pé de Clotilde, que encontrou toda a tremer. Tinha visto tudo de longe e estava muito pálida.

— Fizeste bem — disse ela —, nem podias proceder doutra maneira. Mas não receias, contudo, que essa gente busque forma de nos fazer mal? São bem capazes disso. Nós somos pobres e sem defesa nenhuma!... Parece que a nossa dor me tirou a pouca coragem que eu tinha. Tenho medo dessa mulher.

— Pois que pode ela fazer? Deve ter compreendido que eu renunciava à honra das suas visitas. Não torna cá, tu verás. Se a sua alma se melindra, o remédio é fácil: embebede-se outra vez, lá em casa ou noutra parte. Não a estorvo. Mas que nos deixem em paz. Bem vês que não sou homem para deixar correr. Não me chateiem.

Vã confiança e palavras ainda mais vãs que o próximo futuro havia de desmentir de uma maneira atroz.

Dali em diante, começou uma luta estúpida, desigual, fora de toda a proporção. Que podiam fazer seres generosos sensíveis à beleza contra os furores de uma harpia? As mais honradas pessoas do lugar, os mesmos de quem Poulot suportava, sem se amofinar, os desdéns — porque tinham, segundo a expressão de um velho hortelão libertino, «o cu em cima do dinheiro» e que a sorte da boa fama implicada nessa posição correspondia com rigor à sua própria ignomínia —, a elite burguesa do Parque la Vallière, acabou por se indignar com a sua derrota.

Essa reles Vestal não representava, a seu modo, o *Sufrágio universal*, a justa e soberana Desfaçatez, o Ónibus na passagem de nível, o privilégio maldito do Baixo-Ventre, a indiscutível preponderância do Borborigma?

A pressentida nobreza dos recém-chegados devia reavivar indefectivelmente o instinto de solidariedade do vulgacho disseminado nos diversos níveis da plebe, e a simpatia de tais indivíduos habituados a lançar os seus corações na balança dos seus balcões, para equilibrar fraudulentamente com um miligrama a carne podre e a margarina, não podia deixar de pender de antemão para o lado da marrã escoucinhada pelos aristocratas. Houve um grito unânime a condenar este artista que tinha os bolsos cheios de teias de

aranha e tratava mal as mulheres. Daí em diante tudo foi permitido à Sr.^a Poulot.

Para começar, pôs-se a espreitar as ausências de Leopoldo, cuja rudeza alabregada lhe dava na fuça para trás. Mal se via certa de que a pobre Clotilde estava só, prantava-se à janela e não perdia ocasião de a insultar. A pobrezinha não podia assomar ao jardim ou pôr pé na rua sem receber uma afronta.

A mulher do meirinho, muito astuta, não se arriscava a injúrias directas. Interpelava os passantes, interrogava-os, consultava-os, excitava-os à insolência por meio de alusões ou insinuações vociferadas. À falta de interlocutor falava entre si, esbofando e reengolindo a porcaria para a revomitá-la com alarido todo o tempo em que a sua vítima a podia ouvir.

Quando esta, resolvida a nada saber, baixava a cabeça e, lembrando-se do filhinho morto, procurava rezar por outros *mortos* que ainda não estavam debaixo da terra, a pícara triunfante fazia soar a fanfarra do seu riso de louca furiosa. Escandalosa casquinada que fazia mugir todos os ecos e que perseguia Clotilde até às lojas longínquas onde se ia abastecer, à maneira do mugido das vacas num vale perdido cheio de carrapeteiros colonizado por assassinos.

Quando chegava a casa, lá estava ela à coca; e a risotada desatava-se mais ferozmente ainda, e era mesmo um problema de digestão, para os ventres da vizinhança, o saber quanto tempo uma criatura sem defesa poderia aguentar essas borrascas de imundície.

Às vezes, um patife de confiança vinha tocar a campainha e punha-se ao fresco. Era uma delícia então assistir ao desapontamento da pessoa enganada a quem apoquentavam o mais possível, nos tempos de chuva, e que remunerava com uma expressão dolorosa no seu rosto cheio de doçura aquela patifaria de urso-formigueira!

Leopoldo a princípio ignorou a perseguição. A mulher guardava tudo para si, julgando que ele já tinha sofrimento de sobra e temendo algum furor mais desatado que o levasse a represálias que tornariam inviável a permanência ali. Mas ele adivinhou a coisa em parte e a breve trecho a hostilidade tornou-se tão aguda que se impôs falarem a respeito. Agora eram duas cadelas a ladrar.

Metade da casa dos Poulot ocupava-a uma velha bre-

jeira e esquelética, ameaçada por paralisia geral, e era o regalo, na sua torre de Nesle, dos moços de padeiro e jardineiros libidinosos.

Era uma viúva bastante ricaça, assim se dizia, que metia no papo os bons bocados e mostrava habitualmente um luto pesado. Tinha na igreja um genuflexório assinado com o seu nome e, posto fosse adversa aos excessos pios incompatíveis com as doçuras com que consolava as suas ossadas, o certo era que não havia festa em que ela se não visse lá na igreja.

A Sr.^a Grand, tal era o seu nome, coxeava como a maior parte das mulheres do Parque la Vallière, singularidade local que os geógrafos e os etnólogos se têm esquecido de consignar.

Coxeava em jejum desde o dia em que, no decurso de uma zanga nauseabunda, se deixou cair da janela e tinha quebrado uma perna. Mas coxeava melhor quando acabava de emborcar uns copos na companhia de algum amiguinho ou a sós com a Poulot. Via-se então deambular como um pontão entre dois arrecifes com o ar de repescar restos de si mesma e mascando anátemas confusos. Em vão se buscava imaginar mulheraça mais horrível, impotente mais capaz de atalhar toda e qualquer compaixão.

A Sr.^a Poulot e a Sr.^a Grand! Verdade seja que a amizade destas duas javardas não a tinham anunciado as Sibilas. Já se tinham esbofeteado e era de presumir que o seu intercâmbio de flores e de salamaleques era só um armistício. Provisoriamente, a necessidade de fazer mal a quem sofria e parecia gente superior exasperava-as e era um cimento romano a uni-las. A junção destas duas potências deu de chofre àquela guerra ignóbil uma intensidade diabólica.

XVII

Por conselho da velha, foram tirar inculcas. Um inquérito meticoloso revelou todo o passado dos Leopoldo, quer dizer, a lenda há muito tempo cristalizada.

Foi um achado esse processo criminoso que as lançou nos braços uma da outra, dando-lhes um ar de cúmplices!

As entranhas ferozes onde se elaborava a conspiração estremeceram até às mais imundas profundidades.

O meirinho deu-se à busca de informações, às apreciações dos jornais. Houve interrogatórios aos porteiros, aos traficantes de vinhos, aos hortaliçeiros, aos vendedores de fruta, aos carvoeiros e aos cordoeiros. Vieram à fala com o derradeiro senhorio, o homem das calças, que Leopoldo tratara mais que uma vez de modo nada respeitoso e que deu um certificado de perfeito opróbrio aos seus antigos inquilinos.

Veio-se a saber da ruína do iluminista e correram opiniões desencontradas sobre a sua arte, em que não tivera sequer o talento de «enriquecer»; o que não vingaram foi descobrir donde vinham os meios com que proviam à sua subsistência; lá lhes pareceu que seriam precários e quiçá de proveniência suspeita.

Bela seara de informações e de sobejo para assassinar. Mas o que fez caminhar a Poulot, o que a fez voltar, uma noite, com o sorriso de uma bem-aventurada que tivesse bispado num êxtase a porta entreaberta do Paraíso, foi o ter bebido certos pormenores sobre a morte e o enterro do pequenino Lázaro.

O resto, decerto, não era para lançar fora, mas esses pormenores eram a doçaria, o açúcar final, o chocolate da vingança! Sabia agora onde os golpes doíam.

No mais íntimo do que temerariamente se chamaria o seu coração torcia-se um verme horrível. A miserável em quem se cumpriam uma vez mais as magníficas palavras: «os grandes destinos são estéreis» não se podia consolar de não ter um filho a quem corromper. Estéril como uma mula, ia-se roendo em segredo, tal uma judia dos tempos precusores.

Engalanada, empavesada profusamente com todos os sentimentalismos de que se prevalecem o mais das vezes as virtuosas sem entranhas, seria o pináculo da sorte, depois de ter esposado um meirinho, conceber dele, ou de qualquer outro reprodutor, um filhote qualquer para o lambar, saciar, cocegar, enxovalar de soldadito ou de taberneira, encher de todas as sânes e purulências morais que transudavam dela e oferecer por fim à invejosa concupiscência da gentalha. A exibição desse descendente legítimo avultava aos seus olhos como sendo o irrefragável documento

A MULHER POBRE

de uma esposa de bom quilate, pois nem o facto de a verem todos os dias com o marido por modos lhe deixava a consciência tranquila.

Forçada a pôr de lado esse sonho, ia-se consolando como um vampiro a contar os caixõezinhos dos filhos dos outros, e o luto da sua infeliz vizinha foi para ela um pomo caído da árvore do céu. Levou então a cabo uma obra demoníaca.

Clotilde viu aparecer na maldita janela um pimpolho da idade do que ela tinha perdido, trazido nos braços infames. A Poulot falava como mãe, incitando-o a balbuciar as palavras que fazem estourar o coração: «Vamos, diz lá *papá!* Diz *mamã!*», e refinando a patifaria com dar beijos e mais beijos ao trambolho.

Abria-se então a outra janela, a da velhorra, que lá aparecia mais hedionda que nunca.

— Bom dia, senhora Poulot.

— Bom dia, senhora Grand. Não lhe parece uma jóia este meu menino?

— Nem mais. Vê-se logo que os pais não são artistas nenhuns. É de se nos eriçarem os cabelos pensar que há pessoas que os deixam morrer, esses querubins!

— Ah!, querida amiga, nem me fale nisso! A quantidade de canalhas que inça por esse mundo, ninguém a pode enumerar.

— Felizmente que lá está Deus! — observou a velha bruxa.

— O bom Deus?, diz vossemecê? Ah! Ah! Eles querem lá saber disso para alguma coisa! Comungam todas as manhãs, o que os não impede de fazerem estourar os próprios filhos. Conheço alguns que não estão longe daqui. A mulher tem um ar de santa-não-me-toques e o marido é um atraso-de-vida, mais teso que um barrote que olha para si como se fosse para um monte de esterco, salvo o devido respeito. Pois já sabe que eles torceram o pescoço ao filho, ajudando-se um ao outro, há poucos dias ao chegarem da missa? Olá, meu amorzinho, diz *papá*, diz *mamã!*

— Ah!, bem sei. Não foi ali para os lados do Petit Montrouge? Falou-se nisso lá no bairro. Mas tiveram modo de pôr uma pedra no assunto. Parece que o cura que é um intrometido se meteu no caso. Ouvi dizer que a mulher-

zinha dormia com os gajos da justiça ... Enfim, romances porcos!

— E se fosse só isso — continuou a Poulot. — O meu marido não lhe deu a ler os jornais velhos que ele topou ao varrer os gabinetes? Lembra-se daquele pintor que foi assassinado pela amante ... Como?, não tem conhecimento? Pois foi a mesma comborça acolitada por sete compinchas. Sabe o que fizeram? Espostejaram-no, salgaram-no como um porco e enviaram a ucharia para Chicago, tenho a honra de ser a primeira a contar-lhe isto. E tiveram traças de fazer crer aos juizes que tinha sido outro o autor da patifaria. Foi condenado em vez deles um operário, pai de cinco filhos, que trabalhava todo o santo dia para alimentar a família e que lá está no chilindró. Que diz a isto? ... Estás-me a arranhar, camelinho! Diz comigo: *Pa-pa-pa-papá! Ma-ma-ma-ma-mamã!* ...

Tudo isto era vociferado aos quatro ventos, mas Clotilde, nesse dia, não prestou ouvidos. É que tinha desmaiado e só acordou nos braços do marido, a quem contou logo, horrorizada, a nefanda conversação.

Leopoldo foi queixar-se ao comissário da polícia, que mandou comparecer as duas marrãs e lhe pespegou este discurso:

— Caro senhor, sou obrigado a confessar que não tenho nada a fazer. O senhor está metido com duas trapaceiras sem vergonha, que o hão-de mordiscar e danar por todos os meios imagináveis sem caírem em contravenção. Conheço bem essa firma. Tenho aqui os seus cadastros e posso dizer-lhe que não são lenços em água-de-colónia. A apanhá-las em flagrante, levariam o que era merecido. Mas era preciso provar alguma tratantada prevista pela lei. Granjeie testemunhas e procure levar as duas megeras a um artigo do código bem caracterizado. Depois, é connosco. Sem isso, não vejo o que se possa fazer e as cadelas deram-se artes de mo fazer sentir com desvergonha sem igual. Vi-me grego para sobrestar sobre mim e as não pôr daqui para fora com uma saraivada de murros. Ah!, meu caro, o senhor não é o único a trazer queixa. O nosso ofício torna-se cada dia mais impossível. Vai longe o tempo em que o magistrado de polícia podia dar remédio, em certa medida, às lacunas da lei que não tem em conta os crimes de ordem moral. Os jornais andam à coca de todos os

nossos passos, com a equidade que o senhor sabe, e a destituição temo-la certa ao mais leve desaforo para fora das nossas estritas obrigações. Acredite que o acompanho no seu agravo, mas tenho de dizer as coisas como elas são. Traga-me testemunhas, e não digo mais.

Uma testemunha é um instrumento que nos cumpre ter à mão de semear. Coisa difícil sobretudo para os desmunidos de tudo. Druida estava fora de Paris e Ilha de França estava fora de si mesmo. Os outros dois ou três com quem se poderia contar andavam de tal modo absortos em seus trabalhos e aliás dispersos que o melhor era não pensar neles.

Leopoldo lembrou-se então de um pobre homem que tinha encontrado diversas vezes na igreja e com quem tivera ocasião de trocar algumas palavras. Dava pelo nome pia-dético de Hércules Joly, em despeito de ser o personagem menos hercúleo que cirandava na praça.

Homem amorável e tímido e completamente calvo, alto e flexível como um cabelo, exprimia-se com infinitas ressalvas numa voz áfona que dava a ideia de um homem que falasse sempre à orelha do parceiro. Os olhos, de um azul extremamente doce, eram ágeis em seu relance, mas dir-se-iam mais afeitos à admiração que à perspicácia. Caminhava com passinhos rápidos, alargando grandes gestos, tinha um sorriso de simplicidade enternecedora e por vezes movimentos sacudidos de valetudinário esporeado por vida, e assemelhava-se com sua barba de ponta em bico a uma velha solteirona atrás de uma escova de pêlo. Não é preciso dizer que era celibatário, empregado público e turenês.

O antigo explorador, que possuía o golpe de vista de um chefe, vira nele, ao primeiro relance, uma rectidão, uma fidelidade e uma bondade que se não desmentem. Pediu-lhe uma palavrinha logo na manhã seguinte e explicou-lhe brevemente o seu caso.

— Dirigi-me a si — disse ele terminando — porque me parece ver em si qualidades de cristão e não conheço mais ninguém por estes sítios. Acrescento ainda que a imunda e celerada perseguição que pode matar minha mulher é bem capaz de tresvasar para cima daqueles que me vão ajudar com seu testemunho.

— Meu caro senhor — respondeu de caminho o inter-

pelado —, pode contar comigo. Com efeito, julgo meu dever ajudá-lo nesta conjuntura e fazer tudo o que está na minha mão, e não teria perdão de Deus se pensasse em sacudir a água do capote. Quanto ódio que essas damas houverem por bem votar-me, com uma perna às costas arrosto eu com tal ameaça. Vivo sozinho e as troças ou injúrias que emborcem sobre mim por trás das costas produziram sempre o efeito duma brisa refrescante que viesse enfundar as minhas velas. De resto — acrescentou rindo, como para ocultar uma espécie de emoção —, lembre-se que me chamo Hércules e devo por consequência qualquer coisa à mitologia. Portanto, esta noite tenho a honra de lá estar em sua casa.

Após esta afirmação, apertou a mão de Leopoldo e, aos saltinhos, ei-lo na direcção do seu gabinete de trabalho.

XVIII

Os perseguidos encontraram um amigo, mas a abjecta conspiração nem por isso se desmantelou. Hércules, todo o dia encadeado aos pés da Onfália administrativa, só à noite podia vir e não conseguia entrar sem ser notado. Impossível tocar à campainha dos Leopoldo ou surgir no limiar sem que as Madamas Grand e Poulot se debruçassem das janelas. Farejavam imediatamente o objectivo das visitas e guardavam-se bem, nesse tempo, de soprarem palavra que as compromettesse.

Foi neste tempo que o bom homem abichou fama de «espia», que a princípio o divertiu mas que, ao diante, o constrangeu a desviar-se de Parque la Vallière onde esta calúnia se derramara.

Com regularidade, perto de um mês veio por ali, afilando a orelha como um lebréu, sem vingar colher matéria de uma concludente e válida deposição. Por fim, compreendeu a inutilidade do seu zelo e, receoso de importunar, deixou de ser visita diária, sentindo-se ingenuamente feliz de vez que Leopoldo o encontrava convidava-o com toda a premura.

Caíra imediatamente no agrado dos dois solitários, que davam graças a Deus por ter posto este homem simples no

seu caminho doloroso. Viram nele uma certa cultura do espírito, bastante consoladora para aqueles sítios, e sobretudo, como o pressentira Leopoldo, uma bondade recta e sólida que a inqualificável maldade do contorno fazia parecer um diamante.

Dessa qualidade, quase tão rara hoje como o génio, derivava naturalmente a discrição mais engenhosa e mais inventiva. Adivinhando sem esforço as angústias do pobre casal, posto que sendo também pobrete, teve artes de pele-vermelha para fazer que aceitassem, sob diversas formas, pequenas ajudas que às vezes vinham mesmo na hora própria. Não foi uma nem duas vezes que a mesa dos Leopoldo ele a pôs e abasteceu.

— Senhor Joly — dizia-lhe Clotilde —, o senhor é para nós «o pelicano da soledade».

E assim foram esquecendo uns e outros que só há pouco se conheciam.

Todavia, a guerra torpe continuava com uma violência mais intolerável. As mulheres, exasperadas com a humilhante citação do comissário da polícia, esgotaram todos os recursos que uma raiva astuciosa pode imaginar.

A farsa crapulosa, representada de janela para janela, continuava todos os dias, com novo diálogo, com a estrofe e a antiestrofe do teatro antigo e, por fim, sobretudo com os diálogos com os transeuntes, gozosos de se verem associados a uma tentativa de assassinio que os não expunha a perigo nenhum.

Pequenos seres inocentes, meninos de três a cinco anos, arrebanhados aqui e além, vinham aprender em casa da Poulot as palavras homicidas que lhe pareciam aptas para reabrir e empeçonhar uma chaga terrível.

Quando estava farta de aparecer à janela, o miserável esfregão grimpava para o telhado, disposto à maneira de açoteia e decorado grotescamente, para castigo do género humano, com tabuleiros e fundos de garrafas sem número, partos duma cerâmica de opróbrio. Punha-se aí a andar dum lado para o outro, entrajada como fica dito, às vezes meio nua, vociferando aos quatro ventos cardeais que «estava em sua casa» e quem não estivesse contente fechasse os olhos.

Era um poiso excelente para se esbarregar, para trombetear, para estercorar e exalar pus, para armar ao efeito

e esboçar atitudes diante das quais só faltava que baqueasse de concupiscência o bairro inteiro.

— O caso desta devenvergonhada parece-me muito sério — disse Hércules Joly uma noite em que lhe fizera ouvir a risada quando ele entrava em casa dos seus amigos. — É uma endemoninhada de um género muito particular e que deve ser catalogada nas obras dos especialistas. O certo é que a espécie de convulsões sardónicas que tanta vez a sacodem implicam algo mais que o sentimento de qualquer alegria. É de crer que os seres invisíveis que vos aguilhoavam na antiga moradia se meteram na pele deste traste para vos atormentarem aqui. O tratamento deste género de afecções está, creio eu, indicado no livro de Tobias, mas seria preciso um terapeuta mais idóneo que o bom jaquim que lhe serve de marido. Chego a pensar se uma traulitada aplicada aos lombos desse parrana não seria o melhor para que, por contragolpe, deflagrasse uma crise salutar.

— Já pensei nisso — respondeu Leopoldo, a quem esta opinião dum homem sossegado dava novos brios. — Mas a situação é tal que receio, em caso de insucesso, alguma revindicta abominável que não me tocaria só a mim.

As coisas tinham chegado ao ponto de Clotilde ter renunciado a sair de casa desacompanhada. Os parvajolas injuriavam-na na rua, e os espirituosos tendeiros, redolentes e finos, destavam-se em sorrisos e cochichos quando ela passava. Distinguia-se, entre todos, um vendeiro de pinturas, dado ao epigrama e à chocarrice. Nunca a pobre mulher podia passar por diante das fétidas tintas do homem sem que este imediatamente entabulasse jocoso colóquio com os compinchas.

Um dia em que Leopoldo seguia três passos atrás, o pícaro teve a imprudência de bojar a sua graça sem ter previamente escrutinado o horizonte; recebeu o troco tão radical e súbito que ficou curado. O gracioso, como num sonho, viu aparecer uma figura de alabardeiro ou de beduíno tão descompassada e ouviu algumas sílabas tão ame-drontadoras que molhou as calças sem ser com água.

Mas seria preciso repetir a façanha em todos os limiares. Inaudita má sorte queria que estes doloridos, que só aspiravam à solidão e à vida humilde e oculta, e que nada pediam a ninguém, fossem aborrecidos de toda a povoação

onde julgaram encontrar um refúgio e onde só faltava que as pedras da calçada se levantassem contra eles.

Clotilde, despachadamente, foi ter com a mulher do senhorio. A morada desta castelã estava por trás da sua, bastava uma clarabóia para chegar até ela. Ninguém em melhor posição por conseguinte para ver e ouvir tudo.

Os Leopoldo mal a conheciam de vista na altura em que arriscaram o indispensável protocolo do contrato de arrendamento. A impressão que tinham dela era a de um sarmento de videira brava, irreparavelmente ressequido.

Mlle. Planuda era uma adocicada donzela que arcava com singular ligeireza com sessenta e cinco anos de virtude. Petulante como uma cascaroleta jovem e de nariz aguçado como um esporão, tinha uma voz de gendarme e precipitava as sílabas com a rapidez dum despachante de frutas verdes ameaçado de perder o comboio. Um pouco anã, levemente marreca, não se via outra coisa na igreja onde parece que se engolfava para se esquivar a qualquer monstro furioso que a perseguia, e donde saía de hora em hora para vir dizer «despache-se» a uma mercenária que ia tornando idiota a olhos vistos. Pertencia a todas as confrarias e arquiconfrarias, metia a colherada em todas as obras, participava em todas as propagandas e metia em todas as mãos papelotes e mais papelotes. Mas não havia memória de alguém lhe ter visto dar um cêntimo.

A sua avareza desdobrara-se em provérbio sobre todo o Parque la Vallière. Citava-se com admiração a firmeza desta virgem prudente que não dava uma gota de azeite da sua lâmpada às estouvadas e que se alumia a si própria, enquanto esperava o Esposo.

A gosto se lembrava a alta e tocante história dessa família de inquilinos — os predecessores de Leopoldo — atirada para a rua, com uma energia, uma serenidade, uma constância, uma inflexibilidade digna dos mártires. Um marido doente e sem emprego, uma mulher grávida e quatro petizes, dos quais dois vieram a morrer. Varrida toda essa peste. Ela mesma nessa altura se comparou à «Mulher Forte» do Livro Sagrado. Bem visto, ter-lhe-ia sido fácil enternecer-se covardemente a exemplo dalgumas outras que, para honra dos proprietários, devem ser caso raro. Nem por isso ficaria mais pobre. Mas o princípio sofreria moosa

e há ocasiões em que se impõe dar sapatada para trás ao coração.

Mlle. Planuda foi-se ajoelhar na Mesa da Comunhão, com um pequeno saco de letras e de obrigações atado sobre a sua casta pele, entre medalhas e escapulários.

Clotilde, que julgava tratar-se duma beata banal, ficou estarrecida com as primeiras palavras.

— Ah!, minha senhora, se me vem trazer boatos e maledicências, vem bater a má porta! Não tenho que dar contas do meu próximo, não quero saber de nada. O que eu quero é ter bons inquilinos que paguem os carcanhóis a tempo e horas e que não armem escândalos cá em casa. Se lhe não agrada, a porta está aberta, contas a três meses de antecipação, bem entendido.

Tal foi o primeiro relincho desta mulazona.

— Mas, *mademoiselle* — exclamou a visita um pouco angustiada —, não estou a compreender nada do que me diz. Também eu não gosto de maledicências e de linguarices e é precisamente porque os tenho em horror que aqui estou. É impossível que não tenha ouvido, e não tenha ouvido todos os dias as injúrias horríveis e as provocações contínuas que nos acabrunham. Pensei naturalmente que, sendo o nosso senhorio, se não furtasse a intervir ou, aldemenos, a dar testemunho.

— Testemunho? Ah!, ele é isso? Vem ao cheiro do meu testemunho! Veja lá, se tem bolsos, se há por aí alguma moeda! Mande-me chamar ao comissário, também a mim, que já vai ver o que lhe passa pela porta. Fique sabendo que se é daquela gente ali defronte que se quer queixar, digo, fique sabendo, para seu governo, que são pessoas honradas que souberam ganhar o seu dinheiro e não ficaram a dever um centavo a ninguém. Que diz a senhora a isto?... De resto, eu sei cá muita coisa. O seu marido, deixe que lhe diga, é um patego que esteve quase para esmurrar a pobre senhora Poulot e, quanto a si, parece que nasceu com a língua afiada. Agora recorde que disseram para aí palavras muito feias, para nada dizer desse farroupilha que há tempos a esta parte vos visita e tem uma fama que não é de santo nem de juiz de paz.

Clotilde levantou-se e saiu, mas depois de ter sacudido as chinelas contra o limiar maldito, num movimento instintivo — se a anatemática Condenação do Evangelho esti-

vesse inscrita misteriosamente no fundo dos corações, com dez mil outras palavras do Senhor «que mata e vivifica». *Todo aquele que vos não receber nem escutar as vossas palavras, ao deixardes a sua casa, sacudi o pó dos vossos pés contra ela.*

— Meu querido — disse ela ao entrar em casa —, acabo de ver o Demónio!...

Caiu doente e esteve mesmo às portas da morte.

O júbilo da vizinhança foi imenso e desdobrou-se como o programa de um triunfo antigo. Clamores bárbaros, gritaria de canibais ouviram-se pelas noites fora. As palavras monstruosas, os risos diabólicos vararam os muros e vieram aguilhoar os desgraçados no negro buraco cheio de ondas furiosas e de escumas da sua agonia que principiava.

— Ainda não estouraram lá na capela? — dizia uma voz como saída da sepultura.

— Olá! Mestre! Um copázio! — uivava a mulher do meirinho dirigindo-se ao marido. — Vamos beber à saúde dos infanticidas e do pé-descalço.

— Bem dizia eu que há um Deus no céu! — coaxava por seu turno a velhorra Grand. — Viva eu, que sei muito bem que quando se matam criancinhas: elas vêm, às vezes, de noite puxar-nos pelos cabelos.

— E é se os cadáveres nos não trazem a peste! — rematava num gargarejo de tonel afrontado a porca mulher dum coveiro.

Quando, um pouco antes do quebrar da alva, um sacerdote veio administrar os sacramentos à doente e trazer-lhe o viático, é verdade que deixaram de acender as luzes. Podemos mesmo dizer que o alarido se atenuou. Mas, logo a seguir à partida do padre, a Poulot, com uma turca descomunal, rompeu a cantar...

Salvo Joly, que havia assistido à cerimónia, e cujos veementes protestos foram acolhidos com troças e judiarias, a ninguém ocorreu a mais leve censura, ninguém estremeceu com a enormidade sacrílega do atentado. Mlle. Planuda correu prestes a engorgitar as primeiras missas, não sem se ter interessado de passagem pela saúde desta «boa senhora Poulot», que lhe deu o troco de tais gentilezas; e o sol tranquilo dos arredores de Paris levantou-se uma vez mais sobre a multidão de tripas, que o que querem é que as encham.

A MULHER POBRE

Foi longa a convalescença, precedida e interrompida por frequentes acessos de delírio. Clotilde, que estivera tão perto da morte e a quem a virtude curativa — tão perfeitamente esquecida! — do sacramento tinha salvo, contou que tinha visto passar diante de si, em imagens reais e de aspecto horroroso, a estranha maldade dos seus verdugos a quem descreveu, sem o poder explicar, como seres infinitamente desditosos.

Evitou falar disso com amargor e deixou completamente de sofrer com os ultrajes, que de resto foram diminuindo, ao mesmo tempo que o poder de torturar a vítima, cuja cura sobrenatural parece ter feito perder o arreganho às assassinas.

Foi então que Leopoldo, que se tornara num verdadeiro espectro, lhe contou o que tinha ousado fazer.

XIX

Que situação a deste homem durante aquelas intermináveis semanas!

Um filósofo cambojano dava de comer a tigrezinhos pequenos para que quando fossem grandes o não devorassem. Caído na miséria, viu-se forçado a dividir com eles pedaços da própria carne. Quando só lhe restavam os ossos, os nobres senhores da floresta deixaram-no, abandonaram-no aos roedores imundos.

Leopoldo lembrava-se às vezes deste apólogo bárbaro. Dizia então que os seus tormentos antigos tinham sido muito inconstantes e muito ingratos por não o terem devorado por completo, abandonando aos vermes a sua triste carcaça.

De que lhe servia ter tido um coração tão forte? Que podia ele agora? Longe ia o tempo em que podia dar bengaladas aos vencidos e não há isolamento que se compare ao isolamento dos magnânimos.

Tudo se desencadeava sobre eles. Não sendo como «os mais», que considerações, que respeitos, que protecção e que misericórdia podiam eles esperar? Ao contrário das pérolas evangélicas e do que o Verbo crucificado chamou o «pão dos filhos», as leis repressivas agem sobretudo em proveito dos cães e dos javardos.

Ah!, se eles fossem ricos, todos os ventres se rojariam

à sua volta! Todas as línguas não seriam de mais para lhes lamber os pés! Leopoldo, que outrora tinha investido um milhão nos desertos de África, passou vinte dias e outras tantas noites junto do leito de sua mulher, quase sem dormir e sem comer; dividido entre os cuidados para com a doente e o pavoroso cuidado dos expedientes que tinha de imaginar para que nada lhe faltasse, percebendo, com abismado, a matilha clamorosa cá de fora e tentado, quantas vezes, a lançar-se de estadulho em punho sobre aquela canalha.

A dedicação de Joly salvou estes dois seres tão cruelmente amados por Deus. O excelente homem fez por Leopoldo diligências, correrias infinitas e quinhoou muita vez com ele a esmagadora fadiga das vigílias. Inventou recursos, combinações lunares, créditos inverosímeis, e quase se viu a cunhar moeda em própria bigorna. Era visto e achado nas secretarias do Montepio. A própria Providência não saberia fazer melhor. Durante um dos seus acessos, Clotilde viu esta cabeça calva entre as crianças que Ele queria deixassem vir até Ele.

Uma noite, que a pobrezinha pudera adormecer em despeito dos gritos habituais, que ela acabava por não ouvir, Leopoldo, deixando à guarda do amigo a casa, saíra para um negócio importante que não podia confiar a ninguém.

Pouco antes de chegar às fortificações, posto caminhasse com passo estugado e a sua atenção se não perdesse em qualquer objecto exterior, de repente recebeu como que uma pancada nos olhos que o fez parar com a boca seca. Na frente dele estava Poulot, o meirinho.

A noite caía e o lugar era perfeitamente solitário. Zupá-lo atrozmente era para o oprimido à beira do desespero uma alegria fácil e tal fora o seu primeiro pensamento. Mas tivera suficiente autodomínio para se lembrar de que se tratava de um chagal da polícia correccional e que a vingança do miserável podia vir a custar a vida a Clotilde, privando-a da sua assistência e dos seus cuidados por tempo indeterminado. Afogando a cólera num esforço de que julgara morrer, aproximou-se do biltre e, com uma voz um pouco trémula:

— Senhor Poulot — disse —, penso que é inútil chamar-

-lhe a atenção para o facto de que estamos aqui sozinhos e que só depende de mim deslombá-lo à cacetada se me desse na bolha. Por consequência, queira escutar-me em silêncio e com respeito, não é verdade? Bastam poucas palavras. Não costume fazer grandes discursos a pessoas do seu estofo. Sabe o que se passa lá em casa, não é assim? O senhor sabe que o perigo de morte de uma pessoa cujo nome lhe não dou licença de proferir é obra da grandíssima bêbada da sua mulher. Pois então aqui fica o aviso: é a primeira e a última vez que lho dou, a fim de o meditar com os seus botões. Se a pessoa de quem falo vier a sucumbir, está a compreender, senhor Poulot?, para mim é o mesmo que ficar sem nada neste mundo e juro-lhe que o senhor e sua mulher ficariam em maior perigo que se um raio lhes fulminasse a casa!...

Desarvorou apenas ditas estas palavras, proferidas num tom de molde a fazê-las penetrar como um bom palmo de aço nos intestinos do magarefe, que, aliás, ficou estarecido que nem musaranho que visse gato assanhado.

Mas, logo depois, uma tristeza imensa descera sobre ele. Para quê uma cena destas? Pois não era menos que nada esse indivíduo imundo que só pensava e respirava por intermédio do monstro de banha e de ignomínia em que tripudiava como num atascadouro? Vamos a supor que quisesse partilhar com o esfregão o medo sujo de que se via penetrado por alguns dias. Era bem provável que ela visse aí ocasião de afirmar a sua superioridade e se quisesse prevalecer com arrostar um perigo que agora a não ameaçava.

Por covarde que fosse — e ainda que provavelmente mais de uma vez cosida a sopapos em dias não remotos —, a sua experiência de pícara sem vergonha amassara-a no preconceito, tão tenaz entre as mais vis, de que a insolência e velhacaria das mulheres goza de imunidade por direito divino.

E qual não seria o feitiço, a persuasão onnipotente dessa Poulot sobre o fétido companheiro genuflectido sobre a bunda da companheiraça que só vivia para o regosto das porcarias que decerto lhe servia todas as noites! O parrana tinha de aguentar, mesmo em pleno dia, os grunhidos, os ruidosos desmaios, os suspiros e gemidos da sua enojante luxúria. Havia quem tivesse assistido a cenas bem diverti-

das!... Fechavam a janela com tanto ou tão pouco cuidado que os viam cá de fora engalfinhados como dois cães ciumentos!

«Depois», dizia o desanimado Leopoldo, «são tão bestas, tão lamacentos e ignaros, e tão cretinos! Salvo o medo abjecto, que a iminência duma tarefa pode fazer de- flagrar, como poderiam eles entender ou sequer suspeitar o perigo resultante de fazerem perder a cabeça a um indivíduo como eu?»

Então, este homem corajoso, este sectário do impossível, esse chefe temerário que tinha dobrado o destino como uma barra de ferro, esse artista de ouro crenelado de chamas, sentiu-se profundamente humilhado.

Sentiu a nulidade da força, a inutilidade do heroísmo, a desesperante vaidade de todos os dons. Viu-se semelhante a um desses vigorosos insectos, gulosos de mel, caído nos fios viscosos duma aranha. Seus poderosos esforços rasgam em vão a teia impura. O terrível inimigo, já com a presa segura, em saltos por fora do alcance da vítima, refaz num abrir e fechar de olhos as malhas rotas da rede abominável, fazendo passar os fios de baba por sobre o colete vistoso do brioso bichinho.

A partir do dia seguinte, este vencido foi regularmente à comunhão na primeira missa, e durante duas vezes nove dias, com a boca cheia do Sangue de Cristo, eis o grito que ele expediui:

— Senhor Jesus! Peço-Vos pela Vossa Glória, pela Vossa Justiça, *pelo Vosso Nome*, que confundais os que nos ultrajam em nossa casa, os que nos odeiam, os que nos matam e agravam tão cruelmente e tão injustamente a nossa penitência. Posto que tal parece ser a forma definitiva da hostilidade do demónio que durante tanto tempo trouxe cerrados os nossos lábios, e que nada tenho a esperar de homem algum, é a Vós, Jesus, escondido na Eucaristia e no meu peito, que ouse pedir protecção.

«Sem frases nem rodeios, peço-Vos um castigo rigoroso para estas duas mulheres, que faça resplandecer o Vosso Nome, quer dizer, um castigo bem palpável, que ponha de manifesto o seu pecado. Peço-Vos enfim que este castigo não demore.

«Assim eu grito, Senhor, do fundo do meu abismo,

pela boca do Vosso Pai David, pela boca dos Patriarcas e dos Juizes, pela de Moisés e dos Profetas, por Elias e por Henoc, por S. João Baptista, por S. Pedro e por S. Paulo, pelo Sangue de todos os Vossos Mártires, mas sobretudo pelas entranhas da Vossa Mãe Santissima!

«Cuidai, Senhor Jesus, que é a *minha própria vida* quanto ofereço em troca dessa justiça, que reclamo com toda a força que a Vossa Paixão deu à oração humana!...

Quando Clotilde teve conhecimento desta oração patética, pôs as mãos, ergueu docemente a cabeça mostrando o rosto banhado em lágrimas e disse apenas estas palavras simples:

— Pobre gente! Pobre gente!

XX

E puseram-se ao trabalho. Voltaram ao livro interrompido durante três meses e que era o único recurso para o futuro, se é que Deus queria que esses pobres tivessem um futuro sobre a terra. Como antes, o trabalho foi interrompido frequentes vezes pela miséria e pela angústia. Mas o admirável Joly, que continuava a desempenhar o seu papel de Providência, fez que eles pudessem prosseguir a obra até vislumbrarem já o seu acabamento.

Depois dos *dezoito* dias da oração terrível, a hostilidade dos vizinhos parecia fulminada de paralisia, e Leopoldo esperava em paz, com uma aterradora confiança, a catástrofe.

Em consequência não se sabe de que roupa suja lavada, as duas porcas travaram-se de razões e a velha Grand desarvorou dali com roupas e canecos. Algum tempo depois, encontraram-na morta no seu quarto, numa casa cabeira, com as entranhas anavalhadas pelo seu cão, um horrível molosso zarolho parecido com a dona e com um focinho de peixe lúcio.

— Agora é a vez da outra — disse tranquilamente Leopoldo ao carteiro que lhe trazia a notícia.

Estas palavras, ouvidas pela Poulot, que andava sempre por ali a cheirar, foram para ela como um sinal de todas as desgraças da fortuna. O meirinho, comprometido nalgum

fiasco, viu-se forçado a vender a mobília do seu *salão*. Mesmo as preciosidades mais caras, o guarda-fatos com espelho, o canapé da Madame que ela costumava mostrar com tanta farófia, tal um veterano a sua panóplia, levaram sumiço e o gracioso casalinho rodou para Paris onde ia esconder a sua humilhação.

Levaram uma semana a desinfectar-lhes a madrigueira.

A perseguição acabara, e com espavento, pois se fez em torno dos Leopoldo uma espécie de terror vil e supersticioso.

O acusador, todavia, ainda continuava a esperar. *Sabia* que ainda faltava alguma coisa, que alguma coisa ainda ia acontecer e não fora só para isso que havia comprometido o Corpo de Cristo.

XXI

— Ai do homem que tem pensamentos divinos e se lembra da Glória no tabernáculo dos cerdos! — disse, uma noite, Druida ao regressar dum lugar remoto; assim resumia toda uma interior lamentação, a propósito de Marchenoir e dos seus hóspedes, que acabavam de lhe contar as suas aventuras.

— O nosso querido Caim — disse Leonardo — faz-me lembrar de Ilha de França, de quem já há muito não temos novas nem mandados. Que será feito dele?

Uma onda de penas e de cóleras passou sobre o livro aberto que era o rosto deste bom Lázaro.

— Que é feito dele! Ah, meus amigos, como é bom pensar numa justiça que não é a justiça dos homens! Isto diz com todos nós. Mas o pobre Bohémond, na verdade, passou as marcas! Mas é certo que não sabeis nada? Ah, é verdade, perdão. Já me ia a esquecer que acabastes de sair do abismo. Mas então, eu vo-lo digo: Bohémond está a morrer docemente nos braços de Folantin ...

Nos braços de Folantin!, desse pintor plúmbeo, desse sujo esborratador, desse plagiário do nada, burguês invejoso e trocista que é capaz de pensar que o Himalaia é uma ideia vulgar! Sabem o que ele fez? Muito simples. Constituiu-se herdeiro dos últimos dias do poeta, o único cliente

da sua agonia. Ninguém o pode ver sem sua ordem ou sem sua licença. Estais a ver, nenhum daqueles que seriam capazes de o avisar ... Sei que o que vos digo é difícil de acreditar. Mas ai de nós, é a pura verdade e eu mesmo sou uma das vítimas mais estupefacientes e estupefactas deste sistema de exclusão de todos aqueles que verdadeiramente amaram Ilha de França. Há dois dias que estou em Paris, já fiz uma dezena de tentativas para ir ao Hospital dos Irmãos de S. João de Deus, sua última morada provavelmente, até à hora em que sair para o cemitério. Obstáculos invencíveis, portas intransponíveis! Estive mesmo para me lançar à rua soltando brados de indignação.

— Mas, querido Lázaro — interrompeu Leopoldo —, estarás tu nos teus cabais? Não se confiscam assim pessoas. A sequestração é ilegal num lugar público! Vamos lá a ver este negócio com mais calma!

— Bem, paciência! Já o ides ver com clareza, a menos que as lágrimas não vos turvem os olhos. Ilha de França é um sequestrado voluntário, um sequestrado porque se persuadiu de que era melhor assim. A coisa vem de há uns meses atrás. A última vez que estivemos juntos, um pouco antes da minha partida, estareis lembrados, sentiu-se gravemente doente. Foi por então que Folantin lhe deu nas oiras para começar a aparecer. Os seus quadros bem podem ser execráveis, mas o modo como se apoderou de Ilha de França é seguramente uma obra-prima.

«Sabem como o nosso amigo o desprezava e o detestava. Certas expressões suas sobre esse vidreiro são de estarrecer. Não se podem imaginar dois seres mais antagónicos, tão perfeitamente antipáticos um ao outro. Mas que querem vocês? Bohémond, digam o que disserem, é sobretudo um sentimental. Não tendo como Marchenoir ou como tu, Leopoldo, uma regra rígida, um credo que os séculos não puderam vergar, ilaqueado pelo hegelianismo, e devastado pelas curiosidades mais perigosas, por vezes incrivelmente falho de equilíbrio, vimo-lo sempre sem resistência contra todo indivíduo assaz espertalhão para tirar partido hypocritamente de um obséquio real ou dum acto de bondade fingida.

— O escorço é de primeira ordem — disse Leopoldo. — Sempre julguei, no entanto, que havia nele um trocista que não era fácil embair.

— De acordo. Mas creio que agora, para o fim, essa qualidade embotara. Seja qual for a sua doença, ele morre sobretudo de lassidão. Era verdadeiramente pouco feito para as coisas deste mundo, e a miséria, contra a qual se achou sempre desarmado, tinha-o devastado. Lembrem-se das suas inconcebíveis ausências, da impossibilidade de fixar a sua atenção enquanto falava com seus fantasmas, que eram para ele a única realidade. Que me lembre, só Marchenoir pôde, algumas vezes, pôr cobro à sua quimera, e mesmo ele!...

«Depois, reparem que Folantin é um descobridor de melros muito subtil que chegou na hora própria. Apoderou-se primeiro de um pobre rapaz muito dedicado a Ilha de França, a quem via e tratava todos os dias. Esse, criminoso sem o saber, pôs tão simbólica perseverança em gabar as qualidades de alma do pintorelho, fechando os olhos o mais possível sobre os seus ridículos e entorses de espírito, que Bohémond acabou por reccar ter-se enganado sobre o algarismo e acabou por se lhe entregar com armas e bagagens. Folantin, que não é avarento, soube pôr em acção um tacto infinito para o levar a aceitar uns obséquios pecuniários, adivinhando que a necessidade era sobeja, sem esperar que o desgraçado sonhador confessasse ou traísse o seu aperto, indo além do próprio desejo secreto desse indigente, com uma bondade e franqueza perfeitas. A artimanha era infalível e teve êxito além do que se podia esperar.

«Numa palavra, abusando da dupla decadência, física e intelectual, da sua vítima, de quem se fizera perfeito benfeitor, vingou — à maneira duma amante de baixo estofo e ciumenta — afastar todos os velhos amigos, dessem eles por paus e por pedras, e conseguiu, sabe Deus com que mentiras e perfídias!, inspirar-lhe horror por tais amigos. A vontade formal de Bohémond é que me impediu de eu ir até ele.

«Mas isto ainda não é nada ou quase nada. Lá vai o resto.

«Estais a ver, não é verdade?, que não foi assim às boas que eu aceitei a consigna. Tentei penetrar à viva força. Foi então que me puseram na rua. Prantou-se diante de mim uma mulher repugnante, abominável, que disse ser nada menos que a condessa de Ilha de França, esposa legítima *in extremis* do moribundo, a quem lavara o penico

durante dez anos; ele numa noite de embriaguez e de loucura fizera-lhe um filho.

«Quase sem forças, e completamente isolado dos que podiam pensar no lugar dele, terminara por ceder às instâncias piedosas de Folantin, que não se via modo de legitimar o filho, a quem teria sido fácil reconhecer, sem prostituir o seu nome, chantando-o no da mãe. Fiquei a entender que o capelão do hospital, religioso de uma boa fé indiscutível, mas que nesta altura fora admiravelmente logrado, é que se encarregou de vencer as últimas resistências. Tive pois que abalar, e aqui me têm cheio de pena e cheio de asco.

Um silêncio pesado sublinhou este relato.

Por fim, Clotilde murmurou como falando entre si:

— Nada acontece neste mundo que Deus não queira ou permita, para Sua Glória. Somos forçados a pensar que essa coisa bem feia é por causa de algum resultado desconhecido e certamente adorável. Quem sabe se a passagem terrível que é a morte não se terá aplanado para esse pobre homem por meio dessa imolação prévia daquilo que era o princípio da sua vida terrestre? Mas os mentirosos enganam-se a si mesmos. Não me admiraria que o senhor Folantin julgasse ter praticado uma acção louvável...

Hércules Joly, que para ali estivera silencioso, quis então intervir.

— Senhor Druida, se há um homem perfeitamente alheio ao mundo dos artistas, sou eu; nada sei das suas paixões nem dos seus costumes. Dá licença que lhe faça uma pergunta? Qual teria sido o móbil deste senhor Folantin e qual o seu interesse em isolar assim a agonia do senhor Ilha de França? É inconcebível que tenha querido desempenhar gratuitamente o papel dum desses demónios cujo officio é desesperar os moribundos.

Bruscamente, Leopoldo ergueu-se.

— Sou eu — disse — que vou responder, à maneira de Marchenoir, se puder. O senhor é um cristão e, creio bem, um homem de oração. Não tenho que lhe ensinar a definição sublime do catecismo: *A inveja é a tristeza do bem de outrem e uma alegria pelo mal que lhe acontece*. Os nossos psicólogos podem escarrar as suas análises ao longo dos muros, não vingarão morder o granito nem o bronze com melhor demarcação.

«Há alguns anos, apresentei-me um dia em casa de Folantin, que ainda não era o personagem radioso que se tornou ao diante. Ao chegar lá, acabava ele de ler um jornal que atirou para cima da mesa, como se aventasse para longe de si uma cobra, com esse ar de asco supremo e o sorriso picante que lhe conhece, meu querido Lázaro. Ouçam, em palavras exactas, o que houve por bem dizer-me: 'Quando uma dessas folhas me cai entre as mãos, vou logo ao artigo necrológico e se lá não vejo logo o nome dalgum dos meus amigos fico descoroçoado.'

«Desde então, nunca o vi nem ouvi pronunciar o seu nome sem que me viesse à lembrança essa palavra bem mais espiritual que ele julgava, porque com ela me deu a ver a sua alma, nas suas profundezas imortais, e vi-a a pleno, essa sua alma atroz tal como ela será 'sob os novos céus', daqui a dez mil anos!

«É bem possível, como o acaba de dizer a minha mulher, que no caso de Bohémond ele cuide ter praticado alguma coisa de heróico. Fez certamente muitos sacrifícios e o seu desinteresse absoluto está fora de dúvida. O verdadeiro invejoso é o mais desinteressado e, por vezes, o mais pródigo dos homens. Não há divindade mais exigente que o Ídolo amarelento da inveja.

«Ilha de França era entre todos os seus contemporâneos o que mais dores de cotovelo terá feito a Folantin. As diferenças assinaladas há momentos por Druida eram, entre eles, infinitas. O altíssimo poeta que vai morrer, que acaso esteja a morrer neste minuto, parecia ter recebido todos os dons, a beleza, o génio, a nobreza, o rasgo e a coragem, a simpatia expansiva e onnipotente. As suas faculdades imaginativas e líricas em permanente actividade, e que faziam pensar nesses fogos errantes do Livro Sagrado, mas sobretudo a prontidão arcangélica dos seus epigramas, quem se não lembra deles? É difícil imaginar como todas estas coisas magoaram um homem profundamente desgraçado, a quem as circunstâncias punham muitas vezes diante daquelle que era a sua mais perfeita contradição.

«Vingou-se hediondamente, tal como lhe cumpria fazê-lo, e creio, na verdade, que deve ter desenvolvido uma habilidade e uma perseverança de demónio. O resultado valia bem a pena. Imaginem! Levar esse cisne negro que foi Bohémond, o último representante de uma raça ativa,

duma linhagem quase real, a dar — mesmo no crepúsculo da agonia — a uma lavadeira insignificante o seu Nome magnífico! Obrigá-lo a findar como um libertino complacente subjugado pela sua sopeira! Bonita vingança!

«Há-de ver, querido Lázaro, que nem sequer poderemos assistir ao seu enterro. Se não fosse o meu amigo, nem sequer saberia que o pobre rapaz está nas últimas. Suponho que se dignassem avisar-nos oficialmente da cerimónia fúnebre, o que não é provável, teríamos, não é verdade?, de desfilar, à maneira dos sármatas vencidos, no cortejo do triunfador, caminhar entre as lágrimas da viúva, e ouvir, estourando de vergonha e de raiva, os lacrimejantes discursos com alusões ao 'amigo da última hora'. Não, verdadeiramente antes queria, condenando-me muito embora à fome, pagar o estipêndio de missas rezadas, durante um mês, na nossa igreja solitária!...

XXII

Neste momento tocaram à campainha, e Leopoldo calou-se para ir abrir. Mas ao aproximar-se da porta do jardim, eis que ouviu os passos dum indivíduo que se esgueirava. Ao mesmo tempo, lá no fundo da rua, cascalhou o riso monstruoso da Poulot.

Teria vindo para escutar? Não era de crer e, no fundo, bem pouco importava que fosse por isso ou por outro artigo. Mas esse riso nefasto, esse relincho de égua apocalíptica que já começava a rarear, e que fez que umas poucas de janelas se abrissem ao mesmo tempo, enrolou-se bizarramente às pilastras da noite, no ar sonoro.

Fazia calafrios aquele riso, cheio de sobressaltos, de sacudidelas, explosões repentinas, impulsos furiosos; depois enlanguescia e derramava-se prolongadamente num modo tão fúnebre que os cães começaram todos à uma a uivar.

E isso — sob um céu esplêndido, matizado de estrelas, sob o peso tremendo de todos os silêncios do espaço —, no preciso momento em que estavam cheios deste pensamento que um dos seres mais nobres que houve no mundo ia morrer, impressionou singularmente os quatro amigos reunidos na casa infamada.

— Ouvi muita vez este riso e sempre me causou horror.

Mas nesta noite, tem qualquer coisa que não sei definir ... É para mim como se a desgraçada não pertencesse aos seres criados à imagem de Deus, e que em castigo de algum crime — de que procurava aturdir-se lançando injúrias contra nós — se encontrasse agora um pouco abaixo desses animais a que amedronta. Não lhes parece que esse riso é a mesma expressão do desespero?

— A mim o que me parece é a expressão da demência que não tem nada de cómico nem de tranquilizador — observou ingenuamente Hércules Joly.

— Receio — voltou Clotilde — que também vos pareça uma insensata. Mas não posso deixar de vos dizer o que sinto neste momento ... É bem certo que o espaço e o tempo só existem para as almas, e que estamos numa ignorância infinita do que acontece à nossa volta invisivelmente. No delírio da doença vi seres espantosos, que riam de me ver sofrer, que me apontavam cruelmente outros doentes inumeráveis, moribundos, agonizantes lamentáveis, duma ponta à outra da terra, e diziam-me que havia entre todos estes desgraçados e mim uma correspondência, uma correlação misteriosa. Pois bem, estou a pensar naquele nosso amigo que luta esta noite contra a morte, e pergunto-me se o que nós acabámos de ouvir não é um *aviso* ... Sim, meus amigos, pergunto-me com terror se esse gargalhar horrível não é um toque a finados que Ilha de França, caso já tenha morrido, manda a essa criatura, um fio espiritual análogo ao laço carnal com que quiseram garrotar as suas últimas horas e se cada um deles não cai, neste mesmo segundo, no abismo que cada qual escolheu!

A voz da mulher de Leopoldo estava *mudada*, e as últimas palavras foram ditas como se ela estivesse fora de si.

Druida, entregue a uma comoção extraordinária, lembrou-se então de ter ouvido outrora ao bom Gacougnol afirmar que ela tinha na verdade qualquer coisa de profetisa.

Todos se calaram ao doce peso dos próprios corações. Pesavam como o mundo. A noite, de resto, ia avançada. Separaram-se e Clotilde, oferecendo as duas mãos belíssimas aos dois hóspedes, disse-lhes com estranha doçura esta frase estranha em que se prolongava o seu sonho:

— A vida, queridos amigos, é a mão aberta, e a morte, a mão fechada ...
Depois rezou longamente, com grande caridade, pelos

vivos e pelos mortos e, enquanto dormia, viu um pão que ela distribuía aos miseráveis. Esse pão, em vez de derramar sombra, era todo feito *de luz*...

No dia seguinte, soube-se que Ilha de França tinha morrido durante a noite e que a Poulot, louca de remate, fora encerrada em Santa Ana, na secção das loucas furiosas de onde não mais sairia senão com os pés para diante e o pescoço torcido...

Leopoldo preparou-se tranquilamente para aparecer diante de Deus.

XXIII

Amanhã vence-se a renda de casa de Outubro. Será paga, sem dúvida, como se têm pago as outras. Com que dinheiro? Deus o sabe. Tudo o que os nossos amigos podem saber é que, desde a fundação de Roma, cujas Doze Tábuas ferozes entregavam o mau pagador ao seu credor para o vender ou o migar em pedaços, decerto jamais se encontrou uma cadela mais implacável que a senhoria da casa de Leopoldo. Querem-na ver, justamente sentada diante do seu genuflexório, um pouco adiante de Clotilde e de Leopoldo, que vieram para assistir à missa cantada?

A esta hora já ela deu acções de graças copiosas e já agradeceu ao Senhor por ser uma publicana.

Mas o que há de seguro e de consolativo é que ela não pode morder já. «A cada dia basta o seu labor», diz-se no Sermão da montanha.

Um sacerdote acaba de subir ao púlpito. Não é o cura, pessoa virtuosa, sem indiscrição e de génio manso, que interrogado um dia por Leopoldo acerca dos sentimentos religiosos dos paroquianos lhe deu esta resposta: «— Oh, meu caro senhor, aqui é tudo gente de fortunas módicas!!!» e que não veio uma só vez controlar as suas novas ovelhas quando se encontravam nas vascas do seu suplício.

Não, não é ele. É um vigário humilde e tímido que levou os sacramentos a Clotilde. Clotilde agora olha para ele com uma grande doçura e prepara-se para o ouvir. Quem sabe se «este servo inútil» não é quem lhe vai dar o auxílio que ela necessita?

Que ocasião tão boa para falar a pobres, a gente que sofre! O domingo é o XXI depois de Pentecostes. É o Evangelho que acabámos de ler o dos dois Devedores.

«O reino dos céus é semelhante a um Rei que quis fazer contas com os seus servos.

«E quando as começou a fazer, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.

«E como ele não tivesse com que pagar, o Senhor mandou que ele, a mulher e os filhos e tudo o que tinha fosse vendido e a dívida fosse paga.

«Em vista disso, esse servo, deitando-se por terra, suplicava dizendo: 'Senhor, tem paciência comigo e pagarei tudo.'

«Então o Senhor desse servo, movido de compaixão, deixou-o e perdoou-lhe a dívida.

«Mas quando esse escravo se foi embora encontrou um dos seus companheiros de serviço, que lhe devia cem denários: agarrou-o pelos gorgomilos e estrangulava-o dizendo: 'Paga-me o que me deves.'

«E o seu companheiro de serviço, deitando-se-lhe aos pés, suplicava-lhe, dizendo: 'Tem paciência comigo e eu te pagarei tudo.'

«Mas não se importou com isso, e foi-se dali metê-lo na prisão até que ele pagasse toda a dívida.

«Vendo os seus outros companheiros o que tinha acontecido, ficaram muito estomagados: e alguns vieram contar ao seu Senhor tudo o que tinha acontecido.

«Então o Senhor chamou-o e disse-lhe: 'Servo mau, perdoei-te toda a dívida, porque me pediste. Não te cumpria também ter piedade do teu companheiro de serviço, assim como eu tive piedade de ti?'

«Então o seu Senhor irado entregou-o aos quartéis-mestres, até que lhe fosse pago tudo o que lhe era devido.»

Que texto esse para ser parafraseado na véspera do dia em que vão estrangular uns pobres diabos! Todos os amnistiados, todos os libertos, todos os senhorios da povoação estão ali, e não seria absolutamente impossível que a consciência de alguns deles se sentisse atingida. Mas o vigário, que também não passa dum pobre diabo sujeito à consigna geral de poupar os ventres cheios, contorna o

«estrangulamento» e interpreta a Parábola, tão clara, tão pouco evasiva, através do preceito infinitamente elástico do perdão das injúrias, afogando assim na compota sacerdotal de S. Sulpício a indiscreta e descortês lição do filho de Deus.

Então uma nuvem desce sobre Clotilde, que adormece. E agora é outro sacerdote que fala:

— Eis aí o Evangelho, meus irmãos, e eis aí os nossos corações. Ouso presumir pelo menos que os não deixastes em casa. Quero crer que os não deixastes a dormir no fundo dalguma caixa ou nos vossos armários, e que não estou a falar só para os corpos. Seja-me então permitido perguntar aos vossos corações se eles compreenderam alguma coisa da parábola que acaba de ser lida.

«Não compreenderam nada, não é verdade? Cá me parecia. É provável que a maioria dos que me escutam estejam amanhã muito ocupados a contar o dinheiro que vão receber dos inquilinos, dinheiro que vos será entregue provavelmente também acompanhado de tácitas maldições.

«No momento em que se dizia que o servo liberto pelo seu amo agarrou pela garganta o infeliz que lhe devia uma pequena soma, as mãos de alguns ou de algumas devem ter-se *crispado* instintivamente e a ocultas, aqui mesmo diante do tabernáculo do Pai dos pobres. E quando o envia para a prisão sem querer saber da sua súplica, oh!, decerto ao ouvir essa passagem gritastes lá nos vossos adentros que era muito bem feito e que é lástima não haver semelhante prisão hoje em dia. Este é, penso eu, o fruto deste ensinamento dominical que tão-só ouviram com tremor os vossos anjos da guarda. Os vossos anjos, ai de nós, os vossos Anjos graves e invisíveis que estão convosco nesta casa e que, amanhã, estarão convosco quando os vossos devedores vos vierem trazer o pão dos seus filhos ou suplicar-vos em vão que tenhais paciência com eles. Também eles, os pobres, estarão escoltados pelos seus anjos-da-guarda e entabularão inefáveis colóquios enquanto vós esmagais os infelizes com vossos focinhos torcidos ou com vosso regozijo cheio de crueldade.

«O resto da parábola não é para vós, não é verdade? A eventualidade de um Senhor que por seu turno vos mande estrangular é uma invenção dos curas. Não deveis nada a ninguém, a vossa contabilidade está em regra, a

A MULHER POBRE

vossa fortuna, pequena ou grande, foi ganha o mais honestamente que se pode imaginar, bem entendido, e todas as leis, mesmo a Lei divina, militam em vosso favor.

«Não tendes ídolos lá em casa, quer dizer, não adorais imagens de pedra nem de madeira, nem queimais incenso diante delas. Não blasfemais. O Nome do Senhor anda tão longe dos vossos pensamentos que não vos viria à cabeça 'pronunciá-Lo em vão'. Nos domingos cumpris com Deus, fazendo acto de presença na igreja. Isso tem as suas conveniências, dá-se um bom exemplo aos criados e de resto isso não aquece nem arrefece. Honrais pai e mãe, no preciso sentido que lhes não arroja de manhã à noite montões de excrementos. Não matais com ferro nem com veneno. Isso cairia mal na povoação e espantaria a vossa clientela. Enfim, também não vejo que vos entregueis a patuscadas escandalosas, nem dizeis mentiras grandes como montanhas, nem sois salteadores de estradas onde se pode facilmente abichar uma boa navalhada, nem sois salteadores de bancos que se não descuidam de ter polícia à porta. E é tudo no que respeita a mandamentos.

«É inútil lembrar os da Santa Madre Igreja. Quando se vive 'do comércio', como vós dizeis, temos mais que fazer que consultar o calendário eclesiástico e é do consenso universal que 'Deus não pede tanto'. É uma das vossas máximas mais queridas. Portanto sois irrepreensíveis, as vossas almas estão puras e não tendes nada a temer ...

«... Deus, meus irmãos, é terrível, quando Lhe praz sê-lo. Há pessoas que se julgam almas de elite, aproximam-se muitas vezes dos sacramentos e fazem pesar sobre os seus irmãos um fardo mais pesado que a morte ... A questão é de saber se elas se lançarão aos pés do seu Juiz antes de despertar do seu sono pavoroso.

«Os ímpios julgam-se heróis por resistirem ao Omnipotente. Esses orgulhosos, alguns dos quais não são inacessíveis à piedade, haviam de chorar de vergonha se pudessem ver a fraqueza, a miséria, a desolação infinitas d'Aquele a Quem resistem e a Quem injuriam. Porque Deus, que se fez pobre fazendo-se homem, está, em certo sentido, sempre crucificado, sempre abandonado, sempre expirando no meio das torturas. Mas que pensar daqueles que não conheceram jamais a piedade, incapazes de chorar uma lágrima, e que não se julgam ímpios? E que pensar, enfim,

daqueles que sonham com a vida eterna, em mangas de camisa e em pantufas ao canto do lume do inferno?

«... Falei-vos dos inquilinos pobres de que esta paróquia está copiosamente abastecida, e já tremem só de pensar no que vós lhes fareis sofrer amanhã. Terei eu falado a uma alma verdadeiramente cristã? Tenho as minhas dúvidas.

«Ah!, não poder eu dar gritos dentro de vós!, tocar a rebato no fundo dos vossos corações carnaais, dar-vos a inquietude salutar, o santo temor de encontrar o vosso Redentor no meio das vossas vítimas! *Ego sum Jesus quem tu persequeris!*, foi dito a S. Paulo, abrasado em raiva contra os cristãos, que eram então, digamos assim, os inquilinos da Cidade do Demónio e a quem se perseguia de boleto em boleto, com a espada ou pelo fogo posto, até que eles pagassem pelo preço do sangue a morada permanente dos céus. *Eu sou Jesus a quem tu persegues!*

«Sabemos que o Mestre muita vez se escondeu no meio dos indigentes, e quando nós fazemos sofrer um homem cheio de miséria não sabemos que membro do Salvador é que nós estamos a despedaçar. Foi igualmente S. Paulo que nos ensinou que falta sempre alguma coisa aos sofrimentos de Jesus Cristo, e esse alguma coisa deve levar-se a cabo nos membros vivos do seu Corpo.

«‘Que horas são, Pai?’, perguntam a Deus os seus pobres filhos ao longo dos séculos, ‘porque nós estamos de vigia sem saber o dia nem a hora. Quando acabará o sofrimento? Que horas são no relógio da tua interminável Paixão? Que horas são?’

«‘É a hora de pagares o aluguer ou de ires estourar para o meio da rua, entre filhos dos cães!’, responde o senhorio.

«Ah! Senhor, que mau sacerdote eu sou! Confiaste-me este rebanho adormecido e eis que o não consigo despertar. É tão abominável e asqueroso, tão totalmente horrendo enquanto assim está a dormir!

«E eis que eu adormeço por meu turno, à força de o ver adormecido. Adormeço enquanto lhe falo, adormeço enquanto rezo por ele, adormeço no leito dos agonizantes e no caixão dos já mortos! Adormeço, Senhor, ao consagrar o Pão e o Vinho do tremendo Sacrifício! Adormeço enquanto Baptizo e adormeço enquanto Absolvo, adormeço na Extrema-Unção e adormeço assistindo ao sacramento do Matrimónio! Quando uno, para a eternidade, duas imagens

vossas, entorpecidas pelo sono, eu mesmo me sinto tão alquebrado que lhes deito a minha bênção como do fundo de um sonho e por um triz não me desmorono no solo aos pés do vosso altar!...

Clotilde *desperta* no preciso momento em que o humilde sacerdote descia do púlpito. Os olhares de ambos encontraram-se e como ela tivesse o rosto banhado em lágrimas, o padre deve ter julgado que tais lágrimas decorriam da sua homilia. E tinha razão, sem dúvida, porque esta vidente resvalara a um sono tão profundo que bem pudera ter ouvido as *verdadeiras* palavras que ele só ousara pronunciar no seu coração.

XXIV

Leopoldo e Clotilde estão agora no cemitério de Bagneux. É sempre para eles um banho de paz passearem ali. Falam com os mortos e os mortos falam-lhes à sua maneira. O seu filho Lázaro e o seu amigo Marchenoir estão ali e as duas sepulturas são eles que as vão alindar com amor.

Às vezes vão ajoelhar noutro cemitério, onde estão enterrados Gacougnol e Ilha de França. Mas é muito longe e nem sempre lá podem ir; o grande dormitório de Bagneux, que está apenas a dez minutos da sua casa, rouba-lhes o afecto por ser o dos mais pobres.

Os jazigos perpétuos são muito raros, e quem se lá hospeda, passados cinco anos é desenhado das pranchas e lançado à matroca num ossuário anónimo. É que outros indigentes lhe pisam os calcanhares, com pressa de se agasalharem debaixo da terra.

Os dois visitantes esperam todavia que antes desse prazo, antes de soar a hora dessoutro *aluguer* ou renda, lhes será possível dar uma última morada àqueles que eles tanto amaram. É verdade que também eles podem morrer daqui até lá. Seja feita a Vontade de Deus. Lá estará sempre a Ressurreição dos mortos que nenhum regulamento poderá prever nem impedir.

De resto, aquele sítio é adorável. A administração parisiense que eliminou o uso antigo da Cruz monumental, no mesmo momento em que multiplicava irrisoriamente o *sinal* no quadrilátero sistemático dos seus cemitérios subur-

banos, consentiu em que plantasse ao longo das avenidas um copioso número de árvores. A princípio esta planície geométrica e sem verdura desesperava. Agora, que as árvores mais vigorosas puderam mergulhar as raízes no coração dos mortos, cai da ramaria, com a sombra melancólica, uma doçura grave.

Quantas vezes durante a semana, logo que se abrem as portas, se vê Leopoldo ir e vir de uma a outra sepultura, arrancando as ervas más, varrendo o pedrouço, erguendo ao alto ou ajudando os caules e limpando-os dos insectos, feliz por encontrar uma nova rosa, um crisântemo, uma violeta fresca e desabrochada; e vai regando, com mão lenta e esquecido de tudo, retardando-se horas inteiras, sobretudo junto da sepultura branca de seu filho, a quem fala com ternura, para quem vai cantando a meia voz o *Magnificat* ou o *Ave Maris Stella*, como outrora quando o embalava sobre os joelhos para o adormecer! E é algo que toca a alma dos passantes ouvirem esse cantor de rosto trágico e cheio de lágrimas, prostrado sobre esse bercinho. Clotilde vem-se-lhe juntar e encontra-o nessa posição.

— Querido — diz ela —, que felizes nós somos por sermos cristãos e saber que a morte quase não existe, que ela é, na realidade, *uma coisa que se toma por outra* e que a vida deste mundo tão grande é uma perfeita ilusão!

«No nascimento de Jesus, os Anjos anunciaram a todos os homens de boa vontade a paz *in terra* 'sobre a terra ou na terra'. Foste tu mesmo que me indicaste este duplo sentido. Olha para estas sepulturas cristãs. Sobre quase todas lêem-se estas palavras: *Requiescat in pace*. Que te parece? Não é também assim que nós podemos ouvir a Palavra sagrada? O repouso, meu querido, o Repouso não te parece ser o nome da Vida divina?

«Que são os gestos dos homens em comparação dessa vida poderosa que o Espírito tem de reserva *debaixo* da terra entre os diamantes e a chicória, para o desconhecido momento em que despertem todas as poeiras?

— Esse momento — responde Leopoldo — é a única esperança. Job chamava por ele há quarenta e seis séculos, os Mártires chamaram por ele nos seus tormentos, e a morte é doce para aqueles que a esperam.

E lá vão os dois, por aqui e por ali, pelo meio dos sepulcros. Alguns estão desmazelados, completamente aban-

A MULHER POBRE

donados, áridos como a cinza. São as sepulturas dos paupérrimos que não deixaram um amigo entre os vivos e de quem ninguém se lembra. Ali os encafuaram, certo dia, porque era forçoso pô-los em qualquer parte. Um filho ou um irmão, às vezes um dos avós fez a despesa de uma cruz, depois os três ou quatro condutores do féretro foram beber uns copos e despediram-se com alguns palavrões. E tudo acabou. Cheia de terra a sepultura, o coveiro pôs uma cruz a golpes de martelo e rodou a beber o seu copo. Ninguém fará um pequenino cerco para marcar o lugar onde dorme esse pobre que está talvez à direita de Jesus Cristo... Sob as bátegas de chuva, a terra abateu e as pedras afloraram em tal cópia que nem os cardos logram talisga por onde romper. Breve a cruz há-de cair, apodrecer sobre a terra, o nome do pobrezinho apaga-se e só existe nos registos do nada.

Leopoldo e Clotilde sentem uma profunda pena por estes esquecidos; mas o que os enche de caridade é a multidão de pequeninas sepulturas. É preciso visitar as vastas necrópoles dos arredores de Paris para saber quantas crianças são mortas nos açougues da miséria. Há ali filas inteiras de leitozinhos alinhados; por cima vêem-se absurdas coroas de pérolas de vidro e medalhões de bazar que revelam sentimentalidades execráveis.

Também as há ingénuas. De longe em longe, num nicho fixo à cruz, estão expostos, com a fotografia do pequenino morto, os humildes brinquedos que o divertiram alguns dias. Muita vez Leopoldo viu ajoelhar diante duma dessas campas uma velhinha desolada. Tão velhinha que já não podia chorar. Mas era tão dolorido o seu lamento que os estranhos que o ouviam choravam com ela.

— A velhinha hoje não veio — disse ele. — Gostava de a tornar a ver. Parece-me que hoje era capaz de lhe falar... Talvez esteja já a dormir muito perto daqui. A última vez que a vi já mal se arrastava.

— Felizes os que sofrem, felizes os que choram, meu querido — responde-lhe a mulher, cujo lindo rosto se torna radioso. — Não ouves, às vezes, cantar os mortos? Falava, há bocadinho, dos Anjos de Natal, dessa multidão celeste que cantava: «Glória a Deus nas alturas e paz aos homens na terra.» Este cântico sublime ainda não terminou, porque nada do Evangelho pode terminar. Só que, depois que

Jesus foi deposto no seu Túmulo, penso que o cântico dos Anjos se continua debaixo da terra, cantado pela multidão pacificada dos mortos. Muitas vezes no silêncio dos seres que parecem viver julguei eu ouvi-lo, e era uma música de uma suavidade inefável. Oh!, como eu distingo perfeitamente as vozes profundas dos anciãos, as vozes humildes dos homens e das mulheres e as vozes claras das crianças. É um concerto de alegria vitoriosa por sobre o rumor longínquo e desesperado dos espíritos decaídos.

«... Entre todas estas vozes, há uma que me parece a de um homem excessivamente idoso, dum centenário acabrunhado de séculos, e essa voz como que me dá a sensação dum tranquilo raio de luz que viesse na minha direcção do fundo de um mundo esquecido.

«A tua mulher sonhadora já te disse isso, meu Leopoldo, sem compreender lá muito bem o que dizia. Mas tenho a certeza que o vi, nos meus sonhos, esse ancião todo alquebrado, todo esmigalhado por vários milhares de anos de sepultura, e, embora me não falasse, adivinhei que era um homem do meu sangue que devia ter sido grande entre os outros homens, algures, nalguma região sem nome, num tempo anterior a todas as histórias, e que estava encarregado misteriosamente, de preferência a qualquer outro, de velar sobre mim ...

«E a voz do nosso pequenino Lázaro quantas vezes não a tenho eu reconhecido!

«Quando eu sofria muito, quando sentia o meu coração deslizar para o abismo, era ele que me dizia ao ouvido distintamente: 'Porque estás tu aflita? Estou aqui ao pé de ti, e ao mesmo tempo junto de Jesus, porque as almas não têm lugar. Estou na Luz, na Beleza, no Amor, na Alegria que não tem limites. Estou na companhia dos que são muito puros, muito doces, muito pobres, daqueles de quem o mundo não era digno; e quando tu choravas longamente por minha causa, mãe querida, não vias que era o próprio Deus, Deus Pai, quem te tomava nos braços e te punha a cabeça no seu seio para te adormecer?' ...

Leopoldo, tonto de emoção, deixou-se ir para um banco e contempla a sua inspirada através de um véu de lágrimas.

— Tens razão — murmura —, somos felizes duma maneira divina, mais felizes seguramente que outrora, quando apenas estávamos cingidos à maneira humana, e é neste

vale de lágrimas que sentimos verdadeiramente a nossa alegria!

«Marchennoir falava-me muitas vezes dos mortos, falava-me deles pouco mais ou menos como tu, com o seu poder terrível. Sabes o que ele me disse um dia? Oh!, como tu vais achar belo o que ele me dizia! Dizia-me que o Paraíso perdido é o cemitério, e que o único meio de o recuperar é morrer. Tinha escrito sobre isso um poema que se não pôde encontrar entre os seus papéis e que nunca foi publicado. Leu-mo duas ou três vezes, mas como só o compreendi a meias, só retive uma lembrança muito incompleta. Todavia, eis aqui o começo que se gravou na minha memória com uma nitidez singular. Trata-se dum peregrino como os houve na Idade Média que procura por toda a terra 'o Jardim de Delícias'. Escuta lá:

«Nunca se tinha visto, não se verá jamais um Peregrino tão formidável.

«Desde a sua infância, procurava o Paraíso terrestre, o Éden perdido, esse Jardim de Delícias — que tão profundamente simboliza a Mulher —, onde o Senhor Deus colocou o seu Tipo perfeito, quando a formou do barro da terra.

«Esse Peregrino viram-no os homens em todos os caminhos conhecidos e desconhecidos, viram-no os homens e as serpentes e todos se afastaram dele, porque os salmos lhe saíam por todos os poros e ele era na verdade um prodígio.

«Toda a sua pessoa semelhava um velho cântico de impaciência e devia ter sido concebido outrora entre misteriosos suspiros.

«Desprazia-lhe o sol. Deslumbrado interiormente pela sua esperança, as cataratas luminosas de Câncer e de Capricórnio pareciam-lhe vir duma triste lâmpada na agonia esquecida numa catacumba cheia de cativos.

«Só ele entre todos os homens se lembrava da fornalha de magnificência donde a sua espécie foi exilada, para que comesçassem as Dores e o tumulto dos Tempos.

«Não era forçoso que algures se encontrasse esse brazeiro de Beatitude que o Dilúvio não pudera apagar, já que o Querubim estava sempre presente para desencadear a cavalaria das Torrentes?

«Decerto bastaria buscar com tino, porque o tempo não tem licença de destruir o que lhe não pertence.

«E o Peregrino caminhava no meio de seus êxtases, sonhando que o Jardim fôra o domínio dos que não deviam morrer, e que os Novecentos e trinta anos do Pai dos pais não podendo razoavelmente começar senão no instante em que ele se tornava mortal, a duração da sua estada no Paraíso não se podia de modo nenhum exprimir em cifras humanas — mesmo que nos ponhamos a supor milhões de anos de felicidade, segundo a maneira de contar em uso entre os filhos dos mortos!...»

«Aqui, a minha memória baqueia, e não atina com as palavras nem com as imagens. Mas ficou-me o esquema.

«Esse Peregrino busca assim durante toda a vida, continuamente descoroçoado e continuamente arrebatado de esperança, abrasado em fé e abrasado em amor.

«A sua fé é tão grande que as montanhas se deslocam para o deixarem passar, e o seu Amor é tão forte que, durante a noite, tomá-lo-iam por aquela coluna de fogo que marchava à frente do Povo Hebreu.

«Não conhece a fadiga e não teme nenhuma espécie de empobrecimento. Há mais de cem anos que procura e não teve uma hora de tristeza. Pelo contrário, quanto mais envelhece mais se alegra, porque sabe que não pode morrer sem encontrar o que procura.

«Mas eis que o momento se vai aproximando. De tal maneira vasculhou o globo, que não há um mísero cantinho, o mais infame ou o mais horrível, que a sua Esperança não tenha visitado. Percorreu o fundo dos rios e caminhou no leito dos mares.

«Julgando então que tinha chegado, pára pela vez primeira, e morre de amor num cemitério de leprosos, no meio do qual está a Árvore da Vida onde passeia, como nós no meio dos sepulcros, o Espírito do Senhor.»

XXV

«... Deinde sponsae videbatur, quod quasi locus quidam terribilis et tenebrosus aperiebatur, in quo apparuit fornax

A MULHER POBRE

ardens intus. Et ignis ille nihil aliud habebat ad comburendum nisi daemones, et viventes animas.

«*Supra vero fornacem istum apparuit anima illa cujus iudicium jam in superioribus auditum est. Pedes vero animae affixi fuerunt fornaci, et anima stabat erecta quasi persona una. Non autem stabat in altissimo loco, nec in infimo, sed quasi in latere fornacis. Cujus forma erat terribilis, et mirabilis.*

«*Ignis vero fornacis videbatur se trahere sursum infra pedes animae, sicut quando aqua trahit se sursum per fistulas, et violenter comprimendo se ascendebat super caput, in tantum, quod pori stabant sicut venae currentes cum ardenti igne.*

«*Aures autem videbantur quasi sufflatoria fusorum, quae cerebrum totum cum continuo flatu commovebant.*

«*Oculi vero eversi apparebant et immersi, et videbantur ad occiput intus esse affixi.*

«*Os quoque erat apertum et lingua extracta per aperturas narium, et dependebat ad labia.*

«*Dentes autem erant quasi clavi affixi per palatium.*

«*Bracchia vero ita longa erant, quod tendebant ad pedes.*

«*Manus quoque ambae videbantur habere et comprimere quamdam pinguedinem cum ardenti pice.*

«*Cutis vero quae apparebat supra animam videbatur habere formam pellis supra corpus, et erat quasi lintea vestis circumfusa spermate. Quae quidem vestis sic erat frigida, quod omnis qui videbat eam contremuit.*

«*Et de illa procedebat sicut sanies de ulcere corrupto sanguine, et foetorita malus, quod nulli pessimo foetori in mundo posset assimilari.*

«*Visa itaque ista tribulatione, audiebatur vox de illa anima, quae dixit quinque vicibus: Vae! clamans cum lacrymis totis viribus suis ...»¹*

*Revelationum coelestium Sanctae Brigittae,
Liber quartus, cap. VII.*

¹ «Pareceu então à Esposa [Santa Brígida] avistar um lugar assaz terrível, formidável e obscuro que se abria, dentro do qual se vislumbraava ardente fomalha; e esse fogo ardia apenas com os demónios e as almas vivas.

«E nessa fomalha apareceu aquela alma, cujo juízo ouvimos já aqui proferir. Tinha essa alma os pés atados à fomalha, e man-

O Espírito do Senhor não passeia somente nos cemitérios. Os que O conhecem podem encontrá-Lo em toda a parte, mesmo no inferno, e Ele mesmo diz que «o fogo caminha diante da Sua face».

XXVI

25 de Maio de 1887. — Clotilde está só em casa. Seu marido saiu há um par de horas. O livro que fizeram juntos chegou ao fim. Já está impresso e vai ser posto à venda. Êxito provável e provável fim da miséria.

Leopoldo regressará muito tarde. Tinha de ir jantar com o seu editor e ver além disso uma porção de gente. Venha quando quiser e quando puder, o esposo bem-amado. Encontrará a sua mulher feliz e sem inquietude.

Como pertence à Ordem Terceira de S. Francisco, acaba de rezar o Ofício de Maria ao clarão postremo do dia, e agora pensa em Deus escutando «a doce noite que vai no seu caminho».

tinha-se de pé como uma só pessoa. E não se erguia no topo da fornalha nem na base (mas como que de lado); e era de aspecto terrível e admirável.

«Ora, o fogo da fornalha parecia altear-se até aos pés dessa alma, como quando a água é impelida por um cano acima, de sorte que os seus poros eram como veias abertas donde saía o fogo.

«As suas orelhas pareciam foles soprando-lhe [continuamente] o cérebro.

«Os seus olhos pareciam revirados e cavados e dir-se-iam atados e presos por detrás da cabeça.

«A sua boca estava escancarada e a língua saía-lhe pelas narinas e pendia sobre os lábios.

«Os seus dentes eram como tachas de ferro pregadas no céu da boca.

«Os seus braços eram tão compridos que lhe chegavam aos pés.

«Das suas mãos parecia escorrer também certa [gordura] com um pez ardente.

«A pele, que parecia cobrir-lhe a alma como se cobrisse um corpo, era como uma camisa de linho conspurcada e abjecta. Essa camisa era tão fria que quantos a vissem estremeciam.

«E exalava como que uma sarna, um fedor tão horrível como não é possível comparar ao mais infecto e pernicioso fedor.

«Tendo pois visto aquela medonha calamidade, ouviu a voz dessa alma dizer-lhe por cinco vezes: 'Maldição!', gritando com quantas forças tinha num dilúvio de lágrimas ...»

Uma paz sublime está com ela. O seu espírito ágil, liberto, dir-se-ia, do peso do seu corpo, percorre num segundo, sem medo nem pena, os trinta e oito anos da sua vida. As lembranças atrozes, torturantes, acolhe-as com bondade, como os Mártires acolhiam os seus torcionários, e a sua calma poderosa tira-lhes o poder de a esfacelar.

Recolhe-se amorosamente, ergue-se toda para o céu e olha para si *de longe*, à maneira dos que estão mesmo para morrer.

— Que fiz eu por Vós, meu Deus? Aguentei-Vos até hoje. E no entanto sabia que sois paternal, sobretudo quando flagelais e que importa mais agradecer os vossos castigos que as vossas liberdades. Também sabia que Vós dissestes que quem não renuncia a tudo o que tem não pode ser vosso discípulo. O pouco que eu sabia era suficiente para me perder em Vós, se quisesse ... Senhor Jesus! Eterno Cristo! Salvador infinitamente adorável! Fazei de mim uma santa. Fazei-nos santos. Não permitais que os que Vos amam se extraviem. *Os caminhos são íngremes, os caminhos choram porque não levam onde nos deviam levar! ...*

Batem nove horas no relógio da igreja. Clotilde conta maquinalmente e a última badalada parece-lhe percutida sobre o seu coração. Silêncio completo na vizinhança. A noite escureceu completamente e uma chuva tibia e aromática vai caindo.

— Nove horas — diz em voz baixa, e com um frémito que a arrepia. — Porque estou eu inquieta? Que se passa neste momento?

Faz um grande sinal da cruz que a pacifica, acende uma lâmpada, fecha cuidadosamente as portas e as janelas, obedecendo à recomendação repetidamente feita por Leopoldo, o qual lhe disse que não tinha a certeza de poder regressar antes da meia-noite.

Nunca tinha desejado tanto vê-lo já em casa. Todavia não está ansiosa. E nem sequer está triste. Mas tem como que um pressentimento que a hora que acaba de soar é uma hora formidável.

Vendo que não pode adormecer, continua a rezar.

Primeiramente invoca, com grandes gritos interiores, a protecção divina e a protecção de todos os santos para o seu marido ausente. Todos os seus sentimentos e pensamentos, todas as coisas preciosas do seu palácio devastado,

A MULHER POBRE

todas as gemas, todos os esmaltes, todos os mosaicos, todas as santas imagens, todas as armaduras conquistadas, e mesmo o véu dos seus antigos arrependimentos — mais inapreciáveis sem dúvida que o célebre Véu do santuário de Santa Sofia, cujo tecido de ouro e prata fora avaliado em dez mil minas —, tudo isso é precipitado no abismo de uma impetração infinita.

Depois, uma mudança repentina. Teve, num relâmpago, a certeza de que a sua oração foi ouvida *admiravelmente*. Inundada de lágrimas, a sua acção de graças começa a subir da profundidade da sua alma.

— Uma só coisa pedi — murmura —, habitar na casa de Deus todos os dias da minha vida e ver a Alegria do Senhor!

Não saberá ela que essas palavras são de um salmo de morte? Ou será que ela adivinha que é preciso que assim seja? O que é certo é que neste momento começou o incêndio dos Holocaustos espirituais.

Muita vez, desde a sua infância, nesmo nas horas mais perturbadas, muita vez sentiu a proximidade d'Aquele que queima, mas nunca fora tão atingida.

Primeiro centelhas fugazes e rápidas que a fazem empalidecer. Depois o surto de grandes chamas... Não há tempo de fugir, mesmo que tivesse vontade disso. Impossível escapar quer para a direita quer para a esquerda, quer para cima quer para baixo. O rompente de vinte leões seria inútil, como o seria a força alada das mais poderosas águias. É preciso arder, é preciso ser consumida. Vê-se numa catedral de fogo. É a casa que ela pediu e a vontade de Deus lhe deu...

Muito tempo as chamas rumorejam e se enrolam à volta dela, devorando o contorno, com ondulações e saltos de grandes répteis. Por vezes, erguem-se rugidoras, sob uma arca, e desfazem-se a seus pés, limitando-se a dardejar as suas línguas em fúria sobre o seu rosto, sobre os seus olhos, sobre o seu seio que se derrete como cera...

Onde estão os homens? Que podem eles fazer? Sabe, pobre Clotilde, que esta fornalha é apenas um ligeiro sopro da respiração do teu Deus... «Talvez o Espírito Santo te tenha marcado com o seu sinal», disse outrora o Missionário.

As inapagáveis chamas, volvendo-se mais intensas para

A MULHER POBRE

liquefazer os mais duros metais, caem enfim sobre ela, de golpe, com um ruído de um ecuménico tremor dos céus...

«Os filhos dos homens, Senhor, serão inefriados com a abundância da tua casa e tu os inundarás com a torrente da tua alegria.»

No dia seguinte de manhã, Paris e a França anunciavam com terror o incêndio pavoroso da Ópera Cómica, onde fumejavam ainda trezentos ou quatrocentos cadáveres.

As primeiras centelhas voltejaram às *nove horas e cinco* sobre a abjecta música do senhor Ambrósio Tomás e a asfixia ou a cremação dos burgueses imundos que o tinham vindo ouvir começava sob «a tibia e aromática chuva».

Essa doce noite de Verão foi a agente ou a cortesã dos suplícios, das cobardias, dos heroísmos indizíveis. Como sempre, em semelhante caso, almas ignoradas fizeram a sua aparição.

No meio das violências sem nome, da confusão dessa fuga infernal, viram-se homens desesperados abrir passagem à navalhada, e também se viram alguns homens expor-se à mais atroz de todas as mortes para salvar notários de província, advogados adúlteros, jovens recém-casados, filhas de comerciantes de virgindade garantida e convencidas prostitutas.

Enfim, alguns jornais contaram a pavorosa história de um *desconhecido* que acorreu de envolta com cinquenta mil curiosos, que se precipitou, não se sabe quantas vezes, no vulcão, de lá salvando sobretudo homens e crianças, arrancando à Justiça eterna um número incrível de imbecis, semelhante a um bom pirata ou a um demónio que gostasse de se refrescar e de se banhar no meio das chamas e que acabou por lá ficar, como «na casa do seu Deus».

Houve quem dissesse tê-lo visto, a última vez, no centro dum turbilhão, a arder imóvel e com os *braços cruzados*...

Assim se cumpriu, de uma maneira que nem a subtileza dos anjos poderia prever, a estranha predição do velho Missionário¹.

¹ Ver p. 31. (N. do E.)

Clotilde tem hoje quarenta e oito anos, e parece não ter menos de um século. Mas é mais bela que outrora, semelha uma coluna de preces, a última coluna de um templo derruído pelos cataclismos.

Tem os cabelos completamente brancos. Os olhos queimados pelas lágrimas que abriram ravinas no seu rosto têm um brilho quase extinto. Todavia nada perdeu da sua força.

Quase nunca se senta. Sempre a caminho desta ou daquela igreja, de um para outro cemitério, só tem descanso para se ajoelhar; dir-se-ia que não conhece outra posição.

Toucada apenas pela capucha de um grande manto negro que lhe desce até ao chão, sem meias nos pés metidos numas sandálias, mantida já lá vão dez anos por uma energia mais que humana, não há frio nem tempestade que a amedronte. O seu domicílio é o da chuva a cair.

Não pede esmola. Limita-se a aceitar com um sorriso muito doce o que lhe oferecem e em segredo vai dá-lo por seu turno a infelizes que conhece.

Quando encontra uma criança, ajoelha diante dela, como fazia o grande Cardeal de Bérulle, e traça com a sua mãozinha um sinal da cruz sobre a sua fronte.

Os cristãos confortáveis e bem vestidos a quem o Sobrenatural abespinha e que disseram à Sabedoria: «Tu és a minha irmã», julgam-na desaparafusada das entendedeiras, mas o povo miúdo olha-a com respeito e alguns pobres que se arrastam pelas igrejas têm-na como santa.

Silenciosa como os espaços celestes, aparenta, quando fala, vir de um mundo bem-aventurado situado num universo desconhecido. Sente-se isso ao ouvir a sua voz longínqua, que a idade tornou mais grave sem lhe alterar a suavidade, e essa impressão é mais sensível à medida que ela vai pronunciando as palavras.

Tudo o que acontece é adorável, diz ela de contínuo, com o ar extático duma criatura mil vezes cumulada que não encontrasse outra fórmula para exprimir os movimentos do seu coração ou da sua mente; e di-lo-ia por ocasião duma peste universal ou se viesse a ser devorada por animais ferozes.

Muito embora saibam que é uma vagabunda, os agentes

da polícia, surpresos pelo ascendente que exerce, jamais pensaram em incomodá-la.

Depois da morte de Leopoldo, cujo corpo não pôde ser encontrado entre os anónimos e pavorosos escombros, Clotilde fizera questão de se conformar com o preceito evangélico cuja observação rigorosa é tida por mais intollerável que o próprio suplício do fogo. Vendera tudo o que possuía, dera o lucro aos mais pobres e de um dia para a noite aparecera uma mendiga perfeita.

O que seriam os primeiros anos desta existência nova, Deus o sabe! Contaram-se maravilhas muito semelhantes às dos Santos, mas o que é absolutamente provável é que lhe foi concedida a graça de não precisar de *repouso*.

— Deve ser muito infeliz, minha pobre senhora — dizia-lhe um sacerdote que a encontrara debulhada em lágrimas diante do Santíssimo Sacramento exposto, e que por sorte era um bom sacerdote.

— Sou completamente feliz — respondeu. — Não entramos no Paraíso amanhã, nem depois de amanhã, nem dentro de dez anos, entramos *hoje*, se formos pobre e crucificados.

— *HODIE mecum eris in Paradiso* — murmurou o sacerdote, que se foi todo comovido.

À força de sofrimentos, esta cristã vivaz e forte adivinhou que apenas há um meio, sobretudo para a mulher, de viver em contacto com Deus — a Pobreza.

Não a pobreza fácil, interessante e *cúmplice* que dá esmola à hipocrisia do mundo, mas a pobreza difícil, revoltante e escandalosa que é preciso socorrer sem esperança de glória e que nada tem que dar em compensação.

Chegou mesmo a compreender, o que não anda longe do sublime, que a Mulher só existe verdadeiramente sob a condição de não ter pão, não ter abrigo, não ter amigos, nem esposo nem filhos e que só assim ela pode obrigar o seu Salvador a vir até ela.

Depois da morte do marido, a mendiga de boa vontade transformou-se ainda mais na mulher desse homem extraordinário. Perfeitamente doce e perfeitamente implacável.

Adicta a todas as misérias, pôde ver a pleno o horror homicida da caridade pública, e a sua oração continuada é um facho sacudido contra os poderosos.

Lázaro Druida é a única testemunha do seu passado que ainda algumas vezes a encontra. É o único laço que

A MULHER POBRE

ela não quebrou. O pintor de *Andronic* é demasiado grande para ser visitado pela fortuna, cuja prática secular é fazer girar a sua roda na imundície. É o que permite a Clotilde ir às vezes a casa dele, sem expor à lama dum luxo mundano os seus farrapos de vagabunda e «de peregrina do Santo Sepulcro».

De longe a longe, ela vem derramar na alma do profundo artista um pouco da sua paz, da sua grandeza misteriosa, mas regressa logo à sua solidão imensa, no meio das ruas atravancadas de gente.

— *Há só uma tristeza* — disse-lhe ela, na última vez que lá esteve —, a de NÃO SERMOS SANTOS ...